UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

***A Information Literacy* e os deficientes visuais:**

um caminho para a autonomia?

Jeane dos Reis Passos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sueli Mara Soares Pinto Ferreira

São Paulo

2010

Jeane dos Reis Passos

A Information Literacy e os deficientes visuais:
um caminho para a autonomia?

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, área de concentração: Cultura e Informação, Linha de Pesquisa: Acesso à informação, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Sueli Mara Soares Pinto Ferreira

São Paulo

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

P289i Passos, Jeane dos Reis

A Information Literacy e os deficientes visuais: um caminho para a autonomia? / Jeane dos Reis Passos – São Paulo, 2010.
174 f.

Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes/USP, 2010.
Orientadora: Profª. Drª. Sueli Mara Soares Pinto Ferreira

Tese (Doutorado em Ciência da Informação, linha de pesquisa: Acesso à Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2010.

1. Competência em Informação 2 Deficiente Visual 3. Educação Superior 4 Information Literacy I. Ferreira, Sueli Mara Soares Pinto
II. Título

CDD 025.52

Jeane dos Reis Passos

A Information Literacy e os deficientes visuais:
um caminho para a autonomia?

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, área de concentração: Cultura e Informação, Linha de Pesquisa: Acesso à informação, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Sueli Mara Soares Pinto Ferreira

Aprovada em ____ de _____ de 2010

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sueli Mara Soares Pinto Ferreira

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Dedicatória

*Para Carlos, meu marido, com amor,
para Laura e Gabriel, milagres em
nossas vidas...*

Agradecimentos

Esta é a melhor parte de todas! Poder agradecer aqueles que caminharam ao nosso lado, e muitas vezes nos carregou no colo, nesta árdua jornada pela defesa de uma “causa”. A sensação de estar chegando ao fim de uma etapa, faz aflorar um misto de emoções e sentimentos que muitas vezes parece não caber dentro de nós. Ser grato e externar essa gratidão à vida e, as forças que movem esta vida, é o que faço sempre que abro os olhos e vejo que a vida simplesmente está ali!

A minha querida mestra, Prof^a Dr^a Sueli Mara Soares Pinto Ferreira, a minha profunda gratidão por sua orientação, mas, sobretudo, por ter me mostrado o caminho nesse rito de passagem. O respeito, a confiança e a admiração que tenho por ela, fizeram com que o caminho se tornasse claro e enriquecedor.

Ao Reitor do Centro Universitário Senac, Sidney Zaganin Latorre por ser um exemplo a que devemos seguir.

Ao SENAC-SP em especial a Luiz Carlos Dourado, pelo estímulo que sempre deu ao desenvolvimento dos seus funcionários.

Aos meus pais Ari e Jane por serem os nossos maiores exemplos de que a busca pelo conhecimento é o que faz crescer a nossa alma.

A vovó Laura (*In memoriam*), que em sua simplicidade, sempre acreditou que o que importa é o saber, e, o que faremos com ele para fazer o bem.

A vovó Alzira, por sua bondade, generosidade e por nos acolher com amor, sempre.

Aos meus irmãos John, Rico e Ivan, pelo elo que nos une, apesar dos milhares de quilômetros que nos separam.

Aos “Sujeitos” entrevistados, o meu agradecimento especial por terem permitido a realização dessa pesquisa e por suas histórias de vida, marcadas por exemplos de superações e vitórias.

A querida Prof^a Dr^a Neusa Dias Macedo, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

A Prof^a Dr^a Elsie Masini pela fundamental contribuição à abertura do olhar ao deficiente visual e pela consideração que teve com meu trabalho na banca de qualificação.

Aos professores e colegas do Programa de Doutorado em Ciência da Informação, pelos ensinamentos e reflexões em momentos prazerosos.

Aos queridos colegas da biblioteca do Centro Universitário Senac, por terem compreendido que eu precisava de ajuda e por terem me ajudado muito. Agradecimento especial a Ricardo Quintão, Cristiane Camizão, Simone Vieira, Tania Mayumi, Walquíria Carvalho, Dora Costa, Flávia de Deus, Gabriela Ribeiro, Luciana Gomes, Vinícius Jange, Fernando Henrique, Rogério Xavier e Marcela Carvalho.

Aos Diretores do Centro Universitário Senac Esmeraldo, Eduardo, Flávia, Maria Ângela, Izabela e Márcia, pelo companheirismo.

A querida amiga Terezinha ... por me ouvir e compreender as minhas palavras!

Aos amigos Esmeraldo, Márcia, Izabela, Angelita, Lucila, Gil e Wilson Krette pela alegria, apoio, amizade e carinho.

A Jô, minha grande escudeira, por cuidar de mim e da minha família com tanto carinho.

Uma vez li que a sensação de gratidão nos faz sentir com a síndrome do diretor de curta-metragem, com mais letreiros que tempo de filme. Enfim, sintam-se todos agradecidos incluindo aqueles que porventura eu não tenha citado nesta singela mensagem.

Existem anjos de luz que são mediadores entre os mundos visíveis e invisíveis. Costumo acender uma vela para fazer uma oração aos anjos que são mediadores. É preciso acreditar nos anjos. Eu acredito profundamente.

(Janela da alma)

PASSOS, Jeane dos Reis. **A Information Literacy e os deficientes visuais: um caminho para a autonomia?** São Paulo, 2010. 174 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Resumo

Esta tese se propõe a discutir a problemática dos deficientes visuais, que tenham ingressado ou que sejam egressos do ensino superior paulista, do ponto de vista informacional, de forma a identificar como esses estudantes percebem a necessidade, adquirem, compreendem e utilizam a informação. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica discutindo os aspectos históricos e conceituais da *Information Literacy*, bem como suas ações voltadas para estudantes do ensino superior. Contextualizou-se o ambiente informacional do deficiente visual brasileiro, focalizando o ensino superior, bem como, ponderou-se sobre que cenário se apresenta a esses cidadãos do ponto de vista intelectual, tecnológico, de acesso aos recursos físicos, e de conteúdo. Nesse contexto, buscou-se mapear o conjunto de habilidades e competências informacionais a serem desenvolvidas pelos deficientes visuais, no processo de construção de trabalhos acadêmicos, compreendidas a partir do modelo *Information Literacy* desenvolvido por Carol Kuhlthau denominado Information Search Process – ISP, no desenvolvimento dos instrumentos de coleta, no processo de coleta propriamente dito e na análise dos dados coletados. Por tratar-se de um estudo exploratório, trabalhou-se numa abordagem qualitativa, elegendo o estudo de usuário para mapear as questões propostas. Realizou-se a entrevista semi-estruturada com 10 deficientes visuais pertencentes às modalidades do ensino superior de graduação e pós-graduação. Elaborou-se os resultados a partir do diagnóstico realizado na pesquisa e o estudo realizado por Christina Doyle no qual apresenta um levantamento dos predicados para uma pessoa ser considerada “*competente em informação*”. Como resultado final, apresenta-se um elenco de possíveis ações para que os atores do processo educacional do deficiente visual, sobretudo na educação superior, possam definir ações necessárias ao desenvolvimento ou promoção de programas de *Information Literacy* específicos para deficientes visuais, com o intuito de torná-los competentes em informação. Identificou-se que essas ações estão contidas em três dimensões relacionadas às barreiras de acessibilidade: informacional, digital e no âmbito dos relacionamentos.

Palavras-chave: Competência em Informação; Deficiência Visual; Deficiente Visual; Educação Superior; *Information Literacy*

PASSOS, Jeane dos Reis. **A Information Literacy e os deficientes visuais: um caminho para a autonomia?** São Paulo, 2010. 174 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Abstract

This thesis discuss the issue of visually handicapped, who have ingressed or egressed on higher education of São Paulo as information is regarded; identifying how these students realize the information need and how to acquire, understand and use it. Therefore, a bibliographic review has been developed to discuss the historical and conceptual aspects of Information Literacy, as well as its actions aiming students of higher education. The Brazilians visually handicapped's environment was regarded, focusing on higher education and considering the intellectual, technological, access to physical resources and content scenery in which they live in. In this context, a map of abilities and information literacy skills to be developed by visually handicapped was created, starting from Carol Kuhlthau's Information Literacy model named Information Search Process – ISP, which shows the development of gathering instruments, the gathering itself and the analysis of the gathered data. Because it is an exploratory study, a qualitative approach was considered, using the user study to create a map of the questions proposed. A semi-structured interview was made with 10 visually handicapped on graduation or postgraduate education. Produced the results from the diagnosis made in the research and study by Christina Doyle which presents a survey of the predicates for a person to be considered "information literate." As a final result, it presents a list of possible actions for the actors of the educational process of the visually handicapped, especially in higher education, can define actions necessary for the development or promotion of Information Literacy programs specific to the visually handicapped, in order to make them competent in information. It was identified that these actions are contained in three dimensions related to the barriers of accessibility: informational, digital and within relationships.

Keywords: Information Literacy, Deficiency, Visually Handicapped, Higher Education

PASSOS, Jeane dos Reis. **A Information Literacy e os deficientes visuais: um caminho para a autonomia?** São Paulo, 2010. 174 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Resumen

Esta tesis pretende discutir la problemática de las personas con deficiencia visual que hayan ingresado o que sean egresados del sistema de enseñanza superior paulista, desde un enfoque informacional, con la finalidad de identificar como esos estudiantes perciben la necesidad, adquieren, comprenden, y utilizan la información. Para esto, se realizó una revisión bibliográfica discutiendo los aspectos históricos y conceptuales de Information Literacy, así como las acciones volcadas para estudiantes de ensino superior. Se contextualizó el entorno de información del deficiente visual brasileiro, enfocando el sistema de enseñanza superior, así como, se ponderó el escenario que enfrentan estos ciudadanos desde el punto de vista intelectual, tecnológico, de acceso a los recursos físicos, y de contenido. En ese contexto, se buscó localizar el conjunto de habilidades y competencias informacionales que deben ser desarrolladas por los deficientes visuales, que forman parte del modelo Information Literacy desarrollado por Carol Kuhlthau denominado Information Search Process – ISP, en el desarrollo de los instrumentos de colección, durante el proceso de recolección de datos propiamente dicho y para el análisis de los datos recolectados. Por tratarse de un estudio exploratorio, se trabajó con un enfoque cualitativo, seleccionando un estudio de usuario para mapear los aspectos propuestos. Se realizó la entrevista semi-estructurada con 10 deficientes visuais pertenecientes al sistema de enseñanza superior en modalidad de graduación y pos-graduación. Producida los resultados del diagnóstico realizado en la investigación y el estudio de Christina Doyle, que presenta un estudio de los predicados de una persona para ser considerado "competente en la información". Como resultado final, se presenta una lista de posibles actuaciones de los actores del proceso educativo de los discapacitados visuales, especialmente en la educación superior puede definir las acciones necesarias para el desarrollo o la promoción de programas de alfabetización de información específicas para los discapacitados visuales, con el fin de hacerlos competentes en la información. Se identificó que estas acciones están contenidas en tres dimensiones relacionadas con las barreras de accesibilidad: informativos, digitales y en las relaciones.

Palabras-clave: Competencia en Información; Deficiencia; Deficiencia Visual; Educación Superior; Information Literacy

Lista de Quadros e Tabelas

QUADROS

Quadro 1 - Diferença de acesso à memória coletiva entre deficientes visuais e videntes.....	52
Quadro 2 - Relação de Leitores de Tela / Custo.....	65
Quadro 3 – Modelo <i>Information Literacy</i> Kuhlthau – Comportamento de busca e uso da informação.....	81
Quadro 4 – Perfil dos Sujeitos entrevistados.....	86
Quadro 5 – Características do sujeito que realizou o pré-teste.....	90
Quadro 6 – Roteiro de entrevista semi-estruturado.....	91
Quadro 7 – Característica dos sujeitos escolhidos.....	96

TABELAS

Tabela 1 – Dados quantitativos de artigos sobre <i>Information Literacy</i> publicados por autores brasileiros e indexados nas bases listadas.....	26
Tabela 2 – Proporção de deficientes no Mundo e Brasil.....	55
Tabela 3 – Formato de arquivos disponíveis na Rede Mundial.....	63

Lista de Abreviatura e Siglas

ADA – *American with Disabilities Act*
ALA – *American Library Association*
CAPES – *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*
CD-ROM – *Compact Disc - Read Only Memory*
CEDI – *Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil*
CID – *Classificação Internacional de doenças*
CIDID – *Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens*
COCAS – *Comissão Civil de Acessibilidade de Salvador*
COPERE – *Consórcio de Publicações Eletrônicas*
DV – *Deficiente Visual*
FAPESP – *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*
FFLECH – *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*
IBGE – *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*
ICIDH – *Internacional Classification of impairments, disabilities, and handicaps*
IFLA – *International Federation Library Association*
ISP – *Information Search Process*
LIDA – *Livro Digital Acessível*
MEC – *Ministério da Educação*
NIEE – *Núcleo de Informática na Educação Especial*
OECD – *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico*
OMS – *Organização Mundial de Saúde*
ONG – *Organização não Governamental*
PC – *Personal Computer*
PDF – *Portable Document Format*
PISA – *Programme for International Student Assessment*
PUC-SP – *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

Senac-SP – *Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de São Paulo*
SIBI /USP– *Sistema Integrado de Bibliotecas da USP*
TCC – *Trabalho de Conclusão de Curso*
TCD – *Trabalho de Conclusão de Disciplina*
TD – *Trabalho de Disciplina*
UFMG – *Universidade Federal de Minas Gerais*
UMC – *Universidade Mogi das Cruzes*
UMSBC – *Universidade Metodista de São Bernardo do Campo*
UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
UNIESP – *Faculdade de Presidente Prudente*
UNISA – *Universidade Santo Amaro*
UNISANTANA – *Centro Universitário Sant’Anna*
USC – *Universidade do Sagrado Coração*
USP – *Universidade de São Paulo*
W3C – *World Wide Web Consortium*
WLMA - *Washington Library Media Association*

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de uma bagagem significativa de experiências pessoais como bibliotecária, especialmente no que diz respeito à preocupação em proporcionar ao deficiente visual as condições necessárias para o acesso à informação, sobretudo em ambientes virtuais digitais.

Abro parênteses, aqui, para uma breve descrição de minha trajetória pessoal, na medida em que serve como ponto de partida e contraponto a muitas das reflexões feitas durante a elaboração desta tese.

Trabalhei em diferentes tipos de bibliotecas: públicas, especializadas, escolares e universitárias nas quais tive condições de verificar as dificuldades enfrentadas pelos usuários, portadores (ou não) de alguma deficiência, na busca, no acesso e na apropriação da informação.

Paralelamente, minha participação em movimentos associativos vem acompanhando o meu percurso profissional. Já exerci mandato como presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia, de 2003 a 2005, como vice-presidente da Associação de Amigos da Biblioteca Mário de Andrade, entre 2004 e 2005, e também como membro do Comitê América Latina e Caribe da IFLA, de 2005 a 2008, e, atualmente, como coordenadora geral do Consórcio de Periódicos Eletrônicos – COPERE, consórcio que reúne instituições de ensino superior da rede privada de ensino e institutos de pesquisa para a aquisição e o acesso compartilhado a periódicos eletrônicos em texto completo, bases de dados referenciais e *e-books*.

Hoje, atuo como gestora do Sistema de Bibliotecas do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial no Estado de São Paulo (Senac-SP), composto por 53 bibliotecas, voltadas para as áreas de atuação da instituição, que atendem aos seus diversos usuários - estudantes universitários, de cursos técnicos e livres, pesquisadores, professores, funcionários, bem como a comunidade em geral.

O Senac-SP é uma instituição de caráter socioeducativo na qual a Biblioteca tem um papel significativo na construção da imagem institucional no que se refere a inclusão dos deficientes visuais. A Biblioteca do Centro Universitário do Senac-SP – Campus Santo Amaro é o local onde se adquiriu e se desenvolveu a experiência do Espaço Braille e que, hoje, se expandiu para mais de dez unidades da capital, Grande São Paulo e interior.

A biblioteca possui 6.200 m² e foi construída em 2003 com requisitos de acessibilidade para todos os ambientes internos (andares, banheiros, estantes e comunicação visual) e externos (piso tátil, treinamento de funcionários, entre outros).

O Espaço Braille, com 100 m² de área de instrumentalização, foi construído junto com a biblioteca e teve como objetivos principais: ser um espaço de inclusão e convivência entre deficientes visuais e não deficientes; disponibilizar recursos que transformem a relação dos deficientes com a informação mais acessível, seja em papel, em formato digital ou em áudio. Para isso, oferece aos deficientes visuais, tecnologia de acessibilidade e profissionais capacitados para seu atendimento.

Esses recursos proporcionam acesso aos livros, apostilas, textos diversos, jornais e revistas, que foram convertidos de formatos tradicionais para os acessíveis a fim de atender às capacidades e/ou preferências dos usuários. Cursos são oferecidos com o objetivo de aumentar a autonomia do deficiente visual na busca e utilização da informação. Os computadores

possuem softwares específicos de acessibilidade, tais como: Jaws, DosVox, OpenBook e Magic. O curso de Braille oferecido capacita os videntes na utilização da máquina de escrever em Braille Mountbatten e, ao mesmo tempo, proporciona o acesso ao sistema Braille Virtual da USP.

De 2004 a 2009, o Espaço Braille da Biblioteca do Centro Universitário Senac-SP, Campus Santo Amaro, capacitou 174 deficientes visuais, o que totalizou 4117 sessões individuais de atendimento, das quais 84(48%) tinham visão subnormal e 90 (52%) eram totalmente cegos. Do ponto de vista educacional, 101(66%) cursam o ensino básico, 43 (28%) o ensino médio e 10 (6%) o nível superior. Percebemos, porém, em todos, uma grande dificuldade em utilizar a internet para acessar informações que os auxiliassem nas atividades educativas. Geralmente, a internet era utilizada, apenas, para acessar *e-mails* e *sites* de entretenimento.

Essa vivência possibilitou-me um contato estreito com duas dimensões da realidade que se cruzam neste trabalho. Estamos nos referindo ao surgimento das novas tecnologias de comunicação e informação com o intuito de promover, por um lado, o acesso educacional, informacional e social ao deficiente visual; e de outro, os deficientes visuais, estudantes do ensino superior, aturdidos com os efeitos da sociedade a que estão expostos e despreparados para enfrentar os novos desafios apresentados por esse novo contexto contemporâneo.

A partir dessa experiência, este trabalho procura explorar uma nova dimensão, proporcionada pela evolução tecnológica, buscando caminhos que possibilitem a inclusão dos deficientes visuais nesta nova realidade que se apresenta com a Sociedade da Informação, tornando-os aptos a dominar recursos informacionais e os utilizar para sua formação, lazer e aquisição de conhecimento.

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	01
1.1	OBJETIVO.....	05
1.1.1	Objetivo geral.....	05
1.1.2	Objetivos específicos.....	05
1.2	Estrutura da tese	07
2	SUSTENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
2.1	O contexto: a <i>information literacy</i> na sociedade da informação.....	09
2.2	A <i>Information Literacy</i> : percurso histórico e conceitos.....	11
2.2.1	Competências e habilidades.....	19
2.3	<i>Information Literacy</i> no Brasil.....	24
2.4	<i>Information Literacy</i> : ações voltadas para estudantes da educação superior.....	29
2.5	O deficiente visual e a acessibilidade informacional: dos primórdios à era digital.....	35
2.6	Deficiência.....	36
2.7	Deficiência visual.....	38
2.8	Acessibilidade informacional : dos primórdios à era digital.....	39

2.9 A linguagem, a escrita e as formas de comunicação:	
impactos aos deficientes.....	44
2.9.1 A escrita.....	46
2.9.2 A escrita e o deficiente visual.....	48
2.10 Cenário socioeconômico e educacional do deficiente visual	
no Brasil	53
2.11 Tecnologia assistiva.....	59
2.12 O deficiente visual e a educação superior no Brasil.....	66
2.13 A <i>Information Literacy</i> e os deficientes visuais: um	
caminho para a autonomia?.....	71
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	75
3.1 Delineamentos do método.....	75
3.2 Estudo de usuário.....	78
3.3 Sujeitos da pesquisa.....	83
3.4 Características dos sujeitos da pesquisa.....	84
3.5 Instrumento para coleta de dados.....	86
3.6 Procedimentos da coleta de dados e o pré-teste.....	89
3.7 Resultados.....	93
4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....	95
4.1 Descrição da amostra estudada e processo de abordagem....	95
4.2 Etapa 1 – Iniciação da Pesquisa.....	98

4.3 Etapa 2 – Seleção e tema de pesquisa.....	104
4.4 Fase 3 – Exploração do tema de investigação.....	114
4.5 Fase 4 – Formulação da pesquisa.....	119
4.6 Fase 5 – Exploração de informações.....	126
4.7 Fase 6 – Apresentação de resultados.....	140
4.8 Resultados.....	148
4.8.1 Dimensão 1 – Barreiras de Acessibilidade Informacional.....	149
4.8.2 Dimensão 2 – Barreiras de Acessibilidade Digital.....	152
4.8.3 Dimensão 3 – Barreiras no campo dos relacionamentos.....	153
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
REFERENCIAS.....	158
APÊNDICES.....	174

1 INTRODUÇÃO

Já era cego quando tirei minhas primeiras fotos no colégio. Minha irmã me emprestou a sua máquina e tirei algumas fotos de colegas na escola. Depois levei os filmes a um fotógrafo.

Ele os revelou e aconteceu o milagre: lá estavam as imagens!

Fiquei chocado e surpreso. Disse a mim mesmo: “não vejo as imagens e, contudo, sou capaz de fazê-las”.

(Eugen Bavcar, cego, fotógrafo e filósofo francês)

Leonardo da Vinci dizia que "o olho é a janela da alma, o espelho do mundo". A Sociedade da Informação, contudo, padece da doença de enxergar demais e ver de menos. Em meio a tantos avanços tecnológicos, o caos informativo se instalou e nos colocou frente a um dilema que o pintor renascentista jamais imaginaria: o do excesso das imagens e a impossibilidade de se enxergar, de fato, em meio a tanta informação.

No final do século XX, a sociedade contemporânea passou por profundas transformações causadas pelos avanços meteóricos no campo das telecomunicações, da telemática, da globalização e da economia. Uma nova era surge a partir da convergência desses avanços, que, inter-relacionados, formam, de acordo com a pesquisa desenvolvida por Maria Helena de Lima Hatschbach, em 2002, o que é denominado, na Sociedade da Informação, de “infovias de informação”¹.

¹ Segundo Tadao Takahashi, a expressão “infovias de informação” significa “uma imensa malha de meios de comunicação que cobre países inteiros, interliga continentes e chega às casas e empresas: são fios de telefone, canais de microondas, linhas de fibra ótica, cabos submarinos transoceânicos, transmissões via satélite. São computadores que processam informações, controlam, coordenam e tornam compatíveis os diversos meios. Aglutinando e dando sentido à estrutura física, estão as

O pensamento dessa pesquisadora vai ao encontro do defendido por Hatschbach (2002), quando nos diz que o excesso ou a explosão de informação, que circula no ciberespaço, em quantidades e velocidades superlativas, exigiu dos indivíduos, nos domínios acadêmico e profissional, o desenvolvimento de habilidades específicas para o trato com a informação, principalmente no que se refere à sua localização, acesso e uso para a geração de novos conhecimentos.

De acordo com o parecer do Conselho Nacional de Educação, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, na perspectiva educacional, esse cenário amplia a responsabilidade das instituições de ensino,

“ao exigir das mesmas organização e metodologias que levem o aluno a um processo de aprendizagem contínua com autonomia e que propicie a articulação e a mobilização de valores, conhecimentos e habilidades para resolver problemas novos, comunicar idéias e tomar decisões em um mundo em constante mudança”. (PARECER CNE/CEB Nº 16/99)

Esse novo processo educacional deve preparar o aluno para a utilização apropriada de todas as fontes de informação, nos seus diversos suportes, necessárias a uma formação profissional sólida. De acordo com Hatschbach (2002, p.13), esse processo é denominado de *Information Literacy*² e “trata das habilidades fundamentais para que a pessoa

peças que a operam ou dela se utilizam”. TAKAHASHI, Tadao (Org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. p. 3.

² Surgida na literatura em 1974, a *Information Literacy* liga-se à necessidade de se exercer o domínio sobre o sempre crescente universo informacional. Incorporando habilidades, conhecimentos e valores relacionados à busca, acesso, avaliação, organização e difusão da informação e do conhecimento. A *Information Literacy* é a própria essência da competência em informação. DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 32, p.23-35, jan./abr. 2003.

obtenha sucesso na sociedade da informação, permitindo-lhe realizar uma aprendizagem de maneira autônoma em diversos aspectos da vida”.

Paralelamente, com o avanço das ciências, do direito e da mudança de posturas sociais, de ações e diversas iniciativas, o panorama de inclusão e a preocupação com aqueles que estão impossibilitados de acessar ambientes, produtos e serviços também apresentaram modificações significativas no cenário nacional e internacional.

No contexto desta pesquisa, o deficiente visual apresenta-se como a nossa preocupação, sobretudo quando falamos das inovações tecnológicas e da utilização e apropriação das fontes de informação que também garantam a esses indivíduos uma formação profissional sólida e, conseqüentemente, a sua inclusão social, educacional e profissional.

Enquanto se discute como estudantes podem desenvolver habilidades para serem competentes em informação e conseguirem buscá-la, selecioná-la e utilizá-la, de forma útil, ao longo da vida, em meio a inmensuráveis fontes de recursos tecnológicos, uma questão permanece negligenciada pelos acadêmicos: como ficam aqueles que não enxergam? A eles, estão sendo dadas as oportunidades do acesso à informação e a técnicas que os tornem competentes para selecionar e utilizar as fontes de informação?

Os deficientes visuais fazem parte da realidade dos cursos de nível superior. Eles estão presentes nas salas de aula, nas bibliotecas, participam mais ativamente do mercado de trabalho, têm acesso, hoje, a tecnologias antes inimagináveis, mas será que educadores e bibliotecários têm se preocupado em desenvolver habilidades que os tornem competentes em informação?

O ponto de partida de todo trabalho acadêmico reside nas inquietações pessoais. O sentimento questionador também move esta pesquisa, que se propõe a discutir a problemática dos deficientes visuais, em especial aqueles estudantes de nível superior, do ponto de vista informacional, de forma a identificar como esses usuários estão estruturados no ciberespaço, como estão se organizando nos processos de busca da informação e que estratégias estão utilizando para avaliar a qualidade da informação encontrada.

Este estudo se propõe a mapear o padrão de busca e uso da informação dos deficientes visuais que tenham ingressado ou que sejam egressos do ensino superior paulista no seu processo de construção de trabalhos acadêmicos.

A intenção é saber como esses estudantes percebem a necessidade, adquirem, compreendem e utilizam a informação. Nesse contexto, busca-se identificar o conjunto integrado de habilidades e competências informacionais a serem desenvolvidas pelos deficientes visuais, compreendidas a partir do modelo de *Information Literacy* desenvolvido por Carol Kuhlthau, denominado *Information Search Process* – ISP.

O Modelo Kuhlthau, *Information Search Process* – ISP descreve o processo de busca de informação sob a perspectiva do usuário. Para a autora, esse é um processo de busca por algo que faça sentido, que tenha significado, e que não se limite simplesmente a localizar e reproduzir informações. Portanto, o processo de busca de informação proposto pela autora, abrange, além da experiência de vida de cada pessoa, também pensamentos, sentimentos e atitudes que podem ser expressos por ações e estratégias.

Em sintonia com os cenários apresentados, o cerne deste trabalho está, em primeiro lugar, no já mencionado processo educacional

denominado de *Information Literacy*, que trata do desenvolvimento de habilidades relacionadas à busca, acesso, avaliação, organização e difusão da informação e do conhecimento.

1.1 OBJETIVO

A seguir apresentamos os objetivos deste trabalho para que possamos compreender melhor as questões anteriormente propostas.

1.1.1 Objetivo geral

Busca-se mapear o padrão de busca e uso da informação dos deficientes visuais que tenham ingressado ou que sejam egressos do ensino superior no processo de construção de trabalhos acadêmicos. Por meio de um estudo de usuário, o trabalho mapeia o conjunto de habilidades e competências informacionais a serem desenvolvidas a partir de um modelo preestabelecido de *Information Literacy*.

1.1.2 Objetivos específicos

Dessa forma, os objetivos específicos são os seguintes:

- Analisar modelos conceituais de *Information Literacy*, por meio de revisão de literatura, para identificar que habilidades e competências são necessárias ao estudante do ensino superior.
- Contextualizar o ambiente educacional e informacional digital do deficiente visual brasileiro, focalizando o ensino superior, por meio

de revisão de literatura, para apontar que cenário - do ponto de vista intelectual, tecnológico, de acesso aos recursos físicos e de conteúdo informacional- se apresenta a esses usuários.

- Realizar um diagnóstico, com deficientes visuais, que tenham ingressado ou que sejam egressos do ensino superior paulista, a partir de uma abordagem qualitativa, para mapear os padrões de busca e uso da informação que esses usuários estão seguindo no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos.
- Apresentar um elenco de possíveis ações para que os atores do processo educacional do deficiente visual, sobretudo na educação superior, possam desenvolver ou promover programas de *Information Literacy* específicos para deficientes visuais, com o intuito de torná-los competentes em informação.

1.2 Estrutura da tese

Esta tese está estruturada em 4 partes:

Parte 1
Caracterização da Pesquisa

Capítulo 1 – Introdução

Abordaremos além da proposição do tema, justificativa da pesquisa e os objetivos gerais e específicos.

Parte 2
Referencial Teórico

Capítulo 2 – Sustentação Teórica

Discutiremos aspectos históricos e conceituais da *Information Literacy*, bem como suas ações voltadas para estudantes da educação. Contextualizaremos o ambiente informacional do deficiente visual brasileiro, focalizando o ensino superior, bem como ponderaremos sobre que cenário se apresenta aos deficientes visuais do ponto de vista intelectual, tecnológico, de acesso aos recursos físicos, e de conteúdo.

Parte 3
Estudo de Usuário

Capítulo 3 – Procedimentos Metodológicos

Capítulo 4 – Análise dos dados e Resultados

Parte 4
Considerações Finais

Capítulo 5 – Considerações Finais

Referências
Apêndices
Anexos

2 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

Temos muitas coisas em excesso nos dias de hoje. A única coisa que não temos o suficiente é tempo, mas a maioria de nós tem tudo, em excesso, e ter tudo em excesso, significa que nada temos. A atual superabundância de imagens e informação significa basicamente que somos incapazes de prestar atenção. Somos incapazes de nos emocionarmos com as imagens. Atualmente, as histórias têm que ser extraordinárias para nos comoverem. As histórias simples... não conseguimos mais vê-las.

(Win Wenders, cineasta alemão)³

³ JANELA da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Rio de Janeiro : Ravina Filmes, 2001.
1 DVD (73 min.)

2.1 O contexto: a *information literacy* na sociedade da informação

A proposta deste capítulo é discutir aspectos históricos e conceituais da *Information Literacy*, bem como suas ações voltadas para estudantes da educação superior. Focalizaremos na investigação os conceitos de competências e habilidades a serem desenvolvidas para suportar esse processo de aprendizagem, essencial tanto para o desempenho das suas atividades acadêmicas quanto para a carreira profissional e em situações ao longo da vida.

Os avanços tecnológicos sempre provocaram profundos efeitos nos afazeres humanos. Esse fenômeno vem ocorrendo desde o início da vida do homem no planeta, mas tem se tornado mais agudo desde o final do século XX, período distinguido por intensas conquistas da ciência. Nicolau Sevcenko (2001, p.23) enfatiza que o que marcou, particularmente, o século XX, em comparação com qualquer outro período antecedente, “foi a tendência contínua e acelerada de mudança tecnológica, com efeitos multiplicativos e revolucionários sobre praticamente todos os campos da experiência humana e em todos os âmbitos da vida no planeta”.

As alterações que atingiram a sociedade, no mundo contemporâneo, promovendo mudanças e novas tendências no campo das telecomunicações e da telemática, culminaram no surgimento da Sociedade da Informação⁴, que, por sua vez, representa mais uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia.

⁴ A Sociedade da Informação é considerada uma nova era em que a informação flui em velocidade e em quantidades inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais. Três fenômenos inter-relacionados estão na sua origem: a convergência da base tecnológica, fato que possibilita a representação e o processamento de qualquer tipo de informação de uma única forma, a digital; a dinâmica da indústria, que tem proporcionado contínua queda dos preços dos computadores, permitindo a popularização crescente do uso dessas máquinas; e, finalmente, o crescimento da internet. BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. *Sociedade da Informação no Brasil*: livro verde. Organizado por Tadao Takahashi. Brasília: MCT, 2000.

No entanto, a crescente multiplicação de informações disponibilizadas por meio de uma robusta infraestrutura de conectividade gerou o desenvolvimento acelerado e encadeado de novos materiais, projetos e configurações de sistemas. Segundo Dudziak (2001, p. 65), “essa explosão de possibilidades por si mesma criou barreiras a seu acesso contribuindo de forma direta para o surgimento do paradoxo do não acesso a informação”.

Corroborando o pensamento da autora, nos remetemo-nos ao pensamento de Sevchenko (2001, p.24), quando o autor diz “que mais de 70% dos cientistas, engenheiros, técnicos e pesquisadores produzidos pela espécie humana ainda estão vivos e a grande maioria deles continua contribuindo ativamente para a multiplicação e difusão do conhecimento em suas aplicações práticas”. Realmente, a difusão dessas informações tende a chegar a níveis altíssimos e gerar, de fato, o paradoxo do não acesso à informação.

Como aponta Dudziak (2003), em razão desse crescente número de informações disponibilizadas para a sociedade, bibliotecários e educadores começaram a refletir sobre a necessidade de desenvolver nos indivíduos um conjunto de “habilidades, conhecimentos e valores relacionados à busca, acesso, avaliação, organização e difusão da informação e do conhecimento”. A partir disso, o panorama da *Information Literacy* passa a ser construído.

No decorrer deste capítulo, situaremos o leitor a respeito do tema *Information Literacy*, discorrendo sobre o seu percurso histórico, conceitos e a discussão sobre o tema, no Brasil, bem como a evolução terminológica do termo que teve, como antecedentes, Instrução em Biblioteca, Orientação Bibliográfica, dentre outros, até chegar ao termo *Information Literacy* ou Competência Informacional.

2.2 A Information Literacy: percurso histórico e conceitos

Em sua dissertação de mestrado defendida, em 2001, e intitulada *Literacy: a study of freshman students perceptions, with recommendations*, Nancy Seamans traçou um rico percurso histórico a respeito da *Information Literacy* abrangendo registros de experiências nos séculos XIX, XX e XXI. Tomamos como referencial teórico para escrever este item, além dos apontamentos de SEAMANS (2001), também trabalhos publicados por DUDZIAK (2001), HATSCHBACH (2002), LECARDELLI & PRADO (2007), CAMPELLO (2009), MACEDO (1980), BELLUZZO (1989), MATA (2009), ABE (2009) e PASQUARELLI (1996).

A necessidade de instruir ou desenvolver programas de orientação bibliográfica aos usuários nas bibliotecas evoluiu na medida em que novos conhecimentos passaram a fazer parte da memória coletiva da humanidade. Mata (2009, p.23) ressalta que as primeiras manifestações concretas de interesse no assunto surgiram no ambiente acadêmico.

Segundo Seamans (2001, p.3), no ano de 1982, Peter Hernon publicou um artigo contendo uma abordagem histórica sobre o uso de instrução em bibliotecas acadêmicas, em que relata evidências de programas de instrução bibliográfica em bibliotecas americanas já em 1870. Hernon (1982 *apud* SEAMANS, 2001) conta que as ações de instrução eram tímidas pelo fato de as coleções serem pequenas e centradas em assuntos como teologia, clássicos da literatura, filosofia e história. Entretanto, como as coleções continuaram a crescer, tão igualmente cresceu a necessidade de as bibliotecas instruírem os seus usuários sobre como usá-las.

O final do século XIX se constituiu na “era dourada” para as ações que envolviam a instrução em biblioteca. A instrução foi considerada não

somente como componente integral de serviços de biblioteca, mas também como um componente necessário ao ambiente acadêmico. Smith e Montanelli (1999 *apud* SEAMANS, 2001, p. 04) defendem que, historicamente, as ações de instrução em biblioteca sempre focalizaram o estudante de nível superior e enfatizaram o desenvolvimento das habilidades bibliográficas necessárias para usar recursos disponibilizados pela biblioteca a fim de concluir os trabalhos exigidos pelas disciplinas.

Já o início do século XX foi marcado por um processo de desaceleração das ações de instrução nas bibliotecas universitárias. Um levantamento conduzido pela *American Library Association* – ALA - em 1903, apontou que naquele ano somente 11 universidades, nos Estados Unidos, forneciam algum tipo de programa de instrução para os usuários de suas bibliotecas. Entretanto, as bibliotecas e respectivos acervos cresciam normalmente, e os bibliotecários, por toda a parte dos Estados Unidos, continuavam a recomendar que os estudantes participassem de treinamentos utilizando as bibliotecas, em tudo o que elas pudessem oferecer-lhes.

A década de 1920 assistiu ao ressurgimento do movimento de ações relativas a programas de instrução voltados para usuários em bibliotecas. Colégios e universidades começaram a incluir esses programas em sessões de orientação aos novos estudantes. A década de 1930, período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e durante o próprio conflito, caracterizou-se por um momento de grande ênfase na cooperação entre professores e bibliotecários, no intuito criar uma conexão entre o currículo e a biblioteca e diminuir o distanciamento entre eles. Esses atores experimentaram diferentes procedimentos nas ações de treinamento para o uso das bibliotecas, introduzindo nessa ação, palestras, passeios e atividades lúdicas.

Seguindo uma ordem cronológica crescente, Seamans (2001, p.4) nos conta que, nos Estados Unidos, durante a década de 1950, em consequência do pós-guerra e com o aumento significativo de matrículas, em colégios e universidades, um número igualmente significativo de bibliotecas oferecia aos seus alunos programas de instrução e orientação bibliográfica. Porém, as transformações causadas pelo pós-guerra, em todos os âmbitos, sobretudo no educacional, não foram assimiladas por grande parte dos bibliotecários. Segundo a autora, eles não tiveram a habilidade para perceber que os usuários não necessitavam somente de instrução, mas sim de orientação que levasse em conta as suas necessidades dentro daquele novo contexto educacional e social.

Também na década de 1950, temos os primeiros registros de programas de educação de usuários no Brasil. De acordo com Belluzzo (1989 apud MATA, 2009, p.24), “o primeiro programa de orientação bibliográfica foi organizado em 1955 pela bibliotecária Terezine Arantes Ferraz, da USP, levando o nome de Pesquisa Bibliográfica”.

Assim como na realidade americana, no Brasil, as iniciativas relacionadas a programas de instrução ao usuário também começaram nas bibliotecas acadêmicas. Além dos programas de instrução em biblioteca, os bibliotecários produziram livros para suporte do aprendizado, sendo introduzidas, a partir da década de 80, disciplinas sobre o assunto, nas faculdades de biblioteconomia.

Mata (2009) cita, em sua dissertação de mestrado as designações citadas por Belluzzo (1989) e Pasquarelli (1996) para identificar os programas de instrução ao usuário oferecidos pelas bibliotecas acadêmicas brasileiras, a saber: “Educação de Usuários, Orientação Bibliográfica, Pesquisa Bibliográfica, Instrução sobre o Uso da Biblioteca, Treinamento para o Uso da Biblioteca, entre outros”. (MATA, 2009, p.24)

Para Seamans (2001, p.5), os anos 1960 foram a segunda era dourada para as bibliotecas norte-americanas em razão da expansão dos programas de instrução para os usuários e da introdução de materiais audiovisuais que apoiaram esses programas. Isso significava que mais alunos poderiam receber essa capacitação, uma vez que bibliotecas e bibliotecários poderiam incluir materiais ilustrativos nos programas. Ao final dos anos 60, com a introdução do computador nas bibliotecas, programas instrucionais estavam em uso em diversas universidades nos Estados Unidos.

A da década de 70 foi marcada pelo surgimento da preocupação de desenvolver, nos estudantes e usuários de bibliotecas, a capacidade de solucionar problemas. Consequentemente, com o crescente uso da tecnologia nas bibliotecas, criou-se um novo cenário para área, e o termo “instrução”, utilizado, até então, para denominar os programas de orientação bibliográfica e capacitação dos usuários na utilização eficaz dos recursos informacionais disponíveis foi substituído pelo termo *Information Literacy*. Tal matéria passou a instigar os estudiosos a grandes reflexões a respeito do assunto.

De acordo com Hatschbach (2002, p.16), atribui-se ao bibliotecário americano Paul Zurkowski a introdução, em 1974, da expressão *Information Literacy*, com a qual o autor defendia que,

“Pessoas treinadas para a utilização de fontes de informação em seu trabalho podem ser chamadas de “competentes em informação” (*information literate*). Elas aprendem técnicas e habilidades para lidarem com um grande número de ferramentas informacionais, bem como com fontes primárias, para encontrarem informação visando à solução de seus problemas”. (HATSCHBACH 2002, p.16)

O conceito de *Information Literacy*, introduzido nos Estados Unidos, em 1974, reapareceu, de forma mais abrangente, em 1976, agora com um

novo significado, trazido por Cees Hamelink e Major Owens (DUDZIAK, 2003). Os autores incluíram a noção de valor ligado à informação para a cidadania, ou seja, a *Information Literacy* como instrumento de emancipação política e social. Não se tratava, contudo, de “buscar a informação”, mas, sim, de fazer uso dela para tomar decisões e resolver problemas, fortalecendo, portanto, o sentido da capacitação informacional.

Em razão do início do crescente número de informações disponibilizadas para a sociedade, entendemos que a década de 1970 também foi cenário para a introdução do uso das tecnologias de informação nas bibliotecas. Desse modo, o panorama da *Information Literacy* passa a ser construído a partir da necessidade do desenvolvimento de um conjunto de habilidades para o uso eficaz da informação.

Dudziak (2003) nos conta que em 1979, por responsabilidade dos autores Robert Taylor e Eugene Garfield a questão da capacitação em informação, volta a aparecer na literatura, como sendo o domínio de técnicas e habilidades de uso das ferramentas informacionais para a modelagem de soluções para os problemas emergentes, os quais se apresentam como um dos requisitos para a competência.

Lembramos que a década de 80 é fortemente marcada pela explosão das tecnologias de comunicação e informação. O computador é colocado em foco, o que altera definitivamente, a estruturação das bibliotecas americanas e as formas de produção, disseminação e acesso à informação e “a concepção de *Information Literacy* com o sentido de capacitação em tecnologia da informação se popularizou” Dudziak (2001, p.26).

Estudos realizados por Breivik, em 1980, apontam a *Information Literacy* como um conjunto integrado de *habilidades* (estratégias de pesquisa e avaliação), *conhecimentos* de ferramentas e recursos,

desenvolvidos a partir de determinadas *attitudes*. Dudziak (2003) descreve o trabalho de Breivik como de suma importância, pois:

“constituiu um dos primeiros passos em relação à aproximação e integração do trabalho desenvolvido por bibliotecários, docentes e educadores em geral, na implementação de programas educacionais voltados para a *Information Literacy*”. (DUDZIAK, 2003)

Outros fatos marcantes despontam no cenário da *Information Literacy*, na década de 1980, como a publicação de documentos fundamentais que enfocam o papel educacional das bibliotecas acadêmicas para a capacitação dos estudantes e a importância dos programas educacionais em *Information Literacy*.

Como apontado por Dudziak (2003), podemos citar três exemplos dessa matéria que consideramos os mais importantes:

1. A monografia de Karol C. Kuhlthau intitulada *Information Skills for an Information Society: a review of research (ERIC Document, 1987, Estados Unidos)*, na qual lança as bases da *Information Literacy education*, ou seja, a educação voltada para a *Information Literacy*. A partir de experiências de busca e uso da informação, a autora constrói um modelo descritivo dos processos de aprendizado a partir da busca e do uso da informação.
2. O relatório *Presential Committe on Information Literacy: Final Report* da American Library Association (ALA-1989), preparado por um grupo de bibliotecários e de educadores. Largamente reproduzida e disseminada, é uma das definições mais citadas na literatura.
3. O lançamento do livro *Information Literacy: revolution in the library*, editado por Breivik & Gee (1989), no qual os autores apontam que a educação, na era da informação, deveria tornar os indivíduos aprendizes para toda a vida.

Nos anos de 1990 a definição da American Library Association – ALA sobre *Information Literacy* foi largamente acolhida pela comunidade bibliotecária, estimulando, por isso a implementação, em vários países, de programas educacionais voltados para a *Information Literacy*, sobretudo em bibliotecas universitárias.

Dudziak(2003), aponta que,

“Os profissionais da informação, conscientes da necessidade de possibilitar o acesso rápido e fácil ao novo universo informacional, voltam-se para a *Information Literacy*. Objetivam, então, tornar os usuários (agora usuários da informação) aprendizes independentes, enfatizando a integração curricular e a cooperação com a comunidade”. (DUDZIAK, 2003, p.26)

Em 1994, Christina S. Doyle publicou um trabalho que trazia não somente a questão da *Information Literacy* enquanto processo, mas também, uma reflexão sobre que competências os estudantes teriam que desenvolver para enfrentar esse processo. Segundo Hatschbach (2002, p.19),

“[] além de traçar a história, o desenvolvimento e a importância da *Information Literacy* como aspecto significativo para a organização e o desenvolvimento da sociedade contemporânea, faz um estudo das competências requeridas dos estudantes, a partir da análise de currículos escolares americanos das áreas sociais, exatas e biológicas. Doyle partiu da premissa de que a identificação de componentes essenciais da *Information Literacy*, nos currículos, oferece subsídios para o desenvolvimento de pesquisas empíricas, por área de estudo, para a implementação da *Information Literacy* como disciplina no currículo escolar”. (HATSCHBACH 2002, P.19)

O estudo de Doyle apresenta um levantamento dos predicados para uma pessoa ser considerada “*competente em informação*”,⁵ que são os seguintes:

- Reconhecer que uma informação precisa e correta é a base para uma tomada de decisão inteligente;
- Reconhecer a necessidade de informação;
- Formular questões baseadas em necessidades de informação;
- Identificar fontes potenciais de informação;
- Desenvolver estratégias de pesquisa bem-sucedidas;
- Saber acessar diversas fontes de informação em bibliotecas, incluindo o computador e outras tecnologias;
- Avaliar a informação;
- Organizar a informação para a aplicação prática;
- Integrar informações novas a conhecimentos já adquiridos;
- Usar a informação de forma crítica para a resolução de problemas. (DOYLE, 1994)

Lembramos que os predicados para uma pessoa ser considerada competente em informação, apontados por Doyle, servirão como base de reflexão para a construção de possíveis ações que apresentaremos no resultado final desta pesquisa, para que se possam definir ações necessárias ao desenvolvimento ou promoção de programas de *Information Literacy*, específicos para deficientes visuais, com o intuito de torná-los competentes em informação.

Alan Bundy, bibliotecário da Universidade do Sul da Austrália, no trabalho apresentado em simpósio científico na Alemanha em 2004,

⁵ O relatório final do *Presidential Committee on Information Literacy* da *American Library Association* (ALA) considera *Information Literate* (competente em informação, letrado em informação) aquele que aprendeu como aprender. Que sabe como aprender porque sabe como o conhecimento é organizado, sabe encontrar a informação e usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir delas. São pessoas preparadas para a aprendizagem por toda a vida, porque podem sempre encontrar a informação necessária para toda a tarefa ou decisão que precisem tomar. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/whitepapers/presidential.cfm>>. Acesso em 23 maio 2008.

defende que a melhor descrição para a *Information Literacy* deve ser encontrada no artigo “As sete faces da competência em informação na educação superior”, escrito por Christine Susan Bruce, em 1997, sobre isso o autor aponta que:

“Normalmente se entende a *Information Literacy* como um conjunto de atitudes para localizar, manejar e utilizar a informação de forma eficaz para uma grande variedade de finalidades. Como tal, se trata de uma habilidade genérica muito importante que permite uma pessoa enfrentar com eficácia a tomada de decisões, a solução de problemas e a investigação. Também lhe permite responsabilizar-se por sua própria formação e aprendizagem ao longo de sua vida nas áreas de seu interesse pessoal ou profissional”.(BRUNDY, 2004)

Segundo Bundy (2004), a gênese do conceito, elaborado por Bruce ([1997]), veio da necessidade de descrever “algo” muito real. Esse “algo”, como aponta Dudziak, é o “consumidor de informação, mergulhado no universo informacional; é a informação entendida neste primeiro momento como produto a ser consumido”.

2.2.1 Competências e habilidades

Como se percebe, o desenvolvimento de habilidades e competências vem fazendo parte do cenário da *Information Literacy* desde a década de 1970. Esse fato nos levou a considerar a reflexão acerca dos conceitos de “competência” e “habilidades” no âmbito educacional e no mundo do trabalho, conforme veremos a seguir. Os conceitos de competência e habilidade não são novos e estão presentes tanto na esfera da formação quanto na da execução. Seleccionamos, aqui, definições propostas pelos principais teóricos do assunto. Trata-se de uma tentativa de abranger a aceção nas duas perspectivas, ou seja, o mundo do trabalho e a educação.

No campo educacional, Philippe Perrenoud (2000) associa o termo competência à ação, e aptidão, à análise. Em suas palavras:

[] competência pode ser entendida como a capacidade de mobilizar e colocar em ação, de modo articulado, recursos cognitivos, socioafetivos e psicomotores, para enfrentar desafios, resolver problemas e construir novos conhecimentos.

[] a aptidão para enfrentar uma família de situações analógicas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio. (PERRENOUD, 2000, p.26)

Perrenoud (2000) enfatiza que os recursos citados anteriormente não decorrem da formação inicial, tampouco da contínua, muitos deles são construídos ao longo da prática. A esses recursos, o estudioso chama de “saberes de experiência”.

Segundo Francisco Cordão (1999, p.9), entende-se por competência profissional a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho.

De acordo com Cordão (1999), pode-se dizer que alguém tem competência profissional quando constitui, articula e mobiliza valores, conhecimentos e habilidades para a resolução de problemas não só rotineiros, mas também inusitados em seu campo de atuação. Nas empresas, o termo “competência” é entendido como um conjunto de conhecimentos utilizados pelos trabalhadores para resolver situações reais do trabalho.

Em vários momentos, encontramos o termo “habilidade” descrevendo a definição de “competência”. Segundo a estudiosa do assunto, Vera Lúcia Zacharias (2004), competências e habilidades são inseparáveis na ação, mas qual seria a diferença entre elas? Nesse caso, vale resenhar, ainda que brevemente, alguns conceitos defendidos por pesquisadores.

De acordo com Moretto (*apud* ZACHARIAS, 2004, p.2), há uma interdependência entre os termos:

“As habilidades estão associadas ao saber fazer, ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Assim, identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar, julgar, correlacionar e manipular são exemplos de habilidades. Já as competências são um conjunto de habilidades harmonicamente desenvolvidas e que caracterizam, por exemplo, uma função/profissão específica: ser arquiteto, médico ou professor de química. As habilidades devem ser desenvolvidas na busca das competências”. (MORETTO *apud* ZACHARIAS, 2004, p.2)

O dicionário *Houaiss* (2001, p.876), define habilidade como “qualidade ou característica de quem é hábil, quem tem a maestria de uma ou várias artes ou um conhecimento profundo, teórico e prático de uma ou várias disciplinas”. Dessa forma, vemos como o conceito está relacionado à forma de execução de tarefas, à aplicação de conhecimentos, ao agir e ao pensar.

Como podemos perceber, o conceito de habilidade varia de autor para autor. Em geral, ela é considerada algo menos amplo do que as competências. Assim, a competência estaria constituída por várias habilidades.

Segundo Jacques Dellors (1998, p.96), no século XXI, as missões da educação devem englobar todos os processos que levem as pessoas, desde a infância até o fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas, combinando, de maneira flexível, quatro tipos de aprendizagens fundamentais, a saber:

- “Aprender a conhecer — adquirir os instrumentos da compreensão e que supõem, antes de tudo, aprender de forma autônoma e independente, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.
- Aprender a fazer — agir sobre o meio envolvente que combina a qualificação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco. Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes. A aptidão para as relações interpessoais, cultivando qualidades humanas que as formações tradicionais não transmitem necessariamente e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas.
- Aprender a viver juntos a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas. Aprender a viver com os outros desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
- Aprender a ser é a via essencial que integra as três precedentes. Importante para o desenvolvimento da personalidade individual e da capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal.” (DELLORS, 1998, p.96)

Essas quatro vias do saber constituem apenas uma, levando-se em conta, que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. Cada qual é essencial ao processo de construção de competências. No decorrer deste item acompanhamos a evolução do tema *Information Literacy* desde o século XIX e trazemos informações sobre as primeiras tentativas de as bibliotecas oferecerem programas de instrução aos seus usuários.

Durante várias décadas, os termos “instrução”, “treinamento” e “capacitação” foram utilizados para conceituar os programas de orientação bibliográfica desenvolvidos para os usuários de bibliotecas, sobretudo os estudantes da educação superior.

O desenvolvimento do conceito de *Information Literacy*, em sua visão inicial, introduzida a partir da década de 70, destacava o domínio das técnicas voltadas para a localização e utilização de fontes de informação. Esse ponto de vista evolui com a introdução dos conceitos de habilidades e competências para a resolução de problemas de informação, a partir de uma reflexão consciente para tomada de decisão. Ressalta-se aqui uma evidência já destacada por Hatschbach (2002, p.21) quando afirma que as “acepções do conceito de *Information Literacy* vão se somando, e não se substituindo”.

Considerando o exposto, podemos inferir que o processo de *Information Literacy* envolve articulação entre a educação, a experiência profissional e a formação específica, adquiridas ao longo da vida. A habilidade para localizar, avaliar e usar, efetivamente, a informação se torna crescentemente importante em paralelo com a quantidade de crescimento de informação, a *Information Literacy*, porém, compreende, além da capacitação no uso das ferramentas, recursos e fontes de informação, a preparação do indivíduo para realizar os mais diversos processos investigativos, nas mais distintas modalidades de trabalhos,

atendendo e servindo a diferentes níveis de profundidade, de exigência e de conhecimento.

2.3 A *Information Literacy* no Brasil

Dudziak (2001, p.15) realizou um levantamento trazendo um perfil do número de trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais sobre *Information Literacy*, na década de 90, e indexados pelas bases de dados ERIC⁶ e LISA⁷. O resultado encontrado foi de 855 trabalhos publicados.

Segundo Hatschbach (2002), no Brasil, o termo *Information Literacy* quase não é referenciado em trabalhos e pesquisas acadêmicas, e quando isso acontece, não é devidamente divulgado. A referida autora nos diz que, “a falta de tradução e de delimitação desta área de estudos em português, dificulta a sua legitimação e expansão em nosso país”. (HATSCHBACH 2002, p.33)

Para podermos analisar a situação da *Information Literacy* no Brasil, atualmente, e compará-la com a percepção evidenciada pelas autoras citadas, a partir dos estudos realizados na década de 90 e início dos anos 2000, realizamos um levantamento sobre o número de trabalhos publicados por autores brasileiros, entre 1980 e 2010 – indexados nas bases Web of Science, LISA, ERIC, Emerald, Google/BRAPCI⁸ –, publicados em periódicos nacionais e internacionais, que tivessem como descritor o termo *Information Literacy*.

⁶ Educational Resources Information Center

⁷ Library and Information Science Abstract

⁸ Detalhes sobre as bases citadas Web of Science, LISA, ERIC, Emerald estão na p. 28 e foram retiradas do site /www.periodicos.capes.gov.br/portugues/paginaInicial/colecoes.jsp e do www.brapci.ufpr.br/

Antes de apresentar o resultado, uma breve descrição de cada base de dados pesquisada:

Web of Science – conjunto de bases de dados referenciais, compiladas pelo ISI (Institute for Scientific Information), que possibilita ao pesquisador verificar quantas vezes um artigo foi citado e onde. É a partir dessa base que é calculado o fator de impacto das publicações periódicas bem como outros indicadores bibliométricos.

LISA – Library and Information Science Abstract é uma base de dados de cobertura internacional, dentre outras, abrange as áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Indexa mais de 440 periódicos de 68 países. O período disponível online é de 1969 até a presente data.

ERIC – é uma base de dados de cobertura internacional especializada na área de educação que contém mais de 950.000 resumos de documentos e artigos periódicos científicos de prática e pesquisa em educação.

Emerald – base de dados de cobertura internacional contendo 225 publicações periódicas com concentração nas áreas Administração, Contabilidade, Engenharia de Produção e Ciência da Informação.

Brapci – Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação é uma base de dados referencial de cobertura nacional de periódicos da área de Ciência da Informação. Atualmente disponibiliza referências e resumos de 6445 textos publicados em 30 periódicos nacionais impressos e eletrônicos. A BRAPCI é o produto de informação do projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal do Paraná, “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes do ensino superior.

A busca realizada no período entre 1980 a 2010 traz a seguinte resultado:

Tabela 1 – Dados quantitativos de artigos sobre *Information Literacy* publicados por autores brasileiros e indexados nas bases listadas.

Bases	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	TOTAL
Web of Science								6	3	9
LISA	1		1		1	2	2	5	4	16
Emerald								1		1
BRAPCI			3	3	4	6	4	12	4	36
TOTAL										62

Fonte: Do autor, 2010.

*Dados pesquisados em 22.04.2010 - Expressões de busca: Topic=(information literacy) AND Address=(brazil) Timespan=1980-2010.

**Não há artigos na base ERIC

Tabela 1 descrição da tabela (Leitor de Tela) - Dados quantitativos de artigos sobre Information Literacy publicados por autores brasileiros e indexados nas bases listadas

Base Web of Science

Dois mil e um nenhum resultado

Dois mil e dois nenhum resultado

Dois mil e três nenhum resultado

Dois mil e quatro nenhum resultado

Dois mil e cinco nenhum resultado

Dois mil e seis nenhum resultado

Dois mil e sete nenhum resultado

Dois mil e oito seis encontrados

Dois mil e nove três encontrados: Total nove encontrados

Base LISA

Dois mil e um um encontrado

Dois mil e dois nenhum resultado

Dois mil e três um encontrado

Dois mil e quatro nenhum resultado

Dois mil e cinco um encontrado

Dois mil e seis dois encontrados

Dois mil e sete dois encontrados

Dois mil e oito cinco encontrados

Dois mil e nove quatro encontrados: Total dezesseis encontrados

Base Emerald

Dois mil e um nenhum resultado

Dois mil e dois nenhum resultado

Dois mil e três nenhum resultado

Dois mil e quatro nenhum resultado

Dois mil e cinco nenhum resultado

Dois mil e seis nenhum resultado

Dois mil e sete nenhum resultado

Dois mil e oito um encontrado

Dois mil e nove nenhum resultado: Total um encontrado

Base BRAPCI

Acesso pelo site http://www.brapci.ufpr.br/search_result.php

Dois mil e um nenhum resultado

Dois mil e dois nenhum encontrados

Dois mil e três três encontrados

Dois mil e quatro três encontrados

Dois mil e cinco quatro encontrados

Dois mil e seis seis encontrados

Dois mil e sete quatro encontrados

Dois mil e oito doze encontrados

Dois mil e nove quatro encontrados

Total trinta e seis encontrados

Total geral sessenta e dois encontrados

Constatamos que, de 1980 a 2000, não houve registro de nenhum trabalho sobre o tema indexado por pesquisadores brasileiros nas

referidas bases de dados. Em 2001, surge o primeiro trabalho indexado pela base LISA. A partir de 2003 nota-se um tímido crescimento no número de publicações, com 4 trabalhos publicados. Em 2006, inicia-se uma alavancada no número de publicações, com 6 trabalhos publicados. O ano de 2008, porém, é que representou o ápice no que diz respeito a publicações do tema *Information Literacy* por pesquisadores brasileiros, ano em que foram registrados 24 trabalhos publicados. Nenhum artigo de autor brasileiro foi indexado pela base de dados ERIC no período pesquisado.

Se compararmos os dados apresentados por Dudziak (2001) de que, somente na década de 1990, o tema *Information Literacy* gerou 855 trabalhos publicados por pesquisadores de outros países, com os dados apresentados em nosso levantamento em que de 1980 a 2010, ou seja, nos últimos 30 anos, o termo *Information Literacy* gerou 62 trabalhos publicados por pesquisadores brasileiros, de fato a percepção de Hatschbach (2002) de que o termo *Information Literacy* quase não é referenciado em trabalhos e pesquisas acadêmicas, se comprova.

Dudziak (2003), em seu artigo *Information Literacy: princípios, filosofia e prática*, evidencia que “enquanto os estudos no exterior sobre a *Information Literacy* avançam teórica e metodologicamente e também na prática diária, no Brasil apenas se iniciam a exploração e o entendimento sobre o tema” (DUDZIAK, 2003). Em suas reflexões, ela diz que é necessário buscar o trabalho cooperativo para o desenvolvimento de novas abordagens relativas à filosofia e às práticas educacionais ligadas à *Information Literacy*.

No artigo intitulado, “*Competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005*”, Lecardelli & Prado (2006), por meio do método de pesquisa bibliográfica, nos apresentam um panorama do estado da arte sobre o tema no Brasil. As referidas autoras

apontam que o campo da competência informacional ainda necessita de estudos e pesquisas científicas para dar ênfase e possibilidade de avanços à geração de novos conhecimentos. Contam que, no Brasil, as pesquisas evoluem gradativamente, mas que a *Information Literacy* é um tema que ainda requer estudos mais detalhados, a fim de se verificarem dentro do contexto brasileiro, as ações que estão sendo feitas, no sentido de propiciar o desenvolvimento da competência informacional, visando melhorar a qualidade de vida e formar cidadãos conscientes e esclarecidos. (LECARDELLI & PRADO, 2006, p.40)

Conforme exposto, em relação a literatura nacional referente ao tema *Information Literacy*, ainda temos poucos trabalhos por pesquisadores brasileiros. O cenário torna-se ainda pior quando buscamos registros de programas de *Information Literacy* desenvolvidos especificamente para educação superior.

Nesse contexto, destacamos o programa “Agentes Multiplicadores da Competência em Informação - Training The Trainers - SIBi IFLA UNESCO”⁹. Faz parte desse programa a realização de oficinas de treinamento de treinadores sobre *Information Literacy* em todo o mundo. No Brasil, o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo – SIBi-USP, incorpora as diretrizes desse programa, promovendo a capacitação das equipes bibliotecárias do SIBi como “Agentes Multiplicadores da Competência em Informação”.

Outra iniciativa que merece uma citação nesse trabalho é o Prêmio Carol Kuhlthau¹⁰. Apesar de não estar voltada para o ensino superior, destina-se a bibliotecários e demais profissionais que atuam em bibliotecas no âmbito do ensino básico. O prêmio é uma iniciativa do Grupo de estudos em Biblioteca escolar da Escola de Ciência da

⁹ <http://sibi-usp-agentes-informacao.blogspot.com/>

¹⁰ http://gebe.eci.ufmg.br/?Pr%EAmio_Carol_Kuhlthau

Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela professora Bernadete Santos Campello, e tem como objetivo estimular as bibliotecas escolares a utilizarem os métodos de *Information Literacy*, evidenciando a função educativa dessas bibliotecas.

De acordo com Dudziak (2003), “repensar o papel do bibliotecário e repensar a biblioteca enquanto organização são caminhos acertados que conduzirão à expansão da transformação da educação e da implementação de programas educacionais voltados para a competência em informação”. Portanto, cabe a todos nós profissionais da informação transformar o tímido cenário que se apresenta hoje, desenvolvendo programas de *Information Literacy* voltados para a educação superior, favorecendo assim, os estudantes que integram esta modalidade.

2.4 *Information Literacy*: ações voltadas para estudantes da educação superior

Hatschbach (2002) aponta que, geralmente, as ações de *Information Literacy*, voltadas para o estudante de nível superior estão concentradas em dois enfoques: Modelos de *Information Literacy* e Programas de *Information Literacy*.

Os “Modelos de *Information Literacy*” podem servir de base para o desenvolvimento de material instrucional a professores e profissionais de informação. Eles levam em conta as “necessidades de informação nas diversas etapas da atividade acadêmica visando à qualificação do estudante para tal tipo de tarefa e também para sua atuação na Sociedade da Informação, onde o indivíduo deve estar apto a utilizar a informação na solução de vários tipos de problemas”. (HATSCHBACH, 2002, p.50)

A seguir apresentaremos modelos de *Information Literacy* identificado na literatura. Salientamos que não identificamos na literatura modelos de *Information Literacy* específicos para deficientes visuais, Os modelos citados abaixo foram retirados do livro publicado por Striplig (1999) e com tradução nossa.

- Modelo Big6 Skills

Um dos modelos mais conhecidos, *Big Skills Information Problem-Solving Approach to Library and Information Skills Instruction*, tem sido muito aceito e implantado por muitas escolas. Ele foi desenvolvido por Michael B. Eisenberg e Robert Berkowitz e é provavelmente um dos modelos mais utilizados. As “6 Grandes Habilidades” são:

- 1- Definição de tarefas
- 2- Habilidade de procurar informações
- 3- Localização e Acesso
- 4- Uso da Informação
- 5- Síntese
- 6- Avaliação

- Modelo de Pathways to Knowledge (Pappas e Tape)

Desenvolvido por Marjorie Pappas e Ann Tape (1997), o modelo *Follet's Pathway do Knowledge* está disponível em três cadernos impressos que cobrem as grades K-5, 6-8 E 9-12 (Angle et al. 1997). O modelo é criado para ser usado como modelo de *Information Literacy* para buscas estudantis de informação e esquemas amplos para professores e especialistas nas mídias das bibliotecas escolares, desenvolvendo um plano de integração de *Information Literacy* nos currículos. Esse modelo segue tais passos:

- 1) Apreciação e prazer

- 2) Pré-pesquisa
- 3) Pesquisa
- 4) Interpretação
- 5) Comunicação
- 6) Avaliação

- Habilidades Essenciais para *Information Literacy* (WLMA)

Desenvolvida inicialmente em 1987, a versão revisada de 1996 pela Washington Library Media Association (WLMA 1996), não só identificou seis habilidades essenciais para estudantes, mas também promove uma série de performances para cada habilidade; as performances explicam a habilidade e promovem critérios para medir a habilidade. Essas declarações do que o estudante deve ser capaz de fazer para encontrar cada padrão explica o modelo. As habilidades específicas incluem:

- 1) Reconhecer a necessidade de informação
- 2) Encontrar estratégias para localizar informação
- 3) Localizar e aferir informação
- 4) Avaliar e extrair informação
- 5) Organizar e aplicar informação
- 6) Avaliar o processo e o resultado

- INFOhio DIALOGUE Model (Ohio)

Em 1998, INFOhio, a network de informação e automação das bibliotecas do estado para as escolas K-12 de Ohio, desenvolveu o Modelo INFOhio DIALOGUE para *Information Literacy* (INFOhio 1998). Uma série de mais de 20 workshops introduziram o modelo por todo estado. Além disso um caderno de 230 páginas “*INFOhio Information Literacy Skills Notebook*” foi amplamente distribuído para especialistas das mídias das bibliotecas escolares e educadores. O Modelo DIALOGUE tem os seguintes componentes:

- 1) Definir
- 2) Iniciar
- 3) Aferir
- 4) Localizar
- 5) Organizar
- 6) Guiar
- 7) Usar
- 8) Avaliar

Uma característica única desse modelo é a inclusão explícita de um especialista em mídia de biblioteca escolar e/ou professor para guiar todo o processo. INFOhio promove acesso ao Modelo DIALOGUE em seu site ([HTTP://www.infohio.org](http://www.infohio.org)).

- *Modelo Information Literacy Guidelines* (Colorado)

Um dos modelos pioneiros do estado do Colorado (Estados Unidos), essas orientações oferecem sugestões e recomendações específicas e profundas em cinco categorias:

- 1) Estudantes como Procuradores do Conhecimento
 - 2) Estudantes como Produtores de Qualidade
 - 3) Estudantes como Aprendizes Auto-suficientes
 - 4) Estudantes como Utilizadores Responsáveis pela Informação
- (Colorado Educational Media Association 1994)

A lógica das orientações desse modelo é particularmente abrangente. Por exemplo, abaixo da primeira categoria “Estudantes como Procuradores do Conhecimento” existem nove atividades de procura de informação: (1) Determinar a necessidade de informação, (2) Desenvolver estratégias de procura de informação, (3) Localizar informação, (4) Adquirir informação, (5) Analisar informações relevantes para a

necessidade, (6) Organizar informação, (7) Processar informação, (8) Agir na informação e (9) Avaliar o processo e o produto.

- Information Power: Building Partnerships for Learning

Esse modelo de *Information Literacy* apresenta nove padrões para a aprendizagem dos alunos. Esses padrões – na verdade orientações produzidas juntamente pela *American Association of School Librarians* e a *Association for Educational Communications and Technology* – são divididos em três categorias:

- 1) *Information Literacy*
- 2) Aprendizagem independente
- 3) Responsabilidade social

A título de informação para o leitor, neste trabalho, elegemos o modelo de *Information Literacy* desenvolvido por Carol Kuhlthau denominado *Information Search Process* – ISP, como referencial no desenvolvimento dos instrumentos de coleta, no processo de coleta propriamente dito e na análise dos dados coletados. A descrição completa do modelo será apresentada no Capítulo 4 referente aos procedimentos metodológicos.

No segundo enfoque estão os “Programas de *Information Literacy*” que, segundo a autora, são as iniciativas institucionais para a implementação da *Information Literacy* nas universidades.

Os Programas de *Information Literacy* tomam como base Modelos de *Information Literacy*, e desenvolvem “ações estratégicas para a disseminação e implantação da *Information Literacy* junto à comunidade acadêmica como, por exemplo: cursos de instrução para a busca de informação, workshops, seminários, inclusão de disciplinas nos currículos acadêmicos, estímulo à criação de material autoinstrucional e de tutoriais

on line para a aquisição de *Information Literacy*” (HATSCHBACH, 2002, p.54). Relacionamos a seguir alguns programas de *Information Literacy* identificados na literatura. Assim como os modelos de *Information Literacy*, não identificamos na literatura nenhum programa específico para deficientes visuais.

- *Programme for International Student Assessment – PISA*

É um esforço cooperativo entre países participantes da OECD/UNESCO - Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico, para medir o grau em que jovens, ao final da escolaridade obrigatória são preparados para atender desafios das sociedades de hoje. A competência em informação para o mundo de amanhã é o foco deste trabalho cujo processo se pauta em avaliar como os alunos aplicam os conhecimentos e habilidades para as tarefas que são relevantes para suas vidas futuras.

- *Information Literacy Project¹¹ (University of Arizona)*

Fornecer uma boa visão de planejamento global de um programa de competência em informações em uma grande universidade pública. No site da universidade você pode ter acesso a documentos do projeto de desenvolvimento, as competências, as definições, descrições de projetos de outras universidades, componentes do programa, e links para os dados coletados.

- *Project SAILS¹² (Kent State University)*

O objetivo do Projeto de Padronização de Avaliação de Competências em Informação foi desenvolver um instrumento para avaliação do nível programático dos programas de Competência em Informação.

- *SUNY¹³Connect: Information Literacy (State University of New York)*

Inclui quatro relatórios sobre a integração da competência em informação no sistema SUNY, e no desenvolvimento de um curso de web-based.

¹¹<http://www.library.arizona.edu/library/teams/InfoLit2000/infolit.shtml>

¹² <http://sails.lms.kent.edu/index.php>

¹³ <http://www.sunyconnect.suny.edu/ili/iliover.htm>

- *UWired*¹⁴ (University of Washington)

Descreve as muitas facetas de um programa desenvolvido com a combinação de tecnologias, bibliotecários / colaboração do corpo docente e competência.

Diante do exposto, inferimos que, o processo de “*Information Literacy*” para o estudante de nível superior envolve o desenvolvimento de habilidades e competências para a busca e uso da informação e domínio das novas tecnologias de comunicação e informação. Por isso consideramos que o desenvolvimento dessas competências pelos deficientes visuais, especialmente, estudantes de nível superior, podem representar um novo caminho para a sua autonomia e inclusão, sendo a informação o principal agente dessa mudança.

2.5 O deficiente visual e a acessibilidade informacional: dos primórdios à era digital

*Cada experiência de olhar é um limite.
A gente não conhece as coisas como elas são
... mas só mediadas pela nossa experiência.*

*(Paulo César Lopes, visão subnormal, professor de
literatura)*

¹⁴ <http://www.washington.edu/uwired>

Para responder a essas questões é necessário que, neste capítulo, avancemos no universo dos deficientes visuais. Contextualizaremos o ambiente informacional do deficiente visual brasileiro, focalizando o ensino superior, bem como ponderaremos sobre que cenário se apresenta aos deficientes visuais do ponto de vista intelectual, tecnológico, de acesso aos recursos físicos, e de conteúdo.

Consideramos imprescindível antes de iniciarmos este capítulo trazer para esta tese a conceituação sobre deficiência e deficiência visual.

2.6 Deficiência

Existem diversas classificações para a deficiência. Elas variam conforme o enfoque social e médico.

José Oscar Fontanini de Carvalho, em sua tese de doutorado defendida em 2001, aponta que “a determinação de quem é portador de deficiência é uma tarefa complicada. Pelo fato de a condição ser objeto de estudo e ação de várias disciplinas, a noção de deficiência varia bastante”. O referido autor defende ainda que as diferenças de definição têm importantes consequências para as políticas de apoio aos portadores de deficiência. Portanto, o grande problema para se fixarem esses percentuais recai na adoção de uma definição precisa do que seja deficiência nas suas diversas dimensões.

Adotaremos aqui o documento do Secretariado Nacional de Reabilitação, da Organização Mundial da Saúde (OMS) denominado *International Classification of impairments, disabilities, and handicaps: a manual of classification relating to the consequences of disease (ICIDH)*, que foi traduzido para o Português como *Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens*, a CIDID. O sistema de

classificação CICID é complementar à Classificação Internacional de doenças – CID.

De acordo com Masini et al (2000, p.98), essa referência conceitual apresenta-se da seguinte forma:

Deficiência (*impairment*) é descrita como perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive perdas das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão.

Incapacidade (*disability*) é descrita como restrição, resultante de uma deficiência, da habilidade para desempenhar uma atividade considerada normal para o ser humano. Surge como consequência direta ou é resposta do indivíduo a uma deficiência psicológica, física, sensorial ou outra. Representa a objetivação da deficiência e reflete os distúrbios da própria pessoa, nas atividades e comportamentos essenciais à vida diária.

Desvantagem (*handicap*) representa prejuízo para o indivíduo, resultante de uma deficiência ou uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho de papéis de acordo com a idade, sexo, fatores sociais e culturais. Caracteriza-se por uma discordância entre a capacidade individual de realização e as expectativas do indivíduo ou do seu grupo social. Representa a socialização da deficiência e relaciona-se às dificuldades nas habilidades de sobrevivência. (MASINI *et al* 2000, p.98)

Hall (1995 *apud* MASINI, 2000, p. 99), “apontou que a utilização da ICIDH poderia trazer benefícios científicos e práticos, incluindo formas de avaliar a qualidade de vida das pessoas, favorecendo a maior aceitação do seu registro como deficiente e uma melhor provisão de serviços”.

Farias; Buchalla (2005), afirmam que o modelo da CIDID descreve, como uma sequência linear, as condições decorrentes da doença:

Doença ⇨ Deficiência ⇨ Incapacidade ⇨ Desvantagem

Embora os pesquisadores da área tenham identificado diversas dificuldades na CIDID, tanto no nível dos conceitos como no de sua utilização, Masini et all (2000, p.102) evidenciam o relevante avanço conceitual dessa classificação e a importância em adotar a CIDID como referencial.

2.7 Deficiência visual

A deficiência visual compreende pessoas que possuem, desde uma visão fraca, ou seja, visão subnormal até aquelas que só conseguem distinguir luzes ou não conseguem perceber sequer a luz, nesse caso, os legalmente cegos.

De qualquer modo como aponta Delpino (2004, p.20), “apesar de algumas divergências, há concordância quanto a definirem a deficiência visual como sendo redução ou perda total da capacidade de ver com o melhor olho e após a melhor correção ótica”.

A visão subnormal é definida como a capacidade de visão tida por pessoa quando ela consegue ver algo a 20 pés (6,096 m) de distância, ou seja, a sua acuidade visual é situada entre 6/20 a 6/60 após a correção máxima.

Uma pessoa é classificada como legalmente cega quando o seu campo de visão é menor que 20 graus mesmo com uso de lente de

correção e quando a perda de visão, em ambos os olhos, é menor do que 0,1 grau no melhor olho.

Do ponto de vista educacional, de acordo com Delpino (2004, p.20), “a cegueira representa a perda total ou o resíduo mínimo da visão, o que leva o indivíduo a necessitar do Método Braille como meio de leitura e escrita, além de outros recursos didáticos e equipamentos especiais para sua educação”.

Diante do exposto acima, consideramos que temos pela frente o grande desafio de, com o resultado da nossa pesquisa, apontar referenciais que possam minimizar os impactos causados pelas barreiras de acessibilidade no acesso à informação e ao conhecimento pelos deficientes visuais, contribuindo, assim, para sua inclusão educacional, social, e, conseqüentemente no mundo do trabalho.

2.8 Acessibilidade informacional: dos primórdios à era digital

Iniciaremos este item tendo como base a reflexão de dois autores nas áreas de informação e comunicação, Yves-François Le Coadic e Kevin McGarry.

Segundo Coadic (2004, p.4) “a informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”. Para o autor, “o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento”.

Por que as pessoas buscam informações? Coadic (2004, p.5) nos diz que isso acontece porque há um problema a ser resolvido pela insuficiência ou inadequação de conhecimento. Podemos, por isso,

considerar que, como existe, por exemplo, a necessidade de dormir e comer, deve haver, também a necessidade de informação, mesmo que ela exista para cumprir, apenas, as necessidades básicas, que, segundo o autor, se dividem, essencialmente, em dois tipos:

- Da necessidade de saber (conhecimento).
- Da necessidade de suprir necessidades básicas (ação).

McGarry (1999) defende que nós captamos a informação através dos cinco sentidos: visão, audição, tato, gustação e olfato. E a partir desses sentidos, o homem efetua permutas com o mundo exterior. Tal processo o possibilita fazer escolhas e modificar o próprio conhecimento. Ter contato com o mundo ou informar-se significa usar plenamente os cinco sentidos.

Pode-se inferir da contribuição desses dois autores que, se um indivíduo tem problemas em um dos seus sentidos, deve haver, então, algum problema de recepção à informação. Se há um problema de recepção à informação, deve haver um problema de acesso ao conhecimento. Daí, surge a nossa preocupação com o deficiente visual nas questões referentes ao acesso à informação, que por sua vez, envolve a possibilidade de o indivíduo acessar meios de comunicação, desde a linguagem mais simples até as redes de comunicações digitais e delas retirar produtos que satisfaçam sua necessidade de se informar.

Segundo McGarry, o acesso à informação depende de outros conteúdos, tais como: educacional, econômico, político, físico e cultural. A história demonstra que esses acessos sempre foram fundamentais para a inserção do indivíduo na sociedade em todos os aspectos.

Lembramos que a questão do acesso sempre foi um problema nas civilizações. Assim como hoje, nem todas as regiões do mundo possuíam

os mesmos graus de acesso à informação. Silva (1987) relata que o grau de desenvolvimento humano não ocorreu de maneira uniforme pelo mundo. Como exemplos extremos o autor conta que na “Antigüidade (período anterior ao século V d.C), enquanto os egípcios viviam a chamada Idade de Ferro (mais evoluída), os povos bárbaros do norte europeu viviam a Idade da Pedra Polida (menos evoluída)”. (SILVA, 1987, p.46)

Estudos recentes demonstram que a história da comunicação possui uma trajetória circular, ou seja, as invenções humanas se reciclam ou se mesclam para formar outras. Por exemplo, os ícones ainda são usados nas telas dos computadores, ou ainda a constatação de que a ação de usar a barra de rolagens em editores de textos digitais teria o mesmo princípio dos rolos primitivos (de rolagem para leitura).

De acordo com Silva (1987), traçada a linha da evolução histórica sobre o cenário de inclusão dos deficientes em relação às ferramentas e processos de comunicação e de informação, indica-se nos povos primitivos, que a tolerância ou acolhimento a esses indivíduos geralmente estava ligada a uma cultura que associava deficiência a questões mentais e espirituais. Por isso, o respeito ao “diferente” tinha fundamentação religiosa e sobrenatural. Nessa época, o grande desafio apresentado ao indivíduo com deficiência era a sua aceitação pela sociedade.

Vencido esse desafio, na sociedade ágrafa,¹⁵ na qual a forma de comunicação era a linguagem, o deficiente visual não tinha que enfrentar nenhuma barreira no acesso à memória coletiva do conhecimento humano, ele poderia se comunicar pela fala.

Os problemas de acesso à memória coletiva do conhecimento tiveram início para o deficiente visual com a invenção do alfabeto. A partir

¹⁵ Sociedade ágrafa: aquelas que não possuem nenhuma forma de escrita. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%Aancia_da_Cultura. Acesso em: 29 jul. 08.

do momento em que a informação começa a ser registrada por um signo, o alfabeto, o deficiente visual passa a enfrentar barreiras nos processos de acesso à informação. O cenário de exclusão informacional começa a se delinear.

Pode-se afirmar que a escrita antiga aumentou o abismo de acesso à informação para os deficientes visuais, já que a linguagem deixou de ser exclusiva na construção da memória coletiva. Esse abismo só começou a diminuir quase três mil anos após a criação da primeira escrita para deficientes visuais.

Após séculos de exclusão, a invenção do Braille propicia a inclusão do deficiente visual nos processos de escrita e de leitura, porém também reforça a continuidade de sua exclusão, pois raríssimas pessoas que enxergavam conseguiam ler ou escrever em Braille. Tal fato contribuía para que os deficientes visuais acabassem isolados num gueto cultural e social.

Segundo Coadic (2004, p.28), a escrita em papel foi a tecnologia sobre a qual os centros de informação se basearam para a produção e a comunicação da informação. Até 1950, o livro e as bibliotecas eram os principais agentes de disseminação da informação.

Surpreendentemente, a escrita digital, introduzida em nossa sociedade graças aos avanços das tecnologias de comunicação e informação, trouxe para o deficiente visual, por meio da utilização do computador, a possibilidade de compartilhar o mesmo signo utilizado pelos videntes¹⁶ - no caso do Brasil o alfabeto romano - nos processos de comunicação.

¹⁶ Termo utilizado na literatura sobre deficientes visuais para classificar as pessoas que enxergam.

A possibilidade de utilização dessa nova ferramenta trouxe aos deficientes visuais a possibilidade de experimentar novas formas de inclusão.

A escrita digital apresenta-se como uma evolução da forma de escrever. Este é o grande desafio da pós-modernidade: a digitalização da informação. Assim a revolução digital redesenha as competências e habilidades demandadas pela sociedade do conhecimento.

De acordo com Campbell (2001 *apud* SONZA ; SANTAROSA 2006, p.2), desde a invenção da escrita Braille em 1824, “nada teve tanto impacto nos programas de educação, reabilitação e emprego quanto o recente desenvolvimento da informática para os cegos”.

Segundo Borges (1996 *apud* SONZA ; SANTAROSA 2006, p.2), "uma pessoa cega pode ter algumas limitações, as quais poderão trazer obstáculos ao seu aproveitamento produtivo na sociedade". O autor ainda aponta que grande parte destas limitações pode ser eliminada através de duas ações: “uma educação adaptada à realidade destes sujeitos e o uso da tecnologia para diminuir as barreiras”.

Na seção a seguir discorreremos sobre a diferença temporal na possibilidade de acesso à memória coletiva e a informação entre os deficientes visuais e videntes, partindo da linguagem oral, passando pelo documento tradicional em tinta e papel até chegar às outras formas como a escrita Braille, o áudio e os meios digitais.

2.9 A linguagem, a escrita e as formas de comunicação: impactos aos deficientes

O relato histórico apresentado a seguir, está baseado nas obras de Silva (1987) e MacGarry (1999).

Há 8000 anos, após ter descoberto os segredos básicos da natureza, da terra e da domesticação dos animais, o homem começou a acumular, de maneira oral, meios de melhorar sua vida precária.

Em sociedades ágrafas antigas, no que se refere à necessidade de informação, como hoje se conhece, havia pouco espaço por causa das necessidades básicas. O desenvolvimento da linguagem iniciou-se desde tempos imemoriais. Presume-se que a linguagem humana, por mais rudimentar que fosse, desenvolveu-se desde o início junto com o homem primitivo.

A sociedade ágrafa se caracteriza por não possuir nenhuma forma de escrita e se basear exclusivamente na cultura oral em sua forma de comunicação. Nessa sociedade, o “conhecimento tácito”¹⁷ é o juízo e a compreensão intuitiva que os seres humanos possuem.

Assim, com base em McGarry (1999), há um consenso entre especialistas de que a linguagem e o pensamento determinam-se reciprocamente. Isso faz com que ela se torne o meio mais poderoso de transferência de informação e o veículo fundamental da comunicação humana. A linguagem reflete a personalidade do indivíduo e os valores

¹⁷ Conhecimento tácito é aquele que o indivíduo adquiriu ao longo da vida, que está na cabeça das pessoas. Geralmente é difícil de ser formalizado ou explicado a outra pessoa, pois é subjetivo e inerente às habilidades de uma pessoa, como "*know-how*". A palavra “tácito” vem do latim *tacitus* que significa “não expresso por palavras”. Disponível: <http://imasters.uol.com.br/artigo/3599/gerencia/conhecimento_tacito_e_explicito/>. Acesso em: 11 ago. 2008.

culturais de uma sociedade, onde os dois se moldam constantemente, permitindo a continuidade dela, o controle e a coesão dos grupos sociais.

Silva (1987) aponta que as únicas fontes de registros antigos são hoje peças da paleontologia como instrumentos, desenhos em pedras, fósseis, em suma, vestígios duradouros de civilização. De alguma forma, registrados.

McGarry (1999) também explica que as culturas ágrafas têm muito a ensinar. Nenhuma forma de registro do pensamento conseguirá substituir a linguagem. Nem tudo que se pensa pode ser colocado sob forma de raciocínio de um algoritmo.

É compreensível que a inserção do indivíduo com deficiência na memória coletiva oral fosse relativamente equitativa, desconsiderando-se os outros fatores de acesso já apontados, como a proximidade geográfica e a fonte de informação. Isso porque a linguagem é algo que o ser humano adquire na convivência social, excluindo-se o caso dos deficientes auditivos, que deviam ter sido totalmente deslocados da sociedade. Isso talvez tenha levado à criação de manifestações corporais, pela comunicação com os dedos, as quais tornavam sua inserção social menos sofrida.

No caso do deficiente visual, Vieira (2006) diz que até hoje a inserção social do deficiente visual se realiza graças à linguagem, na forma de leitura compartilhada com uma pessoa sem deficiência, por meio de conversas e permutas verbais. Portanto, a inserção informacional do deficiente visual por meio da linguagem é herança dos primórdios da humanidade.

Avançando mais um pouco, chega-se à pré-história, tempo em que as civilizações mais adiantadas provinham do Egito e da Mesopotâmia.

Essa evolução se deve ao fato de tais civilizações terem acesso a condições mais favoráveis para a satisfação de necessidades básicas, como a alimentação (terras férteis) e terem, ainda, tempo para pensar (já que o trabalho escravo realizava todas as atividades rotineiras).

Consequentemente, o conhecimento e a memória coletiva foram se desenvolvendo a contento. Tal desenvolvimento proporcionou os primeiros ensaios da ciência, tais como: construções, entendimentos sobre doenças e ferimentos, observação de corpos celestes, observação da natureza, cuidados na educação de crianças, desenvolvimento de trocas de bens, entre outros.

2.9.1 A escrita

Percebe-se que, satisfeitas as carências básicas humanas, a necessidade de informação começa a se desenvolver ou receber mais atenção.

McGarry (1999) lembra que a escrita antiga mais conhecida é a semita setentrional, datada de 1700 a.C., na Palestina e na Síria. Ela já se compunha de 22 consoantes. Cerca de 900 a.C. os gregos usaram essa escrita como base para outra que continha vogais.

Cem anos depois, tal modelo foi usado pelos etruscos, do qual se extraiu o alfabeto antigo romano. Dele, saíram todos os alfabetos ocidentais, que evoluíram de três maneiras:

- Pictográfica ou a representação de objetos, ações e ideias. Os seres humanos começaram “a escrever” com a pictografia primitiva (assim como as crianças gostam de começar a fazer desenhos). Mais tarde, pictogramas se tornaram mais estilizados. Hoje, eles são utilizados

de formas versáteis como, por exemplo, em manuais de códigos de trânsito.

- Ideográfica, quando uma atividade, objeto ou ideia é representado por um único signo. As escritas ideográficas são ainda influentes nos sistemas modernos de comunicação. Delas, descendem a escrita chinesa e o *Kanji* japonês. São “signos de ideias” e também denominados de logógrafos ou logogramas. Muito utilizados em matemática e lógica.
- Silábica, escrita na qual os signos representam grupos de letras. De fato, o alfabeto surgiu mesmo quando ocorreu o “salto fonêmico”, quando os signos gráficos uniram-se à fala. São fonemas, sílabas, consoantes e vogais. Os signos permitiram não só a exteriorização da mente, mas também o seu registro de forma permanente. A memória externa começou a se desenvolver.

A tradição manuscrita ou quirográfica durou aproximadamente três milênios e meio e foi o bastante para transformar a forma de acesso à informação. Além da linguagem, a escrita também passou a ter uma importância capital para a sociedade.

Os símbolos registrados passaram a ser propriedades de um grupo e começaram a ser utilizados na transmissão, no intercâmbio, no registro de significados e na compreensão humana. Esses símbolos, compartilhados, passaram a unificar grupos sociais e até os deficientes visuais.

2.9.2 A escrita e o deficiente visual

Para o deficiente visual, assim como para os analfabetos, o acesso aos registros do conhecimento apresenta duas características marcantes: a marginalidade e o subdesenvolvimento.

Pode-se afirmar que a escrita antiga aumentou o abismo de acesso à informação, já que a linguagem natural deixou de ser exclusiva na construção da memória coletiva.

Esse abismo só começou a diminuir quase três mil anos após a invenção da escrita peculiar, a partir da criação da primeira forma de expressão escrita para deficientes visuais.

A primeira tentativa de escrita para deficientes ocorreu por volta de 1780, com Valentin Haüy¹⁸ (1745-1822), na França, que desenvolveu o chamado “alfabeto vulgar”. Esse consistia na utilização das letras do alfabeto em relevo, geralmente de madeira – móveis, as quais se combinavam tipograficamente e ajudavam os cegos a construir frases.

Nota-se que 374 anos após a invenção da imprensa em tinta (1450), os deficientes davam os primeiros passos ao acesso à escrita peculiar. Valentin Haüy, apesar dos propósitos dignos e das intenções notáveis, não conseguiu que seu “alfabeto vulgar” ajudasse a acessar registros impressos. Foi seu aluno cego, Louis Braille¹⁹ (1809-1852) quem revolucionou a maneira de acessar o conhecimento registrado.

¹⁸ Valentin Haüy (1745-1822) foi uma das primeiras pessoas a se interessar pelos cegos, ao promover uma intensa campanha de sensibilização pública para as suas necessidades e dedicando-se à investigação de técnicas que permitissem a sua educação e integração socioprofissional. Em 1771, decidiu, à semelhança do que tinha feito Charles-Michel de l'Épée (1712-1789) para os surdos-mudos, fundar uma instituição que promovesse a dignidade e a educação daqueles jovens. Com aquele objetivo, fundou em Paris a primeira escola francesa para cegos, e uma das primeiras da Europa, que se tornaria mais tarde o Institut National des Jeunes Aveugles, ainda existente. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Valentin_Ha%C3%BCy>. Acesso em: 11 ago. 2008.

¹⁹ Louis Braille (1809-1852) nasceu em 4 de janeiro de 1809, na pequena cidade de Coupvray perto de Paris e, em 1824, inventou a escrita Braille. Com apenas três anos de idade, ficou cego do olho esquerdo por causa de um acidente e com cinco anos veio a cegueira total. Aos 10 anos de idade, Louis ingressou na Instituição Real, para Jovens Cegos em Paris. Aos 15 anos de idade, inventou o alfabeto Braille, semelhante ao que se usa hoje, um sistema simples em que usavam seis buracos dentro de um pequeno espaço. Com esses seis buracos dentro

Louis Braille ficou cego quando criança. Seus pais se esforçaram para que ele tivesse toda a educação possível. Além disso, Braille foi uma criança muito curiosa; na adolescência fora dedicado aos estudos, apesar dos obstáculos da cegueira. Seu contato com Haüy, no Instituto Real para Jovens Cegos em Paris, levou-o a pensar num modo alternativo ao “alfabeto vulgar” de acesso aos registros e, em 1824, a escrita Braille se desenvolveu a partir da Escrita Noturna inventada por Charles Barbier.²⁰

Nesse mesmo período, a humanidade já convivia com a escrita impressa há mais de 400 anos. Foi por volta de 1450, que Gutenberg²¹ monta sua primeira tipografia na Mogúncia (Alemanha), aperfeiçoando e disseminando a tecnologia que iria mudar o acesso à informação na civilização humana. O latim, língua culta internacional, predominante até o surgimento da imprensa, declinou a favor do estabelecimento das línguas vernáculas, o que estimulou o crescimento das sementes dos Estados Nacionais, das religiões nacionais e das identidades nacionais. Tal processo provoca a extinção de línguas que não eram migradas para o papel.

Comparada à forma manuscrita, a escrita impressa foi produzida em larga escala, criando choques com a estrutura jurídica existente, devido aos inúmeros registros de plágio. Surgiram, assim, novas leis de controle e supressão da livre circulação de ideias. Mudaram até os

de um espaço limitado, ele pôde fazer 63 combinações diferentes. Em 6 de janeiro de 1852, com 43 anos, Louis Braille faleceu confiante de que seu trabalho não tinha sido em vão.
Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~amigosbr/louis.html>> Acesso em: 11 ago. 2008.

²⁰ Charles Barbier (1767-1841) foi um capitão no Exército Francês durante o início do século XIX. Para não chamar a atenção dos inimigos durante a noite, criou um código que consistia numa série de pontos salientes numa folha de papel, que podia ser utilizado durante a noite para comunicar silenciosamente e sem luz, conhecido como escrita noturna. Disponível em: <www.ilitc.org.br/saiba.php>. Acesso em: 11 ago. 08.

²¹ Por volta de 1450, o ourives alemão Johann Gutenberg (c. 1398–1468) inventou a tipografia, cabendo-lhe o mérito de ser o primeiro, pelo menos no Ocidente, a utilizar tipos móveis metálicos feitos de uma liga especial de chumbo, estanho e antimônio. Projetou um novo tipo de prensa, baseada naquelas usadas para espremer uvas. Preparou uma tinta especial, à prova de borrões. Esse sistema operacional de impressão funcionou tão bem que perdurou praticamente inalterado até 1811. Disponível: <[http://www.geometriaanalitica.com.br/artigos/Assuntos%20Gerais/G09\)%20A%20Imprensa%20de%20Gutemberg%20e%20a%20Internet.pdf](http://www.geometriaanalitica.com.br/artigos/Assuntos%20Gerais/G09)%20A%20Imprensa%20de%20Gutemberg%20e%20a%20Internet.pdf)> Acessado em: 11 ago. 2008.

padrões de organizações e de recuperação da informação e do conhecimento registrado.

Para se ter uma ideia dos abismos enfrentados pelos deficientes visuais no acesso aos registros do conhecimento, somente 69 anos após ser inventada, a escrita Braille pôde ser impressa, e para que isso ocorresse, ela passou por diversas modificações estruturais, como a uniformização do tamanho dos pontos. Essa modificação foi chamada de “New York Point”, por ter sido idealizada na cidade de Nova York. Assim, consiste no primeiro livro impresso em Braille, feito através de máquinas, surgindo em 1893. Isso significa que a possibilidade de produção em massa da escrita em Braille surgiu cerca de 450 anos após a produção em massa do livro transcrito em tinta.

Depois da invenção da imprensa, a revolução mais notável proposta pela era digital, nos meios de comunicação e de disseminação da informação, recai no surgimento da internet, na medida em que permitiu o rompimento dos obstáculos físicos e geográficos. Por conseguinte, a informação começou a ganhar um valor incomensurável.

Hoje em dia, por conta das novas tecnologias de comunicação e informação, a disseminação da informação independe de tempo ou espaço. Daí o porquê de a sociedade da informação se caracterizar pela utilização da tecnologia para comunicar e distribuir informação. Entende-se que os tempos da comunicação oral exigiam do emissor um grande esforço para que suas mensagens circulassem pelo mundo e, com a invenção da escrita, a mensagem ganha nova possibilidade de circulação, garantindo o seu verdadeiro significado em qualquer situação. Hoje, diante das possibilidades do ciberespaço, as mensagens são virtualmente disponibilizadas em uma velocidade nunca antes experimentada.

Para Lewgoy e Arruda (2003), na era digital a internet apresenta-se como a nova tecnologia capaz de aumentar a capacidade humana de aprender e compreender. As tecnologias de comunicação e informação superam e transformam as formas de criação, transmissão, armazenamento e significado das formas de comunicação.

A escrita digital ou a hipertextualização da escrita apresenta-se como evolução da forma de escrever. Trata-se do grande desafio da pós-modernidade: a digitalização da informação.

A digitalização é a representação da informação por meio de números processados pelo computador. No dizer de McGarry (1999), isso afeta os cinco sentidos tradicionais do homem. Proporciona, ao mesmo tempo, a descentralização e a centralização, isto é, os mesmos dados podem ser acessados em diferentes pontos interconectados. Dessa forma, a revolução digital redesenha as competências e habilidades demandadas pela sociedade do conhecimento.

Segundo Campbell (2001 *apud* SONZA, 2003, p.3), desde a invenção da escrita Braille, em 1824, “nada teve tanto impacto nos programas de educação, reabilitação e habilidades profissionalizantes quanto ao recente desenvolvimento da informática para os cegos”. Para a referida autora, “uma pessoa cega pode ter algumas limitações, as quais poderão trazer obstáculos ao seu aproveitamento produtivo na sociedade”. Aponta ainda que grande parte dessas limitações pode ser eliminada através de duas ações: “a educação adaptada à realidade de tais sujeitos e o uso da tecnologia para diminuir as barreiras”. (BORGES, 1996 *apud* SONZA, 2003, p.3)

Como já mencionado, historicamente, a inserção educacional e cultural do deficiente e seu acesso aos registros da informação sempre caminharam à margem das pessoas que não apresentam deficiências.

De acordo com Nunes; Lomônaco (2008), existem poucos estudos na literatura sobre o acesso à informação e ao conhecimento pelos deficientes visuais. Por meio, porém, da leitura e reflexão dos estudos de Coadic (2004), McGarry (1999), Walling (1993) e Brown (2006), pode-se deslumbrar, ao menos, como se concretizou o acesso aos registros do conhecimento pelos deficientes visuais.

Como dito anteriormente e agora demonstrado na Tabela 01, destacamos a diferença temporal quanto à possibilidade de acesso à memória coletiva e a informação entre os deficientes visuais e videntes, partindo da linguagem oral, passando pelo documento tradicional, em tinta e papel, até chegar às outras formas, como a escrita Braille, o áudio e os meios digitais.

Quadro 1

Diferença do acesso à memória coletiva entre deficientes visuais e videntes

Sujeitos	Acesso à memória coletiva Oral	Acesso à memória coletiva Escrita	Acesso à memória coletiva Impressa	Acesso à memória coletiva Digital
Videntes (que enxergam normalmente) (1)	Desde os primórdios da humanidade	1.700a.C. (MCGARRY)	1450d.C., surgimento da imprensa de Gutenberg (MCGARRY)	1981 (primeiro PC) (COADIC)
Deficientes visuais (2)	Desde os primórdios da humanidade	1824d.C.: surgimento da escrita Braille	1893d.C.: surgimento da primeira impressora de Braille (BROWN)	1983 (primeira tecnologia assistiva) (WALLING)
Diferença de anos na possibilidade de acesso aos registros entre (1) e (2)	Não há	Cerca de 3.500 anos	Cerca de 440 anos	Cerca de 2 anos

Fonte: PASSOS, Jeane dos Reis. *A information literacy e o deficiente visual no ensino superior: uma forma de inclusão?*. 2008. 153 f. Relatório de Qualificação (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientadora: Sueli Mara Soares Pinto Ferreira.

Quadro 1 – descrição da tabela (Leitor de Tela) - Diferença do acesso à memória coletiva entre deficientes visuais e videntes

Sujeitos videntes, que enxergam normalmente

Acesso à memória coletiva oral ocorreu desde os primórdios da humanidade

Acesso à memória coletiva escrita ocorreu em mil e setecentos antes de Cristo de acordo com MCGARRY

Acesso à memória coletiva impressa em mil quatrocentos e cinquenta depois de Cristo, surgimento da imprensa de Gutenberg de acordo com MCGARRY

Acesso à memória coletiva digital em mil novecentos e oitenta e um, primeiro PC de acordo com COADIC

Sujeitos deficientes visuais

Acesso à memória coletiva oral ocorreu desde os primórdios da humanidade

Acesso à memória coletiva escrita em mil oitocentos e vinte e quatro depois de Cristo com o surgimento da escrita Braille

Acesso à memória coletiva impressa em mil oitocentos e noventa e três depois de Cristo com o surgimento da primeira impressora de Braille de acordo com BROWN

Acesso à memória coletiva digital em mil novecentos e oitenta e três primeira tecnologia assistiva de acordo com WALLING

Diferença dos anos na possibilidade de acesso aos registros entre videntes e deficientes visuais

Acesso à memória coletiva oral não há

Acesso à memória coletiva escrita, cerca de três mil e quinhentos anos

Acesso à memória coletiva impressa, cerca de quatrocentos e quarenta anos

Acesso à memória coletiva digital. cerca de dois anos

2.10 Cenário socioeconômico e educacional do deficiente visual no Brasil

Como aponta a literatura, se a utilização de recursos tecnológicos torna-se, muitas vezes, necessária e fundamental àqueles que não possuem deficiências, ao lidarmos com pessoas portadoras de algum tipo de deficiência, em especial os deficientes visuais, tal necessidade toma dimensão ainda maior.

Com base nos dados expostos a seguir, podemos inferir que os deficientes estão em considerável desvantagem em relação aos não-deficientes em diversos aspectos.

Podemos citar, por exemplo, a ausência de dados estatísticos oficiais mais específicos sobre o acesso às tecnologias de comunicação e informação e às ferramentas de acessibilidade.

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), globalmente estima-se que existam aproximadamente 600 milhões de deficientes em todo o mundo. Desses, de 40 a 45 milhões de pessoas são cegas e 135 milhões têm baixa visão, 75% são provenientes de regiões de baixo poder socioeconômico. Até o ano 2000, no Brasil, aplicava-se a média mundial de 10%, padronizada pela OMS, para estimar o número de portadores de deficiência leve, moderada ou severa, ou seja, até aquele ano, não existiam dados oficiais coletados pelos organismos governamentais que indicassem o número de deficientes no Brasil.

Damien Hazard (2003) aponta que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incorporou, pela primeira vez, no último Censo, realizado em 2000 no Brasil, perguntas específicas sobre deficiência. Segundo o referido autor, o resultado foi, no mínimo, surpreendente.

A estimativa padrão de 10% da população mundial é composta por deficientes - apontada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em relação à população mundial - e abusivamente aplicada no Brasil na ausência de dados oficiais, indicava, por exemplo, 16 milhões de portadores de deficiência no país e uma população de somente 0,5% de pessoas portadoras de deficiência visual.

No entanto, o censo 2000 aponta que existem 24,5 milhões de pessoas portadoras de deficiência no país, ou seja, 14,5% da população nacional. Desse total, 0,6%, ou, 1,4 milhão de pessoas possui cegueira total, excluindo-se as pessoas com visão subnormal.

Quando comparamos os dados do último censo do IBGE, do ano de 2000, com os dados apresentados pela Organização Mundial de Saúde em relação à população mundial de cegos, inferimos que aproximadamente, 4% da população do planeta - que possui algum tipo de deficiência visual - vivem no Brasil. A Tabela 02 demonstra essa comparação.

Tabela 2

Proporção de deficientes no Mundo e Brasil

População	Deficientes em geral	% de deficientes na população	Cegos	% de cegos no universo dos deficientes
Mundial²²: 6 bilhões	600 milhões	10%	40 a 45 milhões	6,7% a 7,5%
Brasil²³: 180 milhões	24 milhões	14,5 %	1,4 milhão	0,6% ²⁴

Fonte: IBGE;WHO; FGV/IBRE

Tabela 2 – descrição da tabela (Leitor de Tela) - Proporção de deficientes no Mundo e Brasil

De acordo com World Heath Organization, da população mundial de um total de 6 bilhões

Seiscentos milhões são deficientes em geral

Dez por cento são deficientes na população

Quarenta a quarenta e cinco milhões são cegos

Seis virgula sete por cento a sete virgula cinco por cento são cegos no universo dos deficientes

De acordo com o Marcelo Neri, no livro Retratos da deficiência no Brasil, a população do Brasil de um total de cento e oitenta milhões

Vinte e quatro milhões são deficientes em geral

Quatorze virgula cinco por cento são deficientes na população

Um virgula quatro milhões são cegos

²² WORLD HEATH ORGANIZATION. *Up to 45 million blind people globally - and growing*. Disponível em: < <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr73/en/> >. Acesso em: 16/07/2009.

²³ NERI, Marcelo et al. *Retratos da deficiência no Brasil* (PPD). Rio de Janeiro: FGV / IBRE, CPS, 2003.

²⁴ Para Néri, e sua avaliação do Censo 2000 do IBGE, há diferença entre o número de cegos (0,6%) e o número de pessoas com dificuldade de enxergar (57,6%). Este somado ao número de cegos resulta em 13.752.000 pessoas com algum comprometimento visual.

Do ponto de vista socioeconômico, as pessoas com deficiência encontram-se nas camadas mais desfavorecidas da sociedade brasileira e menos atingidas pelas políticas sociais. Dos 9 milhões de pessoas em idade para o trabalho, somente 1 milhão (11%) exercem alguma atividade remunerada.

Como explicita o “Relatório das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica” (BRASIL, 2001), o Brasil fez opção para construção de um “sistema educacional inclusivo”. Essa opção concorda com a “Declaração Mundial de Educação para Todos”, firmada, em Jomtien, na Tailândia, em 1990. Mostramos, também, consonância com os postulados produzidos em Salamanca (Espanha, 1994), na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade. O documento requisita que “deverão ser tomadas as medidas necessárias para conseguir a mesma política integradora de jovens e adultos com necessidades especiais, no ensino secundário e superior, assim como nos programas de formação profissional (ONU, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994)”.

Porém, segundo Hazard (2003), quando olhamos para a educação pública, os números revelam que apenas 580 mil pessoas com deficiência estão matriculadas entre a 1ª e a 8ª série (300 mil em classes regulares e o restante em escolas especiais) em 18.200 escolas espalhadas pelo país.

Pesquisa realizada pela Comissão Civil de Acessibilidade de Salvador (Cocas) e pela Associação Vida Brasil concluiu que a deficiência está ligada ao nível de pobreza. Cerca de 80% da origem das deficiências é de sequela de doenças, problemas na gestação ou partos complicados. A maioria atinge mulheres, afrodescendentes e índiosdescendentes. No Brasil, são mais de 24 milhões de pessoas com deficiência, aproximadamente 11,5 milhões são afrodescendentes.

O que também nos chamou a atenção foi a quantidade de pessoas deficientes na região Norte e Nordeste do país, 16,1% e 16,7%, respectivamente, enquanto no Sudeste o número chega a 12,9%.

No processo de coleta de dados sobre o número de deficientes visuais no Brasil, deparamo-nos com uma situação no mínimo desconfortável e que não poderíamos deixar de apontar neste trabalho.

Não existe um consenso entre as organizações dedicadas aos deficientes visuais, no que diz respeito aos dados demográficos apresentados pelo IBGE. O fato é que no Censo de 2000 foi incorporada a questão da incapacidade, o que resultou nos seguintes itens: alguma dificuldade de enxergar, alguma dificuldade de ouvir, alguma dificuldade de caminhar, grande dificuldade de ouvir, grande dificuldade de enxergar, grande dificuldade de caminhar, incapaz de ouvir, incapaz de caminhar e incapaz de enxergar.

Ao colocar a questão da incapacidade entre seus elementos de coleta, o censo fez com que grande parte da população idosa fosse incluída nesse segmento, visto que muitas dessas dificuldades fazem parte do processo de envelhecimento. Dessa forma, mais da metade das pessoas com mais de 65 anos declarou possuir alguma deficiência ou incapacidade de realizar alguma tarefa. Apesar de adotar os dados do IBGE, relativos à deficiência visual, como base para as nessas análises, aqui fica uma advertência crítica em relação ao processo de coleta desses dados.

Por um lado, de maneira geral, há uma enorme carência de estudos brasileiros sobre a cegueira. Como vimos nos parágrafos anteriores, até pouco tempo atrás, antes do Censo de 2000, observava-se uma grande precariedade e até mesmo a inexistência de dados sobre a deficiência visual no Brasil.

Por outro, as pesquisadoras do Núcleo de Informática na Educação Especial (NIEE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Andréa Sonza e Lucila Santarosa indicam que:

A utilização de recursos tecnológicos nas formas de comunicação e acesso à informação constitui-se, muitas vezes, necessária e fundamental àqueles que possuem alguma deficiência e necessidades educativas especiais... No caso dos deficientes visuais, essas ferramentas permitem-lhes a utilização da maioria dos *softwares* abertos existentes no mercado (...) algo que lhes confere um grau considerável de autonomia. Não apenas autonomia, mas auxílio no processo de ensino-aprendizagem e algumas formas de inclusão começam a vir à tona.(SONZA; SANTAROSA, 2005)

Segundo as autoras, existem atualmente no Brasil vários programas de educação especial para os deficientes visuais. Apesar de apresentarem deficiências, quanto aos recursos em matéria-prima, instalações e pessoas especializadas, tais propostas têm alcançado importantes progressos nas técnicas educacionais empregadas.

Com base nos dados levantados, pode-se inferir que os deficientes estão em considerável desvantagem em relação aos não-deficientes, em diversos aspectos. Entretanto, não se pode negar que as tecnologias de comunicação e acesso à informação alcançaram patamares inimagináveis se compararmos aos oferecidos até poucos anos atrás trazendo vantagens a esses indivíduos em todos os aspectos.

Essas tecnologias precisam ter o suporte de outras ferramentas e aplicativos específicos para os deficientes, as quais chamamos de tecnologias assistivas.

2.11 Tecnologia assistiva

Para acessar a informação, o ser humano nunca se satisfaz com os limites desenvolvidos pelo corpo humano, representados pelos órgãos sensoriais, pelos braços e pernas. Ao contrário, criou ou desenvolveu outros tipos de órgãos tecnológicos para si, por exemplo: o telescópio, para aumentar sua capacidade de visão; o telefone, para aumentar a distância de projeção de sua voz; a imprensa, a biblioteca e o computador, para aumentar a memória. Todos esses “órgãos externos” permitem ao homem aumentar ideias, dados, conhecimentos e que depois recrie novos conhecimentos. Eles foram criados para auxiliar o homem a sobreviver a esse turbilhão de informações disponibilizado pela sociedade atual.

Hoje, os deficientes visuais contam com as tecnologias assistivas que podemos considerar como “órgãos externos” que, possibilitam a comunicação e o acesso à informação e ao conhecimento.

O termo *Assistive Technology*, traduzido no Brasil como Tecnologia Assistiva, foi criado em 1988 como importante elemento jurídico dentro da legislação norte-americana, conhecida como *Public Law 100-407*, que compõe, com outras leis, o ADA - *American with Disabilities Act*²⁵. Esse conjunto de leis regula os direitos dos cidadãos com deficiência nos Estados Unidos, além de prover a base legal dos fundos públicos para a compra dos recursos de que eles necessitam.

De acordo com o Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil (CEDI), “Tecnologia Assistiva” é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão. É

²⁵Disponível em < <http://www.ada.gov/>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

também definida como "uma ampla gama de equipamentos, serviços, estratégias e práticas concebidas e aplicadas para minorar os problemas encontrados pelos indivíduos com deficiências" (COOK, 1995).

No ADA, a Tecnologia Assistiva se compõe de recursos e serviços. Os recursos são todo e qualquer item, equipamento ou parte dele, produto ou sistema fabricado em série ou sob medida, utilizado para aumentar, manter ou melhorar as capacidades funcionais das pessoas com deficiência. Os serviços são definidos como aqueles que auxiliam diretamente uma pessoa com deficiência a selecionar, comprar ou usar os recursos acima referidos.

Há tecnologias caras e complexas, assim como as mais simples, cujas adaptações mais baratas também facilitam a vida. Em 2002, Smith (2002, p.26) descreve que já eram conhecidos mais de 28.000 dispositivos de tecnologia assistiva no mercado cobrindo todos os tipos de deficiência.

No caso da deficiência visual, a autora identificou que, de acordo com o grau de deficiência, temos dois tipos de tecnologia assistiva. A primeira, básica, consiste em ampliador de telas, impressão a tinta (e em letras grandes) e ainda impressão de texto em Braille, mais utilizada para o deficiente que possui visão subnormal. O segundo tipo de tecnologia é mais moderno e avançado: a presença do computador equipado com sintetizador de voz, mais utilizada pelos deficientes que possuem cegueira total.

Como exposto na Tabela 01, o acesso ao *Personal Computer (PC)* pelos deficientes visuais teve um atraso de dois anos apenas, em comparação aos videntes. Esse avanço foi possibilitado pela primeira tecnologia assistiva inventada pelo homem. Se comparado ao tempo de espera pelo deficiente visual, da escrita antiga para a escrita Braille e, da

impressa para a primeira impressão em Braille, esse tempo pode ser considerado relativamente curto.

Não seria lógico abordar o tema da tecnologia sob o enfoque do deficiente visual, sem discorrer, mesmo que de maneira abreviada, sobre questões relativas ao acesso universal e à acessibilidade informacional.

A dimensão dos desafios relacionados à acessibilidade é mais claramente percebida quando temos muito delimitado aquilo que entendemos por “acesso universal”. Para Roy (2005, p.258) nos domínios das tecnologias da informação, o acesso universal faz referências às noções de interoperabilidade (capacidade de trocar e usar informações usualmente em uma rede distribuída), infraestrutura e de acessibilidade.

Raphaël Ntambue (2005, p.142) evidencia a impossibilidade de desenvolver uma sociedade que compartilhe com os esforços de todos, sem infraestrutura nem acesso universal. Para o autor, atualmente, a infraestrutura de comunicação é a condição básica do acesso universal ao saber.

Ntambue (2005, p.144) define acesso universal como a motivação principal, ou melhor, o termo para o qual deverá confluir o processo de implantação das infraestruturas. A noção de acesso universal proposta por esse pesquisador é a da possibilidade para todos os cidadãos do planeta, qualquer que seja seu grau de competência e habilidade digital e sua situação geográfica e socioeconômica, de criar e utilizar de forma autônoma ou por meio de mediação as redes de comunicação e informação, assim como buscar, encontrar e introduzir na internet informações úteis para as suas necessidades e expectativas.

Algumas iniciativas mundiais vêm buscando, ao longo desses anos, a formulação de políticas que garantam o acesso universal a todos os

cidadãos, dentre eles, os deficientes como, por exemplo, o W3C - World Wide Web Consortium, um consórcio mundial fundado em 1994 e formado pelas maiores empresas na área da informática, cuja atividade está centrada no desenvolvimento de normas e padrões para a criação, acessibilidade e interpretação dos conteúdos para internet.

O W3C define acesso universal como sendo a possibilidade para todos os indivíduos de acessar os recursos da web, qualquer que seja seu material ou software, sua rede de infraestrutura, seu idioma materno, sua cultura, localização geográfica ou suas aptidões. Os websites desenvolvidos segundo esses padrões podem ser acessados e visualizados por qualquer pessoa ou tecnologia, independentemente do hardware ou software utilizados.

Assim, como não podemos dissociar a relação interdependente entre infraestrutura e acesso universal, também não podemos dissociar a noção de “acessibilidade informacional” a de acesso universal.

A definição de Krol; Hoffman (1993) de que a internet é "uma coleção de recursos que podem ser acessados a partir de redes" oferece o ponto de partida para a conceitualização de acessibilidade informacional proposta por Dodge (2007). O autor se apóia na possibilidade de acesso aos recursos relevantes e no momento oportuno.

Para Dodge (2007, p.12) essa preocupação advém da ideia de que a internet pode dar acesso a uma vasta coleção de recursos de informação; existem, porém, muitas dimensões importantes, presentes no processo de acessibilidade informacional, que vão além da simples ligação da internet e que precisam ser consideradas e mapeadas.

Segundo o autor, a aparente facilidade com que os usuários podem navegar pela internet esconde a verdadeira dificuldade de entender onde estão disponíveis as informações e de que forma podemos acessá-las.

Faz parte do escopo deste trabalho investigar sobre algumas questões que interferem diretamente no processo de acessibilidade informacional do deficiente visual como, por exemplo, o cenário que se apresenta no nível tecnológico e de acesso aos recursos físicos disponíveis e de conteúdo. Estudo recente realizado por Prado (2008) mostra que 71,07% (317.000.000) dos arquivos disponíveis na web estão em formato “PDF” ²⁶ como demonstrado na Tabela 3.

TABELA 3
Formato de arquivos disponíveis na Rede Mundial

Formato	Número de arquivos na web	%	Fabricante
PDF	317.000.000	71,07	Adobe
DOC	48.300.000	10,83	MS
TXT	32.100.000	7,20	Plaintext
PPT	15.700.000	3,52	MS
XLS	11.900.000	2,67	MS

Fonte: PRADO, Roberto. **Bilhões de documentos na Rede em diversos formatos.**
Disponível em: <http://porta25.technetbrasil.com.br/porta25/BLOG/tabid/53/EntryID/294/Default.aspx>.
Acesso em: 16 jul. 2008.

²⁶ PDF é um formato portátil para documentos (Portable Document Format) desenvolvido por Adobe Systems e muito usado na Internet devido a sua versatilidade, facilidade de uso e tamanho pequeno.

Tabela 3 - descrição da tabela (Leitor de Tela) - Formato de arquivos disponíveis na Rede Mundial

Tabela de formato de arquivos disponíveis na Rede Mundial

Formato PDF

Número de arquivos na web corresponde a trezentos e dezessete milhões

Porcentagem de setenta e um virgula sete

Fabricante Adobe

Formato DOC

Número de arquivos na web corresponde a quarenta e oito milhões e trezentos mil

Porcentagem de dez virgula oitenta e três

Fabricante MS

Formato TXT

Número de arquivos na web corresponde a trinta e dois milhões e cem mil

Porcentagem de sete virgula vinte

Fabricante Plaintext

Formato PPT

Número de arquivos na web corresponde a quinze milhões e setecentos

Porcentagem de três virgula cinqüenta e dois

Fabricante MS

Formato XLS

Número de arquivos na web corresponde a onze milhões e novecentos

Porcentagem de dois virgula sessenta e sete

Fabricante MS

Fonte Roberto Prado em Bilhões de documentos na Rede em diversos formatos disponível no site <http://porta25.technetbrasil.com.br/porta25/BLOG/tabid/53/EntryID/294/Default.aspx> em dezesseis de julho de dois mil e oito

Estudo apresentado por Ferreira e Passos (2009), demonstrado na Tabela 4, evidencia que somente duas das tecnologias assistivas testadas neste trabalho leem “PDF”, sendo eles: o software Jaws que custa US\$ 895,00 (oitocentos e noventa e cinco dólares) e o software NVDA desenvolvido pela Microsoft, m que, apesar de gratuito, ainda apresenta erros em sua execução.

Quadro 2

Relação de Leitores de Tela / Custo

LEITOR	Desenvolvedor	Custo	Lê PDF?
DOSVOX (MONITVOX)	Núcleo de Computação Eletrônica – UFRJ http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/	Nenhum	Não
LEITOR CPQD	CPQD e FUNTTEL http://www.mc.gov.br/	Nenhum	Não
NVDA	Microsoft http://www.nvda-project.org/download.html	Nenhum	Sim
JAWS	Freedom Scientific http://www.freedomscientific.com/fs_products/software_jaws.asp	Sim	Sim

FERREIRA, Sueli Mara Doares Pinto; PASSOS, Jeane dos Reis. *O deficiente visual e a acessibilidade informacional: dos primórdios a era digital*. In: ENANCIB, 10., 2009, João Pessoa. Comunicação Oral. São Paulo: ENANCIB, 2009. p. 1 - 20.

Quadro 2 - descrição da tabela (Leitor de Tela) - Relação de Leitores de Tela / Custo

Leitor DOSVOX MONITVOX

Desenvolvedor Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ

Site <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/>

Custo nenhum

Não lê PDF

Leitor CPQD

Desenvolvedor CPQD e Funttel

Site <http://www.mc.gov.br/>

Custo nenhum

Não lê PDF

Leitor NVDA

Desenvolvedor Microsoft

Site <http://www.nvda-project.org/download.html>

Custo nenhum

Lê em PDF

Leitor JAWS

Desenvolvedor Freedom Scientific

Site http://www.freedomscientific.com/fs_products/software_jaws.asp

Custo sim

Lê em PDF

Analisando os dados apresentados pelos dois estudos, inferimos que temos um problema a ser resolvido. Se mais de 70% dos arquivos disponibilizados na web estão em formato PDF e se somente duas ferramentas de tecnologia assistiva leem PDF, sendo que uma delas não é gratuita, podemos dizer que há um descompasso. Se juntarmos essas informações ao fato de que a deficiência está ligada ao nível de pobreza, esse descompasso torna-se uma barreira de acessibilidade.

Nesse contexto que nos inquieta, acreditamos que a acessibilidade informacional significa uma dimensão fundamental para o bom desempenho educacional, social e cultural dos deficientes, de uma forma geral, e, em especial, os deficientes visuais estudantes do ensino superior.

As ferramentas potencializadas pelas tecnologias assistivas permitem-lhes a utilização da maioria dos *softwares* abertos existentes no mercado. Quando nos referimos aos recursos e serviços que compõem as tecnologias assistivas para os deficientes visuais, podemos fazer uma analogia entre a sobrevivência física e a sobrevivência social. O deficiente visual está vivo, mas não pode estar no mundo se tem somente as ferramentas (recursos). A partir, porém, do momento que ele também tem as competências em informação necessárias e desenvolvidas para utilizar essas ferramentas, para favorecer o seu desenvolvimento e, conseqüentemente, a sua inclusão (serviços), isso significa que ele está no mundo, sobrevivendo na sociedade, inserido nela e de acordo com o seu tempo. Ele vive exatamente em sintonia com o tempo social dessa sociedade.

2.12 O deficiente visual e a educação superior no Brasil

A escassez de pesquisas sobre deficientes visuais é uma realidade. Sentimos muita dificuldade em encontrar na literatura científica brasileira e estrangeira, teses, dissertações, artigos científicos, e trabalho que

abordassem a questão dos deficientes visuais nos mais diversos aspectos, inclusive educacionais. No Brasil, destacamos os pesquisadores Elsie Masini, Maria Lúcia Amiralian, Sylvia da Silveira Nunes, Andréa Poletto Sonza, Lucila Santarosa, Fernanda Bazon, Renata Pacheco, Fabiane Costas, José Oscar Fontanini de Carvalho e Marilza Delpino. Estes dois últimos, por terem desenvolvido trabalhos científicos com maior afinidade com esta pesquisa. Delpino (2004), por sua dissertação de mestrado intitulada *“Facilidades e Dificuldades Encontradas pelos Alunos com Deficiência Visual no seu curso Superior”* e Carvalho (2001), pela tese de doutorado intitulada *“Soluções tecnológicas para viabilizar o acesso do deficiente visual à Educação a Distância no Ensino Superior”*.

Vemos, neste momento, uma oportunidade para declarar que o enfoque sobre a educação, em todos os seus níveis, sobretudo a educação especial e superior, é tema com dimensões amplas e complexas. É impossível, por isso, esgotá-lo em apenas um item; não se pode, porém, deixar de se fazer, mesmo que brevemente, uma descrição evolutiva sobre o acesso do deficiente visual à educação.

No Brasil, as primeiras intenções com a educação de deficientes teve início no século XIX, inspirada nas experiências da Europa e Estados Unidos. Segundo Pacheco & Costas (2006, p.153) nos dizem, a evolução na Educação Especial brasileira aconteceu em dois períodos: “de 1854 a 1956 onde se destacam as iniciativas oficiais e particulares isoladas, e em 1957 a 1993, quando aparecem as iniciativas oficiais de âmbito nacional”.

Em artigo publicado em 1993, Elcie Masini faz uma retrospectiva histórica sobre a educação do deficiente visual. A autora nos conta que, em 1854, o imperador Pedro II baixou o Decreto Imperial que criou o “Imperial Instituto de Meninos Cegos” sendo essa a primeira iniciativa a favor dos deficientes visuais no Brasil. Após a chegada da República, passou a denominar-se “Instituto Benjamin Constant”, que era, até 1926,

a única instituição encarregada da educação de deficientes visuais no Brasil. Em 1927 fundou-se, em São Paulo, “o Instituto para Cegos “Padre Chico”¹, que adquiriu personalidade jurídica em 1928, sendo então reconhecido como de utilidade pública estadual e federal, entre 1960 a 1968, respectivamente” (MASINI, 1993, p.62). Até hoje, o “Padre Chico” opera em favor dos deficientes visuais com dignidade. A autora ainda nos diz que,

Em 1950, em caráter experimental, foi instalada nas escolas comuns a la classe Braille do Estado de São Paulo. Sua oficialização se deu em 1953, pela Lei nº 2.287, regulamentada pelo Decreto nº 26.258, de 12/08/56. Nessa mesma década se admitiu a matrícula do aluno cego no 2º ciclo do curso secundário e o Conselho Nacional de Educação permitiu oficialmente o ingresso de estudantes cegos em Faculdades de Filosofia. A frequência em escolas comuns ampliou-se e não deixou dúvidas quanto à possibilidade de ajustamento social do aluno DV e em nível satisfatório de seu desempenho de aprendizagem. (MASINI, 1993, p.63)

Modernamente, perspectivas da inclusão no ensino superior estão fundamentadas em normas estabelecidas pelo Governo e que visam atender, no sistema de ensino, pessoas com necessidades educacionais especiais.

De acordo com Pacheco; Costas (2006, p.4), o Brasil fez opção pela construção de um sistema educacional inclusivo ao concordar com a Declaração Mundial de Educação para Todos, firmada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, e ao mostrar consonância com os postulados

produzidos em Salamanca (Espanha, 1994) na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade.

Masini; Bazon (2008), em artigo sobre a inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior, apontam que,

[] a premência de medidas referentes às condições necessárias para a inclusão de alunos com deficiências, no ensino regular, tem desencadeado pesquisas sobre a inclusão, sob diferentes perspectivas [] contudo, referente ao ensino superior, com exceção da pesquisa de Mestrado de Delpino (2004) não temos conhecimento de qualquer investigação específica sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência no ensino superior. (MASINI; BAZON, 2008, p.1)

Tendo como base o exposto pelos pesquisadores citados no primeiro parágrafo deste item, as questões relacionadas ao deficiente visual, estudante no ensino superior, estão centradas na atitude não inclusiva e na falta de conhecimento da população acadêmica em relação ao deficiente visual.

Segundo o Censo escolar do Ministério da Educação – MEC,²⁷ do total de 1,2 milhão de deficientes visuais brasileiros, 3.485 cursam o ensino fundamental 1²⁸, e 28.773 cursam o ensino fundamental 2²⁹ e apenas 920 cursam o ensino superior. Esses números trazem uma preocupação com o deficiente visual no acesso à educação, sobretudo ao ensino superior.

²⁷Disponível em <http://www.vivo.com.br/institutovivo/vivo_voluntario_-_deficiencia_visual.php> Acesso em : 09 ago. 08.

²⁸ 1º ao 5º ano escolar.

²⁹ 6º ao 9º ano escolar.

Como se pode constatar, a partir da revisão de literatura, o acesso educacional do deficiente visual à educação sempre foi marcado por dificuldades e superações.

Masini (1993, p.68) em artigo sobre a educação do portador de deficiência visual aponta que “os problemas nascem da atitude dos pais videntes em relação à criança cega, de situações sociais, da inadequação do ensino”.

Inferimos que as situações apontadas por Masini acompanham o processo educacional do deficiente visual até a educação superior, pois segundo Delpino (2004, p.116) “a inclusão do deficiente visual na universidade perpassa questões extremamente delicadas que superam e muito as questões meramente físicas [] reside especialmente na maneira como o deficiente é visto e tratado”.

Sabemos que há outros obstáculos enfrentados pelo estudante deficiente visual, como barreiras relacionadas à infraestrutura universitária que também terão que ser enfrentadas, porém segundo Delpino (2004, p.25) “fica evidenciado que a pessoa deficiente visual tem plenas condições de desenvolvimento desde que sejam consideradas suas especificidades de perceber e relacionar-se”.

O foco da nossa pesquisa é mapear o padrão de busca e uso da informação dos deficientes visuais que tenham ingressado ou que sejam egressos do ensino superior no processo de construção de trabalhos acadêmicos. Atualmente todo processo de pesquisa acadêmica está fortemente apoiada pela internet. Mesmo com todos os percalços

enfrentados pelos deficientes visuais, a revolução da internet, apoiada por inúmeras tecnologias assistivas, também está fortemente presente em seu desenvolvimento acadêmico.

Esta nova era requer também o desenvolvimento de habilidades e competências específicas para lidar com essa nova forma de aprender e conhecer, buscar, acessar e utilizar a informação de forma autônoma e consciente.

Consideramos este, um momento propício para se discorrer sobre a *Information Literacy* e o deficiente visual.

2.13 A *Information Literacy* e os deficientes visuais: um caminho para a autonomia?

Realizamos um levantamento quantitativo na literatura nacional e internacional abrangendo o período de 2000 a 2010. Utilizamos o Portal de Periódicos da CAPES³⁰ e realizamos a metabusca selecionando duas áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Ciências sociais aplicadas. Além disso, planejamos o cruzamento de termos que cobrissem um espectro maior de possibilidades, como por exemplo: *Information Literacy x blind people*, *Information Literacy x visually handicapped* ou *visually handicap* e *Information Literacy x non-visual users*.

Não identificamos nenhum trabalho científico que abordasse o tema proposto por esta pesquisa que, em seu resultado final pretendesse apresentar um elenco de possíveis ações, para que os envolvidos no

³⁰ Pesquisa realizada no dia 15 de março de 2010.

processo educacional do deficiente visual, sobretudo na educação superior, possam definir ações necessárias ao desenvolvimento ou promoção de programas de *Information Literacy* específicos para deficientes visuais, com o intuito de torná-los competentes em informação.

Como já foi mencionado anteriormente, McGarry induz que a informação é captada através dos cinco sentidos: visão, audição, tato, gustação e olfato. A permuta desses cinco sentidos com o mundo exterior possibilita ao homem fazer escolhas e modificar o próprio conhecimento. E quando falta um desses sentidos? De que forma o homem capta a informação? Será que há prejuízo no acesso à informação e ao conhecimento? E as dificuldades enfrentadas nos processos que envolvem a busca e o uso da informação? Tais questionamentos instigam este trabalho de doutorado na tentativa de encontrar respostas.

Conforme apontado na dissertação de mestrado apresentada por Passos (2004, p.23), a informação só tem valor quando pode ser incorporada pelo maior número possível de pessoas, de forma a ser transformada em conhecimento que leve ao enriquecimento individual e da própria organização onde ela se insira. A partir do momento em que a informação se torna acessível, transforma-se num fator de desenvolvimento de cidadania e crescimento pessoal de cada um, da sua comunidade e da sociedade como um todo.

Considerando o nosso entendimento de que

- a *Information Literacy* compreende além da capacitação no uso das ferramentas, recursos e fontes de informação, a preparação do indivíduo para realizar os mais diversos processos investigativos, nas

mais distintas modalidades de trabalhos, atendendo e servindo a diferentes níveis de profundidade, de exigência e de conhecimento.

Considerando que a *Information Literacy* enquanto processo tem como objetivo formar indivíduos que

- saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão;
- conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma efetiva e eficaz;
- avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos;
- usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais;
- considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, observando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência;
- sejam aprendizes independentes;
- aprendam ao longo da vida. (DUDZIAK, 2001, p.143)

Considerando que

- a acessibilidade informacional significa uma dimensão fundamental para o bom desempenho educacional, social e cultural dos deficientes visuais.

Concluimos que a *Information Literacy* apresenta-se como um recurso facilitador que pode trazer novas possibilidades de inclusão dos deficientes visuais na sociedade, sobretudo o estudante da educação superior, uma vez que esse processo trata do desenvolvimento de habilidades fundamentais para que a pessoa em foco obtenha sucesso na sociedade da informação, permitindo-lhe uma relação contínua com o universo informacional e, dessa forma, realizar, de maneira autônoma, uma aprendizagem, em diversos aspectos, ao longo da vida.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Atualmente prefiro olhar ao vivo. Isso é muito importante. Não devemos falar a língua dos outros, nem utilizar o olhar dos outros, porque, nesse caso, existimos através do outro. É preciso tentar existir por si mesmo.

(Eugen Bavcar, cego, fotógrafo e filósofo francês)

Esta pesquisa pretende acompanhar, daqui por diante, como se comportamento do deficiente visual diante dos processos de busca e uso da informação, especificamente no ensino superior, nesta Sociedade da Informação, notadamente marcada pela apropriação e domínio das tecnologias de comunicação e informação.

O foco da pesquisa não é estudar, em si, as tecnologias da informação, embora se reconheça que elas são imprescindíveis ao deficiente visual quando do acesso à informação, sobretudo, no ambiente digital.

O nosso foco é entender que necessidades se apresentam aos deficientes visuais no processo de busca e uso da informação para construção de trabalhos acadêmicos.

3.1 Delineamentos do método

Do ponto de vista de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa é um estudo exploratório, que recorreu ao método de estudo de usuário,

como forma de analisar o comportamento dos deficientes visuais no processo de busca e uso da informação, no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, para compreender que necessidades se apresentam a esses sujeitos nesse processo. Assim, deverá ser mapeado o conjunto integrado de habilidades a serem desenvolvidas pelo deficiente visual para que ele possa lidar com esse imenso e caótico volume de informações disponíveis em ambientes informacionais, sobretudo, em ambientes digitais.

Trouxemos para este capítulo, a reflexão de Maria Cecília de Souza Minayo (2004) sobre pesquisa qualitativa na área de Ciências Sociais:

Pesquisa é a atividade básica das Ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 2004, p.23)

Sobre a pesquisa qualitativa Minayo (2004, p.21), aponta que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo e que a realidade social só se apreende por aproximação.

No Brasil, de acordo com Campello (2009, p.92), embora predominem, nas pesquisas, as abordagens quantitativas, pode-se constatar crescente preocupação com o uso de metodologias qualitativas.

No artigo intitulado “Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados”, onde aborda a trajetória histórica de estudo de usuários, Baptista; Cunha (2007) dizem que “a pesquisa qualitativa focaliza a sua atenção nas causas das reações dos usuários da informação e na resolução do problema informacional”, além de enfocar os aspectos subjetivos da experiência e do comportamento humano. Segundo os

autores, os estudiosos do comportamento de busca da informação passaram a utilizar as abordagens qualitativas em oposição às quantitativas, quando perceberam que as pesquisas com métodos quantitativos “não contribuíam para a identificação das necessidades individuais e para a implementação de sistemas de informação adequados a essas necessidades” e completam afirmando que

A pesquisa qualitativa focaliza a sua atenção nas causas das reações dos usuários da informação e na resolução do problema informacional, ela tende a aplicar um enfoque mais holístico do que o método quantitativo. Além disso, ela dá mais atenção aos aspectos subjetivos da experiência e do comportamento humano. (BAPTISTA; CUNHA, 2007)

A partir das inferências feitas pelos autores citados acima, deduzimos ser a abordagem qualitativa a mais apropriada para a nossa investigação, uma vez que, como aponta Gurvitch (1955 *apud* MINAYO, 2004, p.21), a realidade tem camadas e a grande tarefa do pesquisador é de apreender além do visível, “do morfológico e do ecológico”, os outros níveis que interagem e tornam o social tão complexo.

Já o propósito do estudo exploratório justifica-se pelo fato de a nossa tese tratar de um tema pouco pesquisado, a respeito do qual não conseguimos identificar referenciais teóricos significativos.

Geralmente, é feita a escolha dessa metodologia de pesquisa está associada à falta de uma teoria explicativa consistente, e o resultado dos dados levantados, com a utilização dela permite apreender “com a maior fidelidade possível o pensamento dos pesquisados, evitando o tipo de viés que um questionário preparado com conceitos retirados da literatura poderia induzir” (BECKER *et al.*, 2001, p.571).

O estudo exploratório, de acordo com Gil (1999, p.43), está relacionado ao “desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos e ideias, podendo ter em vista a formulação de problemas mais precisos”.

3.2 Estudo de Usuário

Com base nos estudos de Wilson (2000), as autoras Batista; Cunha (2007) concluem que a percepção dos pesquisadores sobre a natureza social da Ciência da Informação motivou a realização de estudos sobre os fenômenos da busca da informação com a ajuda das teorias das Ciências Sociais.

Foi a partir desse entendimento que o comportamento da busca da informação passou a ser estudado com o apoio das teorias da Sociologia e Antropologia. Wilson (2000) sintetiza as vantagens da pesquisa qualitativa para a compreensão do processo de busca da informação para o usuário:

“[] tem-se um melhor entendimento do usuário para a projeção de serviços de informação mais efetivo e um melhor entendimento para a criação de teorias sobre comportamento e uso da informação” (WILSON, 2000 *apud* BAPTISTA; CUNHA, 2007)).

Trabalhando numa abordagem qualitativa, esta pesquisa escolheu o estudo de usuário e elege, como referencial, o modelo de *Information Literacy* (competência informacional) desenvolvido por Carol Kuhlthau denominado *Information Search Process* – ISP, nos seguintes processos: no

desenvolvimento dos instrumentos de coleta, no processo de coleta propriamente dito e na análise dos dados coletados.

O Modelo Kuhlthau, *Information Search Process* – ISP descreve o processo de busca de informação sob a perspectiva do usuário. Para a autora, esse é um processo de busca por algo que faça sentido, que tenha significado, e que não se limite, simplesmente, a localizar e reproduzir informações.

Portanto, o processo de busca de informação proposto pela autora, abrange, além da experiência de vida de cada pessoa, também pensamentos, sentimentos e atitudes que podem ser expressos por ações e estratégias.

Baseada nos estudos publicados por Kuhlthau (2003, 1999); Dudziak (2001), Hatschbach (2002), Campello (2009), Abe (2009), Souto (2008) e Mata (2009), fizemos um breve histórico sobre o modelo de *Information Literacy* desenvolvido por Kuhlthau cuja ênfase está no uso da informação para o trabalho de pesquisa.

Sustentada na concepção de *sense-making*, Kuhlthau defende que a busca de informação “é um processo de fazer sentido (*sense-making*), no qual o indivíduo está formando um ponto de vista particular, a partir do conhecimento que já possui” (ABE, 2009, p.45).

Kuhlthau desenvolveu o *Information Search Process* - ISP a partir da teoria de George Kelly, Nicholas Belkin e Robert Taylor. De acordo com Abe (2009), de Kelly, cuja teoria denominada *Personal Construct Theory*, em que o autor descreve as experiências afetivas dos indivíduos no processo de construir significados a partir da informação que encontram, Kuhlthau extraiu as bases para explicar os aspectos cognitivos e afetivos envolvidos no processo de busca de informação.

A partir da teoria de Belkin, denominada *Anomalous State of Knowledge (ASK)*, Kuhlthau faz uso do conceito de necessidade de informação, que pode ser compreendido como a lacuna entre o conhecimento do usuário a respeito de um problema ou tópico particular e aquilo que precisa saber para resolvê-lo.

Taylor cujos estudos explicam o processo cognitivo do usuário em uma situação de busca de informação defende que nos estágios iniciais de identificação de necessidades de informação, é mais habitual que os indivíduos formulem as suas necessidades sob a forma de questões relacionadas aos conhecimentos que possuem. (ABE, 2009 p.45-46)

Fundamentada nessas teorias, Kuhlthau desenvolveu o seu modelo conceitual. A autora identificou os aspectos cognitivos e afetivos que acompanham os indivíduos em seis estágios de seu processo de busca de informação: início, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação, descrevendo os sentimentos, pensamentos e ações que acompanham cada um desses estágios:

Fase 1- Iniciação:

Preparação para a decisão do tópico. Nessa fase há o reconhecimento de que será necessária informação para resolver um problema;

Fase 2- Seleção

Decidir o tópico geral que será investigado;

Fase 3- Exploração

Investigar a informação sobre o tópico geral com o objetivo de formar um foco;

Fase 4- Formulação

Formar o foco a partir da informação encontrada;

Fase 5- Coleta

Buscar e reunir a informação pertinente ao foco definido;

Fase 6- Apresentação

Concluir a busca pela informação e apresentar os resultados.

Para Kuhlthau (1999), as pessoas vivenciam o processo de busca de informação de forma holística, com interação de pensamentos, sentimentos e ações. Os estudos desenvolvidos pela autora foram os primeiros a investigar os aspectos afetivos, ou sentimentos de uma pessoa, no processo de busca de informação, juntamente com os aspectos mais comumente estudados: o cognitivo e o físico.

Quadro 3 – Modelo *Information Literacy* Kuhlthau – Comportamento de busca e uso da informação

FASE	TAREFA	PENSAMENTO	SENTIMENTO	AÇÃO ESTRATÉGIA
1 Iniciação	Reconhecer a necessidade de informação	Concentrado no trabalho proposto. Relação com experiências anteriores.	Incerteza Apreensão Confusão	Iniciar leituras Identificar pessoas para ajudá-lo
2 Seleção	Decidir o tópico geral que será investigado	Escolher um tema com potencial de sucesso	Dúvida Incerteza Euforia	Consultar mediadores de informação Levantamento de informações
3 Exploração	Investigar a informação sobre o tópico geral com o objetivo de formar um foco	Tornar-se informado Identificar possíveis focos	Incerteza Confusão Dúvida	Localizar informação relevante Ler para aprender sobre o foco
4 Formulação	Formar o foco a partir da informação encontrada	Caracterizado pelo <i>insight</i>	Otimismo Confiança	Formular um foco ou ponto de vista pessoal
5 Coleta	Buscar e reunir a informação pertinente ao foco definido	Reunir informação pertinente	Confiança na habilidade de completar a tarefa	Realizar busca compreensiva de vários tipos de materiais (periódicos, livros de referência)
6 Apresentação	Concluir a busca pela informação e apresentar os resultados	Identificar necessidade de qualquer informação adicional	Alívio Satisfação	Confirmar informação e citações bibliográficas

Modelo Kuhlthau - descrição da tabela (Leitor de tela) -
Modelo *Information Literacy* Kuhlthau – Comportamento de busca e uso da informação

Primeira fase de iniciação

A tarefa é reconhecer a necessidade de informação

Pensamento concentrado no trabalho proposto e a relação com experiências anteriores

Sentimento de incerteza, apreensão e confusão

Ação estratégica consiste em iniciar leituras e identificar pessoas para ajudá-lo

Segunda fase de seleção

A tarefa é decidir o tópico geral que será investigado

Pensamento de escolher um tema com potencial de sucesso

Sentimento de dúvida, incerteza e euforia

Ação estratégica é consultar mediadores de informação e levantamento de informações

Terceira fase de exploração

A tarefa é investigar a informação sobre o tópico geral com o objetivo de formar um foco

Pensamento de tornar-se informado e identificar os possíveis focos

Sentimento de incerteza, confusão e dúvida

Ação estratégica é localizar informações relevantes e ler para aprender sobre o foco

Quarta fase de formulação

A tarefa é formar o foco a partir da informação encontrada

Pensamento caracterizado pelo insight

Sentimento de otimismo e confiança

Ação estratégica é formular um foco ou ponto de vista pessoal

Quinta fase de coleta

A tarefa é buscar e reunir a informação pertinente ao foco definido

Pensamento é reunir informações pertinentes ao foco

Sentimento de confiança na habilidade de completar a tarefa

Ação realizar busca compreensiva em diversos materiais

Sexta fase de apresentação

A tarefa é concluir a busca pela informação e apresentar os resultados

Pensamento identificar necessidade de informação adicional

Sentimento de alívio e satisfação

Ação estratégica é confirmar informações e citações bibliográficas

3.3 Sujeitos da pesquisa

Em primeiro lugar, queremos ressaltar que os sujeitos desta pesquisa foram selecionados a partir de informações contidas nas bases de dados de usuários do Espaço Braille do Centro Universitário Senac-SP, da Fundação Dorina Nowill Para Cegos e de indicação dos próprios sujeitos participantes da pesquisa.

Originalmente, projetamos para esta pesquisa entrevistas com deficientes visuais que tivessem ingressado ou que fossem egressos do ensino superior paulista de IES públicas ou privadas.

Inicialmente, delimitamos a participação desses sujeitos àqueles que tivessem concluído o ensino superior há pelo menos um semestre anterior à data da entrevista. Outra exigência era que o sujeito já tivesse concluído o desenvolvimento do TCC. Porém, após consultar as bases de usuários tanto do espaço Braille do Centro Universitário Senac-SP quanto da Fundação Dorina Nowill, concluimos que essa delimitação restringiria sobremaneira esta população, em razão de serem poucos os deficientes visuais que satisfaziam o perfil definido em um primeiro momento.

Decidimos, então, ampliar o espectro do perfil e incluir nesse grupo estudantes que ainda estavam cursando o ensino superior e pudessem relatar as suas experiências no processo de desenvolvimento de trabalhos acadêmicos nas disciplinas que estavam cursando. Após nova consulta às bases de usuários descritas no parágrafo anterior, constatamos que o número de possíveis sujeitos que se enquadravam nessa nova configuração aumentou consideravelmente.

Por fim, determinamos que o perfil dos sujeitos para esta pesquisa deveria atender as seguintes características:

- Ser deficiente visual com perda de visão total ou com visão subnormal;
- Ser ingresso ou egresso do ensino superior paulista de IES públicas ou privadas;
- Ter desenvolvido trabalhos acadêmicos nas disciplinas cursadas ou em curso, trabalhos de conclusão de curso (TCC), monografias, dissertação de mestrado ou tese de doutorado;

3.4 Características dos sujeitos da pesquisa

Após definido o perfil dos sujeitos, realizamos uma pesquisa nas bases de usuário do espaço Braille do Centro Universitário Senac-SP e da Fundação Dorina Nowill. A intenção era obter uma relação de sujeitos que atendessem as características estabelecidas para nossa pesquisa.

Respeitando as questões que envolvem confidencialidade de dados, os sujeitos identificados pela Fundação Dorina Nowill foram contatados pela própria Fundação assim como os selecionados a partir da base de usuários do espaço Braille do Centro Universitário Senac-SP foram contatados pelos funcionários responsáveis por esse espaço.

Nas duas abordagens foi seguido o seguinte percurso:

- Elaboramos uma carta descrevendo os objetivos e os responsáveis pela pesquisa, bem como os convidando a tomar parte da mesma, evidenciando a importância da participação de cada um no sentido de podermos construir juntos algo que pudesse minimizar as dificuldades enfrentadas por esses sujeitos.
- Essa carta foi enviada pro e-mail para todos os selecionados, uma vez que todos têm acesso ao computador e à Internet, sendo esta se não o principal, um grande veículo de comunicação dos sujeitos entrevistados.
- Após aceitarem a participação e mediante autorização da Fundação Dorina Nowill, entramos em contato com os sujeitos por telefone e por e-mail com a finalidade de agendarmos as entrevistas. Os entrevistados deveriam atender a todos os critérios de qualificação para que pudessem fazer parte do estudo.

Ao todo, foram convidados 16 participantes, destes, 11 responderam afirmativamente e participaram da pesquisa, sendo que um deles foi selecionado para o pré-teste. Salientamos que a nossa intenção, ao selecionarmos os sujeitos que foram convidados inicialmente, era possibilitar um equilíbrio na amostra do ponto de vista da representação das modalidades existentes no ensino superior, graduação, pós-graduação e extensão universitária.

O quadro a seguir possibilita uma visão panorâmica dos sujeitos entrevistados:

Quadro 4 – Perfil dos Sujeitos entrevistados

SUJEITO	SEX O	CURSO	TIPO DO CURSO	PERÍODO/ANO CONCLUSÃO	IES	TIPO TRABALHO		GRAU DEFICI- ÊNCIA VISUAL
A1	Masc	Direito	Graduação	Cursando 9º Semestre	UMSBC	TCD	Individual	Ficou cego aos 18 anos
A2	Fem.	Relações Públicas	Graduação	Cursando 7º Semestre	UNISA	TCD	Grupo	Cega de nascença
A3	Masc	Historia	Graduação	Cursando 4º Semestre	Unisantana	TCD	Individual	Ficou cego aos 28 anos
G1	Masc	Direito	Graduação	Conclusão 2008	UMSBC	TCC	Individual	Ficou cego aos 6 anos
G2	Fem.	Pedagogia	Graduação	Conclusão 2008	UNIESP	TCC	Grupo	Ficou cega aos 10 anos
G3	Masc	Direito	Graduação	Conclusão 2008	USC	TCC	Individual	Cego de nascença
G4	Masc	Tecnólogo em Redes	Graduação	Conclusão 2008	UMSBC	TCC	Grupo	Cego de nascença
G5	Fem.	Direito	Graduação	Conclusão 2002	UMC	TCC	Individual	Ficou cega aos 23 anos
M1	Masc	Direito	Mestrado	Conclusão 2007	PUC SP	Dissertação		Cego de nascença
M2	Masc	Ciências Sociais	Mestrado	Cursando Depósito mai/2010	USP	Dissertação		Visão subnormal nascença, cego aos 24 anos

Sujeitos entrevistados - descrição da tabela (Leitor de tela) - Perfil dos Sujeitos
entrevistados

Nono sujeito A2

Sexo feminino

Cursando o sétimo semestre de Graduação em Relações Públicas na instituição UNISA

Trabalho de conclusão em grupo

É cega de nascença

Sexto sujeito A1

Sexo masculino

Cursando o nono semestre de Graduação em Direito na instituição Metodista

Trabalho de conclusão de curso individual

Ficou cego aos dezoito anos

Quinto sujeito A3

Sexo masculino

Cursando o quarto semestre de Graduação em História na instituição Unisantana

Trabalho de conclusão de curso individual

Ficou cego aos vinte e oito anos

Primeiro sujeito G1

Sexo masculino

Concluiu a Graduação em Direito no ano de dois mil e oito na instituição UMSBC

Trabalho de conclusão de curso individual

Ficou cego aos seis anos

Segundo sujeito G2

Sexo feminino

Concluiu a Graduação em Pedagogia no ano de dois mil e oito na instituição UNIFESP

Trabalho de conclusão de curso em grupo

Ficou cega aos dez anos

Terceiro sujeito G3

Sexo masculino

Concluiu a Graduação em Direito no ano de dois mil e oito na instituição USC

Trabalho de conclusão de curso individual

É cego de nascença

Sétimo sujeito G4

Sexo masculino

Concluiu a Graduação do curso de Tecnologia em Redes no ano de dois mil e oito na instituição Metodista

Trabalho de conclusão em grupo

É cego de nascença

Oitavo sujeito G5

Sexo feminino

Concluiu a Graduação em Direito no ano de dois mil e dois na instituição UMC

Trabalho de conclusão de curso individual

Ficou cega aos vinte e três anos

Décimo sujeito M1

Sexo masculino

Concluiu o Mestrado em Direito no ano de dois mil e sete na instituição PUC SP

Dissertação

É cego de nascença

Quarto sujeito M2

Sexo masculino

Cursando o Mestrado em Ciências Sociais com o ano de conclusão em maio de dois mil e dez na instituição USP

Dissertação - Visão subnormal de nascença e cego aos vinte e um anos

Fazendo uma síntese das características dos sujeitos pesquisados, observamos que a maioria dos entrevistados 70%(07) são do sexo masculino e 30%(3), do sexo feminino. Chamou-nos a atenção o fato de que 50% (5) dos entrevistados optaram pelo curso de Direito. Outro dado que destacamos é que 20%(2) dos participantes deram continuidade à sua formação superior em cursos de mestrado e os dois relataram que pretendem fazer o doutorado.

Constatamos, também, que 70%(7) estudam em universidades privadas e apenas 30%(3), em universidade pública. Esses dados seguem um padrão da realidade do Brasil apontado pelo Portal Aprendiz que nos informa que apenas “27% dos universitários brasileiros frequentam faculdades públicas, número bastante inferior a países como México (66%) e Argentina (75%). Depois do Brasil, a menor porcentagem é de El Salvador (34%)”. Prosseguindo as nossas observações, constatamos que 70%(7) sujeitos desenvolveram seus trabalhos acadêmicos individualmente e 30%(3) em grupo. No momento da entrevista todos os sujeitos apresentavam perda de visão total.

3.5 Instrumento para coleta de dados

Uma vez que o método escolhido para essa pesquisa foi o estudo de usuário, o instrumento proposto foi a entrevista semiestruturada. A entrevista na pesquisa social pode ser semiestruturada como aponta Minayo (2004, p.121). Segundo autora ela pode ser feita “verbalmente ou por escrito, mas tradicionalmente incluem a presença ou interação direta” entre o pesquisador e os sujeitos entrevistados “e são complementadas por uma prática de observação do participante”.

Para Boni e Quaresma (2005),

as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75)

Optamos por esse instrumento de coleta de dados pelo fato de o mesmo representar, senão o melhor, mas o mais apropriado para explorar a complexidade das realidades pesquisadas, além de possibilitar uma interação maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite àquele tocar em assuntos mais complexos e delicados, verticalizar e incluir novos assuntos, transcorridos da necessidade sentida durante a entrevista.

3.6 Procedimentos da coleta dos dados e o pré-teste

Inicialmente, elaboramos o roteiro da entrevista tendo como referencial o modelo de *Information Literacy* (competência informacional) desenvolvido por Carol Kuhlthau denominado *Information Search Process* – ISP. Elaboramos esse roteiro de tal forma que, mesmo semiestruturado e possibilitando outras abordagens no decorrer da entrevista, nos assegurasse que os aspectos cognitivos e afetivos previstos nas fases do modelo Kuhlthau pudessem ser tratadas.

Após a construção do roteiro de entrevista, realizamos o pré-teste com o *Sujeito*¹¹, para avaliar se as questões formuladas atendiam as necessidades de informação para esta pesquisa bem como para que pudéssemos testar a habilidade de entrevistar e assim corrigir possíveis deslizes nos procedimentos. Salientamos que a entrevista do pré-teste não foi considerada para análise dos dados.

Quadro 5 – Características do sujeito que realizou o pré-teste

SUJEITO	SEXO	CURSO	TIPO DO CURSO	PERÍODO/ ANO CONCLUSÃO	IES	TIPO TRABALHO		GRAU DEFICIÊNCIA A VISUAL
11	Masc	Jornalismo	Graduação	Cursando 5º Semestre	UMSBC	TCD	Grupo	Cego de nascença

Sujeito pré-teste - descrição da tabela (Leitor de Tela) - Características do sujeito que realizou o pré-teste

Décimo primeiro sujeito

Sexo masculino

Cursando o quinto semestre de Graduação em Jornalismo na instituição Metodista

Quadro 6 – Roteiro de entrevista semi-estruturado

Roteiro entrevista não estruturado	Corresponde Modelo Kuhlthau
Fale sobre o ultimo trabalho acadêmico que você desenvolveu. Desde o início você compreendeu a tarefa proposta? O que te ajudou a compreender a tarefa? Que sentimentos você experimentou quando o professor deu as primeiras orientações sobre o trabalho?	Fase 1- Iniciação: Preparação para a decisão do tópico. Nesta fase há o reconhecimento de que será necessária informação para resolver um problema;
Como você decidiu sobre o tema do seu trabalho? O que vc estava buscando? Foi prático? Foi teórico? O que fez para chegar ao esse tema? Que critérios você utilizou? Quem te ajudou nessa etapa?	Fase 2- Seleção: Decidir o tópico geral que será investigado;
Que estratégias utilizou para informar-se sobre o tema escolhido e encontrar possíveis focos? Como localizou informações que pudessem ampliar o seu conhecimento sobre o tema? Como foi o resultado em termos de abrangência, cobertura? Quem te ajudou nessa etapa?	Fase 3- Exploração: Investigar a informação sobre o tópico geral com o objetivo de formar um foco;
Me fale como você formulou o foco da seu trabalho. Como você formulou a questão central da sua pesquisa? Quem te ajudou nessa etapa? sentimentos você experimentou?	Fase 4- Formulação: Formar o foco a partir da informação encontrada;
Onde você foi buscar a informação sobre o foco definido? Que dificuldades sentiu do ponto de vista de acesso a fontes de informação, acesso aos conteúdos e as tecnologias disponíveis no processo de coleta? Que fontes usou? Como selecionou o que era realmente relevante? Como foi seu processo de leitura e análise do material que vc selecionou? De que forma organizou as idéias principais extraídas das informações recolhidas? Quem te ajudou nessa etapa? Como organizou todo o seu material? Como registrava as informações úteis que encontrava nos textos que estava lendo?	Fase 5- Coleta: Buscar e reunir a informação pertinente ao foco definido;
Após a leitura e organização das idéias como você “juntou todas as informações para produzir seu texto? O que você achou mais difícil na sua busca? Você conseguiu sintetizar o a questão central da sua pesquisa? Como foi apresentado o seu trabalho do ponto de vista formal? Normas técnicas, direitos autorais, ou seja, todas as dimensões dos aspectos éticos e legais que envolvem a utilização da informação? Fez apresentação oral? Como você se sentiu após a conclusão do seu trabalho?	Fase 6- Apresentação: Concluir a busca pela informação e apresentar os resultados.

Roteiro de entrevista - descrição da tabela (Leitor de Tela) - Roteiro de entrevista semi-estruturado

Primeira fase de iniciação correspondente ao Modelo Kuhlthau

Consiste na preparação para a decisão do tópico

Nesta fase há o reconhecimento de que será necessária informação para resolver um problema

Roteiro de entrevista não estruturado

Fale sobre o último trabalho acadêmico que você desenvolveu

Desde o início você compreendeu a tarefa proposta?

O que te ajudou a compreender a tarefa?

Que sentimentos você experimentou quando o professor deu as primeiras orientações sobre o trabalho?

Segunda fase de seleção correspondente ao Modelo Kuhlthau

Decidir o tópico geral que será investigado

Roteiro de entrevista não estruturado

Como você decidiu sobre o tema do seu trabalho?

O que você estava buscando?

Foi prático?

Foi teórico?

O que fez para chegar ao esse tema?

Que critérios você utilizou?

Quem te ajudou nessa etapa?

Terceira fase de exploração correspondente ao Modelo Kuhlthau

Investigar a informação sobre o tópico geral com o objetivo de formar um foco

Roteiro de entrevista não estruturado

Que estratégias utilizou para informar-se sobre o tema escolhido e encontrar possíveis focos?

Como localizou informações que pudessem ampliar o seu conhecimento sobre o tema?

Como foi o resultado em termos de abrangência, cobertura?

Quem te ajudou nessa etapa?

Quarta fase de formulação correspondente ao Modelo Kuhlthau

Formar o foco a partir da informação encontrada

Roteiro de entrevista não estruturado

Me fale como você formulou o foco do seu trabalho

Como você formulou a questão central da sua pesquisa?

Quem te ajudou nessa etapa?

Sentimentos você experimentou?

Quinta fase de coleta correspondente ao Modelo Kuhlthau

Buscar e reunir a informação pertinente ao foco definido

Roteiro de entrevista não estruturado

Onde você foi buscar a informação sobre o foco definido?

Que dificuldades sentiu do ponto de vista de acesso as fontes de informação, acesso aos conteúdos e as tecnologias disponíveis no processo de coleta?

Que fontes usou?

Como selecionou o que era realmente relevante?

Como foi seu processo de leitura e análise do material que você selecionou?

De que forma organizou as idéias principais extraídas das informações recolhidas?

Quem te ajudou nessa etapa?

Como organizou todo o seu material?

Como registrava as informações úteis que encontrava nos textos que estava lendo?

Sexta fase de apresentação correspondente ao Modelo Kuhlthau

Concluir a busca pela informação e apresentar os resultados

Roteiro de entrevista não estruturado

Após a leitura e organização das idéias como você "juntou todas as informações para produzir seu texto?"

O que você achou mais difícil na sua busca?

Você conseguiu sintetizar o a questão central da sua pesquisa?

Como foi apresentado o seu trabalho do ponto de vista formal?

Normas técnicas, direitos autorais, ou seja, todas as dimensões dos aspectos éticos e legais que envolvem a utilização da informação?

Fez apresentação oral?

Como você se sentiu após a conclusão do seu trabalho?

Após pequenos ajustes no roteiro proposto inicialmente, começamos a coleta de dados, que foi realizada em nosso local de trabalho, Centro Universitário Senac – SP. Esta sugestão de local da entrevista foi aceita por todos os sujeitos. Esclarecemos providenciamos transporte para buscar e levar de volta os entrevistados aos locais por eles indicados.

3.7 Resultados

Esta pesquisa apresenta como resultado final, um elenco de possíveis ações, para que os envolvidos no processo educacional do deficiente visual, sobretudo na educação superior, possam definir ações necessárias ao desenvolvimento ou promoção de programas de *Information Literacy* específicos para deficientes visuais, com o intuito de torná-los competentes em informação.

Esse elenco de possíveis ações foi elaborado tendo como base:

- diagnóstico realizado nessa pesquisa, compreendendo o comportamento de busca e uso da informação pelo deficiente visual no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos;
- estudo realizado por Christina Doyle (1994), no qual apresenta um levantamento dos predicados para uma pessoa ser considerada “*competente em informação*”, a saber:
 - Reconhecer que uma informação precisa e correta é a base para uma tomada de decisão inteligente;
 - Reconhecer a necessidade de informação;
 - Formular questões baseadas em necessidades de informação;

- Identificar fontes potenciais de informação;
- Desenvolver estratégias de pesquisa bem-sucedidas;
- Saber acessar diversas fontes de informação, incluindo o computador e outras tecnologias;
- Avaliar a informação;
- Organizar a informação para a aplicação prática;
- Integrar informações novas a conhecimentos já adquiridos;
- Usar a informação de forma crítica para a resolução de problemas.

Veremos a seguir as considerações relativas a análise dos dados e os resultados.

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

(...) a informação te dá acesso a tudo, em relação ao consumo, saúde, benefícios que você tem. Eu acho que falta muito ainda...Porque você acaba se afastando, você não consegue se inserir, porque você fica fora... É isso que acontece, nós nos sentimos excluídos da sociedade...e quando você tem acesso a informação você se insere...

Sujeito G5

4.1 Descrição da amostra estudada e processo de abordagem

Conforme exposto no capítulo 3, referente aos procedimentos e métodos, a interpretação do processo de busca e uso da informação pelos deficientes visuais, aqui analisada, terá, como referencial, o modelo de *Information Literacy* desenvolvido por Kuhlthau. A nossa intenção é realizar um diagnóstico a partir de um estudo que abarque o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos diversos.

Esta diversidade está representada por diferentes tipos de trabalhos científicos, portanto, atendendo e servindo a diferentes níveis de profundidade, de exigência e de conhecimento. Para termos acesso a esse universo, entendemos ser imprescindível trabalhar com estudantes em diferentes momentos de sua formação e modalidades da educação superior, enriquecendo, assim, o resultado final da nossa pesquisa.

Encontrar sujeitos para compor a nossa amostra, com as características definidas em nosso estudo e dispostos a participar, não foi tarefa trivial, entretanto, conseguimos compor um enriquecedor grupo para o nosso trabalho.

Essa visão justifica as características dos sujeitos escolhidos, relacionados na tabela abaixo:

Quadro 7 - Característica dos sujeitos escolhidos

MODALIDADE	Número de Sujeitos	Denominação dos Sujeitos	Curso	IES	Ano de Realização do Trabalho
Graduação Aluno (A)	3	A1 A2 A3	Direito Rel.Públicas História	Privada Privada Privada	2009 2009 2009
Graduação Graduado (G)	5	G1 G2 G3 G4 G5	Direito Pedagogia Direito Tec. Redes Direito	Pública Privada Pública Privada Privada	2008 2008 2008 2008 2002
Pós-Graduação Mestre/Mestrando (M)	2	M1 M2	Direito Ciências Sociais	Privada Pública	2007 2010

Características sujeitos escolhidos - descrição da tabela (Leitor de Tela) - Característica dos sujeitos escolhidos

Modalidade Graduação Aluna (A): Número de Sujeitos – 3; Denominação dos sujeitos A1 A2 ,A3. Cursos A1 Direito, A2 Relações Públicas, A3 Licenciatura em História. Ano de realização do trabalho: todos os sujeitos realizaram o trabalho em 2009.

Modalidade Graduação Graduado(G): Número de Sujeitos – 5; Denominação dos sujeitos G1 G2 ,G3, G4 e G5. Cursos G1 Direito, G2 Pedagogia, G3 Direito, G4 Tecnólogo em Redes, G5 Direito. Ano de realização do trabalho: todos os sujeitos realizaram o trabalho em 2008, exceto o G% que realizou o trabalho em 2002.

Modalidade Pós-Graduação Mestre e Mestrando (M): Número de Sujeitos – 2; Denominação dos sujeitos M1 e M2. Cursos m1 Direito, M2 Ciências Sociais. Ano de realização do trabalho: M1 2007

Esclarecemos que para manter os sujeitos incógnitos, mas ao mesmo tempo possibilitar melhor compreensão de seu universo e contexto, cada sujeito será doravante codificado da seguinte forma: M representando Mestre ou Mestrando, G representando Graduado e A representando aluno (graduando). Os sujeitos participantes são provenientes de 9 IES sendo, 6 privadas e 3 públicas.

Severino nos diz que os trabalhos científicos diferenciam-se “em função principalmente de seus objetivos e da natureza do próprio objeto abordado, assim como em função de exigências específicas do próprio saber humano”. (SEVERINO, 2007, p.199). Os trabalhos desenvolvidos pelos sujeitos entrevistados tinham caráter didático, os quais também chamamos de trabalhos de disciplina, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado Seguem abaixo as principais características de cada um deles diferenciando-se os momentos e os níveis de exigência científica de cada um:

- Trabalho Didático (TD) – Aluno de graduação (A)

Exigidos, sobretudo nos cursos de graduação como tarefa da própria escolaridade (...) ainda fazem parte intrínseca da formação técnica ou científica do estudante, já que levam os alunos a buscar, nas devidas fontes, elementos complementares àqueles adquiridos no próprio curso.(SEVERINO, 2007, p.201)

- Trabalho de conclusão de curso (TCC) – Graduado (G)

Parte integrante da atividade curricular de muitos cursos de graduação, constituindo assim uma iniciativa acertada e de extrema relevância para o processo de aprendizagem dos alunos. Deve ser entendido e praticado como um trabalho científico. Articulado ao próprio conteúdo do curso (...) mas, contando com um orientador, o aluno terá também um acompanhamento personalizado e direto na condução de suas atividades de pesquisa. (SEVERINO, 2007, p.202)

- Dissertação de Mestrado – Pós-graduado (M)

Trata-se de uma monografia científica (...) abordando a comunicação dos resultados de uma pesquisa e de uma reflexão que versa sobre um tema igualmente único e delimitado. Deve ser elaborada com as mesmas diretrizes metodológicas do trabalho científico. (SEVERINO, 2007, p.222)

Esclarecemos que com exceção do mestrado os demais trabalhos acadêmicos foram desenvolvidos individualmente ou em grupo.

As entrevistas duraram em média 1h40 (uma hora e quarenta minutos). Com permissão, a entrevista foi gravada, filmada, depois transcrita sem nenhuma interpretação, seguindo, rigorosamente cada palavra dita. A íntegra das entrevistas está disponível no CD-ROM anexo, sob o título, Transcrição das Entrevistas.

Para a análise dos dados coletados de cada sujeito entrevistado, utilizamos as seis fases propostas por Kuhlthau (1999), já mencionadas no capítulo 4: (1) iniciação da pesquisa, (2) seleção do tema de pesquisa, (3) exploração do tema de investigação, (4) formulação da questão de pesquisa, (5) exploração das informações obtidas (6) apresentação dos resultados.

4.2 Etapa 1 – Iniciação da Pesquisa

Durante a realização da entrevista individual foi solicitado que os sujeitos falassem como desenvolveram a atividade acadêmica, correspondente ao seu estágio de desenvolvimento naquele momento, trabalho de disciplina, TCC ou dissertação de mestrado, e se desde o início

havam compreendido a dimensão da tarefa proposta pelo professor. Entendemos que essa tarefa incorpora uma série de problemas do ponto de vista de formato — por exemplo, compreender as diferenças entre os diversos tipos de trabalhos acadêmicos, já citados acima, e ter idéia dos elementos metodológicos teóricos e práticos que envolvem o trabalho científico, — como, também, do ponto de vista temático e conceitual — como, por exemplo, quais temas são passíveis de pesquisa, quais enfoques podem ser aportados aos distintos temas de pesquisas, como identificar um problema real de pesquisa a ser investigado, o que já foi pesquisado sobre o tema, onde buscar e como identificar tais pesquisas.

De acordo com Severino (2007, p. 129), antes de ser realizado, um trabalho de pesquisa precisa ser planejado, e o pesquisador precisa ter bem claro o seu objeto de pesquisa. O objeto da pesquisa circunscreve “o quê” o pesquisador irá explorar, quer trate de objeto empírico, quer de objeto verbal, ou seja, o tópico geral que será pesquisado. Para Luiz Sergio Modesto (2010), um trabalho de pesquisa implica uma ideia circunstanciada que é construída a partir de experiências coletivas e do pesquisador, denotando ou designando distintos objetos observados ou imaginados do real.

O Modelo Kuhlthau aponta que faz parte da “fase de iniciação” o estudante entender a tarefa proposta pelo professor do ponto de vista das diferentes modalidades de trabalhos científicos e também considerar possíveis tópicos para desenvolvimento da pesquisa, ou seja, que o trabalho terá um produto final.

O que se revelou na fala da maioria dos sujeitos entrevistados, dentre outras questões, foi que a compreensão da tarefa proposta e ações subsequentes a este entendimento apresentaram algumas variações de acordo com a realidade de cada um.

Os sujeitos que tiveram algum conhecimento prévio de repertórios relacionados à metodologia do trabalho científico apresentaram um melhor entendimento sobre a dimensão da tarefa proposta e um melhor conhecimento de como se compõe um trabalho acadêmico.

Esses repertórios foram expostos de diversas formas, a esses sujeitos.

- alguns tiveram orientação direta do professor da disciplina que deu origem ao trabalho de pesquisa que estão descrevendo, portanto, trata-se de uma iniciativa específica do professor.

Sujeito^{G3}:

*(...) eu tinha mais ou menos uma idéia do que eu queria fazer, escolhi, comecei a escolher (...) **o professor tinha dado aula de metodologia pra nós...** eu sabia mais ou menos o que eu queria fazer...*

- outros já evidenciaram a existência de uma disciplina completa — oficializada na estrutura curricular da IES de que participam — voltada ao tema da metodologia da pesquisa.

Sujeito^{G1}:

*(...) Na disciplina de **Metodologia**, o que a faculdade te dá no momento é só a idéia do que é um trabalho, o que é uma monografia de direito, quais os tipos de pesquisa que você pode utilizar qual o tipo de metodologia que você pode adotar no desenvolvimento do trabalho. (...) na verdade a gente tem a tarefa de fazer um trabalho. Não se especifica um tema, não é o professor que fala, é uma imposição da universidade. (...) você sabe que tem que escolher uma área do direito, no nosso caso, escolher um tema que seja polêmico, ou não, que tenha uma relevância...*

Sujeito^{G2}:

*(...), porém antes de chegar no TCC eu tive uma **disciplina chamada Pesquisa Educacional** que era onde preparava a gente pra chegar no TCC.*

Sujeito^{G5}:

*(...) Tinha noção do que era pra fazer... fiz a disciplina de **Metodologia Científica**, eu não tinha dificuldade nessa parte, a minha dificuldade era leitura...*

Sujeito A2:

*(...) **Tivemos a matéria Metodologia.** É... a gente já tem que começar porque tem os prazos pra entregar. Então estamos desenvolvendo, pensando no projeto, em algumas propostas... (o sujeito desenvolverá o TCC em grupo).*

- por necessidade derivada de uma prática,

Sujeito A3:

*(...) Eu tive essa experiência quando tive que dar a minha primeira aula. Eu tô na licenciatura... o professor deu o tema (...) estruturei e montei a minha aula em cima desse tema (...) **Tive que fazer o planejamento, já tinha noção dessa metodologia...***

Pelo fato de o *Sujeito A3* cursar um programa de licenciatura, precisou desenvolver o planejamento da sua primeira aula. O seu relato evidenciou a importância dos processos metodológicos que envolvem o planejamento docente que de acordo com Felis (2009), tem como características básicas evitar a improvisação e estabelecer caminhos que possam nortear, mais apropriadamente, a execução da ação educativa.

- por outros recursos científicos oferecidos pela universidade em que estudava, como, por exemplo, programas de iniciação científica e bolsa de iniciação científica.

Sujeito M2:

*(...) Então eu tenho certa familiaridade mesmo que vaga com o trabalho acadêmico, desde cedo isso influenciou na minha escolha. Mas na graduação, noção mesmo fui ganhando principalmente **quando fiz a iniciação científica.** O Mestrado na verdade é uma continuação de uma iniciação científica...*

*(...) Sem dúvida você tendo uma experiência de ter que formular um tema de pesquisa, ir atrás de referências bibliográficas e escrever relatórios para a FAPESP. Eu **também era bolsista da iniciação**, esse tipo de coisa já te prepara...*

Com base nos dados coletados e revelados até agora, identificamos que, independentemente de o estudante universitário ser deficiente visual ou vidente, ter acesso a programas que envolvam as diretrizes metodológicas do trabalho científico e ter uma vivência prática de

iniciação científica, oferecerá aos mesmos elementos teóricos e práticos para o enfrentamento das diferentes tarefas que serão exigidas dele ao longo do desenvolvimento de sua formação acadêmica.

Outra questão apontada no Modelo Kuhlthau, como integrante da fase de iniciação, está relacionada ao fato de o estudante considerar possíveis tópicos para o desenvolvimento da sua pesquisa. Essa questão se refere especificamente à escolha do tema, ao objeto de pesquisa e implica a necessidade de o estudante perceber que essa tarefa envolve uma atividade de pesquisa, que, por sua vez, se constrói através de uma pergunta de pesquisa.

Há a consciência de que o estudante está vivenciando um novo momento no processo de desenvolvimento do trabalho científico, visto que a escolha do tema é outra dificuldade que exige dele ter uma noção da área, já ter definido um problema, ter uma motivação. Os dados colhidos nas entrevistas indicaram que essa motivação,

- ou foi decorrente de interesse pessoal,

Sujeito^{G1}:

(...) Eu queria fazer um trabalho sobre empresas, sobre mercado, ou mercado de capitais, abertura de empresa, alguma coisa ligada a empresa e sobre mercado, ou economia, enfim, que tivesse a ligação do direito com a economia... (...) e aí eu fui procurar uma professora que lecionava economia lá na faculdade, e conversado com ela, nós começamos a trocar alguns e-mails sobre temas possíveis e coisas interessantes... "... comecei a ler algumas coisas...

Sujeito^{M1}:

(...) Então foi por conta desse trabalho que eu achei que seria interessante esse tema, porque não teria como fugir da área do deficiente que é meu dia-a-dia assim como não teria como fugir do direito que também é meu dia-a-dia aí fiz essa junção e atrelei com a educação e foi aí que nasceu o meu tema... Na verdade assim, por conta dos trabalhos que eu falei inicialmente o tema surgiu mesmo do desejo de estar pesquisando mais e as vivências tudo isso foi

demonstrando que seria interessante eu escrever mesmo sobre esse tema digamos que veio ao encontro mesmo da minha vida...

Dos sujeitos que escolheram, por interesse pessoal, o tema, observamos uma variação do ponto de vista de compreensão metodológica. A nossa percepção é que, à medida que o sujeito vai adquirindo maturidade e experiência científica, o seu grau de segurança e autonomia também mudam. O *Sujeito^{M1}*, pelo fato de estar no mestrado, já tinha claramente um problema em vista, porém o *Sujeito^{G1}*, aluno de graduação, fez leituras sobre o tema de interesse além de buscar em um professor o apoio para reflexão do seu objeto de pesquisa.

- ou continuação da iniciação científica,

Sujeito^{M2} :

(...) O meu mestrado na verdade é uma continuação de uma iniciação científica.... (o sujeito está cursando mestrado)

- ou foi sugerida pelo orientador ou pelo professor que por sua vez, tiveram uma participação efetiva neste processo.

Sujeito^{A1} :

(...) ela (a professora) pediu para que eu fizesse, que eu desse uma passada em todos os crimes sexuais, independente se eu quisesse focar mais em um, discutir mais um ou outros ou todos, mas a base dela foi que eu escrevesse sobre todos os crimes...

Sujeito^{A2} :

(...) O professor (orientador) pediu pra gente escolher uma ONG pra aprender a identificar o problema. O que estava acontecendo na ONG, pra apresentar soluções...

Sujeito^{A3} :

(...) o professor (orientador) deu o tema, a origem da educação...

Sujeito^{G4}:

*(...) no caso do meu curso, vou focar no ultimo trabalho que a gente fez que foi o de conclusão de curso (...) **o professor (orientador) falou para a gente estruturar uma rede de computadores de médio porte...***

Sujeito^{G5}:

*(...) Eles indicaram alguns temas, e **eu perguntei para o professor (orientador) qual tema ele achava que eu me dava melhor. Como eu gostava de penal ele me indicou esse...***

De maneira geral, destacou-se que, nesta primeira fase, a consciência metodológica do sujeito varia muito de acordo com a sua formação e experiência acadêmica. Os estudantes que tiveram disciplinas formalizadas que abordaram repertórios relacionados à metodologia do trabalho científico ou que buscaram esses conhecimentos por meio de outras recursos, compreenderam os elementos teóricos que regem o desenvolvimento do trabalho científico. Além disso, ficou claro que o crescimento da experiência, representa, também, uma evolução cognitiva do sujeito do ponto de vista do conhecimento dos processos que conduzem a escolha do objeto de pesquisa.

4.3 Etapa 2 – Seleção do tema de pesquisa

O desenvolvimento de um trabalho de pesquisa requer, além de um planejamento prévio, a aplicação de um método. A prática operacional desse método é composta por uma sequência de eventos não lineares que, segundo (Abe, 2009, p.48) “podem ocorrer simultaneamente ou haver o retorno a um estágio anterior”. Como exemplo a dessa prática operacional, podemos citar, “o levantamento das fontes referentes ao objeto, à atividade de pesquisa e à prática da documentação, à análise dos dados e à

construção do raciocínio demonstrativo e a redação do relatório com os resultados da investigação”. (SEVERINO, 2007, p.127)

Podemos considerar que no Modelo Kuhlthau a fase 2, denominada “seleção”, corresponde ao início dessa sequência de eventos de ordem prática operacional de um trabalho de pesquisa.

Essa fase se caracteriza pelas articulações que o sujeito deverá fazer para delimitar melhor o tema que escolheu pesquisar, de acordo com a fase anterior de Iniciação. Essa etapa do trabalho requer do estudante todos os conhecimentos adquiridos, relacionados aos procedimentos metodológicos, sobretudo, do ponto de vista do problema de pesquisa. É a partir desse momento que ele vai precisar unir os elementos teóricos do processo metodológico, apreendidos até aqui, com as primeiras experiências de busca da informação, para assim, obter uma maior compreensão do tema a ser desenvolvido.

Essas articulações envolvem interação com pessoas, ferramentas e fontes diversas visando reunir informações estratégicas que o auxilie a expandir seu conhecimento sobre o tema que está pesquisando.

Nas articulações com outras pessoas, na busca de melhor compreensão de seu problema, constatamos que os deficientes visuais, - sujeitos desta pesquisa - mantiveram contato com professores, orientadores, colegas de sala de aula, amigos e com a família. Tais pessoas estão presentes em dois momentos, no seu processo de desenvolvimento do trabalho acadêmico: neste, que estamos explorando agora, cuja interação se desenrola no nível do diálogo e da reflexão sobre o tema em potencial e em outro, mais voltado para o apoio ao deficiente no processo de busca de informação, o que veremos um pouco mais adiante nesta mesma fase.

Deve-se levar em conta, aqui, que, no caso de trabalhos de disciplina, portanto, dos sujeitos A1, A2 e A3, os temas a serem desenvolvidos estavam circunscritos ao tema da referida disciplina, indicados, sem dúvida, pelo professor. A nossa percepção foi que, esse fato não permitiu que esses sujeitos vivenciassem esta tarefa de seleção do tema.

Sujeito^{G1}:

(...) a professora me falou sobre direito concorrencial, comecei a ler algumas coisas (...) só que é um tempo muito restrito (...) Eles te dão uma noção de como é feito o trabalho, quais as etapas, pra você partindo disso tentar entender e compreender o que você tem que apresentar no final (...) Então o tema começou por uma sugestão dela (da professora), o macro tema da economia, e eu tinha essa dúvida ...

Sujeito^{G5}:

(...) Como eu gostava de penal ele (o professor) me indicou o tema de crimes sexuais...

Sujeito^{A3}:

(...) como ele (o professor) pediu para nós darmos essa aula como se fosse para uma quinta série, tinha que ser um assunto fácil de ser digerido, e aí conversei com meu professor ele falou olha, é melhor você falar da educação ateniense, fazer essa relação passado e presente, então para um aluno de quinta é legal você vê como surgir as escolas, como era a escola ateniense daquela época, já tinha esse conceito de escola, eles me deram assim... um horizonte...

A prática de modular o processo de escolha do tema, cumprindo cada passo, à sua vez, vivenciada pelo *Sujeito*^{G4}, demonstra uma alternativa interessante para o cumprimento dessa etapa, sobretudo para alunos de graduação com pouca experiência no processo de construção do trabalho acadêmico.

Sujeito^{G4}:

(...) o professor falou, vocês têm que pegar uma empresa, uma instituição, enfim, que seja da escolha de vocês e vão ter que estruturar uma rede de médio porte... a partir desse momento o nosso trabalho foi começar a localizar uma empresa, a

gente tinha que seguir umas regras também... (...) então a gente conseguiu localizar uma empresa uma, na verdade foi uma instituição com essas necessidades e que a demanda deles não era uma demanda muito grande (...) uma vez localizada a empresa a gente devolveu para o professor esse “feedback”, “olha conseguimos localizar tal empresa, então já estamos com uma parte ... aí perguntamos para ele, e agora quais são os próximos passos?”...

Os fragmentos das falas descritas acima revelam um envolvimento muito próximo dos sujeitos entrevistados com professores e orientadores. Junto com esse envolvimento começa a se delinear outro problema, que preferimos denominar como uma barreira pertencente ao universo tão complexo das relações humanas, o preconceito pelo cego, que por sua vez pode se apresentar como um aspecto negativo ao seu processo de aprendizagem.

Sujeito G2:

*(...) **eu tive muitas dificuldades** (...) porque tem professor que desconhece, por exemplo, do software para um deficiente visual a gente já começa aí um problema (...) **há eu escutei no primeiro dia de aula – eu nunca lidei com um deficiente, não sei o que vou fazer com você na sala de aula – (...) eu tava como aluna e ele como o meu educador então mesmo que você se depara com um desconhecido se você já se depara com estranheza e não aberto você já põe uma barreira (...) eu desisti da universidade três vezes...***

*(...) o TCC foi em grupo (...) **a professora (orientadora) era muito provocadora e preconceituosa, foi muito difícil e ao mesmo tempo foi muito legal porque as atitudes preconceituosas dela me fortaleceu do desafio, ela me provocava e eu aceitava** aí eu desenrolei um trabalho com ela sobre o computador na vida do estudante.*

*(,,) na verdade, ela (a orientadora) nos direcionou para a professora de informática, no curso de pedagogia... **a professora Patrícia que é uma professora que trabalhou com deficiente mental e visual**, só com informática, também me ajudou muito, a gente conversou muito...*

Em sua dissertação de mestrado, defendida em 2004, na qual discute as facilidades e dificuldades encontradas pelos alunos – do curso superior – com deficiência visual, Marilza Delpino constatou que o aluno deficiente visual encontra muitas dificuldades e pouco estímulo para permanecer no meio universitário.

O relato dos deficientes visuais entrevistados por Delpino (2004) revelaram a existência de alunos e professores que

(...) estimulavam e acreditavam na vontade deste aluno deficiente visual, entendendo que a experiência de vida que ele tem pode ajudá-lo no fortalecimento do seu processo de inclusão escolar, como existem alunos e professores que ironizam a presença do aluno com deficiência visual não acreditando na sua capacidade de desenvolver habilidades que os auxiliem a superar os obstáculos e realizar um curso superior. (DELPINO, 2004, p.113)

Delpino (2004, p.115) nos diz que “a falta de preparo do professor em ministrar aulas para uma aluna deficiente visual [] foram aspectos apontados como negativos” em sua pesquisa “e que merecem atenção especial. A fala do *Sujeito* ^{G5} demonstra essa realidade vivenciada pelos deficientes visuais.

Sujeito ^{G5}

(...) O professor que me auxiliou não era o meu orientador, ele me ajudou porque tínhamos uma amizade e porque ele já havia trabalhado com deficientes visuais em outra universidade...

Salientamos que não estamos avaliando nem julgando o comportamento de professores e alunos; não podemos, porém, nos furtar em mostrar, nesta análise, situações que poderão trazer influências negativas a vida dos deficientes visuais. Como exemplo, destacamos que o *Sujeito* ^{G2} desistiu da universidade três vezes conforme registrado na página 15.

Já o *Sujeito* ^{G3} demonstrou, em seu relato, que conheceu os dois lados desse universo tão complexo das relações humanas, quando nos conta que um professor foi fundamental para que avançasse em seu

processo de desenvolvimento acadêmico, e outro o fez experimentar a estranha sensação de exclusão quando durante alguns meses, ignorou completamente a sua existência em sala de aula.

Sujeito G³:

*(...) No meu primeiro ano o professor ficou três meses perguntando para todo mundo da sala se tinha dúvidas menos pra mim, eu achei... ou ele achava que eu sei demais ou acha que eu conheço muito ou não pergunta para mim porque não que falar comigo, **ele passou a falar comigo depois da primeira prova que eu fiz, que eu tirei 9, a média da sala foi 6**, depois ele passou a falar comigo, até hoje eu não entendi porque. **Até hoje eu não fui perguntar para ele, eu não entendi porque ele não falava antes e passou a falar depois...***

*(...) Meus pais não têm estudos, então eu não podia contar com eles nesse sentido, por exemplo, pra dizer assim, enquanto eu trabalhava, então não dava pra dizer pra eles “escaneia um livro” ou então “corrige esse livro”. Tinha que fazer tudo na correria, tudo sozinho praticamente. (...) sozinho também é uma grande história, porque ninguém faz nada sozinho (...) **lhe digo que teve uma pessoa que foi muito importante pra mim, era o professor mais estranho da faculdade (não era o orientador), era tido como o mais chato, mas pra mim foi a melhor pessoa, porque ele é fantástico...***

Consideramos importante destacar a fala do *Sujeito G⁵*:

Sujeito G⁵

(...) O professor que me auxiliou não era o meu orientador, ele me ajudou porque tínhamos uma amizade e porque ele já havia trabalhado com deficientes visuais em outra universidade...

No que se refere ao processo de busca de informação, destacamos que um dos principais motivos, que veremos mais explicitamente nos fragmentos das falas apresentadas, foram as barreiras de acessibilidade no acesso à informação de uma forma geral. Constatamos que nesta etapa, assim como na fase de iniciação, agora com a intenção de refinar o tema de busca, os sujeitos recorrem a fontes de informação. É quando começam a surgir as primeiras barreiras de acessibilidade informacional.

Podemos destacar que as principais dificuldades sentidas pelos sujeitos estão relacionadas à falta de acervo digitalizado, ao acesso às

bases de dados referenciais da biblioteca, ao desconhecimento de fontes de informação terciárias³¹, aliadas às barreiras à acessibilidade digital.

Sujeito G1:

(...) Na Universidade foi alunos, colegas de aula que me ajudaram, fomos na biblioteca só que eu aí orientando, vamos lá na parte de direito concorrencial, vê pra mim o índice desse livro, daquele... isso acontecia quando pesquisei no livro diretamente...

Sujeito G5:

(...) O TCC na faculdade foi a pior pesquisa que eu fiz na minha vida, pois não tinha acesso a internet...

Sujeito G3:

(...) Bom, tudo o que você acabou de explicar talvez encontre um ponto dessa chatice. O que é? Encontrar meios de informações... a gente sabe que existiam muitas informações, e quando eu falo a gente eu estou falando eu, deficiente visual...então, eu sabia que existiam várias formas de obter informação sobre assédio moral, mas como chegar até essas informações?

Sujeito A3:

(...) Aí me deram (os professores) indicação bibliográfica, fui à biblioteca não encontrei todos os livros, eu encontrei muito pouco, e aí tive aquele trabalho de pegar o livro escanear, digitalizar, tive um apoio bem legal dos professores... (todo trabalho de escaneamento e digitalização foi feito na casa do sujeito)

Pontuamos mais uma vez, que, o desconhecimento das fontes de informação, apropriadas para cada etapa do processo, limita os sujeitos a buscar informação nos materiais que já possuem levando-os a uma visão fragmentada do contexto do tema pesquisado.

³¹ Fontes de Informação terciária: Tem como função principal ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que na maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo. São sinalizadores de localização ou indicadores de documentos primários ou secundários. Exemplos: Bibliografia de Bibliografia; Bibliotecas e Centros de Documentação; Diretórios; Revisões de literatura; Guias Bibliográficos. Disponível em :<http://webcache.googleusercontent.com/> Acesso em 16 abr 2010.

Sujeito^{G2}:

(...) Então eu li muito alguns trabalhos de... como eu falei pra você eu já vinha lendo alguns assuntos sobre esse tema no computador... eu tenho uma amiga que fazia umas pesquisas pra mim e eu dizia, sempre que você encontrar material falando de professor ou de alguma coisa ligada a tecnologia na vida do cego manda pra eu ler...

Sujeito^{G5}:

(...) Procurar o pessoal que já tinha feito o curso para eles indicarem obras sobre o tema. Tive que fazer uma pesquisa boca – a boca.

Essas barreiras, de fato, comprometem o processo de aprendizagem do deficiente visual e, para minimizá-las, os sujeitos buscaram a ajuda de amigos, da família e dos professores.

Sujeito^{A1}:

*(...) Os amigos de sala me ajudaram bastante e **minha família, minha mãe e a minha irmã, apesar dela ser criança ter apenas 12 anos, me ajudaram bastante...***

Sujeito^{M2}:

*(...) leitura em voz alta, **viajava para Ribeirão Preto meus pais são de lá, minha avó lia bastante para mim às vezes alguns colegas que cursavam disciplinas em comum normalmente estudavam comigo então liam em voz alta...***

Como vimos até agora, para definir um tema para sua pesquisa, o sujeito tem que se atualizar sobre a questão. Começam, então, alguns problemas. Usar uma variedade de fontes de informação para saber mais sobre um determinado assunto configura-se como um desses problemas caso o sujeito não tenha desenvolvido competência na busca informacional.

Sentimentos de incerteza, apreensão e confusão foram relatados pela quase totalidade dos entrevistados na fase inicial do processo de

pesquisa em informação. Para Souto (2008, p. 65), “uma vez reconhecida a presença da incerteza, ao longo do processo de busca de informação, é importante identificar formas para saná-la”.

Kuhlthau nos diz que a incerteza, comumente esperada nas fases iniciais do processo de busca da informação, é um estado cognitivo frequentemente associado a sintomas afetivos de falta de confiança e apreensão. Surgem devido aos pensamentos vagos ou ambíguos gerados pela introdução de novas informações que causam conflitos com construções realizadas anteriormente.

A incerteza é um estado cognitivo que frequentemente provoca sintomas afetivos de ansiedade e falta de confiança. Incerteza e ansiedade podem ser esperadas nas primeiras fases do processo de busca de informação. Os sintomas afetivos de incerteza, confusão e frustração são associados a vagos e não claros pensamentos sobre um tópico ou pergunta. Como o estado de conhecimento muda para pensamentos mais claramente focados, uma mudança paralela ocorre em relação ao sentimento de um aumento da confiança. Incerteza deve-se à falta de compreensão, uma lacuna no sentido ou uma construção limitada ao iniciar o processo de busca de informação. (KUHLLTHAU, 1999).

De uma forma geral, esses sentimentos estão presentes em maior ou menor grau, em todos os sujeitos entrevistados. Mesmo aqueles com maior bagagem ou experiência nesse processo, em algum momento vivenciaram esses sentimentos. Segundo Kuhlthau, nas três primeiras fases do processo de pesquisa em informação o sujeito estará mais exposto a experimentar essas sensações.

Os motivos que levaram os sujeitos entrevistados a experimentarem esses sentimentos foram, desde a

- hesitação quanto às reais necessidades que se apresentavam diante daquela tarefa,

Sujeito G1:

(...) Você não tem uma especificação no começo do que você tem que fazer. Então realmente até você entender aonde você tem que chegar, é uma dificuldade. (...) eles não te dão maiores especificações, você pode usar pesquisa de campo, como a bibliográfica, no caso do direito a gente usa mais bibliográfica. Eles te dão esse tipo de base, só pra você partindo disso entender e definir o que você vai fazer...

Sujeito A1 :

(...) eu fiquei um pouco perdido aí eu conversei com ela, a professora...

Sujeito M1:

(...) eu não vou dizer para você que o meu modo de escolher o tema foi diferente das outras pessoas, a angústia foi a mesma...

- preocupação devido à abrangência dos temas,

Sujeito M2 :

(...) mas às vezes tinha essas impressões de estar chovendo no molhado com frequência, agora que estou mais para a conclusão da minha dissertação eu vejo que não é bem assim...

Sujeito A3 :

(...) Eu fiquei confuso, porque falar da educação é um tema abrangente.

- a barreiras de acessibilidade informacional,

Sujeito A2:

(...) O que fica mesmo difícil é quando não tenho acesso à leitura...

De acordo com os fragmentos citados acima, percebemos que em algum momento, a incerteza e a apreensão permeiam os corações dos sujeitos entrevistados. As falas deles revelam, porém, que esses sentimentos estão presentes não só por estarem diante da árdua tarefa de escolher o tema da sua pesquisa, mas também, pela estranheza e pela percepção de estarem diante de mais uma barreira, a da acessibilidade.

4.4 Fase 3 – Exploração do tema de investigação

Conforme visto anteriormente, a sequência de eventos de ordem prática operacional de um trabalho de pesquisa envolve diferentes etapas; o levantamento de fontes de informação referentes ao objeto de pesquisa constitui uma dessas etapas.

De acordo com Kuhlthau (1999, p.11), a Fase 3 de “exploração”, como o próprio nome indica, requer que o estudante explore a informação, com o objetivo de estabelecer um foco mais preciso para sua pesquisa.

Segundo a autora, é a fase mais difícil de todo processo, uma vez que o problema está centralizado na localização e acesso à informação, assim como, na dificuldade de avaliar sua qualidade.

Assim como na fase de seleção, localizar informações que ampliem o conhecimento sobre o tema pesquisado para, assim, estabelecer o foco da pesquisa, é essencial nesta fase. Há a consciência de que a necessidade de busca de novas informações está presente em todas as etapas que envolvem a construção de um trabalho científico. O que diferencia cada fase é o aprofundamento dessa busca, à medida que os pensamentos,

sentimentos, ações e estratégias evoluem ao longo de todo o processo dinâmico de aprender.

Geralmente, como afirma Kuhlthau, a fase de “exploração” é a mais difícil para os estudantes e uma das mais incompreendidas pelos mediadores de serviços de informação. Sentimentos de confusão, incerteza e dúvida frequentemente aumentam durante esse período. A tarefa é investigar as informações sobre o problema geral no sentido de aumentar a compreensão pessoal. Faz-se necessário tornar-se suficientemente informado e orientado sobre o assunto para formular o foco da pesquisa que leve o estudante à realização do objetivo pretendido.

Conhecer recursos informacionais impressos e digitais, acessar as informações encontradas nesses recursos e saber avaliar a qualidade das mesmas é tarefa a ser cumprida nessa fase. Salientamos que tão importante quanto localizar e avaliar a informação é organizá-la para futura utilização.

Os dados colhidos nas entrevistas revelam que a busca na Internet foi escolhida por um número significativo de sujeitos, e os recursos tecnológicos, como o computador, o *pen drive*, o *scanner*, o livro falado e o livro digitalizado, foram apresentados como ferramentas facilitadoras no processo de busca da informação. Por um lado o deficiente visual encontrou nessas tecnologias, um grande avanço para o seu processo de busca de informação, favorecendo, assim, a ampliação do seu conhecimento; por outro, contudo, na mesma proporção, o processo estratégico de busca da informação encontra-se, ainda, em um estágio muito superficial, do ponto de vista de proficiência da busca informacional.

As estratégias utilizadas pelos sujeitos entrevistados para minimizar as dificuldades enfrentadas revelam que o limite de conhecimento alcança

somente as ações operacionais do processo de busca da informação e ignoram os recursos fundamentais e básicos além dos conhecimentos atrelados a esse processo, como, por exemplo, fontes de informações secundárias³².

Essa percepção comprova-se na fala do *Sujeito A1* e do *Sujeito M1*, quando revelam que limitaram a sua pesquisa a fontes que já possuíam em casa ou em arquivos organizados no computador. As tecnologias assistivas, mais uma vez, aparecem em ambas as falas.

Sujeito A1:

(...) basicamente foram isso livros e internet... Geralmente esses trabalhos que eu fiz eu utilizo os que eu já tenho em casa, que são livros fornecidos pela fundação Dorina... São todos em áudio, então eu tenho um acervo da fundação Dorina em casa que são meus a Dorina me dá todos eles, cerca de 76, 78 livros, todos na área de direito...

Sujeito M1:

(...) basicamente o trabalho que eu fiz se direciona, no meu dia-a-dia, digamos assim com relação a leitura, se direciona a livros digitalizados, eu utilizei muitos livros digitalizados, ou seja, eu tenho uma pasta, dentro dessa pasta tem um pen drive com todos os códigos do direito ou seja em qualquer lugar que eu esteja e só conectar meu pen drive e eu vou acessar essas informações através do sistema de voz...

Os livros a que se refere o *Sujeito A1* é o LIDA – Livro digital acessível, desenvolvido pela Fundação Dorina Nowill. A coleção possui cerca 450 títulos, sendo que a maioria é da área de Direito, e em menor proporção: Psicologia, Pedagogia e Filosofia. Os livros podem ser encomendados gratuitamente pelo deficiente visual conforme a sua necessidade.

³² Contém informações sobre documentos primários. Não são originais e basicamente citam, revisam e interpretam os trabalhos originais. São, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles. Exemplos: Bases de dados; Bibliografias; Índices; Catálogos; Centros de Pesquisa e Laboratórios; Dicionários e Enciclopédias. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/> Acesso em 16 abr. 2010.

Outra estratégia que destacamos é busca de informações na Internet, utilizando o *Google* para chegar às fontes e aos documentos com o auxílio de tecnologias assistivas, como os leitores de tela exposta pelo *Sujeito*^{G1}. Essa estratégia reforça a evidência citada acima no que se refere ao nível básico proficiência da busca informacional que se encontra esse sujeito.

Sujeito^{G1}:

(...) Eu busquei basicamente via internet e um pouco na biblioteca da faculdade... comecei a ler algumas coisas, até que sugeri o tema de mercado relevante...

*(...) a biblioteca dentro da faculdade, ela tinha livros sobre direito concorrencial que tinham isso, é, aí eu pedi pro pessoal ler os índices **(os colegas liam os índices)**, então tinham alguns capítulos sobre mercado relevante, mais não tinha nenhum livro específico sobre mercado relevante, que eu procurei na biblioteca os livros que tinha sobre direito concorrencial, que é a área, o ramo da disciplina, e na internet também eu fui procurando. Mesmo em bibliotecas que não tem pesquisa por assunto, eu fui procurando por mercado relevante, acabei achando uma tese que foi de um professor do sul, acabei achando outra tese do estado minas, fazendo isso via Google...*

*(...) Quando foi pela internet eu usei sempre programas, eu tenho o programa, o leitor de telas o JAWS, aí pela internet eu consegui fazer eu mesmo todas as buscas, mesmo na biblioteca da faculdade dá pra entrar na internet, você que faz a pesquisa por assunto e tal você consegue(...). **Enfim, a acessibilidade varia de acordo com a construção do site, né, não é uma coisa..., não é uma coisa igual** (...) não é uma coisa padronizada. Então você não tem também uma ferramenta única pra você buscar...*

A fala do *Sujeito*^{G1} também revela a necessidade de utilização de suporte humano ou tecnológico para alcançar êxito no processo de levantamento de informações em fontes apropriadas, quando nos conta que por conta de problemas - de acessibilidade - no sistema da biblioteca da sua IES, precisa contar com o auxílio de colegas para leitura do conteúdo dos livros.

A importância das tecnologias assistivas - como ferramentas que proporcionam ao deficiente visual liberdade e autonomia em todas as ações que envolvem, na vida acadêmica, a busca e o uso da informação -

foi trazida pelo Sujeito ^{M2}. Salientamos que os equipamentos tecnológicos que esse sujeito possui, nenhum outro sujeito entrevistado revelou possuir.

Sujeito ^{M2} :

(...) A primeira coisa que eu fiz (...) foram as leituras...

*(...) tem um scanner certo que facilita a minha vida porquê? Ele mesmo com o próprio scanner já lê e armazena a informação sem ter que acoplar no computador. Você pode acoplar o computador se você for um deficiente visual de baixa visão e quiser ampliar... ao mesmo tempo você ouve o texto na tela ampliado, mas como eu não preciso disso, basicamente escaneio e ouço, e vou ouvindo, e armazeno no próprio scanner e ainda posso gravar em cd... tem um drive, você põe o cd ou para baixar algum texto que você queira que o leitor leia ou para qualquer formato ou para gravar os textos que ele já armazenou. Então você vai também esvaziando. **Ele é fantástico (...) deu uma independência que eu tinha perdido (...)** se os voluntários não tivessem na área talvez eu não conseguissemas eu fiquei quase na mão porque tinha prova de fim de ano e dependia de tudo dos colegas...Isso me atrapalhava pra caramba porque eu não podia estudar no ritmo que eu queria, muita coisa que eu poderia ter lido na época da iniciação estou lendo agora, poderia ter me organizado melhor... Agora tenho um leitor autônomo desde 2008. **Desde então uso ele cotidianamente, esse leitor autônomo me deu uma independência...***

O Sujeito ^{G5} foi o que apresentou mais dificuldade no processo de busca de informação com a finalidade de conhecer e ampliar o seu conhecimento sobre o tema para, assim, definir o foco da sua pesquisa. Em seu relato, nos contou que, pelo fato de ter perdido a visão, um ano antes de concluir o curso de Direito, sentia muita dificuldade para fixar as informações com outra pessoa lendo para ela ou mesmo ouvindo as informações por meio de voz sintética.

Sujeito ^{G5}:

*(...) Como eu disse, esse trabalho foi o pior, porque eu não sabia onde ia estar o meu foco, **eu procurava fazer uma resenha de todos os livros que tinha lido, era muito cansativo...** Porque ou eu **tinha que pagar para alguém ficar lendo, ou alguém em casa ficava gravando. Tinha uma grande dificuldade com relação às gravações das pessoas, pois cada um tem seu tempo e é muito diferente do software de voz. Recentemente eu consegui ter acesso a internet, consigo ler artigos....o processo é mais acelerado.** Foram as mesmas iniciais, eu não conseguia sair do próprio inicial. O que aconteceu: eu comecei a procurar bibliotecas de universidades, procurei fazer contato com outros professores. **O pior é a falta de informação.***

Para Kuhlthau (2003), conforme a busca de informação avança, os pensamentos tendem a se tornar mais focalizados e o interesse aumenta à medida que continuam a pesquisa.

Nessa fase, constatamos que o domínio da informática e a utilização das tecnologias de comunicação e informação disponíveis proporcionaram a esses sujeitos um pouco mais de autonomia e independência no seu processo de pesquisa, todavia, as barreiras de acessibilidade começaram a se delinear mais fortemente.

4.5 Fase 4 – Formulação da pesquisa

As duas fases anteriores convergiram para ações de ordem prática operacional de um trabalho de pesquisa. Levando em consideração a posição de Severino (2007), quando nos diz que a elaboração do projeto de pesquisa também faz parte dessa ação de ordem prática operacional, podemos considerar que a Fase 4 do modelo Kuhlthau, que corresponde à “formulação”, também é uma ação de ordem prática de um trabalho de pesquisa, pois a definição do foco é fundamental para a elaboração de um projeto de pesquisa.

Essa fase representa o ponto de virada do processo de busca de informação. Embora o foco possa ser formado em um momento repentino que podemos chamar de “*insight*”, é mais provável que ele surja gradualmente quando os sentimentos de incerteza diminuem à medida que aumentam a compreensão sobre o tópico geral e a confiança sobre o caminho escolhido.

De acordo com Kuhlthau (1999), formular é pensar, desenvolver e entender, estender e definir um tema a partir da informação encontrada

na pesquisa. O processo de busca de informação envolve usar a informação, interpretar o seu conteúdo e criar a partir dele e não somente localizá-la e reproduzi-la. Logo, o que caracteriza essa fase é exercitar, a partir das informações encontradas, o pensar e o entender para, a partir daí, estabelecer o foco sob uma perspectiva particular do sujeito.

Veremos, a seguir, a descrição das experiências de cada um dos sujeitos entrevistados. Faremos a análise individual de cada sujeito, pois corroboramos a posição de Kuhlthau quando afirma que a fase de “formulação” é, conceitualmente a mais importante de todo o processo, pois a partir do comportamento do sujeito, nessa fase, é que vamos verificar se houve de fato, apropriação dos processos das fases anteriores. Por conseguinte, a partir do momento em que formula um foco, ou seja, define o problema da sua pesquisa, ele estabelece um fio condutor, no qual será baseada a sua coleta para dar prosseguimento à sua tarefa.

O *Sujeito*^{G1} demonstra, em sua fala, que utilizou as informações encontradas para entender melhor sobre o assunto. Inferimos que ele assimilou tão bem sobre a questão que, ao dialogar com a professora que sugeriu o tema, a convenceu a mudar o foco para uma direção que ele achava mais interessante.

Sujeito^{G1}:

*(...) eu gostava, é uma área que **eu gosto**, é uma área que me **desperta curiosidade, de estudar, de apreender**, eu sempre gostei de ler pra fazer economia e tal, e aí falando com a professora ela foi me ajudando a restringir essa área que a gente ia estudar e sugeriu mercado relevante, que acabei mudando um pouco o foco que ela tinha me sugerido, ela me sugeriu o tema, o assunto... mercado relevante...*

(...) só que aí ela sugeriu que eu tratasse sobre o conceito, o que é o mercado relevante, do que significa, porque é um conceito meio controverso na doutrina. Só que aí, lendo, eu vi que era mais importante, não o conceito, mais como que é

determinado esse mercado, como que na prática, quais os métodos que são utilizados pra chegar em determinação desse mercado... fui pesquisando, conforme eu fui lendo livros sobre isso, eu acabei achando que era mais importante realmente abordar como é determinado este mercado, fui trocando e-mails com ela, ela concordou, e a gente mudou o foco do trabalho. A escolha foi nesse sentido....

O *Sujeito*^{G2} traz, em sua fala, a liderança que exerceu em seu grupo durante o desenvolvimento do TCC. Chamamos a atenção para o fato já relatado por ele: desistiu do curso três vezes por não se sentir estimulado no meio universitário. De acordo com o que contou em seu grupo, formado por três estudantes, foi o que mais se envolveu com o desafio de aprender e conhecer.

Sujeito^{G2}:

(...) Eu percebi que assim como nós que temos dificuldade no computador tem professor que não sabe nem mandar e-mail, daí eu disse assim... como você vai inserir a tecnologia na educação se o professor também não tá pronto?!...

(...) Aí a gente explorou um pouco entre nós e eu fui conversar com a orientadora, ela falou, olha eu acho perfeito, eu tenho dificuldade e percebi do começo até aqui da faculdade que os professores também na universidade tem esse mesmo problema, mas eu queria focar o deficiente e elas(as colegas do grupo) não queriam. Bom daí eu falei, olha, vamos deixar o deficiente de fora, mas vamos focar o professor na alfabetização da criançada, daí a gente tinha que fechar num ponto, entre a terceira e a quarta série que foi o que a gente resolver mexer.

*(...) Então, como eu falei pra você eu conversei muito com a professora de informática da faculdade, ela leu várias vezes o meu projeto e depois a gente fez alguns cortes tivemos que fazer algumas melhorias e o interessante foi que era assim (...) **ficava muito a cargo de como eu tava enxergando as coisas, porque como eu falei pra vocês as meninas colocaram muitos obstáculos, eu não carreguei o trabalho sozinha no sentido da construção, mais a busca dos tijolos eu tive que carregar só, eu tive que assim eu me dispunha a tá no horário que o professor podia conversar comigo, eu ia com alguma coisa já rabiscada por nós três para argumentar e ver se estava dentro da idéia..***

O *Sujeito*^{G3} demonstrou, em sua fala, a coragem de decidir abordar um tema controverso na área do direito. Isso demonstra confiança tanto na sua capacidade investigativa quanto no orientador que acompanhou o seu trabalho. Observamos que, no momento do relato, demonstrou expressões de confiança e alegria. Inferimos que a expressão corporal e facial apresentada deve-se ao fato da lembrança daquele momento vivido lhe trazer uma sensação agradável.

Sujeito^{G3}:

(...) em se tratando do direto, fazemos uma exposição de alguma coisa que ainda não está definido e o assédio moral é exatamente isso (...) colocarmos um problema em pauta e pra esse problema que ainda não há uma corrente definida, a partir disso, nós queríamos saber, qual era a percepção de cada professor acerca de assédio moral...

*(...) Eu falei, é exatamente isso que eu quero saber! **(risos)** Eu quero saber disso sobre a percepção do assédio moral no ambiente de trabalho, eu trouxe essa percepção em se tratando de doutrina, trouxe um percepção de como era hoje e como é tido o assédio moral no ambiente de trabalho*

O *Sujeito*^{M2} sempre se destacou dentre os outros entrevistados, do ponto de vista da compreensão dos processos que envolvem o desenvolvimento do trabalho científico. Evidenciamos anteriormente que esse fato, notável, tem como explicação sua participação em projetos de iniciação científica e ter sido, durante a graduação, bolsista da FAPESP. Essa mesma compreensão ficou demonstrada quando ele relatou os caminhos percorridos para chegar ao foco da sua pesquisa - abordando questões, como delimitação do tema - e as dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa teórica, sobretudo, na área das Ciências Humanas.

Sujeito^{M2}:

*(...) **a gente quer abraçar o mundo com as mãos, então a medida que a gente vai tomando conhecimento...a gente consegue ir delimitando...***

*(...) meu orientador, às vezes ele organiza algumas leituras em conjunto comigo e com outros orientandos que trabalha com temas similares ...**Tem que ler e expor, isso me ajudou muito (...) eu gosto muito da minha pesquisa...***

*(...) Até porque **num trabalho teórico em ciências sociais** o que acaba valendo mesmo são as minúcias, **de fato tem temas que foram trabalhados, difícil achar alguma coisa que não foi nesse plano...***

*(..) Você sempre pega um caso novo (na pesquisa aplicada), porque tem sempre coisas novas acontecendo... está acontecendo tal coisa e aí contrasta com a literatura daquele assunto. **Na área teórica não, talvez eu tinha esta impressão de estar repetindo o que os outros fizeram...***

*(...) eu não sabia, mas quando **eu fui procurar o meu orientador** pela primeira vez, descobri que **ele já tinha feito em parte ou já tinha sugerido esta comparação (o tema que queria pesquisar) num capítulo de mestrado dele...***

O *Sujeito*^{A1} desenvolveu um trabalho didático da disciplina que estava cursando. O tema, portanto, foi sugerido pelo professor. No seu relato, expõe, claramente, todos os passos do processo de aprendizagem que trilhou, corroborando Kuhlthau quando diz que o Processo de Busca da Informação – ISP tem sido usado como guia para treinamento de estudantes numa aprendizagem baseada em questionamentos.

Sujeito^{A1}:

*(...) a satisfação ela é grande (**risos**), a satisfação em geral, quando você fala, nossa eu que tive que pesquisar em diversos lugares, tive dificuldade em achar tal livro, em achar informação sobre determinado tema, em desenvolver aquele tema abrangente (...) e você conseguiu, você aprendeu...*

Vimos, desde a primeira fase, que o *Sujeito*^{G4} desenvolveu um projeto experimental. Observamos também que, desde o início, o desenvolvimento do seu projeto, mesmo utilizando outros procedimentos, continha diretrizes metodológicas do trabalho científico. Esse fato continua ocorrendo e pode ser ratificado nos fragmentos das falas do sujeito. O foco, as soluções de mercado para o projeto de rede que seria desenvolvido, foram definidas a partir das dificuldades e necessidades identificadas na fase de exploração.

Sujeito^{G4}:

(...) O professor falou: vocês já fizeram a pesquisa, já levantaram as necessidades da empresa. “Agora o que vocês precisam fazer é desenvolver o projeto”. O que é esse projeto?... Com base nas dificuldades e nas necessidades que a gente achou, esse trabalho consistiu em pegar soluções de mercado, então fazer pesquisa de solução mercado, que a gente podia aplicar nessa empresa...

*(...) Então, vamos pegar agora o que existia no mercado de solução... a parte teórica e prática final, que seria já a solução mesmo que a gente ia apresentar pra empresa, encaixava todas as palavras, tudo o que precisava, tudo direitinho...(**risos**)*

Conforme relatado anteriormente, o fato ter perdido a visão um ano antes de concluir o curso de Direito, exigiu do *Sujeito*^{G5} uma nova forma de apreender as informações sem a referência das imagens ainda tão presentes na sua memória. Como tinha dificuldade de fixar as informações quando lidas por outras pessoas ou por voz sintética e ainda não tinha muita destreza com o Braille, buscava fontes orais participando de palestras, seminários e congressos. Isso o ajudou bastante, pois as formas de exposição das apresentações favoreciam a compreensão.

Sujeito^{G5}:

(...) Mas até achar o foco, foi muita leitura, muita conversa com o professor...

(...) Nesse intervalo eu comecei a ir a palestras relacionadas com o tema (ela está se referindo ao foco encontrado), ia a bastante seminários, congressos, foi aí que eu me dei bem..

No relato do *Sujeito*^{A2} fica evidenciado que o processo de busca de informação pode ocorrer em eventos não lineares. Aqui fica demonstrado um ir e vir entre a fase de exploração e a definição do foco. Como esse trabalho também foi um projeto experimental, cuja tarefa era identificar o problema de uma ONG e propor soluções àquele problema, mesmo depois de delineado o foco da pesquisa, cujo problema estava na ambiguidade da imagem da ONG, o sujeito teve que voltar à fase de exploração para redimensionar a extensão do foco. Outro fato que nos chamou a atenção foi a satisfação demonstrada pelo sujeito por ter tido condições de participar plenamente dos trabalhos.

Sujeito^{A2}:

(...) Aí nós decidimos trabalhar no projeto Arrastão, a gente foi lá e vimos que o problema que eles tinham era um problema de imagem. Por exemplo, as pessoas não sabiam se a ONG era do tipo acolhedora ou educativa, então as pessoas não sabiam qual era o foco da ONG Arrastão...

(...) Aí nós fizemos uma pesquisa com os alunos pra saber qual era o pensamentos deles sobre a ONG o que eles estavam achando dos cursos, se ia ajudar na

*profissionalização deles e tudo mais(...) foi uma coisa **mais emocionante (risos)** porque eu participei eu me senti útil...*

O *Sujeito*^{M1} demonstrou que o conhecimento que tinha sobre os temas que compuseram o seu trabalho lhe proporcionou a condição de refletir sobre os mesmos e estabelecer uma conexão de modo que uma área suportasse e fortalecesse a outra. A lembrança desse momento lhe traz uma agradável sensação também explicitada em sua fala.

Sujeito^{M1}:

*(...) Então você me fez uma pergunta muito interessante sobre como que eu fiz para focar no meu trabalho **e é uma sensação muito agradável de lembrança...***

(...) A minha paixão é o Direito Constitucional, costumo dizer que é a menina dos meus olhos (risos), mas, em particular dentro dos temas tem algum tema que a gente acaba gostando mais...

(...) Como eu te falei eu sempre gostei de princípios, o ramo do direito, sobretudo de princípios... por uma série de motivos e, todos os ramos do direito tem princípios inclusive o direito constitucional, que o direito constitucional estuda basicamente a constituição...

(...) Então na verdade eu comecei a perceber que o direito constitucional poderia servir devido a força que eles tem e a falta do uso, então eu quis trazer para o meu trabalho a apresentação dos princípios e a possibilidade de utilizá-los como uma ferramenta jurídica e importante para as pessoas com deficiência então eu tracei um trabalho...

Na perspectiva de estabelecer um foco sob um ponto de vista particular percebemos que as informações obtidas nas fases de exploração e seleção, juntamente com as experiências acadêmicas e pessoais acumuladas pelos sujeitos entrevistados, foram fundamentais para esse processo. Refletindo sobre os relatos dos *Sujeitos* nas fases 1, 2 e 3, identificamos o professor como indicador de possibilidades de temas. Constatamos, porém, que os sujeitos entrevistados assumiram escolhas próprias demonstrando amadurecimento e compreensão do processo vivenciado.

A formulação do foco, sob uma perspectiva pessoal, é um ponto crucial no processo de pesquisa em informação. De acordo com Kuhlthau (2003), o aprofundamento da reflexão sobre as informações encontradas na fase de exploração dá um sentido para a conclusão da pesquisa. Ficou evidenciado que os sujeitos entrevistados formularam o foco de suas pesquisas em consequência da compreensão que tiveram do tópico geral a partir das informações encontradas nas fases anteriores. É evidente a ligação entre sentimento de confiança e a sensação de clareza com relação ao sucesso obtido na formulação do foco.

4.6 Fase 5 – Exploração de informações

Nessa fase, voltamos para o processo de exploração vivenciado na fase 3. Entretanto, a definição do foco da pesquisa direcionará a busca com mais precisão e profundidade. A tarefa a ser realizada agora é buscar e reunir informações que apoiem o foco estabelecido na fase anterior. Essas tarefas correspondem à fase 5 do Modelo Kuhlthau, denominada “coleta”. Segundo Kuhlthau (1999, p12), durante esse estágio, o “estudante faz conexões e extrapolações a partir da informação reunida”.

Mais uma vez a necessidade de busca de novas informações está presente no processo de construção dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos pelos sujeitos entrevistados, e o que se revelou em suas falas foi que, de todas as fases do processo de pesquisa de informação proposto por Kuhlthau, esta foi onde mais se evidenciaram as barreiras de acessibilidade, tanto no acesso à informação impressa quanto ao acesso à informação digital.

A nossa análise nesta tarefa de “coleta” se deu sob o ponto de vista da acessibilidade informacional. A nossa intenção foi identificar os pontos facilitadores e dificultadores de acesso à informação, para o deficiente visual, no processo de busca da informação acadêmica, sobretudo, no ambiente digital. Salientamos que outras variáveis, do ponto de vista de aspectos relativos à mobilidade, utilização de recursos específicos a sua deficiência, relacionamento com outros indivíduos do ambiente universitário, não foram exploradas, ou não foram exploradas com profundidade nesta pesquisa.

De uma forma geral, o sucesso desta ação vai depender de se o deficiente visual possui e domina a operação, de ferramentas de acessibilidade que possam driblar as barreiras de acessibilidade dos sites, no caso do acesso a informação digital, e se os catálogos bibliográficos das bibliotecas físicas são acessíveis, possibilitando assim autonomia no processo de busca de informação.

Identificamos que as grandes dificuldades relatadas pelos deficientes visuais, sujeitos desta pesquisa, foram no acesso aos ambientes digitais provocadas pelas seguintes variáveis:

- nível de acessibilidade dos sites,

Sujeito G1:

*(...) em relação aos sites varia muito a acessibilidade de um para outro, mais de acordo com a construção. **São raros os sites que você percebe que existe uma preocupação em se tornar acessível.** As vezes ele é acessível, por conta dos programas que são preparados para isso. JAWS é um programa preparado para entrar o máximo possível nas coisas, sem que as coisas tenham adaptação para ele. Então é o programa que você usa que te dá uma certa liberdade entrar lá e conseguir fazer. Mas não que o site tenha sido preparado e construído pensando em te dar acesso...*

Sujeito G5:

(...) A internet no nosso caso é terrível por causa da falta de acessibilidade do site...

(...) Você encontra material e isso me deixa muito triste, porque você encontra o material que eu quero consigo ler o conteúdo, mas eu não consigo concluir, por causa de uma figura. Isso é falta de acessibilidade que tem do próprio site.

- formato e extensão dos arquivos disponibilizados na web,

Sujeito G2:

(...) São duas coisas que eu encontrei como um obstáculo muito grande os PDFs quando o arquivo vinha em PDF se você não tiver alguém para te ajudar, porque o virtual vision não lê PDF... acho que parece que agora ele lê PDF...

Estudo recente realizado por Prado (2008) e apresentado nesta tese no capítulo 2, página 68, revela que, 71,07% (317.000.000) dos arquivos disponíveis na web estão em formato “PDF” o que exige ferramentas de softwares específicos para leitura.

- Acesso a leitores de tela que leem PDF,

Sujeito A2:

(...) Eu utilizo o Virtual, o Virtual Vision que tem bastante recursos e uso o JAWS também que eu acho bom pra entrar na internet, pra navegar tem uma voz bem legal, dá pra você entender então eu utilizo esses dois softwares, tem mais, mas esses são os melhores...

Sujeito G1:

(...) O JAWS lê PDF, esse PDF que eu encontrei estava em imagem porque o PDF pode guardar tanto imagem quanto texto ... Então se ele vem em imagem a gente tem uma dificuldade... resultados quando você tem que passar no OCR não é perfeito. Nesse caso eu dei sorte porque ele já tava em texto, acho que a pessoa fez e só converteu pra PDF, ela deve ter feito no Word alguma coisa assim e converteu pra PDF pra poder guardar no site da universidade e tal... não só é uma recomendação pro caso do deficiente como pra manter a qualidade mesmo.... dificulta, é, pela qualidade, por que nunca é perfeito, você ta convertendo e voltando ao mesmo padrão de novo...

Em estudo realizado por Passos e Ferreira (2009) e exposto no Capítulo 2, página 70, desta pesquisa, as autoras apresentam um levantamento dos principais leitores de tela utilizados no mercado, seus

valores e sua capacidade ou não de ler PDF. Os dados expostos no levantamento indicam que somente duas das tecnologias assistivas testadas no trabalho, naquele momento, leem “PDF”, sendo elas: o software JAWS, que requer um considerável investimento financeiro na sua aquisição, considerado porém, pelos deficientes visuais mais eficiente, sobretudo para acessar a internet, e o software NVDA, desenvolvido pela Microsoft e que, apesar de gratuito, ainda apresenta erros em sua execução.

Sujeito^{M1}:

(...) JAWS, na época eu usava aquele virtual vision, mas tinha algumas limitações, não lê imagem essas coisas. O JAWS é o melhor com certeza. É uma pena que ele é muito caro...

Sujeito^{A2}:

(...) Eu utilizo o Virtual, o Virtual Vision que tem bastante recursos e uso o JAWS também que eu acho bom pra entrar na internet, pra navegar tem uma voz bem legal, dá pra você entender então eu utilizo esses dois softwares, tem mais, mas esses são os melhores...

Sujeito^{A3} :

(...) Existem bons programas livres como o dosvox, virtual, nvda, mas infelizmente o JAWS está na frente, a tecnologia, está na frente, os caras investiram, você tem rapidez e resposta, ele não trava muito...

- extensão PDF protegido,

Sujeito^{G4}:

(...) eu pegava esse livro, mas não conseguia ler porque eu baixava mas ele estava num formato que não era acessível aí o que eu fazia nesses casos, pegava ou pedia para alguém ler o material...

Sujeito ^{A3} :

(...) Depende, tem PDF que é protegido, aí esquece. Não consigo. O que a gente faz, procura sites governamentais ou instituições já acessíveis, que já são que o site é acessível. Aí eu me sinto mais seguro de entrar nestes sites acessíveis do que estes sites que não são acessíveis. Então eu consigo mexer em qualquer site, mas se for acessíveis facilita minha, mas se não for...

Como os leitores de tela não leem as imagens e os PDFs protegidos são “imagens”, os arquivos tornam-se inacessíveis mesmo para os leitores de tela mais avançados.

- habilidade em lidar com as tecnologias de informação e comunicação,
 - quando a falta de habilidade dificulta;

Sujeito ^{G2}:

(...) eu tive muitos problemas é o que eu falei pra você eu tive um amigo que trabalha com computador mesmo e conhece o virtual vision por mim por nosso relacionamento, então assim tudo que era possível e o que não era ele tirava folha por folha e convertia...

- quando a habilidade facilita;

Sujeito ^{A2}:

(...) Eu pego o livro da biblioteca da UNISA e trago aqui no SENAC porque aqui tem scanner, tem open book. O bibliotecário digitaliza, quando ele não pode eu já sei mexer no open book. Aí eu venho gravo aqui e faço a parte em áudio ou então pego o arquivo em texto e leio em casa pelo computador. Então tudo que for livro, texto, jornal eu tenho que fazer essa digitalização para que eu possa ter acesso às informações...

- escassez de material bibliográfico digitalizado,

Sujeito ^{G4}:

(...) a segunda parte eu encontrei dificuldade, mas na parte de livros mais de livro, muitas vezes eu encontrava um livro, já digitalizado, então alguém teve a idéia ou boa ou ruim porque tem toda essa questão dos direitos autorais em cima enfim ele foi lá e disponibilizou o livro então aquele livro para quem enxerga o livro já estava lá para quem enxerga...

Sujeito^{A2}

(...) Então essa parte dos professores, eu acho que eles tinham que dar o texto antes pra gente ter acesso, chegar na sala, fazer os trabalhos e participar mais. Não adianta você ficar no grupo e somente o grupo fala e você ficar ali. Sabendo que a gente é capaz, que a gente tem total capacidade de dar opinião criar novas idéias. Isso é uma falha que tem. Os professores têm que se anteciparem com as matérias, essas coisas...

Sujeito^{M2}

(...) Então, uma delas foi essa a falta de livros digitalizados, dificuldade de achar material digitalizado embora isso tenha melhorado a... Outra coisa também... este problema existiu...

Essa escassez de material bibliográfico acessível leva os deficientes visuais a procurarem alternativas para essa barreira de acessibilidade informacional. O *Sujeito*^{A3} afirma que 100% dos deficientes visuais que fazem parte do seu círculo de relacionamento usam a *internet* e recorrem aos sites mantidos por comunidades que digitalizam livros e transformam-nos em arquivo *txt*.

De acordo com Sampaio (2005),

A chegada dos equipamentos eletrônicos de alta tecnologia no mercado brasileiro fez com que os deficientes visuais passassem a não mais depender de um terceiro para as leituras das obras de seus interesses, passando a ouvir diretamente dos computadores a leitura de jornais, revistas, livros etc [] a partir deste marco histórico para os deficientes visuais, um outro problema surge: a garantia dos direitos autorais e patrimoniais das diversas obras utilizadas por estes sistemas eletrônicos em benefício de um segmento...

[] Com o decorrer do tempo, o problema só vem aumentando, já que o índice de usuários de internet no Brasil aumenta a cada ano e, conseqüentemente, o número de deficientes visuais também. Por outro ponto vista, além do uso do “scanner” para cópias de livros,

temos também a proliferação de sites para compartilhar a leitura destas obras copiadas, de modo que o acesso é mantido sem os controles necessários para evitar acessos de usuários que não os deficientes. (SAMPAIO, 2005)

O *Sujeito* ^{A3} denomina esses sites como “remedinhos”, ou seja, uma alternativa para a falta de material bibliográfico, em formato acessível para parte de bibliotecas, editoras e organizações especializadas no atendimento a esses indivíduos.

Aqui encontramos a primeira evidência explícita nesta pesquisa sobre a consequência do impasse entre editores e deficientes visuais no processo de liberação dos arquivos de livros científicos para serem convertidos para o Braille ou voz sintética.

A Lei de Direitos Autorais nº 9.610 diz que:

Capítulo IV

Das Limitações aos Direitos Autorais

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - a reprodução:

d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

Porém, apesar da Lei permitir a cópia em qualquer formato acessível, não existe nenhum inciso ou alínea que obrigue os editores a fornecer esta cópia acessível, seja em Braille, áudio, digital ou mesmo PDF desprotegido. É necessário que o próprio deficiente visual ou instituições negociem a cópia em formato acessível.

Sujeito ^{A3} :

(...) Consigo sim. o que a gente faz: se é pdf, pra gente não importa muito a imagem, a gente baixa a revista, transforma ela de pdf para txt, porque um arquivo de txt é livre de formatação, não tem imagens, fica melhor, a maioria dos deficientes possuem arquivos em txt. Para o leitor de telas é uma maravilha...

(...) Como se diz, é livre, a Internet tá lá, 100% dos deficientes que conheço está na Internet, 80% são remedinhos, aquelas comunidades os deixam livres.

- proficiência na busca de informação

Sujeito ^{A1} :

(...) É complicado porque alguns sites que tem você consegue ler o texto inteiro, tem sites que nem lê, tem site que lê mas “sai” cortando não lê tudo aquilo que você precisa e tem sites que você procura e não acha nada, tudo que você vai fazer tem os prós e os contras, internet é um meio muito bom mas também tem algumas coisas que deixam meio a desejar no caso para os deficientes visuais.

(...) Quando eu encontro tudo que eu quero eu fico satisfeito (risos) quando não, aí depende do momento tem coisas que você não vai encontrar você pode fuçar na internet e você não vai encontrar... o Google é uma ferramenta excelente mas as vezes você “coloca” o tema lá e ele não te dá aquilo que tá procurando, ele te dá centenas de coisas mas não aquilo que você está pedindo então já cria uma insatisfação as vezes você “coloca” um tema lá e ele vai te dar milhões de links e todos os links tem aquilo que você tá procurando então você fica com um grau de satisfação bem maior.

Sujeito ^{G4}:

(...) Então a minha dificuldade foi basicamente duas vamos falar assim, uma foi nem tanto de acessibilidade, mas de disponibilidade vamos mesmo, porque eu não encontrava muito texto... muitas vezes eu usava o Google por exemplo...

A questão do desconhecimento de critérios básicos de recuperação de informação, que podem ser consultados nas “dicas de pesquisa” encontradas nas opções de “pesquisa avançada” nos buscadores, metabuscadores e diretórios, já foi trazida nesta pesquisa, por ocasião da análise da fase 3. Entretanto, por considerarmos um aspecto negativo ao processo de busca de informação, trouxemos, mais uma, vez essa questão para que se faça uma reflexão a respeito dela.

De acordo com Moraes; Rocha, à medida que o usuário salta de formulações maldefinidas para as necessidades de informação,

seu comportamento diante dos mecanismos de busca se modifica desde uma postura mais despretensiosa até uma postura mais “concentrada”. Para que ele consiga formular precisas questões de busca, ele passará por um processo de aprendizado que acontece durante a recuperação da informação (entendido como um melhor esclarecimento do tópico sob investigação, que é importante para a definição do foco). (MORAIS; ROCHA, 2007, p.3).

- portabilidade do material em Braille,

Apesar de o Braille ser considerado a ferramenta que mais possibilita a fixação da informação para os deficientes visuais, o *Sujeito M1* chama a atenção para a dificuldade de portabilidade dos materiais em Braille devido ao grande número de volumes necessários para comportar uma obra completa.

Constatamos que essa dificuldade, aliada a outras variáveis relacionadas ao Braille, como, por exemplo, ausência de material bibliográfico atualizado, em Braille, tem levado os deficientes visuais a optarem, cada vez mais pelo computador e outras tecnologias de comunicação e informação. Essa percepção se comprova pelo fato de somente 2 sujeitos, nas entrevistas realizadas, citarem o Braille como ferramenta facilitadora no processo de uso da informação.

Sujeito M1:

(...) O Braille é a ferramenta principal do deficiente visual atrelado a bengala e sempre será ... a forma de fixação do Braille é muito fácil mas entretanto o problema do Braille é a disposição e a locomoção do Braille um livro por exemplo um livro do código civil em Braille ficaria em muitos volumes...

(...) fiquei cego aos 24 anos e então eu me alfabetizei pelo método Braille entretanto eu tenho uma dificuldade...eu pelo fato da necessidade de ser muito imediato eu muitas vezes abri mão do Braille por conta dessa agilidade e rapidez... Então esse

foi um dos motivos que me levou e me leva com certeza a informática, e quando a gente fala em informática a gente fala em computador, a leitura pelo computador, digitalizada, é a confecção de um trabalho então quer dizer a gente acaba sendo midiático e torneado pelo uso do computador, por ser muito mais fácil, muito mais rápido então quer dizer e não ha demérito...

Sujeito A2

*(...) O que fica mesmo difícil é quando não tenho acesso à leitura. Quando o meu grupo pega os textos, elas lêem, mas pra mim eu não consigo analisar muito quando a pessoa está lendo pra mim, eu gosto de eu mesma pegar o texto e eu mesma ler. As vezes o professor leva algum texto na aula pra poder fazer trabalho em sala, **só que não tem nada em Braille**, então fica meio difícil, até pra dar alguma opinião. Tenho que prestar muita atenção na primeira vez que o texto é lido porque elas só lêem uma vez. Elas não vão ficar lendo três, quatro vezes...*

Segundo Kuhlthau, muitas estratégias na pesquisa tradicional em bibliotecas são úteis nesta fase de coleta. Quando, porém, decidiram usar a biblioteca para coletar informação pertinente ao foco definido ou solicitar orientação ao bibliotecário, os relatos obtidos indicam que as bibliotecas não oferecem produtos e serviços que satisfaçam as necessidades dos estudantes, neste caso, os deficientes visuais, e o desempenho do bibliotecário fica limitado ao de localizador.

Em sua tese de doutorado, Campello (2009, p. 142) verificou que “a prática do bibliotecário ocorre predominantemente no nível que Kuhlthau denomina de *localização*, que lida com questões mais operacionais, externas, tais como: ensinar a encontrar e manusear fontes, a normalizar o trabalho escrito e eventualmente, propor roteiros para orientar a tarefa”. Campello ainda nos diz que para Kuhlthau “o bibliotecário precisa ampliar sua atuação, além daquela de caráter técnico, que se restringe à organização do acervo e propicia apenas o “acesso básico” aos recursos da biblioteca. (KUHLLTHAU *apud* CAMPELLO, 2009, p.43)

Salientamos que, assim como no caso dos professores, não estamos julgando os bibliotecários nem avaliando os serviços das bibliotecas. Estamos, na verdade, trazendo, sob o ponto de vista dos sujeitos

entrevistados, a percepção dos espaços e dos profissionais, com o intuito de oferecer dados que possibilitem a implantação de produtos e serviços que atendam as necessidades desses usuários.

De uma maneira geral, a percepção por parte dos sujeitos entrevistados é:

- da biblioteca como espaço nada acolhedor e sem adequação física e tecnológica, do ponto de vista da acessibilidade, para receber o deficiente visual,

Sujeito G1:

*(...) Nunca, **todas as bibliotecas que eu precisei nenhuma tinha, nem essa questão de pesquisa, nem algum tipo de sinalização para estantes para você conseguir achar um livro, nenhum tipo assim de sinalização tátil,** mesmo algumas que estavam começando a fazer a adaptação, **mas estavam restritas aos materiais Braille ou falado e não dava esta acessibilidade tecnológica** (...) na universidade aonde eu estudava estavam começando a colocar algum programa que era voltado para alunos que estudavam ali usar a internet, mas não era usado para o acervo da biblioteca. **Não tinha essa idéia de acessibilidade da biblioteca,** seria uma coisa interessante, seria interessante se tivesse computador que você pudesse fazer ali, talvez um scanner, se você pudesse fazer esse trabalho de leitura do sumário, se pudesse escanear ali e já vai se era interessante ou não já descartava e já pegava outro livro, seria uma coisa interessante...*

*(...) **Basicamente em biblioteca é raro você encontrar sumário de um livro para você conseguir ler,** mesmo se você fizer a pesquisa por assunto aparece o nome do livro, aparecem alguns dados dele, mas podia aparecer um índice, uma coisa que te desse uma noção melhor do que tem naquele livro, podia ter algum tipo de informação mais relevante, eu encontrava o nome do livro eu tinha que ir com alguém para poder ler o livro, pois eu não conseguia saber se tinha a orelha do capítulo que eu queria ou não...*

*(...) **No geral assim bibliotecas não tem... se tivesse preocupação com acessibilidade dos seus catálogos digitais, isso permitia que eu entrasse e fizesse sozinho a pesquisa, mas assim eu acho que as informações são meio restritas do material.** Podiam ter alguma informação melhor, que te desse mais base para separar o que é relevante ou o que não é. Eu peguei muito livro que eu tirava da biblioteca, eu lia o índice, levava para casa para alguém ler o índice do livro, mas chegava lia o índice, mas não tinha nada que eu queria e devolvia. São coisas que um pouquinho mais de informação que tivesse ali, na sinopse ou sumário, podia ajudar talvez a selecionar melhor e facilitar...*

Sujeito ^{M1}:

(...) **Então, esse trabalho de eu ir até a biblioteca foi “eu quero alguma coisa assim”. É como roupa, eu chego numa loja e dou o maior número de informações pra pessoa pra que a pessoa me traga aquilo que eu desejo.** E aí a partir do momento que ela me traz eu vou pra conferência tátil, vou me trocar, vou experimentar e tal, é dessa forma que a coisa acontece.

Sujeito ^{M2} :

(...) Isso é um problema na USP para a biblioteca, **embora ela melhorou bastante neste sentido, tenho que reconhecer** E peço quero tal, tal livro, tais, tais e eles vão lá e buscam pra mim, e eu vou tiro Xerox dos capítulos que preciso, ou levo o livro pra casa e digitalizo mesmo, depois devolvo. Então o meu uso da biblioteca acaba sendo um pouco limitado.

(...) **Hoje eu uso a biblioteca, mas é assim para tirar os livros e levar para casa, acaba sendo um uso mais limitado digamos assim. Agora melhorou porque tem este terminal com o virtual vision (...) eu posso encomendar o livro por lá, tem também elevador, tem também o piso tátil que estão começando agora colocar, mas, por exemplo: - para localizar os armários não tem Braille, mas não tem não tem nenhum.... então eu dependo de alguém para me ajudar a colocar minha bolsa para achar o armário, em geral os estagiários ...** acesso nem sempre dá né porque sempre está lotado, então esta é uma coisa que eu até comentei com a bibliotecária... eles então estão providenciando uns armários pra poder localizar.

- do bibliotecário como localizador da informação,

Sujeito ^{G1}:

(...) **No meu caso foi mais realmente só busca, pegar a informação, os livros que eu definia. Porque as vezes que eu tentei buscar revista alguma coisa, pedir pra que eles procurassem alguma coisas sobre o assunto, nunca tive retorno assim de nada ...** os materiais que eu achei foi realmente pesquisando, quando eu fui orientando a pesquisa ... então quando eu queria falava para algum colega de sala, digita aí tal.. vamos procurar esse assunto, vamos ler aquele índice pra mim.. aí eu achei alguma coisas... **mas as vezes que eu tente ligar pra biblioteca e falar olha tenta arrumar uma revista sobre.. a revista do ano tal... ou uma revista sobre mercado relevante..uma revista do CAD.. no meu caso eu não obtive um retorno,** na universidade.. na biblioteca da universidade em que eu estudei né...porque nas outras eu fiz a pesquisa mesmo pela internet, e aí quando eu entrei em contato com o bibliotecário foi só pra... pra pedir o material... ver seu eu podia retirar..se eu podia pesquisar, então eu não cheguei a pedir maiores informações...

Sujeito ^{G3} :

(...) **hoje ainda é difícil achar algum bibliotecário que tenha conhecimento, é difícil mesmo, é raro achar hoje e na minha faculdade não seria diferente... para que ele era importante, qual papel que ele exercia de**

importância para mim? (...) todo mundo poderia pegar livros de 7 para 8 dias para escanear, ele concedia um prazo maior para mim... a importância da bibliotecária da faculdade foi só nesse sentido. Mas por exemplo, eu precisei, eu falava você tem como pesquisar alguns periódicos para mim, selecionar revistas? (...) Passou dois meses meu trabalho estava quase pronto e nada veio. Então, quer dizer, tentei eu juro que tentei, mas também não tive sucesso....

Sujeito A3 :

(...) Não, infelizmente não. Eu conheço o pessoal da biblioteca, pessoal muito legal, me trata super bem. Mas ninguém tem essa disposição... eu simplesmente, eu levei um colega meu, porque tinha que acessar o computador para ver o acervo deles e nem isso eles fazem ...seu eu for só eles fazem para mim a consulta, mas seu não for com um colega e não fazem a consulta.

(...) Infelizmente, o bibliotecário na minha faculdade, só pegou o livro para mim, só passou o livro para mim. Eu não tive ajuda, eu gostaria que tivesse na minha biblioteca (faculdade) uma pessoa pudesse pegar o livro quando eu solicitasse lá e escaneasse, corrigisse os erros e me passasse digitalizado. Isso eu não tenho, com isso eu não posso contar.

Sujeito G5 :

(...) Não tive por parte dos bibliotecários nenhuma orientação, de como desenvolver a pesquisa, de me ajudar a encontrar os materiais. Na verdade isso era serviço da minha mãe, que me ajudava bastante...

(...) Minha relação com as bibliotecas e os bibliotecários não foram de construção, mas de operação...

Para Delpino (2004, p.116), a inclusão do deficiente visual na universidade “superam em muito as questões meramente físicas ou tecnológicas... o cerne de toda a questão reside especialmente na maneira como o deficiente é visto e é tratado”. Por um lado, corroboramos a afirmação da autora e chamamos a atenção para todos os profissionais da educação, dentre eles os bibliotecários, para o fato de que ter uma atitude acolhedora e inclusiva certamente abrirá caminhos para que sejam encontradas soluções que minimizem as barreiras enfrentadas por esses indivíduos.

Por outro lado, é preciso salientar que alguns sujeitos mostraram-se satisfeitos com a atitude e os serviços prestados pelas bibliotecas e

bibliotecários; porém, somente o *Sujeito*^{G2} externou a importância do bibliotecário como “mediador de informação”. Os outros sujeitos, ao demonstrarem sua satisfação, estão sempre se referindo a serviços meramente operacionais, como digitalização de livros e localização de materiais.

Sujeito^{G2} :

*Olha Jeane uma coisa que foi muito valiosa pra mim foi conversar com o bibliotecário daqui do Senac, o Ricardo, foi muito é, salvador mesmo, a gente conversava muito por telefone... ele me orientava, **convertia materiais...***

*(...) eu busquei muito livro aqui... Aqui no Senac, e muito ali no Mário Covas (Centro de Referência em Educação Mário Covas), porque eles tem um acervo pra educação fantástico , muito bom mesmo (...) **Lá no Mario Covas foi bacana, foi muito legal, eles já estão um pouquinho mais preparados para lidar com deficiente***

Sujeito^{G4} :

*Tem, tem sim, lá tem toda uma parte de serviços na biblioteca para os deficientes visuais. Tem livros que você entrega, por exemplo, **uma primeira necessidade que tem lá é pegar com o professor que livro vai usar naquele semestre, com base nisso você leva para a biblioteca os livros que você quer que sejam transcritos, só que de vez em quando a demanda como é muito grande eles pedem para que não seja todos os livros então geralmente tem que pegar um livro principal, então o livro principal desse semestre é tal então a gente vai trabalhar em cima desse livro os outros demais livros que seriam necessário também,** mas que não é o livro principal aí infelizmente não tem o suporte, só tem mais para o livro principal. Mesmo tendo o livro principal se o livro for muito grande as vezes tem livro que é muito grande, tem livro que as vezes tem 300, 500 paginas e olhe lá se isso basta também não é transcrito o livro inteiro, aí é feito uma segunda filtragem quais são os capítulos principais de novo, aí em cima **disso é feito a digitalização, todo um trabalho então nem sempre a gente pega o livro inteiro de uma vez então de vez em quando a gente pega tal capítulo lê tal capítulo aí tem que esperar a biblioteca acabar de digitalizar o outro capítulo vai aí voltar lá e pegar o outro capítulo.***

Sujeito^{M2} :

*(...) Uma coisa interessante, até que eu ia falar na biblioteca da USP, não é na (FFLCH)... Existe acervo mediante obviamente encomenda... o aluno chega lá e diz eu quero tal livro, da biblioteca tal. Eu usei muito pouco este serviço até hoje mais ou menos três livros... Porque eu gosto de estudar no meu ritmo, e pesquisa você sabe a gente tem... e as coisas vão aparecendo, vão surgindo. E às vezes você tem que esperar para este tipo de coisa, porque tem fila e... o pobre do estagiário (digitaliza passar no OCR) tal. E como eu tenho hoje o (Sara) eu mesmo já faço o meu escaneamento... **mas o que eu acho fantástico isso existir...***

Souto, (*apud* KUHLLTHAU, 1996, p.128) entende a mediação como a “intervenção humana para assistir a busca de informação e aprendizagem a partir do acesso à informação e uso”. Em relação ao papel do mediador, Souto caracteriza-o a partir do conceito de Kuhlthau (1996, p. 128) ao considerá-lo como “[...] uma pessoa que ajuda, guia, orienta e intervém no processo de busca de informação de outra pessoa”.

4.7 Fase 6 – Apresentação dos resultados

A última etapa da sequência de eventos de ordem prática operacional de um trabalho de pesquisa aponta que o estudante esteja preparado para organizar, avaliar a informação coletada, analisar os dados, construir o raciocínio demonstrativo, redigir o relatório final e se preparar para apresentar formalmente os conhecimentos conquistados ou usar os resultados obtidos. No modelo desenvolvido por Kuhlthau essas ações estão contidas na fase 6, denominada “apresentação”.

Como dito no parágrafo acima, faz parte deste processo, organizar as informações para iniciar a construção do texto propriamente dito. Há a consciência de que todos os referenciais teóricos e práticos usados para a elaboração de trabalhos científicos foram desenvolvidos a partir da perspectiva do vidente. Porém baseados nos dados levantados. De acordo com Nunes; Lomônaco (2008), “a cegueira impõe limites, exige adaptações, mas se as informações não chegam ao cego pela visão, é justamente pelos outros sentidos que ele tem infinitas possibilidades de conhecer o mundo em que vive”.

Vivemos em um mundo criado a partir da perspectiva do vidente e carregado de estímulos visuais. Nessa fase o deficiente visual se depara com a tarefa de construir um texto, que deverá conter além da expressão

escrita dos saberes apreendidos durante a pesquisa, todos os aspectos técnicos de apresentação gráfica. Essa ação demanda habilidades do ponto de vista de organização da informação reunida para futura reflexão e de formatação e domínio de programas de edição de texto além de conhecimentos de normalização bibliográfica e de todos os aspectos éticos que permeiam o desenvolvimento do trabalho científico.

Constatamos, por um lado, que cada sujeito entrevistado desenvolveu uma estratégia e uma metodologia própria, compatível com as suas habilidades e conhecimentos metodológicos e tecnológicos. Alguns sujeitos utilizaram o computador para organizar as informações, evidenciando mais uma vez, a importância do domínio da informática como facilitador desse processo, e demonstraram, nesta ação, maturidade metodológica, pois avaliaram dentre as informações coletadas as que seriam mais apropriadas para serem utilizadas.

Sujeito G1:

(...) quando eu construí mais ou menos o sumário eu pude separar cada documento de acordo com o título que eu pretendia para cada capítulo. Até então foi uma coisa meio, vai lendo, vai tentando guardar o que tem de importante naquele livro...

(...) do meu trabalho... eu fui lendo os livros, retirando os capítulos que me interessavam, cortando, eu faço um recorte, coloco no Word, salvava com o nome do documento.. tentava dar um nome mais ou menos pra que eu pudesse lembrar o que, que tinha importante naquele determinado documento...

(...) fiz tudo no computador, por pastas. Aí eu separei uma pasta pra monografia, depois fui salvando em vários arquinhos ali, olha... livro do Salomão Calixto, o importante é sei lá... métodos! O outro era importante o histórico, o outro era... você vai colocando alguma coisa dos capítulos pra referência, depois eu fui separando isso por pastas, e recortando até as passagens que eu ia citar mesmo, e cortava e coloca num arquivo a parte, com os dados, as notas. Uma coisa muito difícil, por exemplo, é você conseguir fazer essas notas de rodapé, essas referências bibliográficas...

(...) eu já tinha lido tudo, mais aí, tendo uma idéia do que eu queria falar eu fui aos poucos reparando que parte que ia caber melhor em cada capítulo, que livro que comportava cada capítulo... ah esse livro fala sobre essa parte e tal...ai você “vai separando coisas.. artigo de internet mesmo eu fui.. quando eu achava eu já salvava ... ia salvando com toda referencia e tal por que no final do artigo eu tinha que colar geralmente o endereço que eu achava da

internet a data que eu tinha pesquisado essas coisas pra poder referenciar ... daí então.. quando eu.. depois de ler.. aí que eu defini os tópicos do sumário, depois de definir os tópicos você volta a ler pra poder separar e rever cada coisa...

(...) Eu já havia estudado as normas técnicas, e também eu tinha livros de metodologia, escaniei livros de metodologia antes mesmo de partir para o trabalho. Escaniei livros de metodologia para ler, como fazer um trabalho acadêmico, por isso eu já tinha uma noção de como teria que fazer no final. Por isso toda pesquisa, quando fui lendo, fui procurando, **mesmo quando não estava com o tema definido, estava procurando na internet coisas sobre... eu já encontrava o site e já guardava no final e copiava o link e a data que eu acessei, aqueles dados que você tem que colocar na referência.** Eu já colocava antes mesmo de definir o tema, teve coisas que eu guardei que depois não foram utilizadas, que não era a respeito tema que eu acabei fazendo o trabalho...

Sujeito ^{A1} :

(...) vou no índice e vejo os temas, se tem o que eu quero. Aí vou lá naquele tema específico, leio aquele tema específico e se tudo o que tem ali me agradar seleciono, copio e colo tudo no Word. Se não me agrada tudo ou algumas informações, eu vou selecionando aos pouquinhos até eu achar tudo aquilo que me agrada eu vou selecionando no Word, **depois eu vou corrigindo para ver se não está fora de ordem, se tem coerência no texto, porque talvez fique pequeno uma coisa que não tem muito sentido aí você tem que buscar em outro texto para encaixar, daí eu faço esta organização e seleção desta maneira...**

(...) no Google a mesma coisa, vou lá no Google onde tem muitos links, leio uns três ou quatro... daqueles três ou quatro se todos me agradaram vou selecionando as partes mais importantes desde que o que eu selecionar já não tenha naquele primeiro texto, aí eu vou selecionando, aí se tiver por acaso

(...) muita coisa que eu já não me lembro, aí eu paro, dou uma lida naquilo que eu já selecionei, naquilo que eu já encontrei e falo, isso aqui tá bom, aí finalizei aquele tema e passo para o próximo tema. E assim eu vou selecionando tudo até fazer a conclusão inteira do trabalho. Assim que eu abro já tenho que estar anotando a referencia pra quando você precisar voltar já estar anotado para eu não esquecer.

Sujeito ^{A3} :

(...) eu faço o seguinte, eu crio uma pasta no meu computador e aí eu vou colocando a sequência desse material para mim entendeu? Porque quando eu começar a digitalizar no meu computador, quando eu for buscar referencia de página, de parágrafo, do autor, eu tenho que estar com tudo organizado no meu computador. Não pode estar disperso...

(...), tem que fazer um fichamento, porque nem tudo que você vai pegar ali você vai usar... no meu caso, para apresentar um aula de 20 minutos não dá para expor tudo aquilo, **você tem que fazer um filtro, mas um filtro seguro, não pode também deixar coisas que são relevantes...**

Por outro lado, a falta de conhecimento dos procedimentos metodológicos referentes à coleta de dados pode ser também um elemento dificultador nessa etapa do trabalho.

Sujeito^{G3} :

*(...) Então....o que acontece é o seguinte, a gente tendo uma noção razoável de um trabalho de metodologia... mas tendo essa noção **eu posso dizer o seguinte... que eu não tive os melhores dos procedimentos**, tem que ver o que é certo, não tive por fatores de que levava a não ter mesmo também procedimentos corretos, que era fazer um fichamento, o certo era fazer um fichamento, de todos os dados que você fosse pegando, **pois depois você não teria trabalho por exemplo de escrever, você não teria trabalho de separar...***

*(...) Eu dizia que, **no processo de captar os dados o certo era fazer um fichamento, para depois quando eu quisesse ir para o texto... Bom, não fiz isso, eu primeiro peguei livros que achava que tinham conteúdo** (...) escaniei todos os livros que eram interessantes, não foram mais que... escaniei três livros falar a verdade (...) E todo o restante de conteúdo proveio da internet, todo o conteúdo veio da internet.*

*(...) **Se tivesse feito um fichamento de tudo isso eu teria vantagem no sentido de elaborar um melhor texto** (...) porque eu escrevia, **quando terminou o trabalho eu tinha que reestruturar tudo novamente, tinha que colocar todas as citações**. Isso eu não fiz, o certo é ir escrevendo as citações que fossem importantes de expor no trabalho, era para ter feito e não fiz...*

*(...) na hora de estruturar isso, **essa pessoa foi importante, ela foi fazer isto comigo**, digo que sem ela eu teria dificuldade muito grande porque, **para lembrar, para separar todas as citações**, tive contar muito com paciência dela para fazer isso, esse trabalho foi um trabalho que tomou dois domingos das sete até as cinco o dia todo sentado. Isso já estava pronto, já tinha feito o trabalho todo e reescreve o trabalho, **mas por conta de ter feito desorganizadamente o trabalho e escrito desorganizado, de maneira desorganizado eu tive que perder muito tempo...***

*(...) Também, **eu sabia que tinha que haver um procedimento, tinha que haver um desencadeamento de cada ato**, passo a passo, onde uma vez feito, no final iria estar tudo certinho, só iria apenas revisar, **mas faltou um pouco de conhecimento...***

A dificuldade encontrada nos processos que regem a normalização bibliográfica foi sentida por uma parcela significativa dos sujeitos. Inferimos que essa dificuldade justifica-se por ela ser uma tarefa absolutamente visual, que exige parte dos educadores maior empenho em explicar o processo normativo.

Sujeito ^{G1}:

(...) Então foi feito na disciplina, na biblioteca foi muito pouco. **Esse é uma coisa difícil para gente fazer, é uma coisa complicada, principalmente a parte de formatação, das normas, colocar dentro das normas...**

Sujeito ^{G3} :

(...) Fácil não foi, fácil **não foi, porque toda vez que o ser humano depende de outras ações de outro ser humano nunca é fácil as coisas...** esse era um **trabalho de colocar todas as regras da ABNT**, eu estudei, olhei, eu dei uma olhada no meu trabalho do ponto de vista ético. **Isso teoricamente sabia tudo, só que na prática precisava de visão, precisava alguém olhar, precisava de alguém dando uma conferida...**

Sujeito ^{M2}

(...) Eu francamente assim eu sei por alto as normas da ABNT eu tento seguir, mas minhas notas ficam freqüentemente um pouco desconjuntadas, sinceramente eu não gosto dos padrões Americanos... Eu sigo o padrão europeu, eu acho que ocupa menos espaços com as notas de roda pé... porque eu percebi que as pessoas fazem isso com uma ligeira diferença...(uns citam os capítulos no começo da pagina e outros no final)... **eu acho que deve ser honesto e citar a fonte, e não precisa se apropriar das idéia dos outros é o meu único que eu enfrento...**

Conforme exposto no parágrafo anterior, o empenho aliado a uma atitude inclusiva, na relação com educadores, pode fazer toda a diferença no desenvolvimento educacional do deficiente visual mesmo em disciplinas que apresentam, para esses alunos, maior grau de dificuldade.

Sujeito ^{G2}

(...) O professor repetia tantas vezes quando fosse necessário até eu compreender. **O que era interessante para mim que normalização bibliográfica é visual ele é totalmente visual...** ele sinalizava tudo, tamanho, rosto e eu entendi tudo. **Chegando em casa eu disse assim para o meu filho: vamos tentar fazer como a mãe entendeu e pedi para ele ir fazendo da forma que eu tinha entendido... e mandei para o professor por email, ele era uma gracinha porque ele respondia tudo e ele dizia assim tudo que está em verde Igor fala para sua mãe 10 e tudo que esta em verde e amarela precisa ser melhorado. Então foi muito legal porque capa fui que era a responsável de tudo...**

(...) Olha metodologia científica **eu tive com o professor** que eu particularmente tenho um apreço muito grande **porque eu tive a oportunidade de dizer pra ele: Olha a sua aula é péssima porque você não fala nada, mas diz tudo sem falar.** Ele dizia, por que? E eu dizia por que **você dá aula em alemão ele era um cara muito tímido, ele era um cara muito tímido mais muito inteligente e isso foi no primeiro semestre e ele veio a dar aula para gente uns quatro**

semestres depois ele deu metodologia científica eu entendi e ele achava isso muito interessante a forma que eu entendia o que ele ensinava porque eu digo se o professor não tem uma didática oral muito boa para o deficiente visual. Fica muito complicado mais em contra partida ele repetia tantas vezes quando fosse necessário até eu compreender e o que era interessante para mim que metodologia científica é visual ele é totalmente visual. De todos os trabalhos que a gente fazia, porque o professor dizia vocês querem entender capa? Perguntem para ela (Sujeito ^{G2}) porque ela entendeu certinho.

Sentimentos de satisfação e sensação de alívio foram evidenciados por todos os sujeitos ao relatarem o que sentiram quando da conclusão dos trabalhos. Além do sentimento de dever cumprido, relataram que sentiam orgulho e satisfação por estar contribuindo, por meio do conhecimento que gerou, com outros colegas que passarão pelo mesmo processo.

Sujeito ^{G1} :

(...) Eu acho muito bacana, porque no fim das coisas, eu sei que é um processo que vale a pena para faculdade, pelo curso em si, vale a pena você saber como é feito um trabalho acadêmico. Eu acho que não é a minha área (rsrs). Eu vou te falar uma coisa...principalmente esta parte de regras, normas, essas coisas não me interessa, eu gostei muito de estudar, montar, criar o trabalho assim... o texto.... **ler ele hoje é uma coisa que me dá prazer assim..** eu gosto disso .. entendi como acontecia , é um assunto que não é normal de se debater, que não tem essa matéria na faculdade , foi um assunto novo pra faculdade e tal, foi uma coisa.. **pra mim foi gratificante fazer...** mais essa parte de normatização essas coisas assim, é.. realmente não me atraiu... é uma coisa que pra mim foi a maior dificuldade do trabalho assim.. colocar ele nos padrões que tinha pra apresentar e tal, por que a parte do estudo, da definição...

(...) da sustentação e de escrever o trabalho, de falar sobre aquele assunto, pra mim essa parte foi bacana, achei gostoso, por que foi uma coisa que pra mim era... eu já tinha o trabalho teórico, parecia.. era o direito na prática assim.. como você trabalha, como o CAD funciona e como eles vão definir, o que é feito o que não é ... o que foi feito nesse ou naquele caso, agora essa parte de montar, de fazer, de defini , de ficar selecionando materialzinho e cortando citação, foi a parte que mais complicada pra mim ... pra mim foi mais difícil.. não é uma coisa que me atrai não. Mais assim, no final é uma coisa gratificante você ver o trabalho pronto, você ver que foi um assunto que você estudou, mais nessa questão do ... no aspecto do aprendizado, do assunto não no aspecto do... ter encadernado ... pegar ele encadernado assim e falar... **é esse livrinho foi eu que fiz e tal... mais o que saiu, o conteúdo, é uma coisa que pra mim foi gratificante...**

Sujeito ^{A1} :

(...) A primeira coisa é alívio, acabou, ufa! Ainda bem, acabou, mas a satisfação, ela é grande e não só quando você termina um trabalho mas a satisfação em geral, quando você fala “nossa eu que tive que pesquisar em

diversos lugares, tive dificuldade em achar tal livro, em achar determinado tema em desenvolver aquele tema específico ou aquele tema abrangente, aí você faz o trabalho todo, monta ele todo, você lê, e você conseguiu colocar no papel tudo aquilo que o professor estava querendo, tudo aquilo que você estudou, que você aprendeu, você conseguir passar ali para o papel e saber que o professor vai ler e vai entender aquilo que tá no papel que foi aquilo que ele pediu.. você imprime, você encaderna e você deixa ali na mesa do professor e ele ler... e vem aquela nota que foi proposta no trabalho ou foi um trabalho que ele colocou de 0 a 10 e você recebe uma nota que você estava esperando, nossa é bom!

O Sujeito ^{G2} nos emociona quando traz a entrega e a incessante busca pelo conhecimento e o desejo de compartilhá-lo como um bem para a humanidade.

Sujeito ^{G2} :

(...) foi satisfatório...Foi sim, foi sim, eu olha, eu digo como eu falei para a professora, só foi uma pena que as meninas não mergulharam como eu achava que o trabalho merecia eu fiz aminha parte porque eu gostei muito de tudo eu tava fazendo era prazeroso, talvez para a gente tenha um outro significado justamente pela forma que você tem que conquistar cada palavrinha que foi escrita, cada vírgula que foi colocada, eu sofri muito para construir esse trabalho me frustrei muito porque eu achava que eu não conseguia dar o que o trabalho merecia...

(...) foi precioso... mas o sabor de ser mais uma exigência pessoal mas o trabalho foi cumprido sim e eu acho que pelos problemas todos que existiam dentro da instituição foi a altura do que alguns professores mereciam entende...

(...) É...mas valeu a pena valeu a pena sim, eu acho que foi bacana sim e aí ao longo do tempo você vai ouvindo um ou outro você vê que vale muito trabalhar, eu falo muito para minha família assim: **é muito prazeroso estudar, é muito prazeroso ver o que outros escrevem a respeito, buscar pra compreender e ser aliado a você, acho que é nesse aspecto que é rico o conhecimento, se não, não vale a pena...**

(...) o resultado do trabalho foi bonito, quando ele nasceu que ficou pronto que a professora falou pôe no papel encaderna, eu chorava feito criança...

O Sujeito ^{G3} e o Sujeito ^{G5} revelam em suas palavras, de forma bem clara, o sentimento de realização e superação de obstáculos.

Sujeito ^{G3} :

(...) Por isso que... mesmo por falta de algumas condições e informações, a gente ainda assim consegue concluir...

(...) Quando foi para entregar eu quase arremessei... “Não pega da minha mão, deixa que eu joga !”, eu falei.... **Agora, eu sobre o ponto de vista acadêmico, sim, acho que foi a parte melhor que teve, estava chegando uma realização, parecia que estava chegando o fim de um sonho que há cinco anos atrás tentava se realizar**, não tinha a menor idéia, que poderia andar pelo primeiro ano, quando você entrega o trabalho, eu sabia das minhas notas na faculdade, já era uma época de prova, você fala não tem como você retroceder, daqui não volto mais, daqui eu só posso andar para frente, porque para atrás não volto mais porque acabou, então essa parte foi importante para mim, foi mais importante do que a colação...

Sujeito ^{G5} :

(...) **Para um deficiente visual, na verdade... eu tinha acabado de perder a visão, eu não tinha noção das ferramentas disponíveis para um deficiente visual, eu mesma tive que procurar, ninguém sabia nada que estava a minha volta, nem a faculdade, que deveria estar preparada para orientar o aluno.** Na verdade eles disseram que eu ia ter que fazer isso, igual a todos os alunos, mas não me indicaram nenhum lugar onde poderiam me ajudar. **Na verdade é um sentimento de vitória e de alívio, porque é um alívio quando você entrega e passa por isso.** É um misto dessas sensações, hoje eu faria isso mais tranquila.

As palavras do Sujeito ^{A3} revelam também que não há barreiras que contenham o desejo de saber, de aprender, de conhecer.

Sujeito ^{A3} :

(...) **O melhor foi quando eu terminei de dar aula, os outros colegas fizeram avaliação. Terminou a aula, eu estava saindo para pegar o metrô vieram dois colegas a Renata e o Marcos, me abraçaram e falaram “estou emocionado, sua aula foi 10!”... Eu acho que para isso não tem palavras...**

Para o Sujeito ^{G4}, a alegria de ter concluído o curso vem com um componente a mais: a sensação de estar cheio de informação e conhecimento.

Sujeito ^{G4} :

(...) **É, acho que a primeira coisa foi a alegria mesmo, de ter conseguido concluir** de ter conseguido entregar um trabalho que atendeu pelo menos em partes a expectativa...Enfim eu acho que é mais essa sensação mesmo de alegria mesmo por ter conseguido concluir ...

(...) **E a sensação de tá cheio de informação na cabeça de tá... bom agora eu já sei um monte de coisa e aí?** E agora eu que pensava depois que acabou a faculdade isso no meu caso ..., **era como aplicar isso de verdade depois.** E eu digo minha sensação porque eu já tinha colegas que já trabalhavam já, então eles já tinham uma noção de como aplicar isso na realidade mesmo depois. Eu ainda

*não, naquela época, eu ainda não trabalhava nessa área então eu não tinha essa tão essa noção. **Então eu ficava pensando nisso e agora o que é que eu vou fazer com todo esse conhecimento, com tudo isso.** Depois quando eu fui pro mercado acabei já descobrindo enfim, como encaixar isso...*

O Sujeito ^{A2} demonstra em sua fala a importância de realmente estar inserido no contexto educacional.

Sujeito ^{A2}:

*(...) **a sensação foi de trabalho realizado, foi uma coisa mais emocionante porque eu participei, eu me senti útil** porque quando você vê os outros fazendo e você ali sem ação, você querendo fazer uma coisa e não pode, **não tem acesso isso deixa a gente um pouco frustrado. Então nesse trabalho eu me senti realizada porque eu fui lá participei, apresentei, fiz a entrevista , então foi muito prazeroso pra mim.***

Concluimos que o que dificulta o processo de construção do trabalho acadêmico pelos deficientes visuais não é a sua incapacidade cognitiva, mas sim, variáveis externas como, por exemplo, as barreiras de acessibilidade tanto no campo das relações humanas, que dificultam o seu desenvolvimento educacional e sua aprendizagem quanto no acesso às informações acadêmicas. Apesar dessas barreiras a capacidade de superação aliada ao uso da linguagem como poderosa forma de comunicação, o apoio da família e dos amigos, atenuam os efeitos negativos desta caminhada rumo ao saber.

4.8 Resultados

Considerando as limitações da pesquisa, decorrentes de sua própria natureza exploratória, que se originou a partir de revisão de literatura e de um estudo de qualitativo, com deficientes visuais, ingressos ou egressos do ensino superior paulista, cuja mostra, não abrangeu nem todas as

modalidades de ensino nem todos os tipos de trabalhos pertencentes à educação superior, considera-se que ainda há muito a ser analisado.

Como resultado, apresentamos um elenco de possíveis ações, fruto da convergência entre as habilidades e competências necessárias para que o estudante seja competente em informação, inspiradas nos predicados apontados por Doyle (1994), com as dificuldades constatadas nas entrevistas com os sujeitos desta pesquisa, em cada etapa do fluxo de desenvolvimento de um trabalho acadêmico, já apresentados nas análises das entrevistas.

Identificamos que essas ações estão contidas em três dimensões relacionadas às barreiras de acessibilidade, a saber: informacional, digital e no âmbito dos relacionamentos.

4.8.1 Dimensão 1 – Barreiras de Acessibilidade Informacional

O conceito de acessibilidade informacional adotado aqui é o defendido por Dodge (2007) e apresentado no Capítulo 2, página 67, dessa tese, onde o autor se apóia sobre a possibilidade de acesso aos recursos relevantes e no momento oportuno. Ele aponta que a internet pode dar acesso a uma vasta coleção de recursos de informação, porém existem muitas dimensões importantes presentes no processo de acessibilidade informacional, que vão além da simples ligação da internet e que precisam ser considerados e mapeados. Segundo o autor, a aparente facilidade com que os usuários podem navegar pela internet esconde a verdadeira dificuldade de entender onde estão disponíveis as informações e de que forma podemos acessá-las.

A partir desse entendimento, identificamos quatro dimensões a serem consideradas no processo de desenvolvimento de programas de

Information Literacy, que podem ajudar a minimizar as barreiras de acessibilidade informacional:

✓ Ações pedagógicas

- Implantação de Programas de Metodologia do Trabalho Científico nos currículos dos cursos de Educação Superior;
- Implantação de Programas de Orientação e Normalização Bibliográfica em bibliotecas Universitárias;
- Implantação de Programas de *Information Literacy* em Bibliotecas Universitárias;
- Capacitação da equipe bibliotecária, em bibliotecas universitárias, no desenvolvimento de competências de mediação no processo de acesso busca e uso de.

✓ Proficiência na busca e no uso da informação

- Desenvolvimento, por parte das bibliotecas, de programas que desenvolvam no estudante proficiência na busca informacional;
- Desenvolvimento, por parte das bibliotecas, curso preparatório de acesso a bases de dados online tanto referenciais como de texto completo;
- Desenvolvimento, por parte das bibliotecas, de programas que desenvolvam no estudante a competência de conhecer e diferenciar a informação do dia a dia da informação científica;
- Desenvolvimento de programas que levem o estudante a ter competência em saber analisar e interpretar a informação pertinente e relevante e integrá-la a conhecimentos já adquiridos.

✓ Infraestrutura

- Desenvolvimento por parte das bibliotecas de catálogos bibliográficos digitais acessíveis e com informações mais completas sobre o conteúdo das obras;
- Instalação de ferramentas de acessibilidade básicas (softwares leitores de tela, softwares de digitalização);
- Aquisição de equipamentos e ferramentas de acessibilidade que ampliem os níveis de acessibilidade (computador, scanner, discman);
- Desenvolvimento, por parte das bibliotecas, de produtos acessíveis como bases de dados referenciais locais sumarizadas e digitalização de livros e textos;
- Desenvolvimento, por parte das bibliotecas, de coleções em Braille, em livro digital acessível, em livro falado;
- IES e Bibliotecas com ambientes acessíveis a todos os tipos de deficiência;
- Implantação, por parte das bibliotecas, de serviços de revisão bibliográfica dos trabalhos acadêmicos;

✓ Políticas

- Promoção de políticas e ações governamentais para que o Deficiente visual tenha garantias mínimas de acessibilidade informacional e de infraestrutura em escolas, universidades e bibliotecas públicas;
- Desenvolvimento, por parte das bibliotecas, de canais de cooperação com editoras para disponibilização de livros em arquivo com extensão txt ou PDF desprotegido, para uso exclusivo dos deficientes visuais;
- Desenvolvimento, por parte das bibliotecas, de canais de cooperação com Fundações e ONGs especializadas em programas voltados para deficientes visuais.

Dimensão 2 – Barreiras de Acessibilidade Digital

Entendemos que existe uma relação interdependente entre acesso universal e acessibilidade digital, portanto o conceito defendido por Raphaël Ntambue (2005, p.142), apresentado no Capítulo 2, página 66, foi o adotado para esta reflexão. Ntambue evidencia, a impossibilidade de desenvolver uma sociedade que compartilhe com os esforços de todos, sem infraestrutura nem acesso universal. Para o autor, nos dias de hoje, a infraestrutura de comunicação é a condição básica do acesso universal ao saber. A noção de acesso universal proposta por esse pesquisador é a da possibilidade para todos os cidadãos do planeta, qualquer que seja seu grau de competência e habilidade digital e sua situação geográfica e socioeconômica, de criar e utilizar de forma autônoma ou por meio de mediação as redes de comunicação e informação, assim como buscar, encontrar e introduzir na internet informações úteis para as suas necessidades e expectativas.

Diante do exposto, consideramos que as ações a seguir são fundamentais a serem consideradas com o intuito de minimizar as barreiras de acessibilidade digital impostas ao deficiente visual.

- Promoção de programas de acessibilidade digital para os deficientes visuais;
- Instituições preocupadas e atuantes na orientação do desenvolvimento de sites seguindo padrões de acessibilidade digital internacional (W3C);
- Organismos governamentais comprometidos com a implantação de políticas públicas que garantam padrões internacionais de acessibilidade digital em sites voltados para informações científicas e tecnológicas.

Dimensão 3 – Barreiras no campo dos relacionamentos

Como já visto no Capítulo 4, página 111, dessa tese, a pesquisadora Marilza Delpino constatou que o aluno deficiente visual encontra muitas dificuldades e pouco estímulo para permanecer no meio universitário, por questões extremamente delicadas que superam e muito as questões meramente físicas. A autora nos diz que “a inclusão do deficiente visual na universidade [] reside especialmente na maneira como o deficiente é visto e tratado”. Corroboramos com exposto por Delpino, e em relação a essa questão sugerimos as seguintes ações:

- Formar e instrumentalizar educadores (professores e bibliotecários) para lidar com o estudante deficiente visual;
- Promover uma reflexão em todas as instâncias da IES sobre a necessidade de uma postura mais inclusiva por parte dos atores

Na apresentação dessa tese, fizemos referência a duas dimensões que se cruzam nesse trabalho. Uma relacionada ao surgimento das novas tecnologias de comunicação, e outra, relacionada à situação dos deficientes visuais para enfrentar os novos desafios apresentados por esse novo contexto contemporâneo. Dissemos ainda, que este trabalho, procurava explorar uma nova dimensão, buscando caminhos que possibilitassem a inclusão dos deficientes visuais nesta nova realidade que se apresenta com a Sociedade da Informação, tornando-os aptos a dominar recursos informacionais e os utilizar para sua formação, lazer e aquisição de conhecimento.

Esses novos caminhos se refletem nas ações sugeridas nas três dimensões expostas acima e relacionadas as barreiras de acessibilidade informacional, acessibilidade digital e relacionamentos, que uma vez acolhidas, mesmo que parcialmente, poderão colaborar para o

desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao deficiente visual para que se tornem competentes em informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe chamar a atenção para o fato de que todos os sujeitos entrevistados, apesar de encontrarem diversas barreiras no caminho da sua formação superior, demonstraram persistência, capacidade de superação e poder de comunicação que possibilitaram o enfrentamento dessas barreiras. Em trabalho apresentado em 2007 no I Colóquio Ver e não Ver, Elcie Masini afirma que a linguagem é o parâmetro de comunicação do deficiente visual. A autora nos diz que

[] contrariamente ao que se poderia pensar, que o tato seria a forma de compensação dos cegos, é a linguagem, como utilização da experiência social, o instrumento de compensação da cegueira. O processo de compensação do defeito depende da natureza social e não biológica do homem. Assim, o cego como personalidade e unidade social, está numa situação muito favorável, porque tem linguagem, pode comunicar-se pela fala”. (MASINI, 2007).

Acreditamos que o desenvolvimento das ações sugeridas nos resultados apresentados nesta pesquisa, dentre eles o desenvolvimento de programas de *Information Literacy*, voltados para deficientes visuais, estudantes do ensino superior podem colaborar com esses cidadãos no seu processo de inclusão. Em sua fala o *Sujeito*^{G1} nos diz que

Sujeito^{G1}

(...) trabalhos como o seu é coisas que são para melhorar o nosso dia a dia, e trabalhos como esse é que podem significar diferenças, aí na hora de fazer o próximo trabalho de fazer uma próxima pesquisa, de conseguir informações (...) a cada petição que eu tenho que fazer eu tenho que procurar informações, eu preciso dessas ferramentas, eu preciso desse tipo de acessibilidade, então um trabalho como esse é que pode significar mais facilidades pra mim e no meu trabalho....

Consideramos que o objetivo social desta pesquisa é buscar caminhos que possibilitem a inclusão dos deficientes visuais nesta nova realidade que se apresenta com a Sociedade da Informação, tornando-os aptos a dominar recursos informacionais e os utilizar para sua formação, lazer e aquisição de conhecimento. Nesse contexto trazemos a fala do *Sujeito*^{G5} e do *Sujeito*^{M1} que nos diz,

Sujeito^{G5}

(...) a informação te dá acesso a tudo, em relação ao consumo, saúde, benefícios que você tem. Eu acho que falta muito ainda...Porque você acaba se afastando, você não consegue se inserir, porque você fica fora... É isso que acontece, nós nos sentimos excluídos da sociedade...e quando você tem acesso a informação você se insere...

Sujeito^{M1}:

(...) A título de contribuição seria interessante verificar dois momentos, um momento é a busca da informação pelo deficiente e o outro momento é a existência de informação para o deficiente são coisas diferentes porque o quê que ocorreu comigo? Eu tinha a informação, sou uma pessoa muito rápida, uma pessoa muito dinâmica, eu dou um jeito aqui e ali, sou o primeiro deficiente visual da minha faculdade, de curso de Direito, lá não tinha livro em Braille, chegaram no último semestre, então eu tinha que me virar e eu me virei, e na maioria da vezes todos os deficientes passam por isso, por exemplo a PUC é uma baita instituição e ela não tinha algo, não tinha uma estrutura para receber, então assim, acesso a informação é uma coisa ter acesso a oportunidade para ter essa informação é outra...

Entretanto não é apenas a disponibilização dos recursos que resolverá a situação dramática em que vivem muitos dos deficientes visuais. É necessário que as autoridades públicas, em todas as esferas, e a sociedade, em geral, se organizem em torno de um projeto comum que busque solucionar a histórica exclusão dos deficientes visuais.

Este, pois, é o grande desafio. Se o diagnóstico obtido neste trabalho apontar ainda longo caminho pela frente, igualmente indicará a

necessidade, o otimismo e os incomensuráveis benefícios sociais para bem de trilhá-lo, pois frases como a do *Sujeito* ^{G3} nos impulsionam a caminhar junto com esses cidadãos, no intuito de construir uma sociedade mais inclusiva.

***Sujeito* ^{G3}**

Por isso que mesmo por falta de algumas condições e informações, a gente ainda assim consegue concluir!

REFERÊNCIAS

ABE, Veridiana. *A busca da informação na Internet: bibliotecários e estudantes do ensino médio de escolas particulares de Itajaí e Florianópolis*. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ADAM, Alison; KREPS, David. Enabling or disabling technologies?: A critical approach to web accessibility. *Information Technology & People*, v. 19, n. 3, p.203-218, 2006.

AFONSO, Carlos A. *Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?* Fundação Friedrich Ebert/Ildes, 2000. Policy Paper nº 26. Disponível em: < <http://www.moodle.ufba.br/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=1368> >. Acesso em: 15 out. 2007.

AMERICO, Solange Maria. *Memória auditiva e desempenho em escrita de deficientes visuais*. 2002. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

AMIGOS METROVIÁRIOS DOS EXCEPCIONAIS - AME. *USP Legal: a inclusão no Campus*. Disponível em: < <http://www.ame-sp.org.br/noticias/news/tenews78.shtm> >. Acesso em: 23 mar. 2008.

ANALES DE DOCUMENTACION, 2002, España. *Revisión de los conceptos de alfabetización informacional y alfabetización digital*. 2002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/buscador/search.jsp?query=david+bawden&rbArt=rbArt>>. Acesso em: 01 jan. 2010.

ANDRADE, Jorge Márcio Pereira de. *O uso da informática na Educação Especial (II)*. Disponível em: < <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/Artigos/EduBytes96/InformEducEspecial2.htm> >. Acesso em: 15. mai 2009.

ANDRADE, Jorge Márcio Pereira de. *Tecnologia assistiva para o acesso universal ou acesso universal às tecnologias?* Disponível em: < <http://www.cidec.futuro.usp.br/artigos/artigo9.html> >. Acesso em: 18 set. 2008.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. *Information Literacy competency standards for higher education*. Disponível em: < <http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/standards/informationliteracycompetency.cfm> >. Acesso em: 25 mar. 2009.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da User studies: a global visions of methods for colleting the data. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 2007, vol.12, n. 2, ISSN 1413-9936.

BARANAUSKAS, Maria Cecília Calani; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Acessibilidade em ambientes educacionais: para além das guidelines. *Rev. Online da Bibl. Prof. Joel Martins*, Campinas, p.13-22, fev. 2001. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Qbp_rtv088AJ:www.fae.unicamp.br/etd/include/getdoc.php%3Fid%3D978%26article%3D337%26mode%3Dpdf+ACESSIBILIDADE+EM+AMBIENTES+EDUCACIONAIS:+PARA+AL%C3%89M+DAS&hl=ptR&gl=br&sig=AHIEtbS934ZNXfgqjHpxne3htA3WhyskUA>. Acesso em: 22 jun. 2007.

BEATON, Marion. Glasgow City Council: library, information and learning services for disabled people in Glasgow. *Library Review*, v. 54, n. 8, p.472-478, 2005.

BECKER, Maria Alice d'Avila et al. Estudo exploratório da conceitualização de criatividade em estudantes universitários. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2001, vol.14, n.3, pp. 571-579. ISSN 0102-7972. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000300012>. Acesso em: 07 fev. 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n 1 (3), jan./jul., 2005, p. 68-80. Disponível em: < http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 06 fev . 2010.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Educação de usuários de bibliotecas universitárias: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes. 1989. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientador: Prof^ª Dr^ª Neusa Dias Macedo.

BRAMBILLA, Ana Maria. Comunicação e informação: diálogos possíveis. Trabalho de conclusão da disciplina Teorias da comunicação e da informação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, jul. 2004. Disponível em: < http://ambrambilla.blaz.com.br/teorias_info_com.pdf >. Acesso em: 27 abr. 2007.

BRASIL. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. CORDE. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Disponível em <<http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/corde/dec3298.htm>> Acesso em: 25 nov. 2004.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm>. Acesso em: 29 abr. 2009.

BROWELL, Sue. Visual disability, learning and education – a practical approach. *Industrial And Commercial Training*, v.30, n.1, p.24-29, 1998.

BROWN, Rick. A History of Publishing for People Who Are Blind. Disponível em: <<http://www.historybuff.com/library/refBraille.html>>. Acesso em: jul. 2006.

BRUCE, Christine. *Seven Faces of Information Literacy in Higher Education*. Disponível em:< <http://sky.fit.qut.edu.au/~bruce/il/faces.jsp> >. Acesso em: 30 mar. 2007.

BRUCE, Christine. *Seven faces of information literacy: towards inviting students into new experiences*. Disponível em: < www.bestlibrary.org/digital/files/bruce.pdf >. Acesso em: 25 mar. 2007.

BUNDY, Alan. Zeitgeist: information literacy and educational change. In: FRANKFURT SCIENTIFIC SYMPOSIUM GERMANY, 4., 2004, Frankfurt. *Apresentação*. Disponível em:<<http://arrow.unisa.edu.au:8080/vital/access/manager/Repository/unisa:28321> >. Acesso em: 6 abr. 2010.

BURNETT, John J. What services marketers need to know about the mobility - mobilitydisabled. *The Journal Of Services Marketing*, v. 10, n. 3, p.3-20, 1996.

CAMPBELL, Ian. Cases in disability. *Management Development Review*, v. 9, n. 5, p.22-24, 1996.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico*. 2009. 208 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAMPELLO, Bernadete. A escolarização da competência informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p.63-77, dez. 2006.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 3, n. 32, p.28-37, set./out. 2003.

CAMPELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. *Perspect. Ciênc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p.178-193, jul./dez.2005.

CANUTI, Thibaut. *Les services aux personnes aveugles et malvoyantes dans les bibliothèques municipales: état des lieux et perspectives*. [Marseille]:2004.93p. Disponível em:< http://memsic.ccsd.cnrs.fr/index.php?halsid=lenv10c8pqlak4gmd702o3cq54&view_this_doc=mem_00000246&version=1 >. Acesso em: 24 jul. 2007.

CARVALHO, J. O. F. ; DALTRINI, B. M. . Educação a Distância: uma forma de inclusão do deficiente visual à educação superior. *Conferencia Internacional sobre Educación, Formación, Nuevas Tecnologías y E-Learning Empresarial*, 2002, Valência. Actas dela Conferencia Internacional sobre Educacion, Formación, Nuevas Tecnologías y E-learning Empresarial, 2002.

CARVALHO, José Oscar Fontanini de. *Referenciais para projetistas e usuários de interfaces de computadores destinados aos computadores*. 1994. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Engenharia Elétrica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

CARVALHO, José Oscar Fontanini. *Soluções tecnológicas para viabilizar o acesso do deficiente visual a educação a distancia no ensino superior*. 2001. 245 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Engenharia Elétrica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001. Orientador: Prof^ª. Beatriz Mascia Daltrini.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol 3. 497 p.

CASTILLO, Renata Almeida Fonseca Del. *A incorporação de ambientes virtuais de aprendizagem no ensino superior*. 2005. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CHIAPETTI, Rosevani. *Inclusão digital a invisuais*. Pato Branco: 2007. 44 p.

COADIC, Yves-François Le. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.

CONFERÊNCIA Mundial De Educação Para Todos. JOMTIEM (TAILÂNDIA). Disponível em:

<<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/seducacao/leisr/i15conf.jomtiem.php>>. Acesso em: 18 dez. 2008

CONGRESSO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA (CBO). Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/09/03/materia.2007-09-03.6023.956688/view> . Acesso em: 29 jul. 2008.

CONSÓRCIO WORLD WIDE WEB (W3C). Disponível em: < <http://www.w3c.br/>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

CORDÃO, Francisco Aparecido. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico: Parecer CNE/CEB nº16/99 e Resolução CNE/CEB nº04/99. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1999. 28p.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Paris: Unesco, 1994.

Disponível em:

<<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/seducacao/leisr/i15dsalamanca.php>>. Acesso em: 18 dez. 2008

DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez/Unesco, 1998. 288p.

DELPINO, M. *Facilidade e Dificuldades Encontradas pelos Alunos com Deficiência Visual no Curso Superior*. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Faculdade de Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. Orientador: Profª Drª Elcie Salzano Masini.

DODGE, Martin. Accessibility to information within the Internet: how can it be measured and mapped? University College London: Centre for Advanced Spatial Analysis, 1998. 18p. Disponível: <http://www.casa.ucl.ac.uk/martin/varenius_accessibility.pdf> . Acesso em: 23 out. 2007.

DOYLE, Christina S. *Information Literacy in an information society: a concept for the information age*. ERIC Clearinghouse on Information & Technology, Syracuse University, NY, 1994.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas*. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientadora: Sueli Mara Soares Pinto Ferreira.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *Information Literacy Education: integração pedagógica entre bibliotecários e docentes visando a competência em*

informação e o aprendizado ao longo da vida. In: SNBU, 12., 2002, Recife. *Apresentação*. 2002. Disponível em: < www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu_2002/oralpdf/47.a.pdf >. Acesso em: 16 nov. 2007.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *Information literacy: princípios, filosofia e prática*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 32, p.23-35, jan./abr. 2003.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana; GABRIEL, Maria Aparecida; VILLELA, Maria Cristina Olaio. A educação de usuários de bibliotecas universitárias frente à sociedade do conhecimento e sua inserção nos novos paradigmas educacionais. In: SNBU, 1., 2000, Florianópolis. *Apresentação*. Florianópolis: 2000. Disponível em: < <http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html> >. Acesso em: 18 nov. 2007.

EBERLIN, Samer. *O Software Livre como alternativa para a inclusão digital do deficiente visual*. 2006. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ESCOLA DE GENTE E COMUNICAÇÃO EM INCLUSÃO. *Manual da mídia legal 3: Comunicadores pela Saúde*. Rio de Janeiro: Wva, 2004.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva; SANTAROSA, Lucila Maria Costi. A inclusão social e digital de pessoas com limitação visual e o uso das tecnologias de. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n.1, p.94-101, jan./abr. 2006.

FARIAS, Norma and BUCHALLA, Cassia Maria. A classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde da organização mundial da saúde: conceitos, usos e perspectivas. *Rev. bras. epidemiol.* [online]. 2005, v. 8, n.2, pp. 187-193. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2005000200011> . Acesso em: 09 fev. 2010.

FELIS, Priscila Costa. *Planejamento x Plano de Aula*. Disponível: <<http://educacao.qprocura.com.br/2008/07/planejamento-x-plano-de-aula>> . Acesso em: 03 out. 2009.

FEKETE, Maria Christina. Estudo da acessibilidade na avaliação dos serviços de saúde. Disponível em: < http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:BHIdTiuKX3YJ:www.opas.org.br/rh/publicacoes/textos_apoio/pub06U1T1.pdf+%22ESTUDO+DA+ACESSIBILIDADE+NA+AVALIA%C3%87%C3%83O%22+gerus&hl=ptBR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESioN6tfNJrxZqC5I8YmT_vli3QJkCVUnfAHsQxSEdGv4gw7_a1yZyWfcROCHdXEfy64NLgB7FX4gvaa10b3gEf1BOopBLa6Bs8tL5f8Ah6_I7DDJNJ4vVgIUowsMFGNU2q83H&sig=AHIEtbRY0QEWQ-rv3L9jEYntda7sCymiFQ >. Acesso em: 22 mar. 2010.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. La Federación de Bibliotecas Digitales en cuanto a herramienta de gestión compartida entre profesionales bibliotecarios, comunidad científica y gestores. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE BIBLIOTECOLOGIA, 2., 2007, Buenos Aires. *Apresentação*. 2007. Disponível em: < http://www.abgra.org.ar/fotos/2CIB/Ferreira_Sueli%20Mara%20Soares%20Pinto.pdf>. Acesso em: 9 set. 2007.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários de informação. *Ciência da Informação*, São Paulo, 1995. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/440/398> >. Acesso em: 9. set. 2007.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. *Redes eletrônicas e necessidades de informação: abordagem do sense-making para estudo de comportamento de usuários do instituto de Física da USP*. 1995. 165 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Orientador: Neusa Dias de Macedo.

FERREIRA, Sueli Mara. A biblioteca digital como foco no desenvolvimento das competências informacional e científica na comunidade. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 3., 2005, São Paulo. *Apresentação*. São Paulo: 2005. Disponível em: < http://bibliotecas-cruesp.usp.br/bibliotecas/APRESENT/simp_inter_bd_final_01dez2005ppt > . Acesso em: 4 out. 2007.

FERREIRA, Sueli Mara. *Design de biblioteca virtual centrado no usuário: a abordagem do Sense-Making para estudos de necessidades e procedimentos de busca e uso da informação*. *Ciência da Informação*, 1997, vol.26, n. 2, ISSN 0100-1965.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; PASSOS, Jeane dos Reis. *O deficiente visual e a acessibilidade informacional: dos primórdios a era digital*. In: ENANCIB, 10. 2009, João Pessoa. *Comunicação Oral*. São Paulo: ENANCIB, 2009. p. 1 - 20.

FLANAGAN, J. C. The Critical Incident Technique. *Psychological Bulletin*. Volume 51. nº 4. Washington etc.: Julho, 1954. Disponível em: <<http://www.apa.org/psycinfo/special/cit-article.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2003.

FOUREZ, Gerard. *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: Unesp, 1995.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. *Comunicação da informação em redes virtuais de aprendizagem*. 2004. 175 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GALLART, Antonia Maria; JACINTO, Claudia. Competencias laborales: tema clave en la articulación educación – trabalho. *Cuaderno de trabalho n. 2. Educación técnico profesional*. OEI, Madrid, 1997. Disponível em: <<http://www.ilo.org/public/>>. Acesso em: 04 jul. 2007.

GRANGER, Jemi C.; KLEINER, Brian H.. Benefit Programmes for Disabled Employees. *Equal Opportunities International*, v. 22, n. 3, p.10-15, 2003.

HASAN, Helen. Development of Information Literacy: a plan. In: ALIA, 2000, Canberra. *Apresentação*. Canberra: 2000. Disponível em: < http://www.eric.ed.gov/ERICWebPortal/custom/portlets/recordDetails/detailmini.jsp?_nfpb=true&_ERICExtSearch_SearchValue_0=ED452864&ERICExtSearch_SearchType_0=no&accno=ED452864 >. Acesso em: 31 mar. 2010.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. *Information literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior*. 2002. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Orientador: Prof^a. Gilda Olinto.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. Um ‘olhar’ construtivista do processo de busca e uso de informação: a aquisição de competência em informação. In: ENANCIB, 7., 2006, Marília. *Apresentação*.

HAZARD, Damien. *Direitos Humanos no Brasil: diagnóstico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

IRIGON, Maria. *Em torno del concepto de competencias: programa de fortalecimiento de servicios de salud*. Lima, Peru, 1996. 3f. (Mimeografado). p. 3.

JESUS, R.G.; OLIVEIRA, M.O.F.; ZORZAL, F.M.B. Abordagens qualitativas em estudos organizacionais: a técnica de incidentes críticos. Disponível em:<http://www.encepro.com.br/arquivo.php?id_download=51&to=artigo. Acesso em: 20 ago. 2008.

KALLENBERGER, Nikki. *Taking the initiative: Ensuring an educational role for libraries in the information society* Stream: Education and information literacy. Disponível em: < <http://conferences.alia.org.au/alia2000/proceedings/nikki.kallenberger.html> >. Acesso em: 6 abr. 2009.

KEMENY, J. G. *Homem e computador*. Rio de Janeiro: Cia. Gráfica Lux, 1974. 147 p.

KERSCHER, George. Theme articles DAISY Consortium: information technology for the world's blind and print-disabled population past, present, and into the future. *Library Hi Tech*, v. 19, n. 1, p.11-14, 2001.

KOULIKOURDI, Anna. Library services for people with disabilities in Greece. *Library Review*, v. 57, n. 2, p.138-148, 2008.

KROL, E.; HOFFMAN, E. What is the Internet?. Request for Comments 1462, maio 1993. Disponível em: <http://info.internet.isi.edu/in-notes/rfc/files/rfc_1462.txt> Acessado em: 16 mai 2007.

KUHLTHAU, Carol Collier. Accommodating the User's Information Search Process: Challenges for Information. *Bulletin of The American Society For Information Science*, v. 25, n. 3, 1999. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Feb-99/kuhlthau.html>>. Acesso em: 5 abr. 2007.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. (Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte).

KUHLTHAU, Carol C. *Seeking meaning: a process approach to library and information services*. 2nd. ed. Westport, CT: Libraries Unlimited, 2003

LAI, On-kwok. Promoting health and welfare: the challenge for Information Technology?. *Information Technology & People*, v. 7, n. 1, p.81-90, 1994.

LECARDELLI, Jane; PRADO, Noêmia Schoffen. Competência Informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p.21-46, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/rbbd/ojs-2.1.1/index.php/rbbd/article/view/16/4>>. Acesso em: 17 ago. 2008.

LÉVY, Pierre. *Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; ARRUDA, Marina Patrício de. Da escrita linear à escrita digital: atravessamentos profissionais. *Revista Virtual*

Textos & Contextos, n. 2, p.1-10, dez. 2003. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/955/735> >. Acesso em: 23 mar. 2009.

LOFFREDO, Ivan; SOUSA, Maria de Lourdes; VOLPATO, Elisa. *Análise de pesquisa quantitativa sobre cursos online a partir da abordagem alternativa do Sense-Making*. Disponível em: < http://www.acervos.art.br/cv/texto_eeca.html >. Acesso em: 2. ago 2009.

MACEDO, Neusa Dias. A biblioteca universitária: o estudante e o trabalho de pesquisa. 1980. 211 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Segismundo Spina.

MARTINS, Maria de Fátima Moreira. Uso do portal Capes na área biomédica: estudo de caso de assimilação da informação. In: *International Congress on Medical Librarianship - ICML, 9th*, 2005, Salvador, Bahia. ICML9 Abstracts of the 9th International Congress on Medical Librarianship. Salvador: National Institutes of Health : National Library of Medicine, 2005. Disponível em: <<http://www.icml9.org/program/track3/public/documents/Maria%20de%20Fatima%20Moreira%20Martins-174851.doc>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

MASINI, Elcie F. Salzano. A educação do portador de deficiência visual: as perspectivas do vidente e do não vidente. *Em Aberto*, Brasília, n. 60, p.61-76, out./dez. 1993. Disponível em: < <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/888/795> >. Acesso em: 14. Set. 2008.

MASINI, Elsie; BAZON, Fernanda. A inclusão de estudantes com deficiência, no ensino superior. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunio/28/textos/gt20/gt201195int.rtf>> Acesso em: 11 ago. 2008.

MASINI, Elcie F. Salzano. Experiências do Perceber. In: Colóquio ver e não ver, 1, 2007, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro : UFRJ, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrj.br/verenaover/coloquio.html> >. Acesso em: 03 fev. 2010.

MATA, Marta Leandro Da. *A competência informacional de graduandos de Biblioteconomia da região sudeste: um enfoque nos processos de busca e uso ético da informação*. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Orientador: Prof^ª Dr^a Helen de Castro Silva.

MELO, Ana Virginia Chaves de; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. *Perspect. Ciênc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p.185-201, maio/ago. 2007.

MCGARRY, Kevin. *O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo : Hucitec, 2004.

MODESTO, Luiz Sérgio. *Projeto de pesquisa: estrutura e superestrutura*. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache%3Aq3GW93m5BjcJ%3Awww2.oabsp.org.br>>. Acesso em: 03 fev. 2010.

MORAIS, Stefânio Fabricio de; ROCHA, Eliane Cristina de Freitas. *Estudo comparativo da elaboração de trabalhos escolares na biblioteca e na Internet realizados por estudantes universitários dos primeiros períodos*. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1Mz2QTyfzFwJ:www.intercom.org.br>>. Acesso em: 03 fev. 2010.

MORGAN, Greg. A word in your ear: library services for print disabled readers in the digital age. *The Electronic Library*, v. 21, n. 3, p.234-239, 2003.

MOTA, Paulo Feliciano da Silva. *O deficiente visual no Ensino Superior: os universitários com necessidades especiais e as Instituições de Ensino Superior*. Disponível em: < <http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=18293> >. Acesso em: 16.set. 2009.

MYHILL, Christine E.. ICT for access to information services for disabled people: an overview of projects and services at Gateshead Libraries Service. *Program*, v. 36, n. 3, p.176-181, 2002.

NERI, Marcelo et al. *Retratos da deficiência no Brasil (PPD)*. Rio de Janeiro: FGV / IBRE, CPS, 2003.

NTAMBUE, Raphaël. Infraestrutura e acesso universal. In: *Desafios de palavras: enfoques multiculturais sobre as sociedades da informação*. Paris: C&F Editions, 2005. p.135-156.

NÚCLEO DE COMPUTAÇÃO ELETRÔNICA - UFRJ. Manual do configurador da fala SAPI: manual do usuário. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/manuais/SapiUtil.txt>>. Acesso em: 20 maio 2008.

NUNES, Sylvia da Silveira; LOMONACO, José Fernando Bitencourt. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. *Psicol. esc. educ. jun.* 2008, v.12, n.1, p.119-138. Disponível em :<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2010.

OCHOGGIA, Raymond Euppa. Persons with disabilities Bill 2002: implications concerning visual disabilities for academic library and information services in Kenya. *New Libray World*, v. 1190/1191, n. 104, p.307-312, 2003.

OPPENHEIM, Charles; SELBY, Karen. Access to information on the World Wide Web for blind and visually impaired people. *Aslib Proceedings*, v. 51, n. 10, p.335-345, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. Prevention of Blindness and Deafness Programme, Management of Noncommunicable Diseases. Genebra. 2003. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr73/en/>>. Acesso em: 19. abr. 2008.

PACHECO, Renata Vaz; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. O processo de inclusão de acadêmicos com necessidades educacionais especiais na Universidade Federal de Santa Maria. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria, n. 27, 1 jan. 1. 2005.

PAQUARELLI, Maria Luiza Rigo; TÁLAMO, Maria de Fátima G. M.. Sobre a questão da designação terminológica da disciplina orientação bibliográfica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 2, 1995.

PASSOS, Jeane do Reis; VIEIRA, Ricardo Quintão. Desenvolvendo competências em informação para deficientes visuais: estudo de caso. *Revista Acb: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 1, n. 13, p.276-281, 2008. Disponível em: < <http://revista.acb.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/559> >. Acesso em: 30 ago. 2009.

PASSOS, Jeane dos Reis. *Competências e habilidades do bibliotecário na sociedade contemporânea: análise de quatro escolas paulistas*. 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Orientadora: Maria de Los Dolores Jimenez Peña.

PASQUARELLI, Maria Luiza Rigo. Procedimentos para busca e uso da informação: capacitação do aluno de graduação. Brasília: Thesaurus, 1996.

PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar: convite à viagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 26.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Mônica Gather. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.19.

PRADO, Roberto. Bilhões de documentos na Rede em diversos formatos. Disponível em: <<http://porta25.technetbrasil.com.br/porta25/BLOG/tabid/53/EntryID/294/Default.aspx>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

PRATES, Raquel Oliveira; BARBOSA, Simone Diniz Junqueira. Introdução à teoria e prática da interação humano-computador fundamentada na Engenharia Semiótica. In: KOWALTOWSKI, Tomasz; BREITMAN, Karin. *Jornadas de Atualização em Informática*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2007.

RAIA JUNIOR, Archimedes Azevedo. *Acessibilidade e mobilidade na estimativa de um índice de potencial de viagens utilizando redes neurais artificiais e sistemas de informações geográficas*. 2000. 212 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.

ROY, Catherine. Acessibilidade. In: *Desafios de palavras: enfoques multiculturais sobre as sociedades da informação*. Paris: C&F Editions, 2005. p. 255-270.

SAMPAIO, Márcio de Oliveira. Direitos autorais e deficientes visuais. 8 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.ferreiraemelo.com.br/DetailsPage.asp?idSubItemMenu=11>>. Acesso em: 30 jun. 2009.

SEAMANS, Nancy H. *Information Literacy: a study of freshman students perceptions, with recommendations*. 2001. 139 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Tecnologia Instrucional) - Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg, Virginia. Orientador: David M. Moore.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo : Cortez , 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 144p.

SHIELDS, T.J.; BOYCE, K.E.; SILCOCK, G.W.H.. Facilities management disability and emergency evacuation. *Facilities*, v. 17, n. 9/10, p.345-351, 1999.

SILVA, José Fernando Modesto da. *Internet - Biblioteca - Comunidade Científica: conhecimentos, usos e impactos; pesquisas com três*

universidades paulistas (UNESP - UNICAMP - USP). 2001. 345 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientador: Profª Drª Neusa Dias Macedo.

SILVA, Otto Marques da Silva. *A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e hoje*. São Paulo: CEDAS, 1987, 470p.

SMITH, Theresa. Diversity and Disability: Exploring the Experiences of Vision Impaired People in the Workplace. *Equal Opportunities International* v. 21, n. 8, p.60-72, 2002.

SMITH, Veronica. Assistive Technology. *Colorado Libraries*, v. 28, n. 4, 2002a, p. 3-38. Disponível em: <<http://wilson.txt.hwwilson.com/pdfhtml/03824/W6B9M/XSY.htm>> Acesso em: 21 nov. 2004.

SONZA, Andréa Poletto; SANTAROSA, Lucila Maria Costi. Ambientes digitais virtuais: acessibilidade aos deficientes visuais. *Cinted-UFRGS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.1-11, fev. 2003.

SONZA, Andréa Poletto; SANTAROSA, Lucila Maria Costi. Em busca de ambientes de aprendizagem mediados por computador acessíveis a invisuais. Disponível em: < <http://www.niee.ufrgs.br/ciiee2005/dia21/015.doc>>. Acesso em: 15 maio 2006.

SOUTO, Leonardo Fernandes. *Mediação em serviços de disseminação seletiva da informação no ambiente de bibliotecas digitais federadas*. 2008. 238 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Orientador: Profª Drª Sueli Mara Soares Pinto Ferreira.

SOUZA, Janine Fontes de. *Texto digital: o reencontro entre oralidade e escrita*. Disponível em: < <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Janine%20Fontes%20de%20Souza.htm>>. Acesso em: 26. jul. 2009.

STRIPLIG, Barbara K. Learning and libraries in an information age: principles and practices. Englewood: Libraries Unlimited, 1999. 375p.

TANK, Elsebeth. The digital society's challenge to the library for the blind. In: ERSHOVA, T. V., HOHLOV, Y. E. *Libraries in the information society*. Munique: IFLA, 2002, p. 167-172.

TEJADA, Jose Fernández. Acerca de las competencias profesionales. *Revista Herramientas*. V. 56. Madrid, España, 1999. Disponível em: <http://www.ilo.org/public> . Acesso em: 16 ago. 2007. p.3.

THE INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS - IFLA. *International Directory of Libraries for the Blind*.

Disponível em: < <http://www.ifla.org/en/publications/international-directory-of-libraries-for-the-blind> >. Acesso em: 23 mar. 2010.

TODD, Ross. (1995). Information literacy: philosophy, principles and practice. *School Libraries Worldwide*, 1(1). p. 54-68.

TODD, Ross; Information Literacy in Electronic Environments: Fantasies, Facts, and Futures. In: INTERNATIONAL ASSOCIATION OF TECHNOLOGICAL UNIVERSITY LIBRARIES (IATUL) CONFERENCE, 2000, Brisbane. *Virtual Libraries, Virtual Communities*. Brisbane: 2000. Disponível em: < http://www.eric.ed.gov/ERICWebPortal/custom/portlets/recordDetails/detailmini.jsp?_nfpb=true&_ERICExtSearch_SearchValue_0=ED447834&ERICExtSearch_SearchType_0=no&accno=ED447834 >. Acesso em: 30 mar. 2010.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel; ALVES, João Bosco da Mota. A acessibilidade à informação no espaço digital. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p.83-91, set. 2002.

TORRES, Elisabeth; MAZZONI, Alberto. Conteúdos digitais multimídia: o foco na usabilidade e acessibilidade. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, 33.2, 10 12 2004. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=320>>. Acesso em: 27 ago. 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Projeto Dosvox*. Disponível em: < <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/> >. Acesso em: 5 mai. 2007.

VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFGM, 1999. (Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte).

VIEIRA, Anna da Soledade. Na janela do tempo com o IBBD e Drummond:: passagens, transformações e novos desafios em educação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, 1995.

VIEIRA, Ricardo Quintão. Tornando a informação acessível para o deficiente visual: experiências do Espaço Braille do Centro universitário Campus SENAC – SP. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 2. 2006, São Paulo. *Anais Eletrônico*. Trabalho técnico. (CD-ROM).

VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional do profissional da informação bibliotecário: construção social da realidade. In: ENCONTROS BIBLI, 24., 2007, Florianópolis. *Apresentação*. Cidade do México: 2007. p. 59 - 71.

WADLAND, Emma. Blind Literacy in the Digital Age. Disponível em: <[http://www.fims.uwo.ca /NewMedia2007/Braille.aspx](http://www.fims.uwo.ca/NewMedia2007/Braille.aspx)> . Acesso em: 05 ago. 2008.

WALLING, Linda Lucas. *Disabilities, children, and libraries: mainstreaming services in public libraries and school library media centers*. Colorado: Libraries Unlimited, 1993, p. 43-45, 204-219.

WARSCHAEUR, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. São Paulo, Ed. Senac, 2006.

WOODHAMS, Carol; DANIELI, Ardha. Disability and diversity: a difference too far?. *Personnel Review*, v. 29, n. 3, p.402-416, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Up to 45 million blind people globally - and growing. Disponível em: < [http://www.who.int /mediacentre/news/releases/2003/ pr73/en/index.html](http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr73/en/index.html)>. Acesso em: 26 jul. 2008.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara F. *Competências e habilidades*. Disponível em: <[http://Documents and Settings\jpassos \Desktop \Mestrado\Competências e Habilidades.htm](http://Documents and Settings\jpassos\Desktop\Mestrado\Competências e Habilidades.htm)>. Acesso em: 30 set. 2004.

ZÚÑIGA, Fernando. V. De las virtudes laborales a las competencias claves: un nuevo concepto para antiguas demandas. *Boletín Cinterfor*. n. 149, 23 p., may./ago. 2000. p. 23.

APÊNDICES

A transcrição das entrevistas encontram-se no cdrom anexo sob o título “Transcrição das Entrevistas”

Sujeito A1

Jeane: Pela nossa experiência do dia-a-dia trabalhando em biblioteca conversando com alunos e tudo mais agente percebe que o aluno vidente ele tem muita dificuldade, ele tem dificuldade nesse processo já que o deficiente visual tem é... Não tem um incentivo que é tão importante nesse aspecto e tem algumas outras questões que dificultam como por exemplo, a pesquisa na internet os sites não são acessíveis, as bibliotecas muitas vezes não tem material disponível em Braille, não tem material digitalizado para que vocês possam ouvir, você já tem uma dificuldade a mais então qual é a nossa proposta, é entender conversando com vocês qual são essas dificuldades como que vocês se sentem em relação a esse processo para que agente possa propor algumas ações que facilite a vida do deficiente visual nesse processo de pesquisa, então toda a nossa entrevista ela irá caminhar dentro desse foco, as perguntas que eu vou te fazer vão caminhar dentro desse foco, tudo bem?

Sujeito A1: Sim, sem problemas.

Jeane: Eu falei para você que nesse processo de pesquisa de construção de um trabalho acadêmico nos subdividimos essa caminha em seis etapas então assim a primeira etapa seria a etapa inicial que é quando o professor te pede a tarefa, “olha eu quero que você desenvolva um trabalho dentro desse tema” é a primeira ação então o primeiro passo que você vai traçar dentro dessa tarefa que ele pediu, reconhecer o início de tudo é quando você reconhece que você tem uma tarefa pra fazer e por aí vão mais cinco tarefas que seriam a seleção, a exploração, a formulação, a coleta e a apresentação então dentro de cada etapa dessa eu vou te fazer algumas perguntas para você me contar como que foi isso pra você por exemplo eu queria que você, que agente conversasse sobre o ultimo trabalho que você fez, que tem uma memória mais recente na sua cabeça deve ter sido no final no semestre alguma trabalho de conclusão de alguma disciplina, algum seminário então assim, queria que você me falasse um pouco, se você lembra bem do seu ultimo trabalho que você fez, pode ter sido em equipe, pode ter sido individual então você estuda na Metodista, esta no penúltimo ano do curso de direito e você lembra do ultimo trabalho que você fez?

Sujeito A1: Lembro, foi ate engraçado porque foi na época que eu estava internado e pra “cobrir” as minhas faltas eu precisei fazer alguns trabalhos, por que só os atestados eles não cobrem as faltas e os professores me passaram vários trabalhos referente a disciplinas que eu estudo e uma delas eu tive mais dificuldade que foi a de direito administrativo que ele deu as aulas em sala referente aos temas mais eu não estava na sala então ficou muito difícil para pesquisar os temas, para conseguir informações dos colegas que tinham feito o trabalho então foi um trabalho assim que eu tive muita dificuldade eu conversei com o professor busquei alguns materiais que eu tinha em casa, alguns

aulas que os meu amigos tinha gravado pra mim só que foi insuficiente ficou faltando muita coisa eu tive que pesquisar em diversos livros e os livros que eu pesquisa não tinha o tema específico, eram temas abrangentes e que falavam o mínimo, o mínimo daquilo que o professor pedia e eu fui conversar com o professor e o professor falou: - Oh faz do jeito que você achar mais fácil desde que você não fuja daquilo que esta sendo pedido. Mas foi o trabalho que eu tive mais dificuldades porque os outros eu não tive muito porque eu já tinha a matéria mais focada na mente e direito administrativo ate então é uma matéria gostosa de estudar mais envolve muito política, muito tema atual então fica meio complicado de se buscar aquele foco específico.

Jeane: Então assim pra gente continuar essa entrevista vamos focar, você prefere focar nessa disciplina que você teve mais dificuldade ou você prefere falar um pouco mais sobre disciplinas que você tem mais facilidade ou das duas?

Sujeito A1: Eu prefiro...

Jeane: Porque o importante é o processo, é agente entender como foi o processo para você.

Sujeito A1: Eu prefiro englobar tudo porque tem matérias que você encontra muito material e têm matérias que você não encontra tanto material então a dificuldade sempre vai existir por mais que seja a mais fácil ou a mais difícil, a dificuldade vai existir.

Jeane: Então, quando o professor de todas as disciplinas que você teve que fazer esse trabalho quando eles pediram a tarefa para você “olha, você vai ter que fazer um trabalho dentro de cada tema ele pode ser especificado ou não” deixava você escolher o tema você entendeu, você compreendeu o tema proposto? Você compreendeu a tarefa proposta de imediato ou você teve alguma dificuldade nessa tarefa?

Sujeito A1: A única tarefa que eu tive dificuldade foi em direito penal porque ela pediu crimes sexuais e como teve uma alteração no código penal recentemente eu fiquei um pouco perdido aí eu conversei com ela, ela disse que realmente eu ia ficar perdido porque aquela matéria ela não tinha dado em sala ainda então era pra mim estar acompanhando as aulas que ela ia dar em sala e depois desenvolver o trabalho dentro daquilo que foi passado em sala de aula no restante foi tranquilo porque foram matérias que eu já tinha acompanhado no semestre então foi bem mais fácil.

Jeane: Então assim, nessa dificuldade que você teve tal quem mais te ajudou nesse processo, foram os professores, os colegas ou você compreendeu a tarefa nessa etapa, quem te ajudou?

Sujeito A1: Os amigos de sala me ajudaram bastante e minha família, minha mãe e a minha irmã, apesar dela ser criança ter apenas 12 anos, me ajudaram bastante, me ajudaram bastante eu enquanto fazia um ou dois trabalhos ao mesmo tempo elas faziam outro então elas me ajudaram bastante então eu tive dificuldades, mas não tanto assim quando você tem uma base, uma boa base de estudo fica mais fácil de desenvolver. Eu tive mais dificuldade em direito administrativo por não ter acompanhado as aulas, não por não ter material suficiente que foi o mais difícil e o restante foi bem tranquilo.

Jeane: Essa pergunta que vou te fazer agora seria interessante que agente pegasse um dos trabalhos, por exemplo, quanto você sei lá direito penal você teve a tarefa de desenvolver um trabalho sobre crime sexual dentro de crime sexual tem vários, bom eu não entendo muita coisa mas eu deduzo daquilo que agente ouve você tem a questão da pedofilia, você tem a questão do estupro, você tem a questão do assédio sexual e etc dentro de um grupo, de um tema você vários outros sub temas que você pode desenvolver então assim o professor pediu o trabalho de um tema grande abrangente ou você teve que selecionar um assunto dentro desse grande tema, como foi?

Sujeito A1: Ela pediu todos os crimes sexuais, pediu não que você fizesse todo um histórico abrangente mas que você fizesse pequenos relatos referente a todos os crimes sexuais.

Jeane: Mas assim mesmo dentro desse grande tema existiu em algum momento alguma pergunta que você queria responder sobre esse grande tema, ou seja, vamos supor que você tivesse uma curiosidade a respeito dos crimes sexuais, um foco, um único item que você queria “eu estou fazendo um trabalho sobre crimes sexuais no Brasil, mas eu quero saber se a lei o código penal ou a lei especifica sobre crimes sexuais se elas realmente são eficientes, se ela protege” teve isso?

Sujeito A1: Não, ela pediu para que eu fizesse, que eu desse uma passada em todos os crimes sexuais, independente se eu quisesse focar mais em um, discutir mais um ou outros ou todos mas a base dela foi que eu escrevesse sobre todos crimes.

Jeane: Todos os seus trabalhos foram práticos ou só teóricos?

Sujeito A1: Todos foram teóricos, foi o único de direito administrativo que foi pratico mas eu não estava em sala não participei, se eu tivesse em sala eu teria participado mas como eu não estava participei somente do teórico.

Jeane: Aonde você foi buscar informações sobre os temas que os professores te pediam?

Sujeito A1: Basicamente em internet e livros, livros referente a temas realmente específicos no caso de direito penal que foi o livro sobre os crimes sexuais o código penal e outros temas no caso o processo penal e o direito civil você tem mais itens, outros livros no caso direito civil ela pediu, eu estava estudando no semestre o direito de família então tem vários livros que tratam sobre direito de família que ela também não pediu um tema específico dentro de direito de família ela pediu parentesco, filiação, separação e pensão alimentícia tudo dentro de direito de família então vários livros que tratam de livro de direito de família sobre esse temas só que com visões e autores diferentes então foram vários livros e basicamente foram isso livros e internet.

Jeane: Quando você pesquisou na internet, você teve alguma dificuldade de encontrar, porque quando você usa a internet você utiliza os leitores de tela aí você ouve...

Sujeito A1: Sim.

Jeane: Muitas vezes os documentos estão em pdf, você teve alguma dificuldade para chegar até o documento na íntegra dele ao texto proposto que você queria, como foi?

Sujeito A1: É complicado porque alguns sites que tem você consegue ler o texto inteiro, tem sites que nem lê, tem site que lê mas “sai” cortando não lê tudo aquilo que você precisa e tem sites que você procura e não acha nada, tudo que você vai fazer tem os prós e os contras, internet é um meio muito bom mas também tem algumas coisas que deixam meio a desejar no caso para os deficientes visuais.

Jeane: Você fica, quando você faz uma pesquisa na internet qual o seu grau de satisfação, você fica satisfeito, você fica insatisfeito?

Sujeito A1: Quando eu encontro tudo que eu quero eu fico satisfeito (risos) quando não, aí depende do momento tem coisas que você não vai encontrar você pode fuçar, fuçar na internet e você não vai encontrar mas deveria o Google é uma ferramenta excelente mas as vezes você “coloca” o tema lá e ele não te dá aquilo que ele tá procurando ele te dá centenas de coisas mas não aquilo que você está pedindo então já cria uma insatisfação as vezes você “coloca” um tema lá e ele vai te dar milhões de links e todos os links tem aquilo que você tá procurando então você fica com um grau de satisfação bem maior.

Jeane: E quando você não busca na internet, você busca as informações no livro, você busca essas informações aonde, nas bibliotecas em livros em casa, emprestados de amigos, por exemplo, em uma biblioteca como você faz para chegar até o assunto que você quer, quem te ajuda?

Sujeito A1: Geralmente esses trabalhos que eu fiz eu utilizo os que eu já tenho em casa, que são livros fornecidos pela fundação Dorina...

Jeane: São em áudio?

Sujeito A1: São todos em áudio, então eu tenho um acervo da fundação Dorina em casa que são meus a Dorina me da todos eles e cerca de 76, 78 livros todos na área de direito.

Jeane: É no libricos ou ... (?)

Sujeito A1: Libricos (?)... então eu achei os meu trabalhos todos nesses livros e quando eu não tenho temas eu sou obrigado a recorrer a biblioteca da Metodista e como eu sou aluno eu falo: - Eu preciso de tema tal, aí eles vão lá e fazem a digitalização daquele capítulo específico do livro que eu to querendo, do tema que eu estou procurando caso eles já não tenham isso eles fazem essa digitalização pra mim eu passo para o professor o professor passa para eles o que eu to precisando e eles fazem esse material todo pra mim.

Jeane: E no catalogo da biblioteca, o catalogo online da biblioteca, você tem dificuldade para procurar, como que é?

Sujeito A1: Tem algumas dificuldades, sempre têm, as vezes você precisa de livros que a biblioteca não tem então você meio sem saber o que fazer mas geralmente eles fazem algum esforço para conseguir aquele livro ate agora eu não tive, eu tive pouca alias nenhuma dificuldade em perguntar se tinha livro na biblioteca, no meu caso não porque eles digitalizaram livro pra mim e mandaram pra mim por e-mail mas tem pessoas que procuram livro lá e não vai achar então se o vidente procura lá e não acha quem dirá eu que não enxergo, então já tem uma dificuldade com os próprios videntes então imagine nós mas graças a Deus em questão de material eu tive muita dificuldade no primeiro semestre, no primeiro semestre eu pedia o material não digitalizava, não chegava pra mim o professor não mandava para a biblioteca aí eu fui e conversei com a coordenadora do meu curso aí sentamos todos juntos, o diretor do curso, eu e o pessoal responsável pelo material de digitalizado da biblioteca aí foi que entramos num acordo ai foi que resolveu, aí agora antes de começar o semestre todos os livros já estão digitalizados no meu e-mail, então os professore passam a lista dos livros que eles vão trabalhar no semestre, a biblioteca já faz esse trabalho quando começa o semestre eu já tenho os livros em mãos para acompanhar as aulas.

Jeane: Então o serviço que a biblioteca da sua faculdade presta a você?

Sujeito A1: Sim, não só a mim mas a todos que precisam também mas e bem assim, todos tiveram bastante dificuldade.

Jeane: Interessante.

Sujeito A1: Mas que assim eu tenho uma opinião que é assim o Brasil inteiro, o Brasil de forma geral, o país não foi desenvolvido para os deficientes de qualquer, independente de qual seja ela então até você conseguiu o seu espaço, falar olha “eu preciso disso, eu preciso daquilo” até você conseguir isso demora então você tem que estar ali, ser o chato, ficar ali olha “eu preciso, eu quero” se não tiver não tem como estudar não tem como fazer como eu me locomover, então sempre... uma questão das pessoas também terem um pouco de consciência do que você precisa e do que você tem que passar pra que elas comessem a perceber que você tem uma limitação mas que podem ir pra qualquer lugar desde que tenha acesso.

Jeane: Hã, hã.

Sujeito A1: Então pra que chegar a esse nível demora.

Jeane: Então o mais importante é a questão do acesso?

Sujeito A1: Sim.

Jeane: É o que se discute hoje em relação a informação digital, então algumas vertentes acham que estão discutindo hardware, em que plataforma que você vai ler o e-book, o livro digitalizado, se vai ser no seu celular, se vai ser no desktop, se vai ser... mais o mais importante não é onde, é como. É você ter o acesso. O que você vai fazer com esse acesso você decide, porque se você quer ler no desktop você vai ler, se você quer ler, se você tem algum hardware que baixar um livro, você vai ler o livro mas realmente o importante é você ter o acesso porque uma vez que você tem o acesso você está livre para escolher o que você quer fazer com a informação e se você não tem o acesso, não adianta você ter todos os equipamentos do mundo, não adianta você ter sei lá ter o que for porque você não vai saber o que você vai fazer dela o que você necessita, pra fazer com ela o que você necessita.

Sujeito A1: Desde que a informação seja compatível com aquilo que você vai usar, porque não adianta eu fazer um material que seja desenvolvido só em celular, eu não tenho celular eu quero ler no meu desktop e aí meu desktop não vai aceitar? Você tem que ter uma informação que seja compatível a tudo que está sendo discutido, ao notebook, a desktop, a celular, a pendrive, a mp3, tem que ser compatível a todos esses equipamentos eletrônicos porque o deficiente visual vai escolher qual seja o melhor para ele usar porque até então quando eu entrei na Metodista já tinham outros deficientes visuais mas só que no curso de direito mas tem em teologia, jornalismo, em educação física, tem biomedicina, tem em curso de informática então no curso de direito eu sou o primeiro então na primeira entrevista que eu tive com o coordenador do curso eles ficaram sem saber, o primeiro aluno deficiente visual dentro do curso, como que agente vai tratar?

Como que agente vai lidar com o deficiente? Eu disse gente normal, eu só não vejo, mas eu falo, eu ouço, eu ando, eu escrevo, eu tenho uma vida normal eu só preciso de algumas adaptações e alguma ajuda mas eu sou uma vida normal, mas aí ficaram discutindo, e falaram “como você vai fazer suas provas?”, as provas tem dois sistemas ou o oral ou no computador, “mas no computador, você usa computador como assim computador adaptado?”, “não computador normal eu só preciso de um software assim, assim, assim e eu vou usar o computador, “nossa...”, não sabem, tem aquela informação que se você também não souber fica difícil a comunicação porque se você não sabe o que têm disponível pra você a pessoa que esta tendo o primeiro contado com você vai ficar mais perdido do que você então hoje as pessoas na minha sala tem mais noção do que eu sou capaz de fazer do que as pessoas da coordenação, professores que ate então não sabiam, ficavam meio assim, sabe? Como que vai estudar? Como que vai fazer prova? Então uma coisa que você tem que saber o que você vai precisar para depois passar a informação para aquelas pessoas que estão totalmente perdidas né.

Jeane: Hã, hã.

Sujeito A1: Nunca tiveram um contato, já viram que tem vários deficientes num ambiente da universidade, mas até então não sabem como fazem para estudar, como fazem para fazer prova, como eles se adequam ao ambiente universitário. Então você tem que se impor e falar não é assim, assim; Daí as coisas vão chegando a um lugar que seja favorável a todos.

Jeane: Sujeito A1 você pesquisou ,você foi na internet, buscou nos livros que você tem na sua coleção em casa, determinado tema e você encontrou varias informações sobre este determinado tema.

Jeane: Como você organizou as principais idéias extraídas destas informações. Se você falou que o Google é uma excelente ferramenta, mas muitas vezes você vai no Google e tem milhares de coisas que não vale nada né. Não serve para aquilo que você está procurando é o que chamamos de lixão.

Sujeito A1: Isso.

Jeane: Tem muitas coisas que é lixo mesmo e você não consegue extrair nada, mas você encontra muita coisa é que realmente você diz poxa vida isso aqui vou usar em algum momento da minha pesquisa. Esta informação é interessante, e aí se a gente não organizar de certa forma esta informação a gente acaba se perdendo. A gente lembra de que viu determinado assunto, mas você não lembra aonde, de que livro de que site, e daí depois na hora de você organizar tanto a parte de organização do trabalho, você vai ter dificuldade de lembrar onde você vai ter que citar onde você vai ter que fazer as referencias você vai ficar meio que

perdido, esta parte de organização é importante no processo de construção no trabalho acadêmico.

Jeane: Como que você é organizou, essas principais idéias, essas principais informações que você ia utilizar no seu trabalho?

Sujeito A1: Geralmente é assim, as pessoas falam que sou muito chato, porque gosto das coisas muito certinho, eu sou muito perfeito, quero as coisas no mínimo detalhe. Mas eu digo não eu sou assim. Então vamos pegar o direito administrativo, eu tenho um livro de direito administrativo, que eu sei os temas que eu vou precisar teoricamente vão estar todos ali. Então já sei o direito administrativo é este livro aqui que eu vou usar autor tal, edição tal, ano tal; Então é este aqui que vou usar. Ai vou lá, vou no índice e vejo os temas, se tem o que eu quero. Ai vou lá naquele tema específico leio aquele tema específico e se tudo o que tem ali me agrada, seleciono copio e colo tudo no Word. Se não me agrada tudo ou algumas informações, eu vou selecionando aos pouquinhos até eu achar tudo aquilo que me agrada eu vou selecionando no Word, depois eu vou corrigindo né, para ver se não esta fora de ordem, se tem coerência o texto, porque talvez fique pequeno uma coisa que não tem muito sentido aí você tem que buscar em outro texto para encaixar, daí eu faço esta organização e seleção desta maneira, no Google a mesma coisa, vou lá no Google onde tem muitos links, leio uns três ou quatro.

Daqueles três ou quatro se todos me agradaram vou selecionando as partes mais importantes desde que o que eu selecionar já não tenha naquele primeiro texto, ai eu vou selecionando, ai se tiver por acaso muita coisa que eu já não me lembro, ai eu paro dou uma lida naquilo que eu já selecionei naquilo que eu já encontrei e falar isso aqui ta bom, ai finalizei aquele tema e passo para o próximo tema. E assim eu vou selecionando tudo até fazer a conclusão inteira do trabalho.

Jeane: E por exemplo, nessa parte você vai selecionando o que você quer daquele determinado link, e você já anota qual é o link ou...

Sujeito A1: Assim que eu abro já tenho que estar anotado, pra quando você precisar voltar já esta anotado para mim não esquecer.

Jeane: Quando você fala eu leio, você usa o leitor de tela pra ouvir o que ele está falando?

Sujeito A1: Sim.

Jeane: Acho tão interessante isso.

Sujeito A1: É porque como já fui vidente, então assim a eu li, eu vou ler.

Jeane: Mas mesmo o deficiente visual que já nasceu cego que a gente tem entrevistado também fala eu leio, acho isso muito bacana.

Sujeito A1: Geralmente o pessoal na faculdade brinca assim, a você vê...

Jeane: Rssssss...

Sujeito A1: Claro que eu vi, eu vejo.

Sujeito A1: Igual no primeiro dia que eu sai do hospital e cheguei na faculdade a coordenadora da sala falou:

- E aí Sujeito A1, já ta preparado para as provas, já está estudando? Eu disse to cara, to mais perdido do que sego em tiroteio.

Jeane: Rss.

Sujeito A1: Daí ele fala, só você mesmo. Ta todo mundo aqui apreensivo e você dando risada.

Sujeito A1: Fazer o que vou chorar, vou sair desesperado?
Não eu tenho é que brincar.

Sujeito A1: Todo mundo fala meu como consegue brincar com o próprio problema.
Falo meu eu tenho que dar risada.

Jeane: Você já superou tantas outras coisas, que isso para você é fichinha.

Sujeito A1: É e vou superando, porque sempre tem alguma coisa que superar né, porque sempre aparece aquele que é sem graça aquele cara que fala, mas você vai fazer? como é que você vai fazer? Mas será que você vai conseguir? eu falo sai daqui o, você que não consegue e fala que eu não vou conseguir, então sabe 2x “vou superando”.

Sujeito A1: Porque se você ficar, remoendo e guardando tudo aquilo que as pessoas falam que você não vai conseguir, é difícil, mas como você vai fazer? Não da você para.

Jeane: Há é verdade.

Sujeito A1: Da mesma forma que você faz, com mais dificuldade, mas irei fazer do mesmo jeito. E assim vai indo.

Jeane: Sujeito A1, nesse você já reuniu, já coletou, você já extraiu as idéias principais do que você quer fazer o trabalho você já tem todo o levantamento bibliográfico né, e todas as informações que você considera necessárias para o seu trabalho. Então ta tudo aqui, aí você vai partir para a conclusão dele ou seja a organização do trabalho novo, a organização física do trabalho, a normalização desse trabalho, a

estruturação metodológica do trabalho, tem introdução e etc. Você juntando todas essas informações, juntar todas essas informações que você colheu para produzir o seu texto, eu queria que você me falasse um pouco sobre esse processo, sobre essa etapa, você sente alguma dificuldade nessa etapa, quem mais te ajuda nessa etapa?

Sujeito A1: Olha, nesses últimos trabalhos que eu fiz não teve uma ordem bem específicas de temas, uma ordem cronológica porque geralmente esses trabalhos mais complicados assim, geralmente e na fase final e no caso de TCC, esses trabalhos foram mais vamos dizer teóricos trabalhos que não exigiam tanto critério, com normas da ABNT, espaçamentos, essas coisas, mas tem a dificuldade de organizar, “Como que eu vou colocar? Que tema que é mais importante primeiro, depois vem em seguida o tema “tal”, qual que é menos importante? Então é eu não tive essa dificuldade porque como foram trabalhos mais simples eu fui organizando de acordo com que os professores tinham passado em sala, vamos supor, dia 10 um exemplo foi passado crimes sexuais e estupro, dia 20 depois de estupro foi pedofilia e eu fui organizando dessa forma de acordo com as aulas que foram ministradas dentro de sala ate para que os professores quando fosse lendo tivesse noção das aulas que ele tinha dado em sala e do que eu tinha acompanhado foi basicamente essa ordem que eu segui e fui passando para minha mãe e para minha irmã que estavam fazendo os meus trabalhos comigo da ordem que eu queria que fosse selecionada.

Jeane: Então você não utilizou normas de ABNT nem de referencias bibliográficas?

Sujeito A1: Não, nesses trabalhos não, coloquei algumas referencias bibliográficas mas com normas da ABNT nenhum trabalho desses que eu peguei foram nesse aspecto.

Jeane: Mas você tem conhecimento de normas da ABNT, você já teve alguma disciplina que abordava a questão da metodologia?

Sujeito A1: Já tive no terceiro semestre se eu não me engano, em uma outra faculdade porque eu comecei meu curso na FAPAN, depois que eu perdi a visão aí...

Jeane: Onde fica a FAPAN?

Sujeito A1: Essa FAPAN fica em São Bernardo próximo ao passe municipal de São Bernardo então eu iniciei meu curso lá, fiz dois anos e meio lá e depois que eu perdi a visão eles como a faculdade assim teoricamente não tem uma estrutura boa mas é uma faculdade pequena eles disseram “que não teria como fazer uma adaptação geral para receber um deficiente visual” mas nos conversamos eu fui o primeiro e ate disse que se começássemos agora depois poderiam ter outros ai depois que eu sai de lá acho que eles viram que teriam que fazer eu

tenho contato com amigos de lá que disse que fizeram uma reforma geral hoje tem dois cadeirantes, não tem nenhum visual, mas tem cadeirantes que antes não tinha, hoje já tem, fizeram acesso, rampas, elevadores então eles começaram a mudar então eu tive essa matéria que se desenvolve trabalhos científicos e metodológico mas como já tem um bom tempo e é uma matéria que você não vai usar na carreira jurídica então você acaba meio esquecendo porque é uma que você diz assim é só para organização de trabalhos, organização de textos, espaço daqui, espaço dali então você não foca muito então a ABNT pelo que eu entendo é uma regra normal, uma norma geral para todos os trabalhos.

Jeane: Então você conseguiu aproveitar todas as disciplinas que você fez na FAPAN?

Sujeito A1: Eu tive que voltar o quinto semestre, fazer o quinto novamente em apenas duas matérias, direito do trabalho e direito do processo civil.

Jeane: Mas tem quantos anos?

Sujeito A1: Tem cinco anos, espero que a ordem não mude esses cinco para seis enquanto eu estiver lá dentro.

Jeane: ??

Sujeito A1: Teve índice muito alto de reprovados na OAB, muito, muito alto então eles estão querendo aumentar mais um ano porque eles acham que cinco está sendo pouco, estão querendo te julgar já no nível de uma medicina.

Jeane: Mas é muito detalhe fazer direito, muito detalhe.

Sujeito A1: Eu acredito que não seja difícil, não é difícil.

Jeane: Você sabe que eu...

Sujeito A1: ...

Jeane: Assim pra gente concluir a nossa entrevista, eu queria que você descrevesse o que você sente em relação aos trabalhos que você faz, que sentimento você carrega no final de tudo? Independente dessa experiência que você teve, de todas as experiências que você teve até hoje, que sensação que você poderia descrever para agente o que você sente quando acaba tudo, quando você consegue concluir o trabalho?

Sujeito A1: A primeira coisa é alívio, acabou, ufa! Ainda bem, acabou, mas a satisfação ela é grande e não só quando você termina um trabalho mas a satisfação em geral, quando você fala “nossa eu que ti vi que pesquisar em diversos lugares, ti vi dificuldade em achar tal livro, em achar determinado tema em desenvolver aquele tema

específico ou aquele tema abrangente, aí você faz o trabalho todo, monta ele todo, você lê, e você conseguiu colocar no papel tudo aquilo que o professor estava querendo, tudo aquilo que você estudou, que você aprendeu, você conseguir passar ali para o papel e saber que o professor vai ler e vai entender aquilo que tá no papel que foi aquilo que ele pediu, você imprime, você encaderna e você deixa ali na mesa do professor e ele lê e vem aquela nota que foi proposta no trabalho ou foi um trabalho que ele colocou de 0 a 10 e você recebe uma nota que você estava esperando, nossa é bom! Eu consegui colocar no papel aquilo que o professor estava mesmo esperando, as vezes, não sai da forma como você queria que saísse, as vezes você pensa que iria tirar uma nota alta aí não é uma nota tão alta aí você pensa “mas porque?”, aí você tenta conversa com o professor aí ele explica “olha faltou isso, faltou aquilo” aí você pensa “no próximo tenho que fazer um pouco melhor, tenho que fazer de tal forma ou de tal jeito para não acontecer de novo”, mas é satisfatório, eu me dedico muito naquilo que eu faço, obviamente em qualquer coisa que seja, na mínima coisa que eu vá fazer eu me dedico, eu me entrego realmente porque você se propôs a fazer então quando você se propõe a fazer algo você tem que fazer o melhor e eu sou assim se eu não quero fazer eu não vou fazer mas se eu como eu já não fiz trabalho na faculdade porque eu achei que eu não ia valer a pena e não ia...

Jeane: Acrescenta?

Sujeito A1: Acrescentar sempre acrescenta né! Mas eu não vou fazer não vou me matar para receber uma nota que não vai valer a pena eu consigo essa nota fazendo uma prova e eu não vou me matar, o professor queria, eu fiquei internado um mês, e ele pediu para fazer, ele deu um livro e no final de cada livro tinha dez questões sobre o tema de cada capítulo para você responder então ele falou assim “você vai responder do capítulo um até o capítulo seis” isso no primeiro dia de aula, daria sessenta questões, aí eu comecei a fazer tudo e fiz os dois primeiros que dariam vinte questões aí “calhou” de eu ficar internado, não tinha como eu fazer no hospital, estava no meu computador não tinha como eu levar o meu computador para o hospital, saí do hospital falei professor, ele ia dar um ponto nesse trabalho, ele falou “no dia da prova vocês entregam, a prova ia valer nove e o trabalho um, para fechar a média” aí eu saí do hospital falei para o professor “o trabalho era para ser entregue hoje, o senhor sabe, fiquei assim, assim, se eu entregar o trabalho no dia que eu vier fazer a prova daqui a quinze dias o senhor aceita?” ele disse “tudo bem, pode trazer mas eu não vou dar um vou dar meio” aí eu falei “tudo bem” mas eu não falei para ele que eu não ia fazer, só que aí eu não fiz, só que eu falei eu não vou fazer sessenta questões no caso quarenta para receber meio ponto, meio ponto eu tiro na prova aí eu não entreguei. Entreguei da próxima, da outra prova que eram mais, eram oitenta questões aí eu fiz, porque valeria um ponto aí eu fiz, mas o que valia um e ele iria me dar meio ponto eu não fiz.

Jeane: Só por curiosidade quanto você tirou (risos).

Sujeito A1: Eu tirei seis e meio, se eu tivesse feito o trabalho eu iria tirar sete mas na outra prova eu tirei sete mais o trabalho que valia um ponto eu fiquei com oito fechei a media.

Jeane: Qual é a media?

Sujeito A1: É sete...

...

Jeane: Eu queria te agradecer muito, por você ter vindo, ter colaborado com a nossa pesquisa nos colocou a disposição para o que você precisar da gente.

Sujeito A1: Eu que agradeço, espero ter correspondido a entrevista.

Jeane: Com certeza correspondeu, queria te convidar para você, quando eu for defender a minha tese você ir me assistir.

Sujeito A1: Com certeza, com certeza vou sim.

Jeane: Gostaria de contar com a participação de vocês lá, quantos anos você tem?

Sujeito A1: Vinte seis.

Jeane: Muito obrigada mesmo.

Sujeito A1: Se precisar de alguma coisa ao assunto referente, estou a disposição.

Jeane: Ta jóia, obrigada!

Sujeito A2

Jeane: A intenção do nosso trabalho é saber como os estudantes deficientes visuais percebem a necessidade adquirirem, compreendem e utilizam a informação.

Jeane: Você está fazendo o curso superior de ...?

Sujeito A2: Relações públicas.

Jeane: você já vai se formar? Como que tá?

Sujeito A2: estou no 7º semestre

Jeane: Já está acabando NE?

Sujeito A2: esse ano eu já me formo?

Jeane: você já está naquela fase do TCC NE?

Sujeito A2: Isso, estamos nessa fase.

Jeane: O seu TCC vai ser individual ou vai ser em grupo?

Sujeito A2: o meu vai ser em grupo, eu e mais duas meninas

Jeane: mas vocês já estão pensando no tema. Tá início? Como é que está?

Sujeito A2: É a gente já tem que começar porque tem os prazos pra entregar. Então estamos desenvolvendo, pensando no projeto, em algumas propostas e agente vai mais na área de humanas mesmo. No pró-sangue, na parte de doação de sangue que não é muito divulgado. Então a gente quer montar um projeto sobre isso. Então estamos verificando outras possibilidades também.

Jeane: Então, o que a gente pretende com esse trabalho? É identificar isso que eu acabei de te falar. Como o deficiente visual percebe a necessidade, adquire, compreende e usa, utiliza a informação para a construção de trabalhos acadêmicos.

Então o que a gente percebe é que hoje em dia pra qualquer estudante desenvolver trabalhos acadêmicos ele precisa compreender todas as etapas que são necessárias para a construção de um trabalho acadêmico. E a gente percebe também que todos os estudantes sentem algumas dificuldades. E algumas dessas dificuldades são potencializadas para o deficiente visual por conta da falta de acessibilidade, do preparo, não só dos ambientes, das bibliotecas e até mesmo da compreensão do que seja um trabalho acadêmico, de como se desenvolve um trabalho acadêmico.

O nosso foco é a construção do TCC, como você ainda não passou pela experiência a gente poderia falar sobre a construção o desenvolvimento o trabalho de conclusão de alguma disciplina que você já fez .

Eu queria que você lembrasse e escolhesse por todas as experiências que você já passou.

Vamos lembrar uma lembrança mais recente de trabalho de conclusão de curso de conclusão de disciplina que você já fez

O que a gente quer buscar com esse processo todo.

A gente quer mapear que os conjuntos de habilidade o deficiente visual deve possuir pra que ele possa lidar que esse imenso e caótico volume de informações que se apresenta em ambientes digitais principalmente porque hoje a maioria de informações estão seja na internet, seja na meio digitalizado, seja por meio de vozes. Conversando com você, você vai poder me dizer quais são as suas dificuldades, o que mais se apresenta como dificuldade e a partir daí a gente pretende promover, desenvolver programas que capacita você de forma melhor que você possa se virar nesse imenso caótico.

Então nós vamos seguir uma metodologia que subdivide o processo de construção de trabalho em seis etapas, desde o início de quando o professor passa a tarefa até a apresentação que a parte final e conclusão do trabalho, então as perguntas que eu vou te fazer vai seguir esse itinerário de construção.

Jeane: Então só lembrando você faz o curso de Relações Públicas, você está no sétimo semestre, seu TCC vai ser em grupo mas a gente vai falar de um trabalho que você desenvolveu de conclusão de curso, ou de disciplina.

Sujeito A2: Algum trabalho que a gente fez em sala?

Jeane: É, por exemplo: A professora de alguma matéria pediu pra vocês escrevessem um texto, ou que desenvolvessem um trabalho acadêmico, etc.

Jeane: Você lembra de alguma recente que voce fez?

Sujeito A2: Todos os nossos trabalhos grandes a gente fez em grupo, então na Unisa a gente tem as agências, então foi pela minha agência que eu fiz.

Jeane: Foi tipo uma empresa Junior?

Sujeito A2: É, isso. Cada um faz o seu grupinho, então a gente fez um projeto pro pessoal do projeto Arrastão que foi em grupo e bem recente esse trabalho, a gente fez o semestre passado.

Jeane: então eu gostaria que você falasse um pouco sobre esse trabalho, por exemplo:

Foram vocês que escolheram o tema, foi o professor que pediu, me conta como foi esse processo.

Sujeito A2: Foi assim. Dois professores estavam trabalhando o mesmo foco. Um na área de pesquisa e o outro na área de planejamento, então os dois se juntaram para poder fazer um trabalho único pra apresentar para os dois.

O professor pediu pra gente escolher uma ONG pra aprender a identificar o problema. O que estava acontecendo na ONG, pra apresentar soluções. Ai nós decidimos trabalhar no projeto Arrastão, a gente foi lá e vimos que o problema que eles tinham era um problema de imagem. Por exemplo, as pessoas não sabiam se a ONG era do tipo acolhedora ou educativa, então as pessoas não sabiam qual era o foco da ONG Arrastão.

Então a gente desenvolveu esse projeto, nós desenvolvemos todo o briefing da ONG, onde estava situada, o local, as condições. Eu mesma fui fazer a entrevista com a coordenadora do projeto e ela falou que ultimamente não tinha desenvolvido nenhum programa pra mostrar para o público externo o que estava acontecendo pra divulgar mais a ONG, os projetos que eles tinham que eram desde programa de educação infantil até a parte de adulto, o pessoal desenvolvia nessa ONG filmagens, tinha curso de informática, produção de vídeo, produção de arte, essas coisas.

Jeane: Então, foi um trabalho mais prático né?

Sujeito A2: É, foi um trabalho mais prático.

Jeane: Mas mesmo esse trabalho sendo mais prático, vocês tiveram uma sustentação teórica, vocês foram buscar informações mais teóricas ou foi só prático?

Sujeito A2: Então nós buscamos informações no site, pesquisamos sobre a ONG na internet pra ver se tinha outras ONGs que faziam o mesmo trabalho.

Jeane: Que estratégias que vocês utilizaram pra pesquisar, vocês montaram alguma estratégia, como foi que você pesquisou, você selecionou vários artigos que falavam sobre essa ONG, você buscou informações em livros, como é que foi esse processo?

Sujeito A2: Em livro a gente não chegou a procurar porque como já tinha a ONG, tudo certinho, então entramos em contato por telefone pra saber se podia fazer o trabalho com essa ONG, depois a gente pegou no site todas as informações sobre o que eles faziam, qual era o objetivo, como foi fundada.

Jeane: Você mora aonde?

Sujeito A2: Em Parelheiros

Jeane: Você vai voltar pra casa ou vai pra escola?

Sujeito A2: Vou voltar pra casa. Hoje a gente não tem aula.

Sujeito A2: Ai eu tava falando das pesquisas que a gente fez. Ai nós fizemos uma pesquisa com os alunos pra saber qual era o pensamentos deles sobre a ONG o que eles estavam achando dos cursos, se ia ajudar na profissionalização deles e tudo mais. Foram essas as pesquisas que a gente fez.

Jeane: Sujeito A2 me fala uma coisa. Quando você vai fazer os seus trabalhos acadêmicos, que os professores pedem. O que você precisa recorrer à pesquisa mesmo, à livros, à conceitos à outros conteúdos que não práticos. Como que é esse processo pra você?

Sujeito A2: Quando um professor pede pra gente ler um livro, a gente pega. Cada um se vira né, cada um pega um livro na biblioteca, mas e eu como. Eu pego o livro da biblioteca da UNISA e trago aqui no SENAC porque aqui tem scanner, tem open book, o Ricardo digitaliza quando ele não eu já sei mexer no open book. Ai eu venho gravo aqui e faço a parte em áudio ou então pego o arquivo em texto e leio em casa pelo computador.

Então tudo que for livro, texto, jornal eu tenho que fazer essa digitalização para que eu possa ter acesso às informações.

Jeane: E quando você vai pesquisar na internet. Você usa a internet?

Sujeito A2: uso a Internet. A internet é a mesma coisa. Quando tem foto a gente não sabe, só a parte de textos. Então, por exemplo, numa matéria que saiu na revista Veja a gente vai lá entra no site e procura a matéria. É tranquilo> Tendo um software de voz, tendo um programa acessível pra gente é tranquilo.

Jeane: Você utiliza algum software de voz?

Sujeito A2: Eu utilizo o Virtual, o Virtual Vision que bastante recursos e uso o Jaws também que eu acho bom pra entrar na internet, pra navegar tem uma voz bem legal, dá pra você entender então eu utilizo esses dois softwares, tem mais, mas esses são os melhores.

Jeane: Sujeito A2 me diz uma coisa. O que você considera hoje que é a maior barreira de acessibilidade pra você desenvolver trabalho acadêmico que precisa de informação mais conceitual, impressa ou da internet.. O que você considera que seja mais difícil?

Sujeito A2: A maior barreira que eu considero... Bom até hoje não tive nenhum trabalho que tivesse que ler muitas coisa, pesquisar em muitos

livros é mais trabalhos sobre empresas, sobre ONGs que a gente já fez. O que fica mesmo difícil é quando não tenho acesso à leitura. Igual, o meu grupo pega os textos, elas leem mas pra mim eu não consigo analisar muito quando a pessoa está lendo pra mim, eu gosto de eu mesma pegar o texto e eu mesma ler. As vezes o professor leva algum texto na aula pra poder fazer trabalho em sala, só que não tem nada em Braille, então fica meio difícil, até pra dar alguma opinião. Tenho que prestar muita atenção na primeira vez que o texto é lido porque elas só lêem uma vez. Elas não vão ficar lendo três, quatro vezes. Então essa parte dos professores, eu acho que eles tinham que dar o texto antes pra gente ter acesso, chegar na sala, fazer os trabalhos e participar mais. Não adianta você ficar no grupo e somente o grupo fala e você ficar ali. Sabendo que a gente é capaz, que a gente tem total capacidade de dar opinião criar novas ideias. Isso é uma falha que tem. Os professores tem que se anteciparem com as matérias, essas coisas.

Jeane: Como foi a questão da apresentação do trabalho, vocês tiveram que apresentar um trabalho físico, impresso e fazer a apresentação? Conta um pouco.

Sujeito A2: Sim, a gente montou todo um trabalho, desde a parte de briefing e pesquisa, plano de ação, estratégia, análise de tudo né. A gente montou todo esse trabalho impresso, bonitinho, arrumadinho e depois tivemos que apresentar em sala pra professora. Foi mais o professor de pesquisa que pediu. Então as meninas tiveram que montar os slides aí eu fiquei com a minha parte, decorei a parte que eu tinha que falar, porque eu não gosto de ir lá na frente e ter que ficar lendo papelzinho, eu já gosto de ir lá na frente e falar logo o que eu sei, então pra gente é diferente porque todo mundo fica olhando nos slides e falando o que aconteceu. A gente não, a gente tem que ir lá, decorar o assunto. A gente tem que ler entender o assunto, chegar lá na frente e falar. E isso o professor gostou muito, e o professor falou nossa Estou admirado, a Sujeito A2 foi lá na frente chegou e falou.

Jeane: Então você realmente se apropriou de toda a informação que você pesquisou, que você coletou. Você transformou toda essa informação em conhecimento.

Sujeito A2: Porque é um trabalho que você se sente presente. Quando você faz um trabalho que outras as pessoas fazem que você chega lá na frente e apresentar é totalmente diferente, agora quando você tem o conhecimento que você participou, que você apresentou, você estava ali, você correu atrás é totalmente diferente é uma sensação nova.

Jeane: E aí vocês tiveram que fazer a apresentação formal desse trabalho. Como é essa questão da normalização técnica desse trabalho, norma ABNT, a questão da citação você tem alguma dificuldade nessas questões?

Sujeito A2: Essa parte a gente se reúne e faz em grupo. As meninas já tem as normas e o nosso trabalho são todos baseados na norma, fazemos tudo direitinho pro professor não descontar ponto

Jeane: Eu queria que você me descrevesse como foi a sensação quando você concluiu esse trabalho

Sujeito A2: a sensação foi de trabalho realizado, foi uma coisa mais emocionante porque eu participei eu me senti útil porque quando você vê os outros fazendo e você ali sem ação você querendo fazer uma coisa e não pode, não tem acesso isso deixa a gente um pouco frustrado. Então nesse trabalho eu me senti realizada porque eu fui lá participei, apresentei, fiz a entrevista, então foi muito prazeroso pra mim.

Jeane: A sua deficiência, você nasceu cega ou ficou por alguma doença.

Sujeito A2: eu já nasci com a deficiência visual por um descolamento de retina um atrofiamento do nervo óptico e enxergava um pouco dava pra ver cores pessoas de perto, imagens até o final de 2008. Depois acabou descolando minha retina totalmente. Eu fiz cirurgia mas não vi resultado ainda. Já tem um ano.

Jeane: você foi alfabetizada em Braile?

Sujeito A2: Fui, desde pequena estudei num colégio interno. O colégio Padre Chico e eu estudei lá de 1996 a 2003 um instituto para cegos.

Jeane: Mas você ficava interna lá.

Sujeito A2: É, agora já não é mais. Agora é um externato Quem morava longe podia dormir lá. Eu vivi uma fase muito boa lá porque na época eu morava muito longe, no Embu Guaçu e a escola ficava no Ipiranga e era bem longe e lá pra mim era a minha casa. Tinha aula de manhã de tarde e outras atividades tinha balé, ginástica olímpica, natação, e eu participei de todas foi muito gratificante.

Jeane: Nessa pesquisa que a gente tem feito a gente percebe que as pessoas que ficam cegas quando adulto sentem mais dificuldade com o Braile do que quem é alfabetizado em Braile desde criança, a agilidade em Braile... eles se voltam bastante pra informática, quer dizer, que de uma forma geral a informática está presente na vida de qualquer um de nós, a informática é uma ferramenta poderosa.

Jeane: o que você acha disso?

Sujeito A2: Eu ... é uma ferramenta poderosa, forte, é uma janela pro mundo você pode. Esses softwares que foram criados pra gente então se tornou bastante acessível. Tem alguns sites que não acessíveis tem alguns sites que você entra e não aparece nada fica aquela coisa 4,1,4,

2 sabe? Não aparece nada, hoje em dia está muito mais fácil qualquer informação que você quiser buscar, quiser buscar um livro, está muito melhor que antigamente, antes não tinha todos os recursos que tem agora, agora se você quiser um livro em Braille tem, em áudio têm, se quiser digitalizado tem então e só correr atrás que você consegue.

Jeane: Hoje agente tem muitos recursos mas... você considera que falta caminhar mais um pouco para você seja totalmente autônoma desses recursos ou do jeito que está já está bacana?

Sujeito A2: Não, eu acho que falta, falta muita coisa ainda agente ta caminhando mas é um processo muito lento agente sabe que a cada ano que passa aparece coisas novas no mercado para gente, adaptadas e agente sabe que são poucas as minorias que estão se preocupando em criar coisas pra gente, mas agente sabe que em algum lugar do mundo tem alguém se preocupando em criar coisas para o deficiente.

Jeane: Eu gostaria de agradecer profundamente a sua disposição de vir... porque toda pesquisa ela parte de uma inquietação pessoal a cerne da tese, a questão principal da tese tem uma pesquisa de campo, então o que você me fala, então você esta ajudando agente a construir essa tese, então para eu propor melhorias, em processos, em programas que desenvolvam um deficiente a pesquisar com autonomia eu preciso saber quais são essas deficientes, então eu te agradeço muito, por ter vindo e eu te convido para quando eu for defender a tese que você esteja lá, para assistir...

Sujeito A2: Eu que agradeço por poder participar dessa tese.

Sujeito A3

Jeane: Fazendo um tese de doutorado na Universidade de São Paulo, na USP na escola de comunicação e arte e o que vou propor na minha teste, o desenvolvimento de um programa que torne o deficiente visual competente em informação, que as bibliotecas e todas as pessoas que trabalham com essa área de informação desenvolva programas para capacitar o deficiente visual em se tornar autônomo na busca, no uso da informação na avaliação e etc.

Porque existem novos programas que fazem isso em biblioteca, mas nenhum programa se preocupou em desenvolver esse tipo de serviço para o deficiente visual levando em consideração as necessidades que vocês têm e que muitas vezes são causadas por barreiras de acesso a informação sites orientação bibliográfica, sites que não são acessíveis muitas vezes a biblioteca não possuem ferramentas não possuem pessoas preparadas para fazer esse trabalho então o quê nós vamos propor nesse trabalho é justamente todas as ações necessárias para que as bibliotecas possam se preparar para fazer esse trabalho com vocês e prepará-los para serem autônomos nesse processo.

Sujeito A3: Seria a digitalização de todos os livros?

Jeane: Não. Não seria o processo de fazer, mas o processo de buscar, lógico nesse processo nós podemos identificar, não existem muitos livros em Braille, os livros tem que serem digitalizados, nós até podemos apontar essas questões,mas o que a gente pretende é sugerir é como o bibliotecário, como as bibliotecas podem desenvolver programas, para que vocês aprendam a fazer a busca, para que vocês aprendam a identificar, para que vocês aprendam a avaliar a informação correta até professores da metodologia de pesquisa. Os professores de metodologia da pesquisa trabalhem melhor essa questão com todos os alunos, não somente com deficientes visuais, por exemplo: como que eu posso fazer para que meu aluno entenda melhor quais são etapas do desenvolvimento de um trabalho científico, quais são as fontes de informação, como eu busco essa fontes de informação, como é que eu trabalho, a seleção desse monte de material que eu vou escolher, como que eu faço a normalização científica para apresentar esse trabalho, a questão da ética no trabalho científico, do direito autoral , então assim, o que a gente pretende é fazer com que as pessoas tomem consciência de que realmente a gente precisa se dedicar e fazer um trabalho diferenciado para que o deficiente visual tenha acesso a informação sem barreiras.

Esse nessa proposta, esse é o nosso projeto.

Sujeito A3: Vocês vão dar suporte para que gente, deficiente quando tiver acesso a biblioteca, tipo na pesquisa, no trabalho, no trabalho científico, no trabalho acadêmico, ele possa ter todas essas ferramentas dentro da biblioteca.

Jeane: Dentro da biblioteca e também o mais importante disso tudo Sujeito A3 é que ele possa, é que ele saiba, o que ele pode encontrar, aonde ele pode encontrar a informação e o que ele pode fazer com essa informação.

Porque as vezes você tem a ferramenta, você tem tudo disponível, mas você não tem idéia do que você quer, você não sabe por onde buscar informação, até para te ajudar a definir e a decidir o que você quer, você não tem idéia de como fazer, vamos supor para apresentar um trabalho, você não tem idéia do que rege uma pesquisa científica, você não tem muitas vezes idéia da questão de direitos autorais, da questão das citações, então isso tudo faz parte, você que está na educação superior de... Exatamente!

Sujeito A3: O que eu mais enfrento dificuldade é a digitalização dos materiais.

Jeane: Quer dizer, você tem dificuldade de encontrar o material acessivo.

Sujeito A3: Acessível!

Eu chego à biblioteca tem o livro e aí?

Eu vou ter que pegar esse material digitalizar transformar em formato digital para poder ter acesso a informação.

Jeane Quer dizer, o problema ele é do inicio do mesmo, eu diria que ele é primário.

Sujeito A3: Primária!

Eu estou lá na faculdade, tem a Xerox.

Jeane: Você faz que curso Sujeito A3?

Sujeito A3: Historia!

Jeane: Que bacana... muita leitura, muita!

Sujeito A3: Tem historia, ta eu vou à Xerox.

Ta lá tem as pastas dos professores com a Xerox, só que eu não tenho acesso a isso.

Os meus colegas que chagam lá pegou aquela Xerox ta no ônibus, ta sentado ta lendo.

Eu tenho que digitalizar esse material, passar pro meu computador ou te ele em áudio que eu transformo com os programas, transformo em áudio,é complicado eu brigo muito na minha faculdade.

Jeane: E você faz aonde Sujeito A3?

Sujeito A3: Na Unisantana!

Jeane: Na Unisantana, e você está em que semestre?

Sujeito A3: Vou para o 4º (quarto).

Jeane: Ai que bacana!

Agente usou uma metodologia que todo o processo de construção de um trabalho, ele tem início, meio e fim.

Então ele tem etapas a serem seguidas, vamos imaginar que pra... quando o professor, qual foi o último trabalho que você fez, assim um trabalho acadêmico que você fez e teve que entregar para o professor e desenvolver uma pesquisa ?

Sujeito A3: Então, a agente começou formando aos poucos, primeira agente começou com o resumo, depois a gente passou para a resenha. Depois aula de paper e assim aos poucos.

O meu curso infelizmente agora que a Universidade vai introduzir bacharelado, lá só é licenciatura, 6 semestres.

Então, ai assim, o que acontece o professor, em nosso caso a gente sabe, escola pública não, privada nem todo mundo tem condições de comprar livros, tira Xerox e deixa disponível na Xerox ou da indicação bibliográfica para você comprar em um sebo ou adquirir na biblioteca, então assim o professor ele, da o trabalho já mastigado, ele já o tema e já fala página tal a página tal no livro. Se vocês quiserem o livro todo leiam, mas eu quero de tal página a tal página.

Jeane: Você fez algum trabalho assim, vamos supor que o professor, falasse eu quero que vocês desenvolvam um trabalho de História do Brasil.

A história do Brasil é gigante, várias etapas, é Brasil colonial, Brasil império, Brasil na década de 70, que vocês tivessem que definir um período e fazer esse trabalho por vocês, vocês já tiveram essa experiência ???

Sujeito A3: Eu tive experiência na minha primeira aula eu to na licenciatura né, o professor deu o tema, a origem da educação. E aí fui lá e busquei na questão da Grécia a educação ateniense, aí fui pesquisei na internet na biblioteca com a indicação do próprio professor, procurei livros e montei a minha aula em cima desse tema, a educação ateniense.

Jeane: E essa aula que você montou, você teve que entregar esse trabalho também ?

Sujeito A3: Tive que entregar, tive que fazer o planejamento, dar aula, entendeu.

Jeane: Você teve que entregar um documento para o professor, portanto como um trabalho acadêmico?

Sujeito A3: Tive que entregar esse planejamento na minha aula, como que iria expor essa aula. O objetivo, a conclusão.

Jeane: Esse trabalho foi individual ou foi em grupo?

Sujeito A3: Individual.

Jeane: E você teve depois que dar aula?

Sujeito A3: Tive que dar aula de 20 minutos. Avaliado pelo professor e avaliado pelo colegas.

Jeane: No início ele pediu o trabalho e você definiu que você queria trabalhar sobre a educação ateniense. Dentro desse... quando o professor te pediu você compreendeu imediatamente a tarefa que ele propôs. Se ele te ajudou ou outra pessoa te ajudou a compreender essa tarefa?

Sujeito A3: Eu fiquei confuso, porque falar da educação é muito... como você disse é um tema abrangente. Ai tive que pedir auxílio dos professores, minha professora de história medieval, ela falou a Sujeito A3 vai por esse tema, como ele pediu para nós darmos essa aula como se fosse para uma quinta série, tinha que ser um assunto fácil de ser digerido, e ai conversei com meu professor ele falou olha, é melhor você falar da educação ateniense, fazer essa relação passado e presente, então para um aluno de quinta é legal você vê como surgir as escolas, como era a escola ateniense daquela época, já tinha esse conceito de escola, eles me deram assim... um horizonte.

Ai me deram indicação bibliográfica, fui à biblioteca não encontrei todos os livros, eu encontrei muito pouco né, e ai tive aquele trabalho de pegar o livro scanear, digitalizar, e... tive um apoio bem legal dos professores.

Jeane: Todo o trabalho científico, todo o trabalho acadêmico, mesmo o planejamento de um aula ele parte de uma inquietação pessoal, de alguma pergunta que você quer responder para você mesmo.

E isso leva a gente a formular, como você falou a questão da educação ela é muita abrangente, então a gente tem que escolher um foco, um foco para essa pesquisa, dentro dessas imensas possibilidades, você de repente vai lá e encontra aquele foco, Olha, o foco que eu busquei foi... como você colocou foi educação ateniense.

Jeane: E como foi que você chegou a esse ponto, como você chegou a essa questão principal que você queria pesquisar?

Como você definiu esse tema e eu queria saber se esse trabalho foi prático, se foi teórico, se você contou com ajuda de mais alguém além dos seus professores para defender esse tema ou se foi um interesse seu pessoal.

Sujeito A3: Então, a gente começou a comentar entre os próprios colegas, como era três que tinha que apresenta no dia. Ai falou, ó não pega meu mesmo tema, ai eu falei ó vou ficar com educação ateniense. Aminha colega falou, vou ficar com educação espartana. É, e assim a gente foi... cada um foi montando sua aula, eu fui busca indicação bibliográfica, eu consegui, tive que estudar bastante para poder responder as perguntas que os colegas também me faziam perguntas e responder essas perguntas dos colegas, eu consegui além da coisa teórica, tem a coisa prática, para apresenta nessa aula e... me despertou muito a Grécia foi o berço da educação, foi muito bom cada vez que eu me aprofundava no assunto, você sabe que não sabe de nada. E quando se traz para o Brasil né, e vê que os jesuítas tiveram um papel muito importante na nossa educação.

Jeane: Eu adoro história Sujeito A3, você sabe que quando eu fiz vestibular... 83, 26 anos atrás. Eu fiz biblioteconomia e fiz história passei nos dois, eu até comecei a cursar os dois mais é muito pesado você fazer duas faculdades ao mesmo tempo, e ai eu optei pela biblioteconomia que o que trabalho hoje. Mas assim, a história me encanta de uma maneira, porque é muito encantadora.

Sujeito A3: Eu consegui desenvolver meu trabalho legal, direito e consegui obter nota 9. Seis da regência mais 3 da prova. E assim... que eu vejo na questão da faculdade, os professores me ajudam muito, muito mesmo, não possam reclamar dos meus professores, eu reclamo da instituição, por não me oferecer suporte adequado, conforme manda a portaria do MEC, e as questões legais que me asseguram esse direito de estudar. Mas voltando as questões do trabalho a professora de historia medieval, ela está começando introduzir em nós essa questão de bibliografia né, você começar ter aquela questão da historiografia, agente ta começando a ter esses contatos se pega 5 autores, todos falando do mesmo tema e aí vamos confrontar essas idéias, vamos ver que tal autor afirma, o que tal autor não afirma, se eles invejam ou não, se eles conseguem ter a mesma idéia, então a gente está começando no inicio, no semestre passado eu tive isso, questão... um estudo mais aprofundado das historiográficos, você sentir, que eu falo para você é que não tem esse suporte em termos de acesso a informação. Na minha biblioteca quando eu chego nem o computador, não tem leitor de tela, nem eu tenho acesso a acervo da biblioteca.

Jeane: você não pode se autorizar, quer dizer você deve saber lidar bem com informática, mas a instituição não fornece para você as ferramentas necessárias para que você seja autorizado.

Sujeito A3: O próprio sistema da faculdade não me oferece isso, eu vou ter que pedir para um funcionário para consultar aquele livro que eu to precisando, e a biblioteca não se preocupam infelizmente.

Jeane: Nem acesso a internet na biblioteca você pode não leitor básico.

Sujeito A3: Eles colocaram agora leitor, mas assim, não fica na sala que todo mundo usa, tem uma sala que o pessoal do curso de informática, aí eles colocaram 3 ou 4 licenças e preciso deslocar para outro local que totalmente diferente do local que todo mundo vai. Sempre.. eu acho que, não fazem inclusão, sempre está se excluindo.

E o que eu peço, existe um scanner no mercado que você consegue digitaliza e ele já vai transformar para áudio. Eu andei pesquisando no site, ele custa 685 euros, não é muito caro!

Jeane: Tem representante no Brasil

Sujeito A3: Tem representante aqui no Brasil. O que custa isso para universidade comprar um scanner desse e digitalizar esses livros. A própria lei garante para nós deficientes ter acesso a isso, independente do direito autoral, só não está regulamentado se algum editor, alguém reivindicasse seus direitos a gente tem como comprovar, não eu sou deficiente, eu posso ter acesso a esse livre digitalizado, só que as bibliotecas, tipo a minha faculdade não se preocupa, eu tenho que fazer esse trabalho.

Jeane: Você conhece nossa trabalho aqui, você freqüenta ?

Sujeito A3: Conheço!

Eu jogo isso na cara lá da faculdade, o SENAC não tem... não conheço ainda um aluno deficiente que estuda aqui, vocês gastaram milhões com essa estrutura e lá nós temos 22 deficientes visuais fora vários auditivos e não temos essa estrutura.

O reitor, o dono da faculdade é cadeirante, a faculdade é toda acessível, a coordenadora dos deficientes ela é deficiente auditiva, uma mulher bastante...mas eu fico batendo na tecla falando para ela que a gente necessita de material digitalizado.

Ela diz, Sujeito A3 o que eu te posso te oferecer é um leitor. Eu falo eu vou levar leitor para casa?

Depois que esse leitor está comigo lá não auxilia sim, eu não vou dizer que não, em um filme dublado, em algumas coisa auxilia, mas eles não se preocupando com esse material que eu necessito ter da minha casa. Eu faço o meu material, eu que faço meu material digitalizado, aquele programa, tem o OpenBook, tem DoxVOx, JAWS, Virtual Vision, todas essas ferramentas eu tenho no meu notebook.

Jeane: E quem não tem condições de comprar o JAWS ?

Sujeito A3: Isso, e quem não têm condições de comprar um JAWS, e aí como é que fica?

A faculdade ela trabalha com aquela filosofia, eu te dou um leitor, que é o funcionário da faculdade e a gente... as outras questões são suas agora, não é minha.

Jeane: Isso é muito complicado né Sujeito A3 ?

Sujeito A3: Os entrados jurídicos, para livro digitalizado é fácil se quebrar, principalmente que para gente que é deficiente visual. Juridicamente você pode quebrar isso aí, se eu pego um livro na biblioteca scanneio ele e digitalizo e afirmo um termo que só o deficiente vai usar acabou!

A biblioteca pública acho que é do Paraná ou é de Curitiba tem livro digitalizado para deficiente usar, aí no final ele fala uso exclusivamente do deficiente.

Jeane: A gente aqui consegue com a Editora, quando nossos usuários precisam, a gente entra em contato, alguns negam outros conseguem, mas gente digitaliza, a pelo amor de Deus, e aí o deficiente visual vai ficar sem acesso a informação.

Sujeito A3: Existem um grande livro na Gilberto Lopes, não sei se você já viu, o nome do site é livro acessível. Ela fala da briga que ele está tendo hoje, que ele tem desde quando ele cursava psicologia na Universidade São Marcos. Tome esse movimento...

Jeane: Mas a Lei dos direitos autorais está mudando, eu acho que vamos chegar a um cenário muito favorável.

Sujeito A3: muito favorável, eu só quero isso, eu só quero ter o prazer de ter a mesma, tipo, de chegar na Saraiva e dizer eu quero um livro, só que digitalizado. Comprar esse livro. Eu não quero esmola do Governo, nem de Fundação, tipo assim, quando você liga para editora, ela falam que não podem mandar para você, só para Fundação. Eu não preciso nem citar o nome aqui. Eu acho isso errado. Para você eu não posso mandar, mas para Fundação eu posso. Ai através da Fundação eu vou ter acesso a este livro, que eles falam. Gratuitamente. E ainda de um modo que eu não gosto, vem no formato que eles escolheram que é o líder, que trava tudo. Porque você tem usar com aquela voz que eles colocaram lá, ou na voz que você tiver, SAP 5 ou seja lá qual for. Não, eu quero digitalizado ou em formato **XP (?)**, **blok (?)** ou em PDF e eu vou manipular este livro do jeito que eu quero. Se eu quiser tirar uma frase, ou colocar aspas e citar o nome do autor eu coloco no meu trabalho, do formato dela eu não posso fazer isso, nada disso. E você sabe quando estamos na faculdade, quando vai citar alguma coisa, precisar tirar texto lá, fazer a citação e colocar o nome do autor e neste formato não dá para fazer isso.

Jeane: Então, nesse processo agora que você já sabe o tema que você quer agora você terá que fazer um levantamento bibliográfico para sustentar seu trabalho, eu queria conversar com você algumas questões que envolvem isso. Nesse processo que você desenvolveu planejamento

da aula, da educação na Grécia. O seu foi educação na Grécia ou em Ateniense?

Sujeito A3: Ateniense

Jeane: Grego?

Sujeito A3: Grego isso.

Jeane: Que estratégia você utilizou para se informar sobre o tema? Onde você foi buscar a informação relevante sobre o seu tema? Os procedimentos relativos a levantamento bibliográfico? Que fontes você usou? Se você usou só a biblioteca ou se você usou também a internet? Como é que você pesquisou tanto na biblioteca, quanto na internet?

Sujeito A3: Primeiro eu fui à fonte, que é a biblioteca. Autores conhecidos e depois eu confrontei estas informações com a internet. Nem tudo que está na internet é confiável. Você tem que ter um site bem confiável para poder fazer suas pesquisas. Utilizei mais fonte dos livros, da internet foi só para ter um aparato geral, mesmo. Foi mais para curiosidades, eu fui procurar qual foi a primeira escola? A onde foi no Brasil? Descobri que foi na Bahia, no Arraial... não me lembro o nome.

Jeane: na região de Porto Seguro? Naquela região onde descobriram o Brasil?

Sujeito A3: isso, na Bahia foi à primeira escola. Tipos essa curiosidades que nem tudo você vai descobrir rápido, na internet você tem. Você tem essa ferramenta, eu acho que é mais prática a internet.

Jeane: quem te ajudou nessa etapa Sujeito A3? Você contou com ajuda de orientação de professores? Bibliotecário ajudou você também?

Sujeito A3: Infelizmente o Bibliotecário na minha faculdade, só pegou o livro para mim, só passou o livro para mim. Eu não tive ajuda, eu gostaria que tivesse na minha biblioteca (faculdade) uma pessoa pudesse pegar o livro quando eu solicitasse lá e scaneiasse e corrigisse os erros e me passasse digitalizado. Isso eu não tenho, com isso eu não posso contar.

Jeane: E na orientação? Vamos supor, você desde do começo nós falamos que você tinha um tema abrangente que era educação. E você chegou até um foco, que é educação Ateniense.

Sujeito A3: esse foi o recorte

Jeane: Você precisou de várias informações para chegar nesse recorte. O Bibliotecário te ajuda neste processo? De entender? Você tem esse

universo, nós temos várias possibilidades de pesquisas, não só no processo de operação, que é pegar e te entregar o livro. Mas discutir com você intelectualmente, de orientar de como fazer uma pesquisa.

Sujeito A3: Não, infelizmente não. Eu conheço o pessoal da biblioteca, pessoal muito legal, me trata super bem. Mas ninguém tem esse...eu simplesmente eu leve um colega meu, porque tinha que acessar o computador para ver o acervo deles e nem isso eles...seu eu for só eles fazem para mim a consulta, mas seu não for com um colega e não fazem a consulta.

Jeane: Além da Consulta e não fazem nenhum tipo...

Sujeito A3: nada. Nada, nenhum tipo de indicação, não sabe...pega tal autor que é muito bom, legal, ou temos muitos livros bons sobre este assunto. Os professores sim me deram indicações e lá mesmo no acervo fomos chutando. Esse daqui fala um pouco de tudo, vamos pegar esse livro.

Jeane: e nesse processo da busca na internet? Quais são as dificuldades? Os sites são acessíveis? Você consegue sozinho, mesmo do seu computador? Tem todos os leitores no seu computador?

Sujeito A3: nem todos, nem todos são acessíveis.

Jeane: Você consegue chegar no documento em PDF? Lê o PDF?

Sujeito A3: Depende, tem PDF que é protegido, ai esquece. Não consigo. O que a gente faz, procura sites governamentais ou instituições já acessíveis, que já são que o site é acessível. Ai eu me sinto mais seguro de entrar nestes sites acessíveis do que estes sites que não são acessíveis. Então eu consigo mexer em qualquer site, mas se for acessíveis facilita minha, mas se não for.

Jeane: Chega uma hora que para?

Sujeito A3: tem que pedir para um vidente para me auxiliar nesta busca, nesta pesquisa. Os professores indicam para gente as revistas da USP que falam de história.

Jeane: Você consegue acessar elas?

Sujeito A3: Consigo sim. o que agente faz: se é pdf, pra gente não importa muito a imagem, agente baixa a revista, transforma ela de pdf para txt, porque um arquivo de txt é livre de formatação, não tem imagens, fica melhor, a maioria dos deficientes possuem arquivos em txt. Para o leitor de telas é uma maravilha.

Jeane: O Jaws e o virtual visual que lêem Pdf. O Jaws é caro, nem todo mundo pode comprar

Sujeito A3: Aí temos que usar um remedinho.

Jeane: qual é ? (risos)

Sujeito A3: Como se diz, é livre, a Internet tá lá, 100% dos deficientes está na Internet, 80% são remedinhos, aquelas comunidades os deixam livres. Existem bons programas livres como o dosvox, virtual, nvda, mas infelizmente o Jaws está na frente, a tecnologia, está na frente, os caras investiram, você tem rapidez e resposta, ele não trava muito.

Jeane: quer dizer, o que é gratuito e que lê pdf, tem ainda que o Virtual Visual, ainda tem problemas.

Sujeito A3: tem, ele precisa de mais investimento, de dar mais reposta, o Virtual é mais lento em relação ao Jaws.. Não tem jeito, agente usa mesmo, eu participo de comunidade de livros, que as pessoas tipo você, enxerga, você via escaneia o livro e manda. Por quê? Tem gente que compra livro novinho na livraria, escaneia e manda para gente, para nossas listas. Mas aí o problema...

Jeane: Quer dizer, vocês não deveriam depender disso...

Sujeito A3: mais aí os livros, que tem lá são livros de Best-seller, não são livros de equivalência acadêmica, então pra gente trava, ficamos num mato sem cachorro, pedimos para Dorina, que demora um ano para mandar um livro e ainda manda no formato lida, ou eu vou lá e faço eu mesmo o próprio material digitalizado.

Jeane: Tem outra questão que envolve o desenvolvimento de trabalho que você já passou por isso, você tem que analisar, ler para ver o bem aquele material é relevante para sua pesquisa. E que forma você organizou as principais idéias extraídas das informações que você recolheu, você formulou o foco do seu trabalho que foi a educação ateniense, mas você recolheu todo material e você tinha que escolher ali que você queria usar, você fez fichamento, utilizou software para organizar as principais idéias para você definir as variáveis do seu estudo. Como você organizou todo esse material que você escolheu para depois utilizar?

Sujeito A3: como você falou, tem fazer um fichamento, porque nem tudo que você vai pegar ali você vai... no meu caso, para apresentar um aula de 20 minutos não dá para expor tudo aquilo, você tem que fazer um filtro, mas um filtro seguro, não pode também deixar coisas que são relevantes. É como o professor fala, cada autor expõe seu ponto de vista, você tem que seguir alguém, um profissional, um profissional, ele tem sua linha, marxista, (weberiano?), então normalmente, eu procuro

autores que tem peso, vou na linha daquele autor, que eu identifico um pouco com as idéias dele. Caio Prado Jr., se falar em história do Brasil, você tem que passar por ele,.

Jeane: mas como você organiza todas estas informações? Por exemplo, eu tenho um Caio Prado, eu tenho outro... Mas aí você também fez essa busca, esta pesquisa bibliográfica... você vai lá pesquisou nos livros e etc. Como você organiza estas informações? Do livro tal eu pequei tal informação que me interessa, do livro tal... como é que você faz esta organização pra depois juntar tudo e fazer seu trabalho?

Sujeito A3: eu faço o seguinte, eu crio uma pasta no meu computador e aí eu vou colocando a seqüência desse material para mim, entendeu? Porque quando eu começar a digitalizar no meu computador, quando eu for buscar referencia de página, de parágrafo, do autor, eu tenho que estar tudo organizado no meu computador. Não pode estar disperso, se eu estou falando, num trabalho que agente fez, da questão da colonização da América, então ali agente tem diversos autores, que o professor nos deu essas referências bibliográficas. Eu tive que colocar todos esses autores numa pasta só no meu computador, e aí quando ele me pediu para você fazer um paper, aí sim, fomos lá buscamos as referências e montamos, mas para isso eu preciso estar tudo organizado no meu computador, costumo organizar em pastas.

Jeane: do ponto de vista, do acesso, das dificuldades você sentiu de acesso às fontes de informação é mesmo a falta de informação digitalizada. E os livros em Braille, quando os livros estão em Braille, qual a sua relação com o Braille?

Sujeito A3: Muito boa, porque fiquei deficiente depois de adulto. Então fui alfabetizado em tinta, não sou muito fã do Braille, porque para gente que universitário, você pegar um livro e colocar na mochila acabou! Então hoje o que acontece com o Braille, você alfabetizar uma criança que nasceu cega maravilha é importantíssimo. Mas depois que você ficou adulto e vai para uma faculdade não tem jeito você tem que acesso digitalizado, Braille é um serviço que sai muito caro de... se digitalizar livros.

Questão de espaço físico de você ter em uma biblioteca tudo em Braille é inviável.

Então eu sei da necessidade do Braille que é muito importante você vai para certos lugares que você não tem computador, o que você tem que usar, tem que usar o reglato e o Braille. Na faculdade eu uso o notebook para fazer anotações, mas existem colegas que utilizam o reglato, mas é poucos, na minha mesmo todos os meus colegas, utiliza o gravador digital ou o notebook.

Jeane: Esse gravador digital ele passa o que você passou direto para o computador ?

Sujeito A3: Ele tem conexão USB, tem uns da Santa Efigênia que já gravam no formato MP3, fácil de manipular.

Jeane: Sujeito A3 tem outra etapa também que, depois que você levantou material que, você já definiu o foco da sua pesquisa, que você já fez todo levantamento, que você vai concluir esse trabalho para posteriormente apresenta. Então assim, depois que você juntou tudo isso é... como foi o processo de apresentação formal do trabalho em relação as normas técnicas ?

Sujeito A3: Eles pedem para ajudar as normas ABNT, ai o professor já tinha passado para gente, para sala os procedimentos ou a gente baixou na internet, ai utilizo... espaço um meio, tamanho da fonte 12, eu já deixou meu computador configurado para isso.

Jeane: Nessa questão de utilização normas de citação até de direito autoral, isso tudo que nós vemos no tema de metodologia da pesquisa, até dos processos como vou desenvolver as etapas de trabalho acadêmico a orientação maior que você recebeu foi dos seu professores ou da biblioteca.

Sujeito A3: Foi dos professores, a biblioteca não me passou nada disso. Os professores que falam sempre que for falar algo, cita porque não é seu. O professor já tem essa preocupação com você, não plagiar, pede... não vá para a internet, não copie e cole isso é feio, que profissional que vai ser você quando você tiver... tempo que concluir o curso, ser um profissional.

Eu tenho também o ensino a distancia o EAD... 100% em alguns materiais, semestre eu tive psicologia da educação é... não é acessível o site da faculdade.

Jeane: E como você ?

Sujeito A3: Eu faço o seguinte, eu peço para meu sobrinho baixar todas as aulas, baixa tudo independente se ele vai pedir aula um, aula dois ou aula três, baixa para mim!

Depois eu entro nos fóruns, somente para saber que aula que ele vai pedir, que trabalho ele vai pedir e que tema. Navega no site não da, algumas coisas dá outras não.

Principal, as aulas não consigo, quando é PDF eu até consigo, mas quando é no formato que eles inventaram que, abre outra janelinha o meu leitor de tela não lê.

Jeane: Sujeito A3, como foi depois que você conseguiu desenvolver o trabalho, apresenta esse trabalho, lê a apresentação formal do trabalho impresso, você apresentou esse trabalho impresso.

Sujeito A3: Foi em tinta.

Jeane: Que sensação você teve, você sentiu aquela sensação de dever cumprido, você sentiu que realmente o seu trabalho... Ele foi acontento?

Sujeito A3: O melhor foi quando eu terminei de dar aula, os outros colegas fizeram avaliação. Terminou a aula, eu estava saindo para pegar o metrô vieram dois colegas a Renata e o Marcos, me abraçaram e falaram “estou emocionado, sua aula foi 10”. Eu acho que para isso não tem palavras.

Eu falo eu não sei se eu vou para a sala de aula, ele dizem:

“Para com isso, você vai sim, você é muito bem, você vai se da muito bem. Você se comunica muito bem, você tem essa facilidade enorme de se comunicar”.

É muito bom, porque lá eu não quero ser tratado como deficiente, eu quero ser tratado como igual e quero que os professores exijam de mim, igual eles exigem dos meus colegas.

Jeane: Por isso, essa sua critica de acessar as informações.

Sujeito A3: Acessar informações, eu não quero privilégios. O colega meu disse que o professor tinha falado: “Em AD como eu não acesso o professor te dará uma média lá ta bom”.

Eu não quero isso, eu quero acessar, eu quero ter as mesmas dificuldades que os meus colegas têm e superar.

Só tem eu de deficiente na sala de aula, eu falo para o pessoal, olha nos grupos eu participo. Eu faço as atividades eu me sinto mal se a pessoa disser: “Ah não Sujeito A3 fica ai de boa”.

Eu não quero ficar de boa, eu levo meu notebook, abro meu notebook, abro no texto que eu preciso estar, coloco meu fone de ouvido, enquanto eles estão lendo eu também lendo, juntos com eles.

Termino de ler,, vou dar minha critica, vou falar, vou dar minha contribuição, falo o que eu tenho que falar, que é para acrescentar no trabalho.

Sujeito A3: Por que para você teve que trabalhar disfarçando, é diferente quando a gente pega um texto lê, faz uma anotação, volta no texto, lê de novo.

Como foi para você esta questão? Porque você já teve antes experiência, a quanto tempo você perdeu a visão.

Sujeito A3: Até hoje estou me adaptando, tinha 28 anos, eu tenho 35 anos, faz 7 anos é muito difícil, porque sempre volta aquela imagem que eu quero ver texto para, então eu não posso e ficar bem concentrado, que eu faço hoje, eu pego um texto, um livro eu vou ler quando eu acho que é relevante, você marcaria com marcador de textos né !

Eu vou seleciono copio e colo, jogo para outro... abro outro WORD um novo texto, só fazendo recorte porque assim, eu não me perco.

Minha cegueira foi baixando... no centro do olho.

Jeane: Nos dois olhos?

Sujeito A3: Nos dois olhos, porque assim hoje eu conto a dedo o esquerdo, porque o direito é zerado.

Eu consigo perceber as coisas, totalmente desfalcado por que é baixa visão, visão subnormal.

Eu tenho muita dificuldade, eu ainda quero ver o papel, não posso.

Jeane: Você tem referencia de vidente né ?

Sujeito A3: Tenho referencia de vidente, consigo ter a referencia de vidente, na hora de ler eu não posso me segurar porque eu não consigo ler.

Eu tenho que segurar no áudio.

Jeane: Eu fico imaginando, porque eu tenho dificuldade de abstrair. É preciso do físico para conseguir, eu preciso até para gravar e para memorizar eu preciso escrever.

Sujeito A3: O que eu faço, quando eu to lendo palavras eu volto com a setinha, para ver letra por letra ou faço o seguinte, São Paulo é tudo parado, moro longe da faculdade, gasto 2 horas, moro na zona leste na cidade de Tiradentes a faculdade fica na zona norte no tiete.

Eu deixo todos os meus materiais em áudio, eu vou de metro ouvindo, Eu não ouço mais musica, fico ouvindo um livro, um texto.

E a minha prova é o seguinte, dito a prova para minha ledora e ela escreve. Primeiro paro respiro, alivio minhas idéias e passo para ela calmamente, porque eu não posso perder o fio da miada, porque se eu perder.

Eu não posso pedir para ela passar a limpo aquela prova, porque não da tempo.

Jeane: A quantidade de informação de forma lógica e alinhada que você tem, torna qualquer aula fascinante. Então eu gostaria de ser aluna.

Sujeito A3: Tive maior prazer assim... esse ano de dar uma palestra, falar sobre deficiência em uma escola, como voluntário mesmo. Faço atletismo né, sou diretor.

O Edson é meu voluntário, quer dizer que ele me guia, fui à escola dele me pediu na semana da criança. Os pais deveriam levar algo diferente na escola e ele me levou para eu falar da cegueira.

Fiquei apaixonado, foi criança do prézinho até oitava série, eu falar para eles, como conduzir um deficiente, essas questões de como ler um livro, acessibilidade.

Nossa, eu fiquei bobo porque eles ficaram todos paradinhos, depois vieram aquele monte de perguntas.

Acho que contribuir para algo, porque essa questão da deficiência tem que se quebrar alguns preconceitos dela e as crianças são essa porta.

Por que o adulto pode falar com o deficiente, essa criança um dia adulta olha e pode dizer: "não, ele é igual a gente só tem uma limitações ", como eu também tenho minhas limitações.

Sujeito G1

Jeane: ... Um trabalho acadêmico tem começo meio e fim, ele tem etapas a serem seguidas. Então o que eu quero pesquisar é justamente isso, nesse processo, nessa etapa, desde quando o professor, ou quando você recebe a tarefa, quando você recebe a instrução da tarefa, desde esse momento até você entregar aquele trabalho, a gente percorre um caminho não muito fácil, então, nossa tarefa é saber, como você compreende, percebe a necessidade, adquire e utiliza essa informação? De que forma?

Então, nesse contexto a gente tem que seguir algumas etapas, como eu falei, desde o início da tarefa até a seleção do material, exploração e investigação desse material disponível pra você, até formular o seu foco da sua pesquisa, até a coleta de dados, e enfim a conclusão do trabalho, a apresentação o desenvolvimento do texto e etc. Então o que eu gostaria de refletir junto com você, de conversar junto com você, é como foi esse processo pra você, quais foram as dificuldades, as facilidades, como você se sentiu nesse processo de construção de um trabalho acadêmico? Então as perguntas, que eu vou fazer, a nossa conversa vai seguir mais ou menos um roteiro pra gente lembrar, pra gente poder relembrar juntos como foi cada etapa dessa, na construção do seu TCC. Você concluiu o curso de direito não é isso?

Sujeito G1: Isso.

Jeane: Quando você conclui?

Sujeito G1: No ano passado

Jeane: Qual foi a Universidade que você estudou?

Sujeito G1: Na Universidade São Caetano do Sul

Jeane: O seu trabalho foi individual?

Sujeito G1: Individual

Jeane: E qual foi o tema?

Sujeito G1: Foi sobre concorrência. O conceito de mercado relevante, que está dentro de direito concorrencial, como é feita a definição desse mercado.

Jeane: Mercado relevante?

Sujeito G1: É, é um conceito que é levado em conta, quando você vai fazer uma incorporação, juntar uma empresa, saber que fatia do mercado que está relacionado com essa empresa, saber se ela domina esse mercado, se vai prejudicar a concorrência ou não, então o mercado relevante é o conceito que entra dentro dessa....

Jeane: Quer dizer nessa compra atual das Casas Bahia e do Pão de Açúcar..?

Sujeito G1: Ah o CAD tá analisando qual o mercado relevante que isso vai impactar.!

Jeane: Aprendi mais uma coisa, nunca eu ia saber que isso era mercado relevante.

Nesse processo do seu TCC o primeiro passo foi o início né, quando você recebeu do professor a tarefa. O professor falou, olha vocês vão ter que fazer o trabalho de conclusão de curso. O que exatamente ele te pediu? Desde o começo você compreendeu o que ele te propôs? E o que te ajudou a compreender essa tarefa?

Sujeito G1: na verdade a gente tem a tarefa de fazer um trabalho né? Não se especifica um tema, não é o professor que fala, é uma imposição da universidade. Você não tem uma especificação no começo do que você tem que fazer. Então realmente até você entender aonde você tem que chegar, é uma dificuldade sim, tem que pegar outros trabalhos e entender que eles te dão uma noção de metodologia né, de como você desenvolve um TCC pra tentar isso já no 3º da faculdade... Eles te dão uma noção de como é feito o trabalho, quais as etapas, pra você partindo disso tentar entender e compreender o que você tem que apresentar no final. Então não te uma especificação do trabalho em si, você sabe que tem que escolher uma área do direito, no nosso caso, escolher um tema que seja polêmico, ou não, que tenha uma relevância, pra depois partir disso, então o que a faculdade te dá no momento é só a idéia do que é um trabalho, o que é uma monografia de direito, quais os tipos de pesquisa que você pode utilizar, qual o tipo de metodologia que você pode adotar no desenvolvimento do trabalho, mais não te dá maiores especificações, você pode usar pesquisa de campo, como a bibliográfica, no caso do direito a gente usa mais bibliográfica. Eles te dão esse tipo de base, só pra você partindo disso entender e definir o que você vai fazer.

Jeane: Dentro dessa sua explicação, você sabia que tinha que fazer o trabalho e tinha algumas coordenadas, mais você teve que decidir por um tema, que foi esse que você me colocou, que foi mercado relevante. E todo trabalho acadêmico parte de uma curiosidade pessoal, ou uma inquietação pessoal, até, que a gente sente necessidade ou a gente se vê movido a pesquisar e se aprofundar mais sobre determinado tema, e toda essa inquietação, ela gira em torno de uma hipótese, ou de uma dúvida, ou de uma grande pergunta que a gente quer responder. Como que você decidiu sobre o seu tema, ou sobre essa grande pergunta que você buscava responder? você definiu que ia fazer isso como? O seu trabalho foi prático? Foi teórico? O que te ajudou a definir sobre esse tema foi alguma questão que você já havia pensado há muito tempo?

Sujeito G1: No meu caso foi um trabalho teórico. Eu queria fazer um trabalho sobre empresas, sobre mercado, ou mercado de capitais, abertura de empresa, alguma coisa ligada a empresa e sobre mercado, ou economia, enfim, que tivesse a ligação do direito com a economia, que é uma área que eu gosto, por gostar de cálculos e tal, e aí eu fui procurar um professor que lecionava nessa área lá na faculdade, e conversado com ela, nós começamos a trocar alguns e-mails sobre temas possíveis e coisas interessantes, então ela começou a me falar sobre mercado relevante, sobre mercado relevante não, ela me falou sobre direito concorrencial, comecei a ler algumas coisas, e aí ela até sugeriu o tema de mercado relevante, só que aí ela sugeriu que eu tratasse sobre o conceito, o que é o mercado relevante, do que significa, porque é um conceito meio controverso na doutrina. Só que aí, lendo, eu vi que era mais importante, não o conceito, mais como que é determinado esse mercado, como que na prática, quais os métodos que é utilizado pra chegar em determinação desse mercado. Então o tema começou por uma sugestão dela, o macro tema da economia, e eu tinha essa dúvida como você tá falando né, eu gostava, é uma área que eu gosto, é uma área que me desperta curiosidade né, de estudar, de apreender, eu sempre gostei de ler pra fazer economia e tal, e aí falando com a professora ela foi me ajudando a restringir essa área que a gente ia estudar e sugeriu mercado relevante, que acabei mudando um pouco o foco que ela tinha me sugerido, ela me sugeriu o tema, o assunto, só que na idéia do conceito, eu partir pra idéia da definição, fui pesquisando, conforme eu fui lendo livros sobre isso, eu acabei achando que era mais importante, fui trocando e-mails com ela, ela concordou, e a gente mudou o foco do trabalho. A escolha foi nesse sentido.

Jeane: Então, aí, agora que você já sabia qual o foco, depois a gente vai falar um pouco mais sobre foco, mais antes disso, já que você já conseguiu chegar ao foco do grande assunto que você escolheu, que estratégias você utilizou pra se informar sobre aquele tema é? Onde foi

que você foi buscar informações relevantes sobre o tema? que procedimentos relativos ao levantamento bibliográfico, porque você teve que fazer o levantamento bibliográfico né, você utilizou? Quais fontes que você utilizou?

Sujeito G1: Eu busquei basicamente via internet né? E um pouco na biblioteca da faculdade, só que é um tempo muito restrito, então a biblioteca dentro da faculdade, ela tinha livros sobre direito concorrencial que tinham isso, é, aí eu pedi pro pessoal ler né, os índices, então tinham alguns capítulos sobre mercado relevante, mais não tinha nem um livro específico sobre mercado relevante, que eu procurei na biblioteca os livros que tinha sobre direito concorrencial, que é a área, o ramo né da disciplina, e na internet também eu fui procurando por, mesmo em bibliotecas que não tem pesquisa por assunto, eu fui procurando por mercado relevante, acabei achando uma tese que foi de um professor do sul, acabei achando uma outro tese do estado minas, fazendo isso via Google, na faculdade eu tentei procurar monografias a respeito do tema mais não tinha, então eu tentei também essa via né de ver se alguém já tinha feito antes alguma coisa, não tinha nem direito concorrencial na verdade, então eu acabei não achando por aí, então acabou desenvolvendo mais no Google e nas bibliotecas, eu procurei na.. é tem várias bibliotecas né?

Jeane: Mais é biblioteca na internet ou você foi até...

Sujeito G1: È a maior parte foi na internet, eu achava o nome. Algumas eu fui buscar o livro depois pra poder scanner e tal, mais eu defini pela internet, eu defini, eu liguei, peguei alguns livros até na biblioteca da FGV e tal. Mais defini pela internet algumas vezes eu comprei.

Jeane: E quem te ajudou nessa etapa Sujeito G1, o bibliotecário te ajudou nesse processo?

Sujeito G1: Na Universidade foi alunos, colegas de aula, só que eu aí orientando né, ôh vamos lá na parte de direito concorrencial, ver pra mim o índice desse livro, daquele!

Jeane: Ele te ajudou na busca, na ferramenta, na utilização da internet?

Sujeito G1: Não, não não, na utilização quando foi no livro diretamente. Quando foi pela internet eu usei sempre programas, eu tenho o programa, o leitor de telas o Jaws, aí pela internet eu conseguir fazer eu mesmo todas as buscas, mesmo na biblioteca da faculdade dá pra entrar na internet, você que faz a pesquisa por assunto e tal você consegue...

Jeane: Mais por que você domina muito né, a internet. Você considera que é fácil você navegar os sites das bibliotecas, né, seja da GV, da USP...

Sujeito G1: Varia, varia muito isso! Varia de acordo com a construção dos sites

Jeane: São acessíveis?

Sujeito G1: Varia de acordo com a construção do site. Eu consegui pesquisar no site da direito de São Francisco, que é a biblioteca da USP né, consegui na fundação Getulio Vargas, mais já era um pouco mais complicado, e na própria Universidade onde eu estudava também tinha um pouco, certo problema de acessibilidade, mais dava, dá pra pesquisar. Enfim a acessibilidade varia de acordo com a construção do site, né, não é uma coisa...é, não uma coisa igual

Jeane: Padrão.

Sujeito G1: Não uma coisa padronizada. Então você não tem também uma ferramenta única pra você buscar né.

Jeane: Como é a sua relação com a internet? Você tem muita facilidade? Você tem domínio?

Sujeito G1: Tenho.

Jeane: Tem né?

Sujeito G1: Tenho, eu mexo com informática a muito tempo, eu sou técnico em processamento de dados, então...

Jeane: Ah, to falando com especialista. risos

Sujeito G1: É eu me formei em processamento há muito anos, não uso, não trabalho com isso, mais, acabo mexendo mais com o computador. A não ser que o site realmente seja, é, sabe aquelas coisas de digite a letra que você vê abaixo, aí não tem como. Mais desde que esteja em texto, tal, eu tenho uma boa acessibilidade, uma boa condição de acessar, pelo menos eu considero que eu consiga fazer bastante coisa, hoje mesmo trabalhando, tem que procurar muita jurisprudência tal, então tem que mexer bastante.

Jeane: Claro. Sujeito G1, por exemplo, você chegou até os... selecionou o que você queria né, as fontes, e você teve e chegou alguns, usou a internet, você chegou a alguns documentos na internet? Por exemplo, você identificou os livros, você foi buscar os livros, você scanou, etc. Mais alguns documentos que você achou, alguma informação foi eletrônica, em PDF ou do ...

Sujeito G1: Foi, essa monografia que eu te falei do estado de Minas foi em PDF.

Jeane: E foi fácil depois você converter esse PDF, ou mesmo usar o JAWS para ler?

Sujeito G1: O JAWS lê PDF, esse PDF que eu encontrei estava em.. porque o PDF pode guardar tanto imagem quanto texto né?

Jeane: Isso

Sujeito G1: Então se ele vem em imagem agente tem uma dificuldade, se você tem que usar o mesmo programa do scanner, você tem que usar o OCR né, então você passa no OCR e muitas vezes o resultado não é perfeito, porque aí depende da qualidade da imagem que está ali e tal. Mais os resultados quando você tem que passar no OCR não é perfeito. Nesse caso eu dei sorte porque ele já tava em texto, acho que a pessoa fez e só converteu pra PDF, ela deve ter feito no Word alguma coisa assim e converteu pra PDF pra poder guardar no site da universidade e tal.

Jeane: Então por exemplo seria uma recomendação para as instituições, por que hoje, grande parte das instituições, até por uma determinação do MEC, é, se o aluno concordar a instituição tem obrigação de disponibilizar as suas teses e dissertações mesmo os seus trabalhos científicos na internet, seria uma recomendação para as instituições é, postarem os documentos no PDF como texto, isso facilitaria?

Sujeito G1: Sem dúvida

Jeane: Também é uma recomendação que nós podemos colocar?

Sujeito G1: Sem dúvida nenhuma!

Jeane: Ta! Como imagem isso dificultaria muito a?

Sujeito G1: Dificulta, é, pela qualidade, por que nunca é perfeito, você ta convertendo e voltando ao mesmo padrão de novo. A pessoa sempre faz em texto na realidade né? ela digita, então aí você vai lá, escaneia passa pra imagem e volta pro texto, você perdeu qualidade nas duas conversões né?

Jeane: Com certeza.

Sujeito G1: Então, é, não só é uma recomendação pro caso do deficiente como pra manter a qualidade mesmo

Jeane: a qualidade mesmo!

Sujeito G1: acho que não tem por que guardar imagem,

Jeane: Excelente!

Sujeito G1: a não ser que fosse coisa muito antiga, mais mesmo assim ainda valeria a pena converter, pra gente, pra acessibilidade...

Jeane: Agora, como que você selecionou?...você selecionou esse material todo, e você teve que organizar esse material de certa forma, pra poder até saber o que é que você já tinha... é pra chegar no seu foco! pra saber o que você já tinha de coleta, você fez fichamento? O que, que você utilizou? Como que você organizou essa... essa informação recolhida? Como é que você formulou o foco do seu trabalho?

Sujeito G1: do meu trabalho... essa é uma dificuldade grande assim, eu fui, foi uma coisa meio empírica, é.. eu fui lendo os livros, retirando os capítulos que me interessavam, cortando, eu faço um recorte, coloco no Word, salvava com o nome do documento.. tentava dar um nome mais

ou menos pra que eu pudesse lembrar o que, que tinha importante naquele determinado documento né? ... e... até que eu pudesse estruturar assim a... pelo menos o sumário né... não é sumário, tem um nome específico pra isso né, quando você delimita mais ou menos os capítulos que você vai abordar né!

Jeane: Ta! É. é o sumário! Você constrói o sumário...

Sujeito G1: quando você... quando eu construí mais ou menos o sumário eu pude separar cada documento de acordo com o título que eu pretendia para cada capítulo né, mais até então foi uma coisa meio, vai lendo, vai tentando guardar o que tem de importante naquele livro... é... eu não tenho muito o hábito de fazer fichamento, resumo...eu não...

Jeane: E você fez tudo isso na internet? Você utilizou o computador pra fazer...organizou por pastas ?

Sujeito G1: Tudo no computador, por pastas né? Aí eu separei uma pasta pra monografia, depois fui salvando em vários arquinhos ali, olha... livro do Salomão Calistos, o importante é.. sei lá... métodos né! O outro era importante o histórico, o outro era... você vai colocando alguma coisa dos capítulos né, pra referencia, depois eu fui separando isso por pastas, e recortando até as passagens que eu ia citar mesmo né, e cortava e coloca num arquivo a parte né, com a... os dados pra .. as notas né. Uma coisa muito difícil por exemplo é você conseguir essas.. fazer essas notas de rodapé, essas referências bibliográficas...

Jeane: sei sei... citações...

Sujeito G1: é... por que pra gente, a gente perde muito na questão da página né, o número da paginação..... então.. é.. você consegue as vezes scanear o livro, mais você tem que ir pelo sumário do livro, eu tinha que scanner o capítulo que eu queria e sempre scanner o sumário pra

poder ter uma idéia da página que tá pra eu poder consegui fazer a citação na nota...

Jeane: E a referência bibliográfica também né?

Sujeito G1: é e a referencia e tal...então é uma coisa que pra gente dificulta, quando vc escaneia você tem que... são mais partes que você tem que scanear né...

Jeane: Então você desenvolveu uma metodologia né? Rsrs

Sujeito G1: é foi meu jeito de fazer né, não sei se...

Jeane: claro, claro!! Não lógico

Sujeito G1: é, eu acabei fazendo dessa forma...

Jeane: Como que você...., então você registrava as informações que você encontrava dessa forma né? Mais ou menos você fez o esqueleto né, do que você queria, preencheu o sumário, abrangendo o que você definiu como fio condutor do seu trabalho e a medida que você ia encontrando as informações, você ia fazendo a primeira organização dentro daquele.. daqueles assuntos tal... e aí depois você leu todo o material e foi refinando.. foi isso mais ou menos que...?

Sujeito G1: exatamente.. é eu já tinha lido tudo né, mais aí, tendo uma idéia do que eu queria falar eu fui aos poucos reparando que parte que ia caber melhor em cada capítulo, que livro que comportava cada capítulo né.. ah esse livro fala sobre essa parte e tal...ai você vai separando coisas.. artigo de internet mesmo eu fui.. quando eu achava eu já salvava né.. ia salvando com toda referencia e tal por que no final do artigo eu tinha que colar geralmente o endereço que eu achava da internet a data que eu tinha pesquisado essas coisas pra poder

referenciar né... daí então.. quando eu.. depois de ler.. aí que eu pude... é.. você lê, aí você define os tópicos, depois de definir os tópicos você volta a ler pra poder separar cada coisa.

Jeane: Mas.. nesse processo Sujeito G1, é... você foi buscar informação desse foco que vocês definiram tanto em bibliotecas, quanto na internet e tal... Do ponto de vista de fontes de informação, quais foram as maiores dificuldades que você encontrou nesse processo de coleta, por exemplo nas bibliotecas né, os bibliotecário, eles, você considera que eles são preparados para é.. mediar esse processo de busca.. até de ajudar na definição do foco, o deficiente ou o estudante de uma forma geral, ou ele fica só no papel de coadjuvante, de pegar a informação que você pediu?

Sujeito G1: No meu caso foi mais realmente só busca, pegar a informação, os livros que eu definia. Porque as vezes que eu tentei buscar revista alguma coisa, pedir pra que eles procurassem alguma coisas sobre o assunto, nunca tive retorno assim de nada ... os matérias que eu achei foi realmente pesquisando, quando eu fui orientando a pesquisa né.. então quando eu queria, algum colega de sala digita aí tal.. vamos procurar esse assunto, vamos ler aquele índice pra mim.. aí eu achei alguma coisas... mas as vezes que eu tentei ligar pra biblioteca e falar olha tenta arrumar uma revista sobre.. a revista do ano tal... ou uma revista sobre mercado relevante..uma revista do CAD.. no meu caso eu não obtive um retorno, na universidade.. na biblioteca da universidade em que eu estudei né...porque nas outras eu fiz a pesquisa mesmo pela internet, e aí quando eu entrei em contato com o bibliotecário foi só pra...

Jeane: pra pedir o material.

Sujeito G1: pra pedir o material... ver seu eu podia retirar..se eu podia pesquisar, então eu não cheguei a pedir maiores informações.

Jeane: E do ponto de vista da tecnologia assistiva ou dos próprios sites se são acessíveis ou não... como que você avalia.. que as bibliotecas estão preparadas? Como que você avalia isso? Quer dizer as instituições estão... por que você é um usuário atuante né, é você no seu dia-a-dia você considera que as instituições que as organizações, elas estão prepa.. preocupadas, ou elas estão atentas, é, a atender todas as necessidades de todos os usuários, dentro das suas realidades ou não?

Sujeito G1: Eu acho que não, varia muito a acessibilidade de um para outro, mas de acordo com a construção. São raros os sites que você percebe que existe uma preocupação em se tornar acessível. As vezes ele é acessível, por conta dos programas que são preparados para isso. Jaws é um programa preparado para entrar o Maximo o possível nas coisas, sem que as coisas tenha adaptação para ele. Então é o programa que você usa que te da uma certa liberdade entrar lá e conseguir fazer. Mas não que o site tenha sido preparado e construído pensando em te dar acesso. Basicamente biblioteca é raro você encontrar sumário de um livro para você conseguir lê, mesmo se você fizer a pesquisa por assunto aparece o nome do livro, aparece alguns dados dele, mas podia aparecer um índices, uma coisa que te desse uma noção melhor do que tem naquele livro, podia ter algum tipo de informação mas relevante, eu encontrava o nome do livro eu tinha que ir com alguém para poder ler o livro, pois eu não conseguia saber se tinha a orelha do capítulo que eu queria ou não. No geral assim bibliotecas não tem , eu não tive nenhum problema de ter que digitar aquela letrinhas, pois isso complica para gente.

Jeane: Que letrinhas? De Classificação?

Sujeito G1: Não, não, no site você faz uma pesquisa e no final você digite, um código de segurança.

Jeane: há ta entendi.

Sujeito G1: isso, aquilo aparece como imagem e bloqueia qualquer acesso do deficiente.

Jeane: isso acontece em site de bancos, até a receita federal, né?

Sujeito G1: Receita, tribunal da Justiça. Então em geral, lá nas bibliotecas eu não encontrei isso, na época em que eu fiz o trabalho.

Jeane: realmente as bibliotecas não têm, essas validações que pedem de seguranças de receita.

Sujeito G1: isso permitia que eu entrasse e fizesse sozinho a pesquisa, mas assim eu acho que as informações são meias restritas do material. Podiam ter alguma informação melhor, que te desse mais base para separar o que é relevante ou o que não é. Eu peguei muito livro que eu tirava da biblioteca, eu lia o índice, levava para casa para alguém ler o índice do livro, mas chegava lia o índice mas não tinha nada que eu quero e devolia. São coisas que um pouquinho mais de informação que tivesse ali, na sinopse ou sumário, podia ajudar talvez a selecionar melhor e facilitar.

Jeane: Se a bibliotecas tivessem um catalogo digital mais completo, facilitaria muito.

Sujeito G1: Facilitaria muito, e acessibilidade seria bacana se tivesse uma preocupação com isso. Hoje tem normas e regras ai da ABNT, de como fazer sites acessíveis, seria bem melhor, as vezes eu não consigo entrar, mas eu tenho uma certa experiência em usar a internet e uma coisa que eu trabalho. Faz parte do meu dia-a-dia agora eu não sei para as outras pessoas tem a mesma acessibilidade que eu tive. Em outros

programas, como este JAWS também é um programa diferente, se eu estivesse utilizando outro tipo de programa não teria o mesmo acesso.

Jeane: E pelo ponto de vista das bibliotecas, dos ambientes físicos? Você considera que as bibliotecas elas estão preparadas? Por exemplo nos temos aqui no SENAC, no nossos computadores leitores de tela falada, nós temos JAWS, temos o próprio virtual videook, não só no espaço braile, mas também nos computadores da biblioteca, para que a gente oferece o curso de informática para deficientes visuais, depois que o deficiente visual está instrumentalizados ele pode acessar, ficar em qualquer ambiente da nossa biblioteca, não só no espaço braile, porque ele tem , porque a biblioteca está preparada, para necessidades dele, ou seja, os leitores tela, nos computadores, etc... você considera que as biblioteca estão preparadas para receber o deficiente visual em qualquer ambiente dela?

Sujeito G1: Nunca, todas as que eu precisei até nenhuma tinha, nem essa questão de pesquisa, nem algum tipo de sinalização para estantes para você conseguir achar um livro, nenhum tipo assim de sinalização tátil, mesmo alguns que estavam com...UNICID estava começando a fazer a adaptação, mas estavam restritas aos materiais braile ou falado e não dava esta acessibilidade que você esta dizendo que é você pesquisar em outros livros , que você quiser scanear um livro você não pode, essa acessibilidade ainda não tinham, não sei se agora tem pois faz anos. Já faz alguns anos que eu estudei, pelo menos era uma que estava começando, porque as outras que eu fui no início não tinham, na universidade aonde eu estudava estavam começando a colocar algum programa para era voltado para alunos que estudavam ali, fazer e usar a internet, mas não era usado para o acervo da biblioteca. Não tinha essa idéia de acessibilidade da biblioteca, seria uma coisa interessante, seria interessante se tivesse computador que você pudesse fazer ali, talvez um scanear, se você pudesse fazer esse trabalho de leitura do

sumário, se pudesse scanear ali e já vai se era interessante ou não já descartava e já pegava outro livro, seria uma coisa interessante.

Jeane: e você passou por todas as etapas, até você chegar na conclusão do trabalho para apresentação dele. Neste processo de conclusão, você dá aquele processo de refinamento, você vê a questão do texto, da normalização técnica, da ABNT, de citações, da sintetização da pesquisa, das normas técnicas, direitos autorais. Você tinha claro isso? Que era necessário você fazer nesse trabalho de normalização? Você conseguia estas informações, se você tinha isso claro, na disciplina de metodologia ou o bibliotecário também de orientou e te ajudou neste processo? Nessa necessidade de referência bibliográfica, citações, como você falou nas notas de rodapé?

Sujeito G1: Isso foi dado na disciplina de metodologia na faculdade, mas já se passaram tanto tempo, mas como deveria ser feito, o porque são importante as referências. Eu já tinha essa idéia, porque na disciplina de metodologia fazíamos um mini trabalho vão dizer assim um trabalho menor para poder explorar esse tipo de regras. Então foi feito na disciplina, na biblioteca foi muito pouco. Esse é uma coisa difícil para gente fazer, é uma coisa complicada, principalmente a parte de formação, das normas, colocar dentro das normas.

Jeane: Quem te ajudou nessa etapa de normalização?

Sujeito G1: Eu fiz a maior parte, eu já trabalhava em uma área que trabalhava na formatação de documentos, são padrões documentais e eu trabalhava colocando estes documentos em padrões de redação. Então eu tenho uma facilidade em formatar, eu formatei e um colega da faculdade me ajudaram a fazer uma revisão e tal, para ver se estava tudo certinho, no Word eu consegui formatar, criar um estilo para colocar a citação, texto, título, sub-título, praticamente eu fiz a formatação quase toda e aí só depois enviei um arquivo para o e-mail de

um colega, para revisar, acertou uns textos... o que falta para gente é depois você ver, falta essa parte visual de você olhar , de isso estar fora, isso ta dentro.

Jeane: A questões das normas técnicas, as necessidades citar, o direito autoral, tudo isso era muito claro para você?

Sujeito G1: Eu já havia estudado as normas técnicas, e também eu tinha livros de metodologias, scaniei livros de metodologias antes mesmo de partir para o trabalho, né. Scaniei livros de metodologias para ler, como fazer um trabalho acadêmico, por isso eu já tinha uma noção de como teria que fazer no final. Por isso toda pesquisa, quando fui lendo, fui procurando, mesmo quando não estava com o tema definido, estava procurando na internet coisas sobre que ...??? eu já encontrava o site e já guardava no final e copiava o link e a data que eu acessei, aqueles dados que você tem que colocar na referência. Eu já colocava antes mesmo de definir o tema, teve coisas que eu guardei que depois não foram utilizadas, que não era á respeito tema que eu acabei fazendo o trabalho.

Jeane: Você apresentou este trabalho? Foi defendido este TCC?

Sujeito G1: Foi defendida em banca, mas eu não fiz a apresentação por PowerPoint. Minha apresentação foi oral, só.

Jeane: Foi defender no gogo, como a gente fala! rsrsr

Sujeito G1: rsrs...foi só apresentação oral, podia fazer, tinha alguma coisas no data show, rsrsrsrsr

Jeane: depois de tudo, da defesa, depois de tudo isso que você percorreu. Que sentimento você tem em relação ao seu trabalho? É de

satisfação? É de um dever cumprido? Como você se sente em relação à esse processo?

Sujeito G1: Eu acho muito bacana, porque no fim das coisas, eu sei que é um processo que vale a pena para faculdade, pelo curso em si, vale a pena você saber como é feito um trabalho acadêmico. Eu acho que não é a minha área (rsrs). Eu vou te falar uma coisa...principalmente esta parte de regras, normas, essas coisas não me interessa, eu gostei muito de estudar, montar, criar o trabalho assim... o texto.... ler ele hoje é uma coisa que me dá prazer assim.. eu gosto disso .. entendi como acontecia , é um assunto que não é normal de se debater, que não tem essa matéria na faculdade né, foi um assunto novo pra faculdade e tal, foi uma coisa.. pra mim foi gratificante fazer... mais essa parte de normatização essas coisas assim, é.. realmente não me atraiu... é uma coisa que pra mim foi a maior dificuldade do trabalho assim.. colocar ele nos padrões que tinha pra apresentar e tal, por que a parte do estudo, da definição....

Jeane: da sustentação teórica...

Sujeito G1: da sustentação e de escrever o trabalho, de falar sobre aquele assunto, pra mim essa parte foi bacana, achei gostoso, por que foi uma coisa que pra mim era... eu já tinha o trabalho teórico, parecia.. era o direito na prática assim.. como você trabalha, como o CAD funciona e como eles vão definir, o que é feito o que não é né.. o que foi feito nesse ou naquele caso, agora essa parte de montar, de fazer, de definir né, de ficar selecionando materialzinho e cortando citação, foi a parte que mais complicada pra mim né.. pra mim foi mais difícil... não é uma coisa que me atrai não. Mais assim, no final é uma coisa gratificante você ver o trabalho pronto, você ver que foi um assunto que você estudou, mais nessa questão do ... no aspecto do aprendizado, do assunto não no aspecto do... ter encadernado

Jeane: a apresentação técnica

Sujeito G1: é é.... não não pegar ele encadernado assim e falar... é esse livrinho foi eu que fiz e tal... mais o que saiu, o conteúdo, é uma coisa que pra mim foi gratificante.

Jeane: da construção né, da criação do conhecimento

Sujeito G1: é... você ter conseguido chegar a informação, ter conseguido definir o tema, ter conseguido... né... esse tipo de coisa pra mim foi legal.

Jeane: Então Sujeito G1, a gente chegou no final da nossa entrevista, e eu antes de tudo eu gostaria muito, imensamente de agradecer a sua disponibilidade de vir até aqui pra gente conversar sobre isso, de colaborar comigo na construção, por que todo trabalho.... o Vilson falou uma coisa que me marcou, que ninguém faz nada sozinho né, a gente... o ser humano, ele constrói coletivamente tudo, então vocês fazem parte da construção dessa minha pesquisa, porque sem essa... essa é a etapa principal da pesquisa, por que sem as entrevistas eu não conseguiria comprovar, aquela grande resposta que agente busca responder né... aquele grande pergunta que a gente busca responder, então eu agradeço imensamente a colaboração de vocês...

Sujeito G1: acho que é do nosso interesse também...

Jeane: com certeza

Sujeito G1: de trabalhos como o seu é coisas que são para melhorar o nosso dia a dia, e trabalhos como esse é que podem significar diferenças aí na hora de fazer o próximo trabalho de fazer uma próxima pesquisa, de conseguir informações geral como você disse né, apesar de não ser acadêmico, mais assim eu procuro hoje em dia.. a cada petição que eu

tenho que fazer eu tenho que procurar informações, eu preciso dessas ferramentas, eu preciso desse tipo de acessibilidade né, então um trabalho como esse é que pode significar mais facilidades pra mim e no meu trabalho.

Jeane: E eu gostaria de fazer um convite também, pra defesa da minha tese... vai ser mais ou menos maio ou junho do ano que vem, então eu gostaria de saber eu posso contatar vocês, se a gente pode convidá-lo, pra vocês participarem desse momento também de defesa de um trabalho que nós construímos juntos.

Sujeito G1: Com certeza, a gente pode sim, espero que tenha dado contribuições para esse trabalho.

Jeane: Ta bom. Sujeito G1 muito obrigado, mais uma vez, e eu também me coloco a disposição do que vocês precisar, pra realização de suas pesquisas do seu trabalho, eu coloco o nosso espaço a sua disposição também.

Sujeito G2

Jeane: Eu não entendia nada e nem ninguém aqui, eu não sabia por onde começar, não tinha idéia do que fazer, do que comprar, quais eram as necessidades e tudo bem cheguei a UniCamp falou assim olha Jeane, o pessoal de lá da biblioteca, pra você implantar um espaço Braille, você vai precisar desses equipamentos, você vai precisar contratar uma pessoa que realmente entenda, e você vai precisar desse montante de dinheiro, e eu não tinha o dinheiro, (rsrsrsrs rizados), mas mesmo assim eu falei assim não alguma coisa vai ter que ser feita.

Eu conversei com o super intendente escrevi o projeto né a Unicamp me ajudou, pessoal de lá da Unicamp me ajudou muito com o projeto, e eu apresentei para o super intendente, e falei pra ele, que, eu fui muito sincera, eu disse olha eu não sei, como fazer, mas eu vou correr atrás, e você liberar, que na época foi R\$ 168.000,00 mil reais que a gente precisava, pra impressora, pra comprar eletroeletrônica, pra comprar os computadores os imobiliários, pra sala etc...

É nós vamos nos esforçar muito pra gente realmente é desenvolver o espaço que vai contribuir como a população que precisa, e o SENAC vai cumprir a sua função social também, e ele se convenceu e me ligou dando o dinheiro só que eu não falei para ele que eu não tinha ninguém pra trabalhar, e não tinha idéia, do que fazer com tudo aquilo que a gente é pensou em fazer e aí começou o desespero é eu dizia meu deus do céu os equipamentos chegando, e tudo chegando, e eu dizia e agora, o que eu faço o que vou, quem vai trabalhar com isso, tem que ser uma pessoa que conheça, minimamente, nesse executamento e principalmente seja bibliotecário e nada um dia um colega recebeu um envelope do SENAC do correio interno do SENAC, e na aquela correria de fazer uma coisa e fazer outra eu deixei o envelope em cima da minha mesa e ficou uns três dias lá, aquele envelope em cima da minha mesa, aí eu olhei e coloquei outras coisas em cima, aí eu tava arrumando a mesa e falei meu DEUS esse envelope deixa eu ver o que é, era um currículo de um bibliotecário que fez a Universidade Federal de São Carlos e durante o curso inteiro ele trabalhou no espaço Braille da Universidade Federal, quando eu vi aquele currículo eu dei um grito que todo mundo se assustou, eu falei to salva, e aí eu liguei para ele, ele não tinha, ele é de Pernambuco o Odair e você conheceu o Odair

Sujeito G2: eu conheci

Jeane: O Odair é meu amigo

Sujeito G2: muito bacana

Jeane: eu gosto muito dele, o Odair é do interior de Pernambuco e tava sozinho lá em São

Carlos já tinha terminado o curso tava na casa de um amigo não conhecia ninguém aqui em São

Paulo, não tinha onde ficar aqui e eu falei vem que você vai ficar na minha casa.(rsrsrsr,rizos)

Jeane: vem fazer a entrevista ele mas eu não tenho dinheiro, você fica na minha casa,mas vem fazer essa entrevista,o Odair veio e eu contratei ele no fim do dia e foi quem começou todo o trabalho do espaço Braille ele colaborou eu sou grata ele, pela pessoa que ele é e Seis meses depois veio o Ricardo é um anjo das nossas vidas.

Sujeito G2 : sem duvida.

Jeane: o Odair trilhou outros caminhos está estudando direito agora mas ele é muito querido.

Sujeito G2 : Muito mesmo é uma pessoa bacana.

Jeane: Então a história do espaço Braille é essa, eu sou coadjuvante.

Sujeito G2 = Muito legal eu não sabia dessa trajetória.

Jeane: Quem toca, os responsáveis eu falo, quem brilha é o Ricardo e a Walquiria eles me tem como apoio como reta guarda e sempre admirando apoiando o trabalho que eles fazem.

Jeane: e eu sou assim, aplaudo tudo viu, adoro está a disposição gosto muito de participar sou muito grata a tudo ta sempre sendo indicada pra colaborar de alguma forma acho que os deficientes precisa disso e que não é e que não sabe nada, mas tem o interesse de estender a mão essa sou maravilhoso gosto muito de participar
Bacana mesmo.

Jeane: Como eu conversei com você anteriormente sobre a intenção da nossa pesquisa a onde nós queremos chegar, é saber como vocês enquanto estudantes percebem a necessidade, adquirem, compreendem e utiliza a informação, tá e nesse contexto o que esse trabalho busca a fazer é ma piar que conjunto integrado de habilidade o deficiente visual deve possuir para que ele possa lidar com esse imenso e caótico volume de informações para se apresentar hoje em dia principalmente nos ambiente limitados.

Sujeito G2 = então enquanto você ta falando dos estudantes você ta falando do que, estudante Universitário? Do que

Jeane: Estudante Universitário, nosso foco vai ser o estudante universitário ou que esteja cursando, ou que tenha terminado recentemente o curso superior, no seu caso você está cursando?

Sujeito G2 = Eu terminei recentemente.

Jeane: Ótimo

Sujeito G2 = Achei bacana esse foco do universitário porque eu tenho percebido pelas conversas assim, que ha um interesse de se estudar de se fazer universidade deficiente aquele que tem um conhecimento mais simples de lidar de lidar que é o virtual vision, dosvox, ele se depara com muitos obstáculos mas ele desenvolve um trabalho precário mas desenvolve, eu tive muito dificuldades, porque assim, na verdade é uma via de mão dupla basta eu sei o que eu quero quando eu estou na universidade, eu sei que vou ser estudante,vou passar pelas mesmas avaliações de grupo em fim, Há universidades que exceto algumas, ela não ta pronta para um deficiente visual de forma, nenhuma né porque, porque tem professor que desconhece por exemplo do software para um deficiente visual a gente já começa ai um problema, há eu escutei no primeiro dia de aula, eu nunca lidei com um deficiente, não o que vou fazer com você na sala de aula, aquilo me chocou no sentido assim eu era é eu tava como aluna e ele como o meu educador então mesmo que você se depara com um desconhecido se você já se depara com estranheza e não aberto você já põe uma barreira né eu desistir da universidade três vezes cheguei trancar a matricula, a ultima vez me foram buscar um professor e falou não você não vai ficar na tua casa, você não chegou no quarto semestre para você desistir porque o professor não sabe lidar com o diferente, então eu digo sempre assim, quando um deficiente visual sabe o que ele quer para ele como individuo em relação a sociedade os obstáculo se torna um grande desafio e uma grande oportunidade do contrario ele nem vai para o vestibular.

Eu sempre em sentido fui muito mais tarde para a universidade por uma serie de dificuldades que eu tive e ao mesmo tempo muito insatisfeita por que ai mesmo sentindo essa vontade de desistir e porque você se enfraquece a sociedade ela te empurra fora do sistema, ela não quer inserir então eu sempre digo assim.

Primeiro tem que começar no individuo no aluno, quando ele chega na universidade se ele passa a barreira da faculdade da do vestibular lá dentro ele vai ser mais educador do que educando porque é uma parceria do grupo de sala de aula ele tem que fazer um social muito bem feito se não ele não abre as portas e o professor aquele que é resistente , tive professor que achou que estava usando a deficiência pra... eu ouvi coisas muito constrangedor.

Jeane: É terrível né , que curso que você fez?

Sujeito G2 = eu fiz pedagogia por isso que eu tive muitas dificuldades

Jeane: Em que universidade?

Sujeito G2 = Na Uniesp uma faculdade que veio... ela é ibraica ela veio do interior para São Paulo ela veio de Presidente Prudente para São Paulo, eu fui a primeira aluna deficiente, eu fui a primeira aluna da instituição de vários professores, de cada dez eu encontrava três

dispostos, e sete... e aí eu fazia prova oral, fiz prova em Braille, fiz prova a distância,

Jeane: O vestibular você fez em Braille?

Sujeito G2 = Eu fiz em Braille a redação eu fiz oral

Jeane: oral, oral

Sujeito G2=Foi..., no vestibular foi interessante porque na hora da inscrição eu disse assim “olha eu sou deficiente visual, vocês vão solicitar a prova em Braille?” “...não não precisa, agente vai ter uma pessoa pra ler pra você...!” “... tá mais eu vou responder a prova como? Eu escrevo?” “...não você vai ter tempo de fazer, você escreve depois você dita!” . Isso é um truncamento que colocam na possibilidade, porque não precisa ser assim, ela pode ser ou oral, ou ela tá transcrita em Braille e você vai lá responde e depois ele manda um tradutor pra transcrever do Braille pra tinta. Então dentro das universidades os maiores problemas estão como, você não tem um computador com o programa, e quando você se disponibiliza a levá-lo o professor não tem material nenhum “...a mais eu não tenho selecionado!”. Aqui eu levei tudo pra eles conhecerem, programa o talk..., o Open book que é o que você escaneia, né, você se esbarra na digitalização porque ele não reconhece todos os caracteres

Jeane: daí você tem que passar uma dr, fazer toda uma revisão...

Sujeito G2= Exatamente, aí assim, tudo para o professor é pra ontem ele não tem tempo porque você se esbarra assim, o professor ele não dá aula só naquela sala, só para aquele grupo, ele tem vários alunos então por isso q eu digo assim quando você é assessorado na família, que foi o meu caso NE, você por mais que você se desanime, você se aborrece você tem um colega que entende, você tem a maioria que não entende né, então é muito de você para o todo do que o todo pra você né, infelizmente no Brasil, aí você se esbarra em a maioria que vai até o colegial, ele para, porque ele não tem forças pra enfrentar o sistema né, ele engole mesmo agente, eu cheguei em uma apresentação da disciplina de inclusão, eu me decepcionei demais que a professora era extremamente teórica e não conhecia nada da prática e era uma distância muito grande, eu falo que a teorias da prática tem um abismo que você tem que escorregar e voltar né, pra você conseguir compreender é ,... e eu tô falando isso pra você com muita segurança, ...recentemente agente teve um juiz cego que tomou posse em Curitiba e foi muito legal porque o que eu tô falando pra você ele enfrentou inclusive na Unicamp, ele é aluno lá na PUC, e foi bacana, por que ele diz sempre o que eu digo “ se a família não te assessorar o sistema te põe pra fora” né, então eu acho que precisa, na minha opinião muito maior conscientização do professor do que do aluno, o aluno sabe do que ele precisa e do que ele não tem pra suprir e como ele busca.. é eu

tive colega que escaneou meu filho com dez anos fez faculdade comigo...

Jeane: Ai que graça!

Sujeito G2= Eu falo que ele ta pronto, eu lembro que quando eu fui entregar o TCC a professora disse pra ele assim, 70 % dessa nota é tua não é da sua mãe, por que eu não escondia o tempo todo quanto ele foi participante, o quanto ele teve paciência, porque meche demais com a adrenalina emocional da gente né!

Jeane: Que bacana, que bacana.

Sujeito G2=Mas é... eu acho que ainda é importante que agente vá em frente.

Jeane: Você se formou no final de 2008?

Sujeito G2= Isso, isso.

Jeane: E você falou do TCC então pra gente vai ser importante conversar sobre o processo de construção do TCC, como eu te falei...

Sujeito G2= ...Esse foi um parto, foi uma gestação com muita dor, muita dor rrsrrsrrs (risos)!

Jeane: Então acho que vai ser muito bacana, muito bacana a nossa conversa!

Como eu te falei o processo, o objeto da nossa pesquisa é justamente, identificar como você percebe a necessidade, adquirir, compreende e utiliza a informação ta, então é, o que que eu vou precisar, assim agente vai precisar conversar, é como foi pra você, existem algumas fases no processo de desenvolvimento de qualquer trabalho científico, o TCC é um deles.

Sujeito G2= Uhum

Jeane: Primeiro é aquela fase inicial que representa início de trabalho quando você pensa sobre o trabalho quando o professor coloca a necessidade de fazer o TCC e ai você a primeira coisa que você pensa é Meu Deus, que tema?!, qual é o tema né, é o início é quando você reconhece a necessidade da informação que pra desenvolver aquele trabalho, você sabe que você vai precisar buscar e recorrer à informação, então eu queria saber como foi, que você falasse pra mim é o que que o professor te pediu desde o início se você compreendeu a tarefa se você compreendeu a dimensão de fazer um trabalho de um TCC, o que te ajudou a compreender essa tarefa, como foi isso pra você?!

Sujeito G2= Isso, eu gosto de falar sobre isso, porque foi um trabalho... éramos três alunas

Jeane: A então foi em grupo?

Sujeito G2= Foi em grupo foi interessante porque assim, eu tinha uma parceira que eu digo que foi eu descobri que eu não tinha deficiência através dela

Jeane: Ai que barato!

Sujeito G2= Foi muito interessante porque ela se apoiava muito mais naquilo que eu levava como desenrolar do assunto do que ela mesma né, e a terceira era neutra, porque agente achava assim que era melhor, ir andar, porém antes de chegar no TCC eu tive uma disciplina pesquisa educacional que era onde preparava agente pra chega no TCC, foi interessante porque a professora era muito provocadora e preconceituosa, então foi muito legal porque ela me fortaleceu, do desafio, ela me provocava e eu aceitava ai eu desenrolei um trabalho com ela sobre o computador na vida do estudante.

Jeane: esse foi o tema do seu TCC?

Sujeito G2= Foi... na alfabetização né, porque o que que eu descobri quando eu fiz no pré, o pré, o que iniciava o que ia chega La no TCC?! Eu percebi que assim como nós que temos dificuldade no computador tem professor que não sabe nem mandar e-mail, daí eu disse assim como você vai inserir a tecnologia na educação se o professor também não ta pronto?! Ai essa minha parceira, “nossa Sujeito G2 eu nunca tinha pensado nisso!” eu falei agente casa de ouvir isso aqui do professor, os data-show que entravam em sala de aula era aluno que manuseava e não professor, e aquilo sempre me chamou atenção, eu sou ouvinte né, olho de cego é ouvido, e entrava ruídos engraçadíssimos e eu dizia olha que horror, o professor discursa tanto e não botar o disquet, não sabe... e abri e tranca eu achava aquilo muito engraçado e me divertia muito, e fiz um trabalho assim, falando da tecnologia na alfabetização e chegou no TCC e eu falei pra ela e agora como eles estão ensinando as crianças com o computador em sala de aula, como que funciona essa aula de informática junto com a alfabetização e toda essa, essa facilitação que o computador traz se aqui na faculdade agente ta percebendo tanto ruído?! .. “a mas eu não queria falar sobre isso...”, eu falei poxa mas isso é o boom do mundo quem não sabe mexer no computador não sabe ler e escrever, e ai?! Ai agente explorou um pouco entre nós e eu fui conversar com a orientadora, ela falo olha eu acho perfeito, eu tenho dificuldade e percebi do começo até aqui da faculdade que os professores também na universidade tem esse mesmo problema e ai vamos fala., mas eu queria focar o deficiente e elas não queriam. Bom daí eu falei olha, vamos deixar o deficiente de fora mas vamos focar o professor na alfabetização

da criançada, daí agente tinha que fecha num ponto, entre terceira a quarta série que foi o que agente resolver mexer.

Pra mi foi muito interessante porque eu fiz as pesquisas de campo rsrrsr (risos), foi muito legal porque eu esbarrei em todos os problemas, a tecnologia é rápida mas o homem ainda é lento, é isso que me chamou muita atenção, e eu vinha trazendo material pra professora eu trazia tanto gravado como o que eu tinha percebido, foi muito bacana porque ela achava interessante as coisas que eu percebia que muitas pessoas não percebem, e é aquilo que eu falo pra você, o olho do cego é o ouvido, você tem que prestar muita atenção no que tão falando como tão construindo aquela informação pra trazer pra você

Jeane: Claro, o tema do seu TCC foi definido por você?

Sujeito G2= foi

Jeane: O professor em algum momento ele te ajudou a definir esse tema ou não?

Sujeito G2= Não.

Jeane: Ela te indico bibliografia?

Sujeito G2= Sim, bastante porque agente teve, é uma..., na verdade, ela nos direcionou para a professora de informática, no curso de pedagogia, porque a relação minha e dela foi muito harmoniosa porque ela deu aula na São Marcos, tanto pra deficiente visual como pra idosos e eu trabalhei muito a tecnologia, no curso de informática eu quis mexer muito com os idosos na informática que é um assunto também bastante interessante e que se depara nos limites reconhecidos lá mais tarde que agente tem como deficiente visual.

Jeane: Então o objetivo desse trabalho sempre ficou claro pra você, porque foi uma decisão sua ou não, você teve dúvidas em relação a isso?

Sujeito G2= Não, não tive porque la no início eu já achava que isso era um assunto bom de se explorar porque eu tenho muita limitação no computador, e percebo que as pessoas que não são deficientes, elas as tem e não as reconhece, tipo assim, ela só percebe quando ela precisa de ajuda não porque ela diz não sabe, “a isso no meu computador não funciona”, e não é, é ela que não sabe lidar com o sistema, e ai eu digo que a deficiência do não deficiente é velada e não reconhecida rsrrsr (risos).

Jeane: Nossa, então assim, a primeira fase, são seis fases que agente geralmente percorre até um trabalho ficar pronto

Sujeito G2= Ai...

Jeane:... E são árduas de percorrer!

Sujeito G2 = São!

Jeane: A primeira fase é essa, quando você...é o início de tudo, quando você reconhece a necessidade da informação a segunda fase é quando você identifica o tema, no seu caso você já tinha isso...

Sujeito G2= Já porque eu já vinha explorando

Jeane: Então assim, era o tema que você já acreditava e que tinha uma aderência até com a sua história de vida e tudo mais.

Sujeito G2= É, é isso

Jeane: Então pra você, pelo que você contou...

Sujeito G2= ...Tava muito familiar

Jeane: Então assim, como você decidiu, já era um tema que tava muito claro é, pra você, mas eu queria que você falasse um pouquinho que critérios você utilizou pra chegar nesse tema já que o trabalho foi em grupo, como foi essa discussão no grupo?

Sujeito G2= Então, eu li muito alguns trabalhos de.., como eu falei pra você eu já vinha lendo alguns assuntos sobre esse tema no computador, eu tenho uma amiga que fazia umas pesquisas pra mim, e dizia, sempre que você encontrar material falando de professor ou de alguma coisa ligada a tecnologia na vida do cego, manda pra eu ler, então eu li muita tese muito artigo...

Jeane: No computador ou no Braille?

Sujeito G2= No computador..no computador..., não tem condições de você ter um material desse em Braille. E essa professora de informática foi muito legal porque um autor que eu gostei muito foi o Moran e o Pierre Lévy que traz informações que eu particularmente achei preciosíssimas...

Jeane: São dois grandes autores!

Sujeito G2= Gostei demais tenho ainda bastante material deles porque acho que é um apoio, é uma referência muito boa, e li bastante sobre os dois e tive duas professoras que me assessoraram com artigos elas me enviavam artigos pra eu ler aí já era pesquisa minha, antes de chegar na roda com as meninas , agora eu acho q a maior dificuldade que eu encontrei foi justamente, por que assim, você tem livros pra ler e você não tem livro digitalizado pra ler, então o que que acontecia, eu corria atrás do material, essa minha parceira que eu descobri que eu não era

deficiente através dela, foi muito legal porque ela lia por telefone pra mim os artigos “você acha que isso tá bom, você acha que vale a pena por isso?!”... e tinha coisas que ela não concordava e eu achava que tinha que por, aí agente ia pra mostrar pra professora, e a Andréia pedia pra gente entrar num consenso de percepção das necessidades para o outro né, não podia mais perceber a partir da Sujeito G2, eu tive que sair fora do foco, pra gente dar um pouquinho mais de fidelidade naquilo que agente queria colocar né.

Jeane: E que estratégias Sujeito G2, onde você foi buscar informação relevante na hora que você começou a explorar investigar o tema..porque assim...

Sujeito G2= Olha Jeane uma coisa que foi muito valiosa pra mim foi conversar com o Ricardo, foi muito é, salvador mesmo, agente conversava muito por telefone...

Jeane: Então o bibliotecário te ajudou nesse processo?

Sujeito G2= Muitíssimo, muitíssimo... a professora Patrícia que é uma professora que trabalhou com deficiente mental e visual, só com informática, agente conversou muito...

Jeane: E na sua universidade?

Sujeito G2= Ela foi, ela foi...

Jeane: E a biblioteca da sua universidade?

Sujeito G2= Não, muito pobre, muito pobre... eu busquei muito livro aqui...

Jeane: Aqui no Senac?

Sujeito G2= Aqui no Senac, e muito ali no Mário Covas, porque eles tem um acervo pra educação fantástico, muito bom mesmo.

Jeane: Então você foi buscar vários autores?

Sujeito G2= E era eu que buscava os livros né, curiosamente rrsrrsrs(risos)

Jeane: Não acredito!

Sujeito G2= É porque nenhuma das duas era muito, uma era muito longe, outra tinha criança pequena, aquelas coisas que todos colocam como obstáculo...

Jeane: Eu sei!

Sujeito G2= Assim não prioriza o desenvolvimento, isso me aborrecia muito eu chorava muito de nervoso, agente discutia muito, porque eu dizia que eu não era deficiente diante das duas , né eu acho que quando você põe, a é longe a é chuvoso, eu acho que você quer o título, você não quer o conhecimento. E eu...a graduação veio, eu fui buscar, não é um trabalho, eu fui buscar conhecimento, então me deparei... nesse aspecto eu achei assim foi muito bacana, eu cresci muito nesse aspecto né, e aí assim você não tem quem grave, você não tem quem leia toda hora pra você, né, então aí que você tem que superar coisas que você fala, e agora?!. Superei sim que tive ajuda de amigos do prédio, teve duas senhoras assim que estudaram comigo sentavam pra ler e é, eu me disponibilizava e outro que estava disposto a me ajudar, por que se não você não consegue vencer.

Jeane: Claro...

Sujeito G2= O interesse é como eu falei , se você não sabe o que você quer La dentro, então você não faz.

Jeane: Então você foi buscar as informações nas bibliotecas

Sujeito G2= Muito!

Jeane: ...em livros impressos...

Sujeito G2: Ai no jornal eu tinha recorte feito por uma, mas aí era informação pra acrescentar, argumentar no artigo mesmo.

Jeane: E na internet?

Sujeito G2= Na internet bastante, isso quem fez foi um amigo meu, bom ele se matriculo comigo, porque assim, o computador nasceu na mão dele em casa, ele que ajudou agente a mexer instalar virtual vision, dosvox, e a dizer, que eu não nasci pra mexer com computador, e ele fala que eu sei mais do que muita gente que mexe no computador, mas é porque eu acho que agente... se você tem uma pessoa com muita disposição de te ensinar processar pra nós é mais lento porque começa no abstrato , por mais que o vocabulário que a voz te diga, você tem que processar o entendimento, e ele é abstrato, tudo começa no abstrato.

Jeane: E todo processo de pesquisa é muito difícil, muito difícil, você lê várias coisas, você anota, você faz o fichamento, você cria um artigo e como foi isso? Nossa, eu tenho tanta curiosidade para saber.

Sujeito G2: Esse fichamento era eu e a parceira, então era assim, porque como eu escuto muito artigo então eu dizia pra ela assim...eu levava tudo que eu escutava todos os artigos eu levava pra essa minha parceirinha que eu falo que é excelente copiadora de informação de um

cego, eu dizia pra ela assim: olha em tal pedaço eu comentava com ela em tal trecho e comentava com as minhas palavras você tira de la alguma coisa que essa ai é a preciosidade do nosso assunto ai ela levava ai ela me ligava Sujeito G2 é aqui? Ela ia no foco.

Jeane: ah... Olha que fantástico.

Sujeito G2: Porque na verdade essa parceria...

Jeane: Porque você sabe que na próxima etapa é a formulação do foco.

Sujeito G2: Porque a nossa parceria era extremamente assim, eu sou toda abstrata eu não consigo é...como ela não se interessou pelo Braille e eu só ouço artigo eu não sei manusear e fazer um grifo.

Jeane: E você houve com a voz digital?

Sujeito G2: Totalmente né, e é terrível porque você tem que ouvir duas ou três vezes pra ficar uma informação, porque a voz sintética não é uma voz humana ela é horrível, mais eu to tão assim apaixonada pela possibilidade de poder ler os livros que eu gosto então assim leio o livro sem correção tem livro que scaneo eu mesma e passa para o word porque o bloco de notas ele vai corrido não fica bom a leitura e o word você vai escutando se você que voltar você para e volta para aquele trecho com a seta então ele repete, agora é claro eu não tenho uma memória gigantesca não eu tenho interesse muito grande é diferente de memória...eu tenho vagas lembranças mais o interesse pelo assunto é tamanho então fica.

Jeane: Então assim porque o seu tema foi sobre: O uso do computador na alfabetização e ai o tema gigantesco, então você escolheu um foco?

Sujeito G2: O professor.

Jeane: O professor? Quer dizer como se o professor... Fala um pouco mais desse eu tema se o professor estava preparado ou não?

Sujeito G2: Não o que eu achei exatamente...

Jeane: O que você queria pesquisar era se o professor estava pronto ou não, estava pronto para utilizar o computador.

Sujeito G2: E transmitir isso para as crianças.

Jeane: Mais deficientes visuais ou não?

Sujeito G2: Não, eu acho que quando você pensa na inclusão e ai eu achei que era interessante não filtrar essa separação.

Jeane: Claro.

Sujeito G2: Porque se você separa, você não inclui se eu percebi a dificuldade de estar entre adultos que futuramente seriam educadores que dirá uma criança que você...

Jeane: Que tem tudo haver com a sua área de informação.

Sujeito G2: Né...alias arranquei muito cabelo e criei...

Jeane: Polemico, porque foi muito polemico.

Sujeito G2: Porque assim o que eu vi em sala de aula foram muitas resistências, de lidar com a minha dificuldade que sou adulta que não era tanta, não era nenhuma vamos dizer assim agora criança precisa de tudo de você.

Jeane: Então assim, olha que interessante você Sujeito G2 você muito, muito interessante à forma com que você trabalhou porque abstraiu porque teve um mundo de informações né? E recolheu...Com a companheira da sua parceira você teve que lidar com um imenso uma imensa quantidade de informações de forma abstrata, você teve que trabalhar de uma forma que eu acho que é muito difícil pra nós.

Sujeito G2: É muito desgastante.

Jeane: É desgastante, para conseguir reunir aquela quantidade imensa de informações e conseguir formular né, chegar num ponto no átomo da questão que você queria pesquisar né? Chegar realmente nas respostas da pergunta que você queria responder, porque todo trabalho científico ele parte de uma inquietação pessoal e você quer responder uma pergunta.

Sujeito G2: Foi um desafio grande viu.

Jeane: E pra gente responder essa pergunta agente recolhe muitas informações né, agente tem que no ponto tão abrangente que agente vai levar décadas.

Sujeito G2: E outra né, era só um TCC, que também não pode ser uma coisa extensa.

Jeane: Exatamente, então como que você chegou na questão central da sua pesquisa?

Sujeito G2: Então, como eu falei pra você eu conversei muito com a professora de informática da faculdade, ela leu várias vezes e depois agente fez alguns cortes tivemos que fazer algumas melhorias e o interessante foi que era assim é...ficava muito a cargo de como eu tava

enxergando as coisas né, porque como eu falei pra vocês as meninas colocaram muitos obstáculos, eu não carreguei o trabalho sozinha no sentido da construção, mais a busca dos tijolos eu tive que carregar só, eu tive que assim eu me dispunha a tá no horário que o professor podia conversar comigo, eu ia com alguma coisa já rabiscada por nós três para argumentar e ver se estava dentro da idéia né foi bem difícil.

Jeane: Você se dedicou.

Sujeito G2: Foi bem difícil nesse aspecto assim, porque professor é uma coisa louca né eu falo que é correr atrás do presidente rs... mais era legal porque agente acabava juntando várias informações e falando um pouco de todo o processo da faculdade da sala de aula era muito gostoso eu cresci muito nesse aspecto, agora o desafio foi grande nesse sentido porque tinha que escrever muita coisa e quando eu não tinha nenhuma das duas comigo olha eu tinha um gigante chamado boa vontade e uma boa relação com todo mundo, que cada um fazia um pedaço sabe aí preciso falar com o professor da pra você ir comigo? Porque mesmo que gravasse esse negócio de gravar é uma coisa interessante porque se você também não souber filtrar o que você tá ouvindo pra escrever você gravou e não pode ser repetido.

Jeane: Na hora que você transcreve esse texto.

Sujeito G2: E eu nisso aí eu era chata né, porque a parceirinha e a outra colega escreviam então agente acabou separando algumas coisas para as meninas com papel eu falei vocês jogam tudo para o meu e-mail eu vou filtrando e vocês refazem, porque a Andréa tá fazendo a mesma coisa então quer dizer todo mundo toda hora refazer agente não vai terminar esse processo e era interessante que a nossa orientadora dizia assim: A Sujeito G2 não escutou isso não é possível, quando ela mandava cortar alguma coisa eu olhava pra ela e falava tá vendo não falei que tava demais era engraçado.

Jeane: Então você...

Sujeito G2: Eu fui muito de... da parte de observar mesmo porque eu falo que quem escuta acaba pegando coisas que quando você tá construindo ali você acaba não percebendo você vê contra.

Jeane: Então você utilizou nesse processo da formulação do foco, você foi buscar essas informações, reuniu contou com a colaboração das suas colegas mais você leu tudo.

Sujeito G2: Ah muito.

Jeane: Você tinha tudo muito claro pra você também o que você queria, você tinha muita segurança né Sujeito G2?

Sujeito G2: E os modelos né, assim você tem que pegar quem já trabalhou as informações, eu gostei muito de uma até, foi ali que começou meu interesse da Leni Magalhães muito boa inclusive foi interessante porque a professora de informática queria que fizesse um trabalho de escola que tava a Leni Magalhães aí ela veio com isso eu falei olha professora desculpa viu eu conheço tanto trabalho como a escola, a diretora e um dos professores que fez parte dessa pesquisa, essa escola não aconteceu ela foi modelo enquanto o projeto tava sendo usado acabou o projeto a diretora falou: Não dá para trabalhar com essa realidade que a Leni colocou em prática, foi um trabalho de um ano exatamente né, eu fui a escola conhecê-la lá na zona leste fui conversar com a diretora desse projeto enorme ficaram duas professoras porque assim as pessoas não estão pronta para trabalhar com esse trabalho diferente ou deficiente, porque eu digo o seguinte: deficiente visual é caro, deficiente visual precisa de capacitação do professor, precisa de equipamento, precisa de conhecimento adaptação de espaço então ele é muito caro quando você põe um projeto piloto para funcionar se você não criar uma infra-estrutura para aquilo da seguimento ele acaba ali ele é um grande projeto para qualquer história, e isso é como eu falei em sala de aula em São Paulo você vê poucos que...por isso que eu digo que eu amo o Senac de paixão porque você tem muitos grupinhos políticos e não atuantes entendeu? Então nesse aspecto eu digo que eu prefiro atravessar São Paulo e vir até o Jurubatuba por quê? Aqui eu encontro as duas coisas necessárias começa no humano e não na máquina, a máquina é uma ferramenta mais o que o humano pode fazer a máquina não faz e isso supri muitas necessidades é aí que eu e a parceira no trabalho do resultado bonito quando ele nasceu que ficou pronto que a professora falou põe no papel encaderna, eu chorava feito criança.

Jeane: Nossa...

Sujeito G2: Porque eu tive dores horríveis de cabeça eu perdia sono não consegui dormir, eu lembrava de alguma coisa acordava e ligava para Sheila assim, agente ficou 24 horas no ar né dar era muito simples eu falei mais tem que ficar bom tem que mostrar alguma coisa para esses professores que existe possibilidades que eles não estão explorando neles mesmos né?

Jeane: Sujeito G2 é muito bacana, muito bacana mesmo. Me fala uma coisa na fase da coleta dessas informações que dificuldade você sentiu do ponto de vista de acesso as fontes de informação, porque você já me falou que você foi buscar essas informações sobre o foco que você definiu em várias fontes nos livros impressos, na internet é...em recortes de jornal etc.

Que dificuldades você sentiu nesse processo de coleta né dessas informações em relação a tecnologia, a tecnologia ??? se os sites era acessíveis se o acesso aos documentos impressos era fácil, se os leitores de tela realmente cumpria o seu papel nesse processo.

Sujeito G2: São duas coisas que eu encontrei como um obstáculo muito grande os PDFS quando o arquivo vinha em PDF se você não tiver alguém para te ajudar, porque o virtual vision ele parece que agora tá em...

Jeane: Tá lendo em PDF.

Sujeito G2: Isso.

Jeane: Mais ainda tem algumas falhas.

Sujeito G2: Exatamente, eu tive muitos problemas é o que eu falei pra você eu tive um amigo que trabalha com computador mesmo e conhece o virtual vision por mim por nosso relacionamento, então assim tudo que era possível e o que não era ele tirava folha por folha e convertia, então eu digo assim a parceria extra o objetivo o seu objetivo é um corpo grande de família, de amigo, colega porque assim se não, não vai e...eu sou rica eu sou muito agraciada por colegas, amigo, mãe, tio enfim todo mundo participou agora o maior obstáculo é humano porque as pessoas são muito deficientes e ineficientes nós pegamos e falamos assim ah mais eu não posso, ah mais eu não sei isso que to dizendo quando eu digo isso eu to dizendo de professores eu não tenho, eu não posso te enviar é...quando eu bati na escola para fazer pesquisa de campo eu encontrei uma pedreira no meu caminho.

Jeane: E os bibliotecários dessa escola?

Sujeito G2: Olha, bibliotecário eu acho que eles nem sabiam... eu levei material para eles conhecerem o que eles não conheciam como um cego lê uma revista como um cego ouve uma revista, como um cego...então assim você é muito mais educador e informante do que aluno entendeu há um desconhecimento muito grande né? Segurança da faculdade não sabia que eu estudava lá então assim e não houve um interesse o único coordenador que foi me buscar em casa...Não eu peguei a faculdade agora você não vai parar porque o que eu escuto de você na sala dos professores não é pra você ficar aqui na sua casa, eu disse professor mais...não vamos lá e quem arrumar problema você manda falar comigo, só que eu acho que a relação com o problema truncado não funciona ela não flui sabe se você não me satisfazer eu vou falar de você.

Jeane: E me fala uma coisa e na hora é, por exemplo, de você que até você falou de uma forma bem emocionante que no final a professora falou: imprime e caderna que você começou a chorar.

Sujeito G2: Ah, eu fiquei tão emocionada, fiquei...

Jeane: Mais nesse processo de conclusão do trabalho tem toda aquela parte da redação da normalização geográfica e como você faz a

apresentação como foi esse trabalho de orientação, orientação bibliográfica que é o que? um trabalho que os bibliotecários fazem de auxílio, de orientação as vezes do assunto você teve?

Sujeito G2: Só com a orientadora.

Jeane: Só com a orientadora.

Sujeito G2: Só, porque assim a biblioteca da faculdade não é boa isso foi uma reclamação que eu fiz, fizemos uma lista para a classe mostrar isso nós tínhamos uma representante de classe que é mãe de um deficiente auditivo eu provocava muito ela dizia que ela tinha que levantar bandeiras fortes na faculdade porque nós estamos fazendo a parte suja nós estamos desenrolando o tapete para esse povo entender que não para nós e para todos porque outras pessoas vão passar por aqui, por exemplo, o Pedro que agora tem 14 anos e daqui a pouco ele vai estar na faculdade eles não estão pronto pra cego, nem surdo e nem pra mudo e nem para cadeirante, nós tínhamos um cadeirante lá que fez a parte dele eu dizia Marcos fala e provoca os professores porque eles não estão acordando eu acho que agente tem essa obrigação porque enquanto a universidade porque depois que você passar por aqui você já está pronto.

Jeane: E você tinha conhecimento das normas da ABNT, das normas de citação, de apresentação de trabalho de aluno?

Sujeito G2: Tudo ,eu peguei uns livros que essa professora trouxe para eu scanear ela sinalizou tudo o que eu tinha que compreender e por isso que eu te falei...

Jeane: Na biblioteca o bibliotecário não te auxilia?

Sujeito G2: Não, biblioteca eu não encontrei nada disso.

Jeane: Você disse que foi lá no centro de referência lá no Mario Covas.

Sujeito G2: Lá no Mario Covas foi bacana, foi muito legal, eles já estão um pouquinho mais preparados para lidar com deficiente ela arrumou fitas pra mim para que eu pudesse ouvir algumas coisas tanto em áudio como em fita de vídeo ela não tinha DVD de apresentação para que eu pudesse ver como que funcionava foi bom alguns artigos ela não tinha scaneados, não podia tirar mais ela me emprestou para que eu pudesse levar mais que devolvesse no mesmo dia foi muito legal isso coisas que ela podia emprestar para a universidade ela emprestava diretamente para mim por causa do comprometimento era a única pessoa que procurava ela dizia: você vem falar comigo porque você sabe como as coisas funcionam e eu acho isso extremamente respeitável acordo de cavalheiros valem muito mais do que papel e era muito legal porque o meu filho era o meu parceirinho de ir rapidinho e voltar rapidinho eu

acho isso muito legal, quando não era o marido que ele é cego ele fazia também essa parte ia buscar e ia levar.

Jeane: O seu marido também é cego?

Sujeito G2: Ele é cego e ele sempre me apoiou demais com a faculdade que é muito bacana eu dizia que ele era o comprador das meninas ele comprava papel, disquete e outros materiais foi muito legal porque assim...foi uma construção muito dura porém muito valiosa eu gostei demais da pesquisa de campo que eu fiz porque os coordenadores das escolas também são resistentes em abrir as portas mais eu gosto muito de...eu digo que eu fiz pedagogia mais eu devia ter feito propaganda em marketing porque eu era uma marqueteira da pedagogia porque o maior argumento do deficiente visual é a fala porque se você tiver uma relação de dialogo bacana respeitável as pessoas param para te dar 5 minutos de atenção e aí cada um dá a sua possibilidade e contribui.

Jeane: Você considera que os sites disponíveis e que contem informação científica, informação que pudesse ajudar na sua pesquisa são acessíveis nos níveis de barreiras de acessibilidade?

Sujeito G2: A tem, tem bastante barreira eu acho que já está melhor o período eu senti um pouco mais primeiro, da orientação, das dicas porque eles colocam o site e pronto e o site que você “ver” esse assunto, esse, esse e esse.

Jeane: Você conseguia nesses sites, vamos supor, documentos, textos integrais que você pudesse ler ou você não queria?

Sujeito G2: Na integra não era um ou outro que você conseguia, uma que eu gostei muito de pegar como apoio também foi a Maria Teresa Mantovane.

Jeane: Há! Ela é ótima!

Sujeito G2: Ela tem muito material, ela realmente...eu acho que quem...

Jeane: E ela trabalha com deficiente.

Sujeito G2: Exatamente.

Jeane: Eu a conheci lá na UNICAMP e conversei e ela trabalha lá naquele espaço que te falei.

Sujeito G2: Há que bacana, ela disponibiliza material...eu digo que ela entre no seu universo pra conseguir...

Jeane: O site dela é acessível?

Sujeito G2: Há e fantástico e ela coloca lá todos os materiais.

Jeane: Mas assim vamos suportar, agente tem aqui a biblioteca de teses da USP, você conseguiu pesquisar?

Sujeito G2: Consegui, consegui.

Jeane: Mas você conseguiu chegar no documento, conseguiu o documento?

Sujeito G2: Não, não tudo esse menino que fazia o recorte nem tudo que você quer tem a aqui.

Jeane: Ta mas você sozinha, você sozinha você conseguiria chegar no documento?

Sujeito G2: Há...acho que não eu acho que os caminhos ainda estão muito...pra nós mesmos com essa autonomia eu não vejo facilidade ainda não...

Jeane: Você conhece o Rogério que trabalha na biblioteca que trabalha lá no terceiro andar, a mulher dele trabalhou com a Mantovane ela também desenvolveu um trabalho e ela também é apaixonada por ela.

Sujeito G2: Ah..ela é fantástica como ela escreve, como ela informa eu acho isso assim importante que os deficientes também saiba que tem pessoas que não sejam que está fazendo esse trabalho isso é muito legal.

Jeane: Durante o seu curso você teve por parte dos professores ou mesmo do seu orientador durante todo o curso disciplinas de metodologia?

Sujeito G2: Tive, tive,tive.

Jeane: E disciplinas de orientação bibliográfica como pesquisar como desenvolver uma pesquisa isso te ajudou foi suficiente como você se sente com relação a isso?

Sujeito G2: Olha metodologia científica eu tive com o professor que eu particularmente tenho um apreço muito grande porque eu tive a oportunidade de dizer pra ele: Olha a sua aula é péssima porque você não fala nada mais diz tudo sem falar. Ele dizia porque Sujeito G2 e eu dizia porque você da aula em alemão ele era um cara muito tímido, ele era um cara muito tímido mais muito inteligente e isso foi no primeiro semestre e ele veio a dar aula para gente uns quatro semestres depois ele deu metodologia científica eu entendi e ele achava isso muito interessante a forma que eu entendia o que ele ensinava porque eu digo se o professor não tem uma didática oral muito boa para o deficiente

visual fica muito complicado mais encontra partida ele repetia tantas vezes quando fosse necessário até eu compreender e o que era interessante para mim que metodologia científica é visual ele é totalmente visual né, ele sinalizava tudo tamanho, rosto e eu entendi tudo. Chegando em casa eu disse assim para o meu filho oh vamos tentar fazer como a mãe entendeu e pedi para ele ir fazendo da forma que eu tinha entendido e mandei para o professor por email, ele era uma gracinha porque ele respondia tudo e ele dizia assim tudo que está em verde Igor fala para sua mãe 10 e tudo que está em verde e amarela precisa ser melhorado. Então foi muito legal porque capa fui que era a responsável de tudo.

Jeane: Você que fez a capa do seu trabalho?

Sujeito G2: De todos os trabalhos que agente fazia, porque o professor dizia vocês querem entender capa? Perguntem para Helô porque ela entendeu certinho.

Jeane: Então esse professor foi super importante para você?

Sujeito G2: Foi, foi mais isso se deve a relação fantástica entre nós dois, a relação pessoal minha e dele entendeu? Não foi uma coisa de um professor simplesmente mais ele era um grande cara.

Jeane: Então toda essa parte da conclusão da apresentação da normalização da sustentação... o bibliotecário não te ajudou nesse processo?

Sujeito G2: Não, porque para você ter uma noção assim que terminou tudo que agente colocou página tudo que eu expliquei para o meu filho e o rapaz foi mexendo, agente tava com livro tudo eu falei manda para professor Ferraz que eu já falei com ele que eu quero que ele dá uma olhada, aí ele mandou e falou: é só nascer tá pronto então foi muito legal porque pra mim foi um prazer... Porque tudo que você vê no abstrato pra por no concreto com outro que é extremamente visual agente fala cada um de um que eu to vendo vendo de uma forma e você está entendendo de outra porque o ser humano que não tem deficiência visual ele é extremamente concreto aquilo que ele está vendo é fidedigno não o que você está falando só que a minha parceira e a outra colega eram muito respeitadas a esse respeito e deixem a Sujeito G2 ver isso eu achava muito legal isso e foi bacana porque deu um resultado muito bom muito bonito é...valeu.

Jeane: Você já falou várias vezes sobre a sua satisfação no resultado final, mais assim até por uma questão de complementação eu queria que você descrevesse como você se sentiu com relação a todos esses processos desde a primeira etapa que foi a...o início do professor falar em sala de aula as buscas a definição do foco e sobre a conclusão como

você se sentiu em relação ao seu trabalho você se sentiu satisfeita, você se sentiu no final aquela sensação de que você já falou...

Sujeito G2: De serviço cumprido?

Jeane: Agente se sente retribuído do esforço...

Sujeito G2: O que pra mim foi muito gratificante foi à professora por quê? Porque eu gostei demais da maneira como ela conduzia a sala para nos orientar, a apresentação dela quando ela se apresentou que seria nossa orientadora como ela mobilizava a agenda para atender eu achava que era de extremo profissionalismo dela ela procurou se desfazer muito de tudo que ela se propôs a fazer então nesse aspecto eu busquei muito a Andréa, mais do que as meninas por que eu sou muito comprometida do que eu falo para você eu vou estar com você 10h tenha certeza que cinco para as 10h eu estarei lá, isso pode chover ter greve de ônibus é uma coisa pessoal eu me comprometi com você se você vai atrasar você tem os seus motivos e eu procuro não, porque pra mim a necessidade de ser pontual é maior né? E ela entendia esse jeito meu de ser porque ela foi colega de sala na pós graduação de um cego então era muito legal porque ele por ser homem era muito atrevido mexia nela todo e tal e eu dizia assim: Você deve ser muito graciosa? E ela dizia como você sabe se você nunca, pois a mão em mim aí eu dizia o jeito de você pisar, o jeito de você se sentar e ela achava isso muito gracioso de eu sacar isso diferente do outro e eu sempre explorava muito ela e ela sempre dizia: Nossa Sujeito G2 você é muito mais exigente do que os outros alunos que estão fazendo curso com você aí eu dizia: acontece que a construção e os tijolos quem vai buscar sou eu e você também é uma professora exigente ela dizia assim: Quando for naquela parte que tem que escrever em outro idioma ela disse assim eu gostaria que fosse em Francês, aí eu disse não da para satisfazer o ego da professora desse jeito que, que é isso né? Mais é que eu tenho domínio e tudo...teve uma relação muito agradável teve alunos que criticavam demais a postura dela e eu achei assim satisfatório porque ela dizia assim: Sujeito G2 é você que está procurando tudo.

Jeane: Mais e as meninas?

Sujeito G2: São todas complicadas eu dizia para ela, e eu gosto de descomplicar e de desafios eu dizia pra ela então ela ajudou muito me trouxe muitos livros ela achava interessante a Cecília que era a outra professora de informática essa relação que eu tive com ela então foi muito gratificante porque ela entendeu o que eu tava buscando porque na verdade pra mim não foi só a conclusão foi o conhecimento foi a onde eu disse par você que eu concluí que quando você sabe o que você quer os desafios são oportunidades, quando você quer só uma graduação e um título tudo aquilo vira um empecilho e você não vê a hora de terminar.

Jeane: Então você considera que atingiu seu objetivo...

Sujeito G2: Ah...foi satisfatório.

Jeane: Você conseguiu responder a pergunta que você queria responder no seu trabalho?

Sujeito G2: Foi sim, foi sim, eu olha eu digo como eu falei para Andréa só foi uma pena que as meninas não mergulharam como eu achava que o trabalho merecia eu fiz a minha parte porque eu gostei muito de tudo eu tava fazendo era prazeroso, talvez para agente tenha um outro significado justamente pela forma que você tem que conquistar cada palavrinha que foi escrita, cada vírgula que foi colocada, eu sofri muito para construir esse trabalho me frustrei muito porque eu achava que eu não conseguia dar o que o trabalho merecia e elas encontraram a partida reconheceram que tudo que eu contribui foi precioso mais o sabor de era mais uma exigência pessoal mais o trabalho foi cumprido sim e eu acho que pelos problemas todos que existiam dentro da instituição a instituição não foi a altura do que alguns professores mereciam entendeu? É...mais valeu a pena valeu a pena sim, eu acho que foi bacana sim e aí ao longo do tempo você vai ouvindo um ou outro você vê que vale muito trabalhar, eu falo muito para a minha filha assim: é muito prazeroso estudar, é muito prazeroso ver o que outros escrevem a respeito, que o que eu não entende o que é buscar pra compreender e ser aliado a você, acho que é nesse aspecto que é rico o conhecimento, se não não vale a pena né, se não não valeria a pena.

Jeane: Nossa Sujeito G2, adorei conversar com você!

Sujeito G2: Espero poder ter contribuído com alguma coisa.

Jeane: Com certeza, e eu gostaria de te convidar pra ir na minha defesa, vai ser mais ou menos em junho do ano que vem

Sujeito G2: Ai que legal! Me avise, eu vou ter maior prazer

Jeane: eu sentiria muito orgulho, muito prazer de...

Sujeito G2: Eu também eu quero estar (risos).

Sujeito G3

Jeane - Intuito do trabalho tese de doutorado pesquisa sobre para chegar ao desenvolvimento de um produto que de certa forma traga algum benefício ao deficiente visual, vou te colocar a história da minha relação com o espaço Braille do Senac, nesse espaço Braille que você frequenta.

Em 2003 participei de um grupo eu trabalho no Senac há 12 anos então fui escolhida para participar de um grupo que ia pensar nesse Centro Universitário isso aqui era só um terreno que o Senac tinha adquirido e esse grupo era formado por profissionais de várias áreas penso na estrutura que estrutura que estrutura agente ia querer aqui, então todos os espaços foram desenhados, planejados e a biblioteca também, então desse começo eu fui a primeira pessoa que compus o grupo e pensou na biblioteca e durante aquele ano de 2003 esse Campus estava sendo construído e no começo de 2004 mais ou menos em Janeiro nós mudamos para cá e não existia o Espaço Braille e nem existia nenhum projeto para que agente tivesse algum trabalho com Braille aqui no Senac.

Fui fazer uma visita a Unicamp e chegando lá na Unicamp eu conheci o projeto dele de implantação de Espaço Braille na biblioteca central da Unicamp que era um projeto ainda não tinha sido implantado e eu fiquei encantada com aquilo tudo e eu falei meu Deus agente construiu uma biblioteca tão grande e como agente não pensou em um trabalho voltado ao deficiente visual, e a biblioteca estava pronta e a agente não tinha pensado no espaço e não tínhamos mais dinheiro, mais aí a Unicamp ajudou agente a fazer um projeto, e eu apresentei esse projeto para o diretor do Senac agente precisava na época de mais ou menos de 168 mil reais e ele aprovou e nós desenvolvemos o Espaço Braille só que eu não contei para ninguém que ninguém sabia o que fazer porque agente tinha muita vontade e queria muito, mais agente não sabia como lidar com equipamentos, como interagir com o deficiente visual e começou o meu desespero de como começar e começamos a procurar um profissional e queria um bibliotecário realmente que tivesse experiência nessa área e não encontrava.

E um belo dia apareceu na minha mesa um envelope e eu não abri aquele envelope, deixei aquele envelope uns 3 dias na minha mesa que era uma correria uma coisa e outra, até que um dia e eu naquela preocupação de encontrar uma pessoa naquele desespero, até que um dia eu falei esse envelope eu não abri ainda quando eu abri o envelope, era o currículo do Odair.

Jeane - Você conheceu o Odair que trabalhou aqui conosco?

Sujeito G3 - Eu acho que não.

Jeane - O Odair foi o primeiro bibliotecário a trabalhar aqui no Espaço Braille que foi colega do Ricardo que trabalharam juntos, desenvolveram juntos e quando eu vi aquele currículo e vi que ele tinha

experiência em Braille eu cheguei a dar um grito que todo mundo se assustou, eu falei eu não acredito eu correndo atrás de uma pessoa e essa pessoa tava aqui do meu lado, e aí eu liguei para o Odair imediatamente agente contratou ele, e ele começou a desenvolver um trabalho muito bonito que contagiou outras pessoas inclusive o Ricardo que assumiu, o Odair partiu para a carreira do Direito ele tomou um outro rumo na vida dele mais ele é uma pessoa muito querida e respeitada por nós, porque foi uma pessoa que começou todo o trabalho, então eu costumo falar sempre que a minha intenção é de colaborar mais que as estrelas são eles, porque são eles que realmente se dedicam, que fazem o trabalho, mais eu tenho um carinho e eu tenho um comprometimento muito grande em apoiá-los e desenvolver tudo que eu posso para essa área, então pra você só entende porque o meu envolvimento numa pesquisa que envolve deficientes visuais.

Sujeito G3 - fantástico.

Jeane – Eu to trabalhando essa tese na USP eu já to concluindo praticamente o meu doutoramento e qual é a nossa intenção nesse trabalho é saber como os estudantes de nível superior que são deficientes visuais percebem a necessidade, adquirem, compreendem e utilizam na informação, então nesse contexto agente vai buscar mapear um conjunto integrado de habilidades que o deficiente visual deve possuir para que ele possa lidar com esse imenso enorme caótico mundo de informações principalmente quando ele tenta acessar a informação digital, porque que agente quer saber tudo isso existem programas hoje em bibliotecas mais avançadas que trata do desenvolvimento dos estudantes para que torne competentes em informação e o que seria uma pessoa competente informação? É aquela pessoa que sabe buscar, selecionar, criticar a informação que seleciona e usar essa informação de modo que ela possa beneficiar a sua vida, seja no trabalho acadêmico, seja numa decisão que ela possa tomar e existem vários programas de Information Literacy é um termo inglês como agente chama voltado para estudantes mais nenhum programa de Information Literacy se preocupou em desenvolver alguns projetos ou desenvolver algumas habilidades que o deficiente visual precisa também, então a minha intenção nessa pesquisa acrescentar a esses programas que existem outras possibilidades ou desenvolvimento de habilidades para que o deficiente visual se torne tão autônomo quanto qualquer outro estudante para desenvolver as suas pesquisas acadêmicas ou para buscar informação em qualquer área da sua vida.

Sujeito G3 - ótimo.

Jeane - Então assim, nós seguimos uma metodologia pra gente entender como que você entende a busca da informação seguindo o processo, por exemplo, qualquer processo de desenvolvimento de um trabalho acadêmico ele segue etapas.

Sujeito G3 – Certo.

Jeane – Primeiro contato que você tem, a primeira busca que você faz, como que você vai recolher esse material como você vai refinar dentro de imenso assunto um foco para você trabalhar, então nós seguimos uma metodologia de construção de um trabalho acadêmico que ela se subdivide em 6 etapas.

A primeira etapa é a iniciação, depois vem a seleção do material, a exploração desse material, a formulação, a coleta e por fim a apresentação, então todas as perguntas o nosso bate papo que agente vai conversar vai seguir mais ou menos o roteiro dessas etapas que você faria naturalmente em um desenvolvimento de um trabalho acadêmico.

Jeane – Tudo bem? Você até agora tem alguma pergunta a fazer, eu fui clara na colocação?

Sujeito G3 – Não, melhor impossível.

Jeane – To vendo que você é muito gentil...rs

Sujeito G3 – rs.

Sujeito G3 – É que acho que agente tem um ponto de vista que eu tava comentando com o Ricardo que é muito difícil hoje, que a maior esperança ainda de nós podermos no futuro ter ferramentas disponíveis assim, se tratando de deficiente visual ainda por conta das parcerias que possam haver, porque ainda não da pra falar de plano de governo, eu dava exemplo do livro falado que hoje eles começam a falar como realidade no Brasil, nos Estados Unidos isso já é uma realidade há muito tempo, eu dizia para o Ricardo que lá nos Estados Unidos quando eles falam em livro falado eles não falaram porque pensaram primeiro no deficiente eles foram inteligente no sentido de perceber que o ser humano precisava desenvolver outras habilidades e não só a visão. Aqui no Brasil não há 10 anos atrás que falaram em livro falado a primeira pergunta: Para que serve? Para quem serve? Ah é para deficiente ah não dá gasta muito é muito investimento, hoje descobriram que isso é um mercado e ai sim hoje o deficiente entra como se ele tivesse sendo aquele trabalho sendo desenvolvido para ele com um benefício para ele quando na verdade agente sabe que é para todo mundo hoje, porque hoje todo mundo quer livro falado e a tendência do futuro é as pessoas carregarem pra onde quer que vá um mp4, sei lá um ipod com um ou vários livros falado, então assim é difícil por isso que vale a pena elogiar porque é mais uma parceria e veja, eu falo por cada aí e ta aí a parceria né, começo lá com a ajuda, com o auxílio da Unicamp.

Jeane – Sim, é verdade.

Sujeito G3 - Né? Começou com o auxílio da Unicamp, pra depois chegar, pra estarmos aqui hoje né?

Jeane – Com certeza!

Sujeito G3 – Não anda sozinho.

Jeane – Não.

Sujeito G3 - Eu sei, mas o governo não está nisso. É parceira, e é por conta das parcerias que é alimentamos aí algumas esperanças de obtermos ferramentas para o futuro.

Jeane - Com certeza! É, eu queria assim, antes da gente começar a pesquisa em si, você concluiu já o seu Ensino Superior?

Sujeito G3 – Eu sou advogado.

Jeane – Ah, você já, que bom! Você concluiu quando Sujeito G3?

Sujeito G3 – Eu concluí o ano passado.

Jeane – Ah, que bacana! E fez a prova da OAB...

Sujeito G3 – Eu fiz, eu fiz.

Jeane – Parabéns!

Sujeito G3 – Assim, passei na primeira né?

Jeane – Passou de primeira? Nossa, parabéns!

Sujeito G3 – Me livrei, me livrei desse tormento aí que, costuma ser um tormento na vida dos...

Jeane – Você é um privilegiadíssimo! Porque quantos milhares tentam e não conseguem. Apesar que a minha filha está fazendo vestibular pra Direito agora.

Sujeito G3 – É, né?

Jeane – Sua colega de profissão.

Sujeito G3 – Ah, legal aí. Que bom. Já vai começar com informações e... Você acredita o seguinte, OAB não é difícil. É difícil pra quem quer terminar a faculdade e pensa nela depois que termina a faculdade.

Jeane – É verdade, é verdade.

Sujeito G3 – Porque assim, pensa nela ao menos no começo do quinto ano. Passa, as pessoas passam tranqüilo. Eu não me assusto não. Desde quando termine ela entrei na faculdade, eu diz pro meu amigo: A OAB ela deverá ser um susto pra quem pensa nela depois da faculdade.

Jeane – É verdade.

Sujeito G3 – Pra quem estiver pensando nela durante o quinto ano, não precisa nem pensa nela durante o primeiro ano, ela não será susto mesmo.

Jeane – Eu vou dar essa dica pra ela, rs.

Sujeito G3 – Pra sua filha também não vai ser susto. Com certeza.

Jeane – Vou dar essa dica. Aonde você estudou Sujeito G3?

Sujeito G3 – Eu estudei na Universidade de São Caetano.

Jeane – Você concluiu no final de 2008?

Sujeito G3 – No final, foi no final.

Jeane – E você, na conclusão do seu trabalho, você fez o TCC?

Sujeito G3 – Fiz. Eu fiz sobre assédio moral.

Jeane – Ah, que interessante!

Sujeito G3 – Fiz uma... peguei uma... não restringi, não cheguei a fazer um trabalho bem restrito, né?

Jeane – Uhum.

Sujeito G3 – Um comentário mais geral né, do que é assédio moral, como ele...um pouquinho dizendo de onde ele veio.

Jeane – Uhum.

Sujeito G3 – Mais uma síntese mesmo, né? Nem daria pra bancar isso mais longe.

Jeane – Especializar, né?

Sujeito G3 – É, é.

Jeane – É verdade. E esse TCC que você fez foi individual ou em grupo?

Sujeito G3 – Foi individual.

Jeane – Olha, que bacana!

Sujeito G3 – Foi individual. Foi individual, tive que apresentar também.

Jeane – Puxa vida, que legal! Então vamos lá! Eu queria que você assim, é, falasse pra mim um pouco sobre essa experiência desse último trabalho, o trabalho mais recente acadêmico, que você fez que foi o seu TCC, que ainda deve estar vivo na sua memória, rs.

Sujeito G3 – Rs.

Jeane – Porque eu sei que não é fácil, é que nem a construção de uma tese que eu estou passando agora, vai levar muito tempo pra esquecer, rs.

Sujeito G3 – Olha só, tirando toda a parte técnica, eu começo dizendo que foi muito chato! Rs.

Jeane – Rs.

Sujeito G3 – Até outro dia eu estava conversando, eu quero ver, eu quero encontrar algo mais chato do que trabalho de conclusão. Eu queria encontrar um dia. Bom, mas isso a gente sabe que é necessário, é uma brincadeira, né?

Jeane – Uhum.

Sujeito G3 – Mas talvez toda a chatice esteja por tudo que a senhora acabou de explicar.

Jeane – Senhora não, por favor. Eu sou praticamente uma menina.

Sujeito G3. Rs. Ah, tudo bem. Rs.

Jeane – Rs.

Sujeito G3 – Bom, rs, tudo o que você acabou de explicar talvez encontre um ponto dessa chatice. O que que é? Encontrar meios de informações.

Jeane – Uhum.

Sujeito G3 – A gente sabe que existiam muitas informações, e quando eu falo a gente eu estou falando eu, deficiente visual.

Jeane – Claro.

Sujeito G3 – Né? Então, eu sabia que existiam várias formas de obter informação sobre assédio moral, mas como chegar até essas informações? Aí estava o grande problema, porque não existia tanta coisa digitalizada, não é? Isso levando-se em conta que foi ano passado no comecinho, final de 2007.

Jeane – Praticamente ontem.

Sujeito G3 – É, finalzinho de 2007, onde a tecnologia já pro deficiente já era uma realidade, né? Nem pensava em falar nisso há, sei lá, dez anos atrás. Mas ainda assim, com essa tecnologia realidade, é, várias foram as dificuldade pra concluir texto, é, pra captar todo o conteúdo, eu tive que scanear alguns livros por conta própria, assim, não é nenhum desmérito por isso que eu vou contar, mas, pode dizer também que as vezes as coisas ficam um pouquinho mais difícil porque, de acordo com a nossa origem, né? Meus pais não tem estudos, então eu não podia contar com eles nesse sentido. Eu contava com eles com o carinho, com tudo o que eles poderiam dar nesse sentido, mas não dava, por exemplo, pra dizer assim, enquanto eu trabalhava, e ainda porque eu trabalhava em dois empregos, então não pra dizer pra eles “scaneia um livro” ou então “corrige esse livro” né? Não dava, então eu tinha que fazer tudo na correria, tudo sozinho praticamente, né?

Jeane – Entendi.

Sujeito G3 – E sozinho também é uma grande história, porque ninguém faz nada sozinho. Eu digo sozinho porque eu ficava ali sentado scaneando, mas depois já lhe digo que teve uma pessoa que foi muito importante pra mim, era o professor mais estranho da faculdade, era tido como o mais chato, mas pra mim foi a melhor pessoa, porque ele é fantástico, não sei se a senhora já ouviu falar, ele tem um trabalho na USP também, é o professor Antonio Carlos Gil.

Jeane – Ah, já.

Sujeito G3 – Já?

Jeane – Já.

Sujeito G3 – Então, esse professor ele é simplesmente fantástico, e ele tem um jeito que as pessoas acham meio estranho e tal, na maneira de tratar, mas pra contar com ele como uma pessoa pra te ajudar...

Jeane – Ele foi fundamental.

Sujeito G3 – Da casa dele ele me ajudava, ele me mandava os textos, ele me deu liberdade, me deu o telefone dele e falou: “toda a vez que você quiser conversar comigo, pode me ligar”. As vezes eu mandava e-mail pra ele, da casa dele ele me ligava e falava assim: “estou te mandando um texto aí”. Eu mandava um texto pra ele, professor dá uma corrigida,

vê se está nessa linha mesmo e ele não tem nada a ver com Direito, que ele está mais na parte de Sociologia, né? Por isso que o meu trabalho foi um pouco genérico por isso, mais voltado a Sociologia Jurídica mesmo, né? E, mas eu tive as dificuldades, pra fechar essa pergunta, eu tive as dificuldades exatamente por isso. Faltava estrutura, inclusive familiar pra conduzir o trabalho. Por exemplo, essa dificuldade certamente sua filha não vai ter, né? Porque, primeiro, a possibilidade que ela vai ter de acessar o material e ainda quando houver uma dúvida nela, ela tem quem consultar, por exemplo, a senhora.

Jeane – Uhum.

Sujeito G3 - Faz diferença? Claro que faz!

Jeane – É verdade.

Sujeito G3 – Não tem como, né? Se fizermos uma comparação do conhecimento, da estrutura cultural que a senhora tem e eu fiz uma comparação com a minha mãe, não por isso minha mãe vai perder.

Jeane – Claro!

Sujeito G3 – Isso é o que eu sempre ressalto, né? Que é pra não achar que “ah”, já ouvi alguém dizer assim: “então você é triste porque a sua mãe...”, não! Triste não, de maneira alguma! Só estou dizendo que eu tive uma dificuldade, mas nem por isso eu deixei de fazer por dizer: “ah, meus pais não tem estudos, eu não vou fazer”. Então, as dificuldades eu encontrei, mas foi possível terminar aí com...

Jeane – Então você teve uma estrutura familiar que não te apoiou intelectualmente. Mas o outro apoio que eu acho que é o mais importante...

Sujeito G3 - É verdade, é verdade!

Jeane – É o mais importante.

Sujeito G3 – Por isso que eu gosto de ressaltar, é isso aí, pra dizer assim não, pra não ter uma interpretação é no outro sentido, né? Falar: “ah, então, você acha que você é meio fragilizado por isso”? Não, eu acho que não. Eu acho que eu tive o carinho, eles não tiveram estrutura inclusive pra dizer que, é, pra dizer que eu tinha que estudar, por exemplo, eu era analfabeto até 1997.

Jeane – Nossa!

Sujeito G3 – Eu era analfabeto até 1997. Então assim, mas eu tive uma coisa que foi diferencial, que foi o carinho deles e o carinho deles veio aliado aí ao dom que Deus me deu de não desistir das coisas.

Jeane – Com certeza.

Sujeito G3 – Por isso que, é, que mesmo por falta de algumas condições e informações, a gente ainda assim consegui concluir.

Jeane – Né? Eu vou te falar uma coisa assim, eu e meu marido nós temos um preparo intelectual grande, mais o que os nosso filhos procuram na gente é carinho de pai e mãe, sabe aquela coisa de acolhimento, de se sentir querido, de se sentir amado, o que eles menos procuram na gente, é o apoio intelectual, quer dizer, eles procuram também, e quando eles precisam a gente apóia , mais o mais o importante pra eles, é o que os seus pais te deram e o que a gente....

Sujeito G3: É... e foi fundamental por que, carinho, se eles não me dessem isso, não dava pra procurar em qualquer lugar, não dava por exemplo pra procurar carinho com esse professor que eu falo ta,bem, entendeu... como eles me deram a base, o resto eu me viro, eu procuro... e.. quem procura... eu sempre falo, eu falo pra minha mãe, quem procura acha...

JEANE: E assim, acho que essa sua estrutura familiar te fez o que você é hoje, a pessoa que você é, que te proporcionou chegar tão longe né, quer dizer, existem tantas pessoas no mundo, que não tem uma deficiência como você tem que não conseguem transpor, não conseguem lutar, não conseguem acreditar em si mesma, e chegar aonde você chegou, e você superou tudo, então você teve uma base familiar muito importante que te ajudou.

SUJEITO G3: É verdade, é verdade.

JEANE: Mais assim, voltando um pouco aquilo que agente conversou no começo. Quando você foi fazer o seu TCC, quando você recebeu essa notícia maravilhosa de que você tinha que fazer um TCC, dentre aquelas etapas que a gente conversou no começo, que a gente dividiu o trabalho nas 6 etapas, a primeira etapa, é a etapa da iniciação né, é aquela que representa o inicio do trabalho, quando a gente pensa sobre a tarefa, então, o que, que você lembra assim, como o professor te pediu, se desde o inicio você compreendeu a tarefa proposta, o que te ajudou a compreender aquele desafio que você ia ter que enfrentar, por que o TCC é um desafio.

SUJEITO G3: é um desafio... é verdade.. eu tinha mais ou menos uma idéia do que eu queria fazer, escolhi.. comecei a escolher um professor estranho, estranho no sentido da matéria né, direito, ele tinha dado aula de metodologia pra nós né, pra nossa sala.... e quando eu procurei ele também ficou surpreso né, aí ele falou, eu não sou a pessoa mais indicada e tal, mais aí ele falou assim, se bem que eu não sou e sou... se você quiser fazer um trabalho mais ou menos nesse sentido, de

sociologia jurídica...eu falei, é exatamente isso que eu quero, e aí ficou fácil de definirmos pontos né, porque eu sabia mais ou menos o que eu queria fazer, falar sobre o assédio moral, e aí nós começamos a montar....o meu trabalho ele envolvia um questionário com um corpo docente, o trabalho de coleta ele foi baseado num questionário com um corpo docente, onde eu entreguei alguns questionários para alguns professores da universidade, pra alguns defensores públicos, por que nesse tempo eu estava aqui na defensoria pública né, então eu queria saber qual era a percepção de cada um sobre o assedio moral, então nos começamos a definir nosso trabalho aí, quais as perguntas nos faríamos dentro do nosso questionário, o que nós queríamos obter de cada professor, qual que era a idéia que nos queríamos trazer de cada profissional do direto né, nós estabelecemos esse questionários, questões, que nos iríamos colocar em pratica e após isso aí orientado por ele, fiz um geral, fiz um trabalho geral, uma introdução de modo geral, pra depois nós fazemos um comparativo, então como funcionou, eu disse o que era assedio moral, trouxe alguns conceitos, e acho que eu resolvi isso em 2 ou 3 capítulos mais ou menos, e depois eu trouxe a coleta dos dados, trouxe a coleta dos dados e fizemos alguns comentários dentro de cada resposta que obtivermos.

JEANE: e qual foi a sua grande pergunta em relação ao trabalho, que resposta que você queria obter com isso tudo, em relação assim.. todo trabalho a gente tem uma inquietação pessoal que nos leva a pesquisar sobre determinado assunto, e geralmente é movido a isso, existe uma grande pergunta por trás disso tudo, qual foi a sua grande pergunta?

SUJEITO G3: A grande questão é o seguinte, ate por ser um TCC a idéia é fazer um trabalho de uma coisa que ainda não é pacificado, trazer alguma coisa... em se tratando de direto, fazemos uma exposição de alguma coisa que ainda não esta definido e o assédio moral é exatamente isso.. é colocarmos um problema em pauta e pra esse problema que ainda não há uma corrente definida, a partir disso, nós queríamos saber, qual era a percepção de cada professora acerca de assedio moral, qual era a percepção? Nós obtivemos aí algumas respostas, (risos) por exemplo alguma decepcionante, se agente faz uma pergunta a gente tem um problema, a gente busca uma resposta pra aquilo, e algumas respostas é que muitos professores não sabiam o que era assedio moral.

JEANE: Nossa!!!

SUJEITO G3: e eu estou falando de defensor público heim...

JEANE: Nossa!!!

R: Então quer dizer, eu me lembro que quando eu sentei pra conversar com o professor Gil, ele falou e aí o que você tem? Eu falei tenho umas respostas que não são boas, o questionário está bonitinho mais ...

implicitamente posso lhe dizer que algumas coisas aqui é....então assim eu queria... o título do meu trabalho era..... tava escrito exatamente isso, a percepção do assedio moral no ambiente de trabalho, eu rouxe essa percepção em se tratando de doutrina, trouxe um percepção de como era hoje e como é tido o assedio moral no ambiente de trabalho, então como tinha essa coleta, eu queria saber o que o profissional também achava, exatamente isso, o meu trabalho inclusive foi meio bagunçado, por que a minha idéia ainda era separar por categoria, eu queria que o profissional tivesse uma percepção, que o professor tivesse uma percepção., eu queria que o advogado tivesse uma percepção, que o defensor público tivesse uma percepção e eu ia fazer um gráfico com cada uma dessas percepções... com essas respostas que eu obtivesse....mais aí o tempo foi curto, não deu tempo, por que entregava um questionário pro defensor, pro professor, ele demorava responder, aí você tinha que fica só no e-mail, me devolve, me devolve.

JEANE: pelo amor de Deus (risos)

SUJEITO G3: é.... tinha professor que era muito simpático já dava o questionário, se dedicava, outros dava uma olhadinha e já respondia, teve uma outra que falou assim pra mim, o que é assedio moral? Eu falei, é exatamente isso que eu quero saber! (risos) Eu quero saber disso, aí a defensora falou mais me dá uma luz, conceitua pra mim... aconteceu essas cenas também.

JEANE: Então você passou por essa fase e acho que você passou de uma forma muito bacana né? Agora que você já tinha definido né o que você queria, já tinha claro pra você a seleção do seu assunto é.. você teve que levantar uma bibliografia pra te sustentar né, um processo de levantamento, aí tem algumas questões que eu queria ver com você, por exemplo, que estratégias você usou pra se informar sobre o tema? Onde que você foi buscar informações relevantes sobre esse tema? Que procedimentos relativos a um levantamento bibliográfico você adotou, por exemplo, localização, se você fez fichamento, que fontes que você utilizou, se você utilizou muitos livros da biblioteca, se você utilizou a internet?

SUJEITO G3: Então.... é... o que acontece é o seguinte, a gente tendo uma noção razoável de um trabalho de metodologia...

JEANE: e isso você tem? Por que você... você se identificou muito principalmente nessa área.

SUJEITO G3: mas tendo essa noção eu posso dizer o seguinte... que eu não tive os melhores dos procedimentos, tem que ver o que é certo, não tive por fatores de que levava a não ter mesmo também procedimentos corretos, que era fazer um fichamento, o certo era fazer um fichamento, de todos os dados que você fosse pegando, por depois você não teria trabalho por exemplo de escrever, você não teria trabalho de separar

Sujeito G3: Eu dizia que, no processo de capta os dados o certo era fazer um fichamento, para depois quando eu quisesse ir para o texto, eu tivesse menos dificuldade para fazer isso.

Bom, não fiz isso, eu primeiro peguei livros que achava que tinham conteúdo, por que você pega o sumario você vai vendo o você quer, scaniei todos os livros que eram interessantes, não foram mais que... scaniei três livros falar a verdade.

E todo o restante de conteúdo proveio da internet, todo o conteúdo veio da internet. Se tivesse feito um fichamento de tudo isso eu teria vantagem no sentido de elaborar um melhor texto, porque... por exemplo, a introdução eu escrevi bem, porque tinha todo conteúdo na cabeça então, comecei a escrever e fui embora.

O conceito eu também não tive dificuldade, só que chegou um momento que eu tinha o que elaborar uns dados, tinha que transmitir alguns dados, eu tinha que ficar lendo texto... texto que eu pegava na internet para ir colocando aqueles textos dava muito mais trabalho fazer isso, primeira coisa eu fiz errado, porque eu escrevia, quando terminou o trabalho eu tinha que reestruturar tudo novamente, tinha que colocar todas as citações. Isso eu não fiz, o certo é ir escrevendo as citações que fossem importantes de expor no trabalho, era para ter feito e não fiz.

Eu tive sorte, por que eu conheço uma pessoa que, ela tem contato com deficiente a muito tempo. Ela faz serviço voluntario para deficiente a 25 anos... ela é muito profissional na área é especializada tem psicopedagogia, ela... sabe tudo de deficiente, não há nada que... eu digo assim, que não há nada que eu pergunte para ela, sobre tudo deficiente visual, não tem como você fazer uma pergunta para ela, ela sabe libras, ela sabe Braille, ela sabe tudo.

Então, na hora de estrutura isso, essa pessoa foi importante, ela foi fazer visto comigo, digo que sem ela eu teria dificuldade muito grande porque, para lembrar, para separar todas as citações, tive contar muito com paciência dela para fazer isso, esse trabalho foi um trabalho que tomou dois domingos das sete até as cinco o dia todo sentado. Isso já estava pronto, já tinha feito o trabalho todo e reescreve o trabalho, mas por conta de ter feito desorganizadamente o trabalho e escrito desorganizado, de maneira desorganizado eu tive que perder muito tempo.

Jeane: Mas essa sua maneira que você chama desorganizada, é essa falta de conhecimento da metodologia de pesquisa ?

Sujeito G3: Também, eu sabia que tinha que haver um procedimento, tinha que haver um desencadeamento de cada ato, passo a passo, onde uma vez feito, no final iria estar tudo certinho, só iria apenas revisar, mas faltou um pouco de conhecimento.

Jeane: Você falou que buscou a grande maioria dessas informações na

internet. Como você buscou essas informações na internet ? Você selecionou só PDFs... você sozinho conseguiu chegar até os PDFs ?

Sujeito G3: Consegui, todos os textos... pautados no conteúdo que eu queria ver de sede moral eu consegui todos, apenas os dois, três textos que foi enviado pelo professor, mas eram mais textos voltados para filosofia, eram apenas para eu dar uma lida, escrever, ter uma idéia uma visão do texto, da implementada no texto.

Jeane: Você usou o Google ou usou base de dados ?

Sujeito G3: Totalmente o Google, porque é a página mais acessível que tem hoje, não dava para encarar outros meios.

Jeane: E a biblioteca da sua universidade você procurou ?

Sujeito G3: Não precisava nem procurar, porque não tem nada. Essa semana mesmo estava falando para uma amiga. Estudou eu no mesmo período e meu amigo Ricardo.

Ricardo hoje é procurador do município, é deficiente visual.

Jeane: Vocês são amigos?

Sujeito G3: Ricardo é meu amigo.

Ricardo, ele foi a estrutura que meu pai e que minha mãe não deu , ele foi essa estrutura.

Ele tinha 19 anos, quando eu tinha 18 e... ele tinha uma noção de vida, ele tinha uma base de vida, incomparável com a minha. Como se fosse 30 anos de distância, porque ele começou... a família já sabia que ele era cego desde cedo, não teve jeito e começou a estudar desde cedo.

Fora a inteligência descomunal que ele tem, não é um elogio fora do normal não, para dizer que antes de terminar a faculdade ele passou em um concurso que muita gente que está a cinco anos e não passa que é procurador do município, um dos concursos que todo mundo almeja, sem contar que ele sempre trabalhou como concursado em 10 anos, ele vai fazer 32, ele trabalha a 14 anos como concursado.

Ele já trabalhou no Banco Central, já foi oficial da promotoria, bom conta a história dele, depois ele conta, se ele vier aqui ele conta.

O importante é saber o seguinte, a gente é tão amigo que eu fui padrinho de casamento dele, ele é padrinho do meu filho, a gente é como se fosse irmão.

Nós quando começamos a estudar, conheci ele em 1997 e... é uma brincadeira tremenda porque eu acho que em 99 eu nem tinha concluído o fundamental, eu ficava estudando, eu falava assim já pensou se eu fizesse direito juntos.

É um negócio totalmente fora de realidade, por que ele já era formado em 98 pela ETI, ele tinha feito técnico pela ETI e... como muita mais condição de fazer uma faculdade primeira do que eu, uma realidade diferente da minha e eu falando essa bobagem né.

Eu falei você já pensou se nós fizéssemos uma faculdade juntos. Em 2004 nós fizemos e... assim, o grande problema que nos proporcionamos de modo geral foi o seguinte se você chegar na faculdade hoje de São Caetano e perguntar sobre nós dois, os professores vão dizer foram os melhores alunos que eles tiveram até hoje, só que tem um probleminha é o deficiente visual a gente foi os piores alunos que já tiveram até hoje. Por que nós nunca demos trabalho, nós nunca fomos atrás de nada, nunca buscamos nada, não fomos pentelhos ao ponto de exigir que tivesse as coisas lá. Se um deficiente hoje entrar lá precisar de adaptação, precisar de algumas coisas não tem nada. Já estão falando alguns anos em fazer as coisas acontecerem lá. Porque eles contrataram uma pessoa especializada essa pessoa me viu uma vez, me fez umas perguntas, não sei o que aconteceu, bom esqueceu. Não voltou mais no meu Campus, porque só tinha eu e ele é... e ficou no outro Campus mesmo, ou seja, tudo o que eu fiz foi na correria. Eu e o Ricardo era assim, terminava o ano, nós corríamos atrás, para saber quais eram os livros mais usados no ano seguinte daqueles livros, 10...12 livros até e scaneava nas férias. Nós sempre nos viramos do nosso jeito, nunca demos trabalho. É bom para gente, foi bom?... praticamente poucos colaborou com nossa vida acadêmica. Mas é ruim porque a gente não deixou nada de importante, para outros deficientes, talvez fosse melhor que falássemos que nós fôssemos chatos demais, mas lembrar, não, isso tem porque eles brigaram para ter... isso é uma deficiência nossa.

Jeane: Eu imagino a quantidade de material nesse processo de investigação vocês colheram, como foi que vocês selecionaram as informações mais relevantes?

Quando você falou assim, "a gente lia", você lia em Braille ou no computador.

Sujeito G3: No computador!

Eu aprendi muito Braille no começo da minha alfabetização em Braille e depois, eu digo que no curso de direito é impossível usar o Braille e no trabalho de conclusão de curso mais ainda, quando falam de direito talvez tenha uma pessoa que saiba Braille, mas numa capacidade tão ultra normal que me desminta nesse sentido, mas ao meu ver é difícil, então assim, tudo é no computador, ficava horas e horas selecionando, selecionava um texto, e aí você fazia uma produção "esse texto é bom ???... é !!!".

Se você achava que era bom você guardava, depois que você selecionava aí cinco, seis textos, aí você pegava e começava a ler, os mais organizados tipo Ricardo iria demarcando os pontos mais importantes, eu achava que tinha boa memória eu falava assim, eu lembro dessa parte aqui depois eu pego, pegava três informações parecidas uma com a outra e depois ficava difícil de achar.

Jeane: E bibliotecário você procurou ajuda de algum bibliotecário, pra te orienta, que te oriento que te ajudou em alguma apostila.

Sujeito G3: Desde quando você falou no começo, que... hoje ainda é difícil achar algum bibliotecário que tenha conhecimento, é difícil mesmo, é raro achar hoje e na minha faculdade não seria diferente, o bibliotecário iria lá, para que ele era importante, qual papel que ele exercia de importância para mim, que todo mundo poderia pegar livros de 7 para 8 dias para scanear, aí concedi um prazo maior, quando o coordenador na faculdade mudou, esse coordenador que era bem amigo e... com ele tinha até uns privilégios. Aí mesmo que ela não quisesse dar, aí era obrigado a dar. Entendeu, porque ele já me conhecia tal, já já me conhecia, a importância da bibliotecária da faculdade foi só nesse sentido.

Tipo terminava o ano, eu preciso desse livro por trinta, porque eu vou scanear-los, depois se achar alguém eu vou pedir para corrigi-lo, do contrário, não há, não havia pelo menos ali alguém com conhecimento para ajudar entendeu, eu não digo da vontade. Mas por exemplo, A sede marroco eu precisei, eu falava você tem como pesquisar alguns periódicos para mim, selecionar revistas. Passo dois meses meu trabalho estava quase pronto e nada veio. Então, quer dizer, tentei eu juro que tentei, mas também não tive sucesso.

Jeane: Pelo que estou entendendo, você usou praticamente a internet, as ferramentas de tecnologia da informação foram suas aliadas nesse processo, mesmo livro impresso você scanear, você usou bastante a internet, em relação a tecnologias acessíveis, como que foi, foi fácil, que dificuldade você teve no ponto de vista de acesso a fonte de informação e conteúdo e a tecnologia nesse processo de coleta, os sites estão acessíveis, se os leitores de tela são atingem a expectativa que vocês esperam, se os documentos digitais são acessíveis também, a questão dos leitores que leiam PDF, dos que não leiam PDF, como foi esse processo? Quem ajudou nessa etapa?

Sujeito G3: Tecnologia como falamos né? O Ricardo ele já conhecia desde cedo, então eu nunca fiz um curso de informática na verdade mais tudo que eu aprendi, aprendi com ele eu tinha dúvida eu ligava lá e perguntava como que faz? Isso em 2004 quando chegou em 2007 finalzinho de 2007 eu não tive muita dificuldade para procurar esses textos, claro dificuldade em relação eu e outra pessoa que sabe demais aí até tive mais apanhando do meu jeito eu procurei todos os textos, eu selecionei todos os textos eu tinha melhor leitor de tela que era o Jaws, inclusive falei para Ricardo que o Jaws ele é o melhor leitor de tela porque quando todos os sites estiverem totalmente acessível aí pronto o casamento seria perfeito com o Jaws, porque ele já é bom demais então tinha eu tinha esse melhor leitor de tela onde eu conseguia ler todos os documentos teve páginas que não foi possível acessar porque a página se mostra num momento que é português quando você vai ver está em inglês e aparece uma coisa lá que fala traduza essa página...rs eu

nunca consegui traduzir aquele negócio...rs Essas dificuldade eu tinha mais eu relevava porque eu já notava porque quando não dava eu já notava falava traduza essa página não, não vou traduzir nada, volto a partir para outra pesquisa o segredo estava em que mudar a palavra do que eu queria pesquisar então seu eu queria pesquisar assim é...um exemplo, jurisprudência sobre assédio moral ai começava a vir um monte outras coisas na página eu mudava então eu falava assim: assédio moral e jurisprudência ai pronto ai aparecia eu ia pegando então dificuldade tive? Tive até porque eu ainda não era e não sou completo na área de pesquisa uma coisa que não sabia e vim aprender depois que terminei o trabalho coloca sempre o que você quer entre aspas eu fazia isso apanhava mais.

Jeane: Apanhava mais né.

Sujeito G3: Apanhava mais, mais uma coisa que só vai aprender com o passar do tempo mexendo, mexendo você termina de fazer uma coisa e depois aprende outra.

Jeane: Concerteza, mais Sujeito G3 você lida bem com informática né?

Sujeito G3: Eu me viro dentro da minha necessidade, o aprendizado ele decorre com a necessidade dentro da minha necessidade tudo que eu quis fazer até hoje eu fiz, acho que isso que é o ponto interessante, tudo que eu quis fazer, por exemplo, quando eu tava pesquisando os textos para o desenvolvimento do trabalho, se me perguntassem antes de eu fazer a pesquisa se vai conseguir? Eu certamente ia dizer o seguinte: não faço a menor idéia, eu ia dizer isso por não ser uma pessoa preparada tecnicamente na informática eu ia dizer isso, mais eu comecei a procurar sozinho foi vindo os textos, foram chegando e depois que terminar a pesquisa se me perguntar conseguiu? Consegui entendeu de acordo com a necessidade eu consegui selecionar todos.

Jeane: Me fala uma coisa ai você fez todo esse processo buscou todas as informações, coletou, juntou o que seria realmente relevante construiu seu texto você já me contou sua experiência com a questão da citação né, que causou um certo grau de dificuldade, mais assim em algum momento você precisou concluir esse trabalho né? apresentá-lo, resultado, etc... O que você achou ai nessa conclusão chega a conclusão também de tudo né? Então eu queria saber algumas questões em relação a isso.

Jeane: Você conseguiu sintetizar a questão principal a questão central da sua pesquisa em relação à apresentação do trabalho do ponto de vista formal, de normas técnicas, de direitos autorais, na questão estética, ética e legal que volta a informação, foi tranquilo para você? O que você achou mais difícil nesse processo? Sabe aquela apresentação formal mesmo de trabalho capa, a citação você já falou que dá dificuldade e sumário, normas da ABNT, referência bibliográfica, o

objetivo principal que é responder a grande pergunta que você fez pra você no início foi fácil? Que dificuldade você achou mais difícil nesse processo?

Sujeito G3: Fácil não foi, fácil não foi, porque toda vez que o ser humano depende de outras ações de outro ser humano é... nunca é fácil as coisas é...pode ter certeza que a senhora vai fazer seu trabalho com toda capacidade que a senhora tem, e em algum momento a senhora já em algum dia já deve ter ficado nervosa se não ficou vai ficar né? RS...

Jeane: RS...você tá me animando.

Sujeito G3: Se não ficou vai ficar, porque sempre tem um dia que parece que as coisas não andam né? Sempre acontece isso né?

Jeane: Eu tô nessa fase do desespero... rs

Sujeito G3: Não que sirva pra gente pagar com as coisas, mais é importante agente saber disso agente não pode viver no mundo que acha que as coisas vão andar tudo certinho, se não você se ??? mais ainda tem que saber que pode haver obstáculos no meio do caminho comigo não foi diferente esse era um trabalho de colocar todas as regras da ABNT, eu estudei, olhei, eu dei uma olhada no meio trabalho do ponto de vista ético. Isso teoricamente sabia tudo, só que na prática precisava de visão, precisava alguém olhar, precisava de alguém dando uma conferida.

Como a pessoa foi importante nisso, porque depois que eu fiz, levei até ele para que fizesse uma revisão disso e ele aprovou, mas essa amiga foi fundamental para fazer tudo isso. Esse ponto sim, quando chegou nesse momento de dificuldade maior que era centralizar, deixar tudo de acordo com as regras da ABNT, as citações e tudo.

Eu tive que sentar com ela, teve outros finais de semana também para fazer isso. Porque ela tinha um conhecimento maior, depois que ela fez tudo isso, ela falou “está OK”.

Eu li todo o texto, revi mostrei para o meu sogro, depois que ele falou tá tudo OK, depois imprimiu ainda assim, descobrimos algumas falhas.

Ainda assim, tivemos que concertar e imprimir tudo de novo, fizemos... colocar a capa, sempre falando o seguinte, quando você precisa de ações, você vai ter dificuldade. Quando você precisa pagar você não tem dificuldade.

Você paga, você faz do jeito que você quer, quando você precisa do carinho da boa vontade, da qualidade da outra pessoa que, qualidade essa que certamente você não tem aprendido, aquilo que ela sabe, fica um pouco mais complicado, primeira coisa, você precisa ficar amigo da paciência, e da política saber como lidar com aquela pessoa, como pedir, pedir de uma forma que ela não fique stressada, não fique brava com você.

Então é uma política difícil de você lidar no caso do deficiente visual.

Jeane: Que sensação você tem, em relação à conclusão do trabalho? Quando você entregou, você falou vai com Deus, é assim, foi uma sensação alegria, de dever cumprido, sabe... de satisfação, como você se sentiu ?

Sujeito G3: Tem dois pontos de vista, sobre o ponto de vista da chatice é...eu no meu dia a dia que converso muito pouco, eu praticamente não falo, tenho vontade de gritar.

Quando foi para entregar eu quase arremessei.

“Não pega da minha mão, deixa que eu jogo”, eu falei.

Agora, eu sobre o ponto de vista acadêmico , sim, acho que foi a parte melhor que teve, estava chegando uma realização, parecia que estava chegando o fim de um sonho que a cinco anos atrás tentava se realizar, não tinha se menor idéia, que poderia andar pelo primeiro ano, quando você entrega o trabalho, eu sabia das minhas notas na faculdade, já era uma época de prova, você fala não tem como você retroceder, daqui não volto mais, daqui eu só posso andar para frente, porque para atrás não volto mais porque acabou, então essa parte foi importante para mim, foi mais importante do que a colação.

Jeane: O que eu concluo de tudo que você colocou é que, o professores não. talvez em todo a representatividade foram grande aliados seus, no seu processo de formação e o bibliotecário teve um processo muito pequeno nesse processo, de ajudar a construir seu conhecimento.

Sujeito G3: Até para ficar bem claro sobre o professor qual foi seu entendimento?

Jeane: Que o professor teve um papel mais importante, nesse processo, tanto de construção do trabalho acadêmico, do que a sua formação, o bibliotecário teve um papel secundário, não teve um papel importante, de colaboração de ajuda intelectual, mais atuante.

Sujeito G3: Até para ficar bem claro, talvez eu não tenha tocado nesse assunto, todo tempo eu não toque nesse assunto, mas não eu acho que o professor teve o mesmo papel do bibliotecário, em todo o processo, todo estudo do primeiro até o quinto ano e essa é a grande dificuldade que nós temos hoje, não há como criar programas, não como investir no leitor de tela em acessibilidade, senão investimos primeiro sobre as pessoas, até por colocar uma pagina de internet acessível, aquela pessoa tem que ser preparada, ela tem que sentir na pele de quem vai mexer do outro lado, porque senão for assim, podemos criar modelos de acessibilidade, mas não forma ferramentas de acessibilidade e para criar ferramentas é preciso ter pessoas preparadas, investidas, a pessoa ela deve ser investida, ela tem que valor, ter certeza que você tem valor, você tem um valor externo das pessoas que lhe vê pelo trabalho que você faz, mais ainda você tem uma valor interno dentro de você pelo que você aprendeu, com capacidade que você tem de lhe dar com deficiente, hoje 90% das Universidades mesmo dos ambientes privados

não tem o que pior, quando não tem preparo, mas tem boa vontade, a grande dificuldade, é quando a pessoa não tem preparo e ela sabe que não tem preparo e cria uma pré-potência encima disso, uma resistência, eu encontrei muito isso na faculdade, não a ponto de brigar, porque que eu falei, eu sempre me virei do meu jeito, se a pessoa não ligava para mim, eu não iria contradizer, então estava tudo certo, iria fazer to meu jeito e foi assim, meu primeiro ano foi assim.

No meu primeiro ano ficou três meses perguntando para todo mundo da sala se tinha dúvidas menos pra mim, eu achei... ou ele achava que eu sei demais ou acha que eu conheço muito ou... não pergunta para mim porque não que falar comigo, ele passou a falar comigo, ela passou a falar comigo depois da primeira prova que eu fiz, que eu tirei 9, a media da sala foi 6, depois ele passou a falar comigo, até hoje eu não entendi porque.

Até hoje eu não fui perguntar para ele, eu não entendi porque ele não falava antes e passou a falar depois. Quando o professor é preparado, mas ele tem boa vontade e é humilde é ótimo, é a mesma coisa que tem, que nem seu secretário, porque esse você pode contar com ele todo tempo, quando ele não é preparado e cria uma prepotência, uma resistência encima disso, ai sim, realmente não tem como, eu acho que pelo professor ser fundamental em estar com você todos os dias, eu consegui até dizer que o papel dele foi menor que de um bibliotecário na faculdade.

Sujeito G4

Jeane: Agente oferece curso de informática...a pesquisa de doutorado, eu faço doutorado na USP, e a minha pesquisa de doutorado Sujeito G4 e sobre o processo, eu pretendo mapear que habilidades o deficiente visual tem que desenvolver para ele seja autônomo no seu processo de busca pela informação, que envolve uma serie de fatores para que qualquer pessoa se torne autônomo no seu processo de busca da informação sobre tudo o que que eu escolhi, a pesquisa acadêmica, por exemplo, você fez que curso?

Sujeito G4: Eu fiz redes de computadores.

Jeane: Na Metodista.

Sujeito G4: Isso, na Metodista de São Bernardo.

Jeane: Se formou em 2008.

Sujeito G4: Isso, metade de 2008.

Jeane: E você, quando você se formou você teve que fazer um TCC, não é isso?

Sujeito G4: Isso, na verdade o meu curso foi tecnólogo então na verdade ele não tem um TCC final igual a uma graduação completa.

Jeane: Um bacharelado?

Sujeito G4: Isso, ele é um trabalho de conclusão de curso, pelo que eu compreendo a única diferença dele e que ele não precisa seguir todas as normas de um TCC, então a formatação dele é diferente, a formatação do nosso trabalho foi de um projeto para uma empresa no caso fictícia.

Jeane: Mas teve todo um processo de pesquisa, estruturação, produção de tema e etc?

Sujeito G4: Sim, sim, sim.

Jeane: Então esse trabalho foi individual ou em grupo?

Sujeito G4: Foi em grupo.

Jeane: E o tema qual foi o tema dele?

Sujeito G4: Agente fez um trabalho de estruturação de uma rede, uma rede de computadores para uma empresa, no caso agente fez para uma empresa real mesmo que agente conseguiu uma espécie de parceria com eles, então agente foi a campo e fizemos uma pesquisa de quais

eram as necessidades da empresa e com base nisso agente montou um projeto de rede, dizendo “olha, vai precisar de tantos computadores, tantos ou tal estrutura para servidores”, enfim toda a estrutura tecnológica, o trabalho teve outros em focos então agente acabou abordando também a parte financeira também da parte do trabalho, qual era o custo que isso iria gerar para o cliente teve toda essa parte.

Jeane: Então teve uma fundamentação teórica?

Sujeito G4: Também, teve sim.

Jeane: Então assim Sujeito G4, dentro de um processo não só de um TCC mas também de outros trabalhos que você deve ter feito também dentro do seu curso, todo trabalho acadêmico ele tem, ele segue um norte então qual é...

Ele tem um começo, meio e fim, então agente dividiu esse começo, meio e fim em algumas etapas, e o que agente vai conversar, porque o que eu pretendo é mapear quais as dificuldades que vocês sentiram durante esse processo de construção de trabalho acadêmico para que agente possa sugerir as escolas, sugerir as bibliotecas e ao próprio governo federal algumas ações que eles possam desenvolver para minimizar essas dificuldades que o deficiente visual, desde a orientação metodológicas até a questão da acessibilidade...

Sujeito G4: Ah sim!

Jeane:... e só conversando com vocês que agente vai ter a real visão, de qual realmente foi a sua dificuldade nesse processo de desenvolvimento de um trabalho acadêmico.

Então assim agente dividiu essas etapas da construção de um trabalho acadêmico em seis partes a primeira seria o início de tudo é quando vamos supor o professor falou para vocês que vocês teriam que fazer o trabalho de conclusão de curso é assim a primeira parte, como vocês recebem a notícia? Nesse processo o que o professor pediu exatamente? Desde o início você compreendeu aquela tarefa? Foi ele que estabeleceu o tema ou como que foi me conta como que foi isso pra você?

Sujeito G4: Na verdade o professor falou pra gente, pra todos os grupos e passou primeira diretriz, no caso do meu curso, vou focar no último trabalho que agente fez que foi o de conclusão de curso era para agente fazer, estruturar uma rede de computadores de médio porte então o primeiro norte que ele passou pra gente foi isso, “vocês tem que pegar uma empresa, uma instituição enfim que seja da escolha de vocês vai ter que estruturar uma rede de médio porte”, a partir desse momento o nosso trabalho foi começar a localizar uma empresa, agente tinha umas regras também que era se possível que a empresa não fosse com fins lucrativos, então agente conseguiu localizar uma empresa uma, na verdade foi uma instituição com essas necessidades e que a demanda deles não era uma demanda muito grande, então não era uma

instituição muito grande; uma vez feito isso, uma vez localizado isso agente devolveu para o professor esse “feedback”, “olha conseguimos localizar tal empresa, então já estamos com uma parte aí perguntamos para ele e agora quais são os próximos passos?”, aí ele pegou e passou pra gente o próximo passo “agora vocês têm que levantar qual é a real necessidade da empresa” uma vez com essa informação agente foi até a empresa para fazer um primeiro contato com eles. Agente procurou um gestor lá de dentro, alguém que conseguisse nos dar esse retorno, com base nas informações dele, nas informações técnicas enfim que ele ia passando pra gente e com a não base na nossa pesquisa também, lá no local, os meus colegas no caso tiraram fotos de toda a estrutura de rede, fotos do local, pegaram as informações que a empresa lidava, qual que era o risco dessa informação enfim, com base nisso agente sentou e montamos como se fosse uma relação de todas as dificuldades novamente agente foi para uma outra acessória que agora o que foi pedido pra gente agora seria fazer todo o projeto.

O professor falou “vocês já fizeram a pesquisa, já tem a necessidade agora o que vocês precisam fazer e desenvolver o projeto”, o que que é esse projeto...

... com base nas dificuldades e nas necessidades que agente achou o professor falou pra gente “agora o que vocês precisam é montar o trabalho” e no que consistir esse trabalho é pegar soluções de mercado então fazer pesquisa de solução mercado, que agente podia aplicar nessa empresa que você atender eles, então você atender em quais sentidos? Você atender no sentido financeiro, então podia ser nenhuma solução tecnológica que consumisse dinheiro em demasia e uma solução que atendesse as necessidades deles, compartilho de arquivo, enfim que atendesse todas as necessidades deles, com base nisso que começou nosso verdadeiro trabalho...

Jeane: Verdadeiro trabalho.

Sujeito G4: Que foi começar a “correr atrás”, ligar para as empresas...

Jeane: E vocês recorreram Sujeito G4 assim a busca de material acadêmico vamos supor assim livros, vocês foram busca na internet que fontes de informação vocês usaram, outras fontes de informação vocês utilizaram para complementar as informações para o trabalho de vocês, alguma fundamentação teórica ou não?

Sujeito G4: Assim teve uma fundamentação teórica sim, não foi uma fundamentação teórica muito extensa porque como o curso é tecnólogo eles focam muito no processo final então nosso trabalho de TCC foi como um projeto mesmo, com dados financeiros, dados técnicos e só mas por ainda está dentro da academia eles ainda pediram uma pequena parte de teoria.

Jeane: Então vamos se apegar nessa pequena parte de teoria porque é nesse processo da busca da teoria que agente vai trabalhar.

Sujeito G4: Ah, legal, perfeito!

Jeane: Por exemplo nesse processo da busca da teoria você teve que selecionar o tema, primeiro ato é você selecionar o tema que foi professor que deu que foi o projeto sobre redes, montar uma rede verdadeira ou fictícia em uma empresa mas esse pouco, essa pouca teoria que você abordaram, como vocês definiram essa busca? Que estratégias que você utilizou para buscar essas referências, essa fonte de informação?

Sujeito G4: A primeira coisa que eu fiz foi me focar nas necessidades da empresa e buscar os assuntos nisso então eu vi lá que eles tem dificuldades e não tem segurança com a parte de arquivos então a primeira coisa que eu preciso pesquisar e sobre a segurança da informação, depois eu via lá com eles, eles precisam fazer a disponibilização de algumas informações no site da internet, agora a segunda coisa que eu preciso procurar e uma matéria que diga como uma matéria deve ser mostrada para o publico, qual a melhor estruturação para mostrar para o publico para que ele possa entender o que a empresa quê passar, então a minha fundamentação inicial foi essa, foi colher com base no que eles precisavam o que eu precisava pesquisar, com isso em mãos, com as matérias que eu precisava pesquisar a minha busca foi mais na internet com matérias disponibilizados em site enfim pela internet a minha busca não se concentrou em livros acadêmicos mas teve uma parte do grupo que sim, que se concentrou em livros acadêmicos então eles foram a biblioteca da faculdade, foram a outras biblioteca enfim para conseguir livros pra poder estudar e eu acabei me concentrando mais na pesquisa da internet, então acabei entrando nos sites de algumas empresas porque tem algumas empresas que acabam explicando sobre a tecnologia, explicando...Então eu me foquei muito nisso, em entrar na internet e pegar material dessas empresas, Wikipédia todos esses lugares que eu ia entrando e encontrando essas informações eu ia pegando e copiando e depois lia esse material e reestruturava na mente todo um texto em cima disso, montava um texto teórico e depois que eu montava esse texto eu ia lá no projeto com os meus colegas onde alguns já estavam lá trabalhando ai eu arrumava um jeito de colocar essa parte teórica dentro daquele projeto que era bem pratico, então agente tinha uma partezinha que agente pegava e arrumava dentro do sumario, geralmente era antes do requisito que agente ia tratar por exemplo agente ia tratar, agente ia falar agora para a empresa que ações que ela tinha que tomar para começar a proteger os arquivos da empresa então antes agente colocava um tópicozinho acadêmico, colocava lá segurança da informação e ali começava a discorrer tudo sobre a parte acadêmica, tudo que precisava ter enfim, para depois ir para parte pratica mesmo, para dizer “bom então vocês já tiveram uma fundamentação teórica do

que é a segurança da informação, do que precisa fazer então agora vamos inserir para parte pratica o que você precisam comprar, o que vocês precisam instalar para ter isso que vocês viram anteriormente na parte teórica ”.

Jeane: Você disse que você foi na internet, buscou todo esse material você deve ter colhido muita informação, de que forma? Você verbalizou que você lia, você formulava a partir daquela leitura um texto em cima daquele assunto e etc, de que forma você organizou essas informações? Porque assim agente vai na internet pega um pedaço daqui, guarda um pouquinho, pega outro pedaço dali e assim se agente não se organizar agente acaba se perdendo em meio a tanta informação não é isso? De que forma você organizou essas informações?

Sujeito G4: Eu primeiro montei tipo um arquivo de texto mesmo com tudo que eu precisava falar então eu preciso falar como que pensa um “racker” um invasor de computador ai eu ia lá lia todos os matérias que eu achava na internet, tudo que tem, como a pessoa pensa, o que quê ela quer quando invade quando invade alguma coisa, depois que eu lia tudo isso daí eu vou La e escrevo como que pensa ai eu ia lá e riscava do meu textinho, bom sobre isso aqui eu já falei ai eu lá no próximo tópico ai ainda dentro de segurança e como que as pessoas, as empresas agem com isso, elas estão preocupadas , não estão? Ai eu ia lá relia a minha pesquisa ou então selecionava algumas coisas e ia direto em algum texto que eu sabia que tinha aquela informação, lia aquilo ia lá e montava aquele texto e colocava em baixo do outro texto e assim eu ia indo...

Jeane: Ia construindo e nesse processo de busca, de coleta desses dados você, qual foi a sua maior dificuldade? Foi em formular o texto, juntar todas as informações e escrever ou no ato de buscar a questão acessibilidade do site? Queria que você falasse um pouco mais sobre isso, dos próprios leitores de tela, como que você trabalhou isso?

Sujeito G4: Então a minha dificuldade foi basicamente duas vamos falar assim, uma foi nem tanto de acessibilidade mas de disponibilidade vamos mesmo, porque eu não encontrava muito texto apesar de existirem muitas empresas que colocam no seu site essas coisas teóricas, sites de instituições, o material e um pouco escasso ainda, então foi de você encontrar, muitas vezes eu usava o Google por exemplo e não podia ficar na primeira parte porque tem que ir lá fazer a para as outras paginas de busca e a segunda parte eu encontrei dificuldade mas na parte de livros mais de livro, muitas vezes eu encontrava uma livro, já digitalizado já, então alguém teve a idéia ou boa ou ruim porque tem toda essa questão dos direitos autorais em cima enfim ele foi lá e disponibilizou o livro então aquele livro para quem enxerga o livro já estava lá para quem enxerga o livro, quem enxergava podia ia lá baixar e pegar o livro e lê mas eu pegava esse livro mas não conseguia lê porque eu baixava mas ele estava num formato

que não era acessível aí o que eu fazia nesses casos, pegava ou pedia para alguém ler o material só que aí eu não ia pedir para a pessoa ler o texto inteiro pra mim, aí eu falava “lê o sumário, vai para tal página para ver se agente acha” ou então agente tem alguns truques tecnológicos que agente tenta jogar em cima para tentar fazer o que não é acessível ficar, mas nem sempre o resultado é muito satisfatório, entendeu?

Porque qual é esse processo, normalmente vocês pensam que são inacessível, eles estão como figuras então o que quê a pessoa fez, ela colocou o livro no scanner, scanneou esse livro só que ela scanneou como uma figura então na tela está escrito um monte de coisas mesmo, escrito textos, textos e textos mas aquilo para o computador aquilo é uma imagem, é uma figura não é texto então se aquilo é uma imagem o leitor de tela não consegue ler imagem por mais que estejam mil e uma letras na tela mas como o computador entende aquilo como imagem o leitor de tela também vai entender aquilo como imagem e sem imagem ele não vai ler nada pra mim, então agente passa uns programas que agente chama de... Eles são reconhecedores de caracteres o famoso OCR então o que ele faz, esse OCR sai lendo todo o texto tenta reconhecer os caracteres que estão naquele texto e para transformar aquilo efetivamente num texto puro, só que esse reconhecimento nem sempre é perfeito, então tem um monte de falhas no meio, a falha mais comum é confundir “barra” com número “um” ou confundir o número “um” com uma “vírgula” então depois que você faz todo esse processo além de ser um pouco demorado porque não é tão rápido assim depois ainda você vai lendo e vai tropeçando nessas coisas, nada que empeça você de lê, você vai lê um número ou vai ler uma palavra com “o” vamos pensar que está escrito a palavra horário por exemplo aí ele está lendo lá aí ele lê lá “hzero horario” aí você começa a pensar “hzero horario, hzero horario” ...

Jeane: Hzero é H2O... risos

Sujeito G4: Aí você vai deduzindo alguma coisinha lá pelo caminho, mas não é nada que impeça a pesquisa, mas emperra um pouco a pesquisa, demora, então qual seria a primeira coisa, seria que esses livros já estivessem num formato já de texto puro ou a palavra certa seria não texto puro porque texto puro se entende como texto sem formatação, o texto pode até ter formatação, ser muito bem apresentado só que tem que ser texto mesmo não pode ser figura porque se for figura cai nessa questão agente tem que passar o reconhecedor de caracteres e o reconhecedor de caracteres nem sempre vai reconhecer o que é realmente que está na tela.

Jeane: Sujeito G4 você trabalha na área, na sua área de formação?

Sujeito G4: Trabalho.

Jeane: Ah, que legal, você trabalha em quê?

Sujeito G4: Eu trabalho com redes de computadores.

Jeane: Ah que bacana!

Jeane: Mas é alguma empresa?

Sujeito G4: Na própria universidade que eu me formei.

Jeane: Ah é verdade, desculpa, você já trabalha lá nessa área?!

Sujeito G4: Isso, isso.

Jeane: A Metodista tem um trabalho bem interessante de digitalização de livros, não têm?

Sujeito G4: Têm, tem sim, lá tem toda uma parte lá de livros que você entrega, por exemplo, uma primeira necessidade que tem lá é pegar com o professor que livro vai usar naquele semestre, com base nisso você leva para a biblioteca os livros que você quer que sejam transcritos, só que de vez em quando a demanda como é muito grande eles pedem para que não seja todos os livros então geralmente tem que pegar um livro principal, então o livro principal desse semestre é tal então agente vai trabalhar em cima desse livro os outros demais livros que seriam necessário também mas que não é o livro principal aí infelizmente não tem o suporte, só tem mais para o livro principal. Mesmo tendo o livro principal se o livro for muito grande as vezes tem livro que é muito grande, tem livro que as vezes tem 300, 500 paginas e olhe lá se isso basta também não é transcrito o livro inteiro, aí é feito uma segunda filtragem quais são os capítulos principais de novo, aí em cima disso é feito a digitalização, todo um trabalho então nem sempre agente pega o livro inteiro de uma vez então de vez em quando agente pega tal capítulo lê tal capítulo aí tem que esperar a biblioteca acabar de digitalizar o outro capítulo vai aí voltar lá e pegar o outro capítulo.

Jeane: E os e-books o que quê você acha dos e-books, você já teve acesso a um e-book?

Sujeito G4: A um livro propriamente dito como um e-book eu nunca tive acesso porque qual que é um propriamente um e-book? Geralmente é um programinha... não, me desculpe, não é um programa é um aparelho, é um aparelho que existe deixa eu vê... da Sony que se eu não me engano...

Jeane: ... que você consegue acessar do seu desktop o Kindle, mas o e-book você consegue ver em qualquer computador.

Sujeito G4: Então, mas o que quê eu queria falar é que existe e-books que são em formatos fechados e não tão populares que é o caso do

Kindle ainda não é tão popular, é agora também o caso da Apple que usa o mesmo formato.

Jeane: “Palm” não sei das quantas...

Sujeito G4: Isso! Então esses formatos, eu nunca tive acesso e eu tenho até dúvidas mesmo, em relação a acessibilidade deles, por exemplo, você pega um livro que é para esse leitor e-book Kindle, por exemplo, no próprio Kindle não há acessibilidade certo. Então próprio Kindle não há leitor tela não há nada que rode nele que forneça acessibilidade, e o formato do Kindle o leitor de um livro que é para o Kindle é apenas para o Kindle, então não tem nenhum software de computador que consiga ler isso. Então esse formato de livro é por enquanto, para mim, inacessível!

Agora se você pega um e-book que ele é num formato mais conhecido, por exemplo, está num Word, enfim, até está num pdf. nesses formatos aí sim eu consigo ter acessibilidade, porque eu pego esse livro eu leio num software para desktop, quanto notebook, que é a mesma coisa que um desktop e dá até pra ler em celular. Então esses e-books eu consigo ter acesso, porque são em formatos mais conhecidos. Agora os outros que são formatos um pouco mais fechados, ainda não consigo.

Jeane: Não dá, né?

Sujeito G4: E mesmo assim cai naquela questão que a gente estava conversando um pouquinho antes, se o livro foi escaneado para dentro do computador como uma figura...

Jeane: Dançou.

Sujeito G4: Sim, sim. Mesmo que ele esteja dentro de um Word, ele pode estar dentro de Word, só que ele foi como figura.

Jeane: Salvo como imagem, né?

Sujeito G4: Isso. É como eu falei, existem práticas, existem softwares que não conseguem reconhecer, sabe?

Jeane: Tem jeitinhos, né?

Sujeito G4: Sim, você vai ter um trabalhinho a mais, enfim, e talvez não com uma qualidade tão boa.

Jeane: Então assim, voltando àquela questão da construção do trabalho. Depois que vocês recolheram, coletaram todos os materiais, definiram sobre o tema, fizeram a pesquisa de campo e etc, vocês tiveram que juntar todas essas informações pra produzir o texto em si, né? Pra produzir o produto que vocês iam entregar. Como foi esse processo pra vocês? Vocês tiveram que também ficar atentos a questão

de normas da ABNT, à questão de direito autoral, a todo o código de ética que rege a pesquisa acadêmica? Fala pra mim como foi isso pra vocês.

Sujeito G4: Na verdade, isso foi um trabalho muito de reunião. Então a gente sentava todo mundo junto do grupo, que era em torno de mais ou menos umas seis pessoas, e primeiro a gente montava na mente qual que ia ser a estrutura do trabalho. Então, como eu já disse pra você, antes teria que ter uma parte teórica, e depois da parte teórica a parte prática. Então, sempre o trabalho foi feito nesse formato, teórico depois prático, teórico e prático. E dentre ainda desses teóricos e práticos tinha mais uma outra coisa ainda, que a primeira parte era esboçar o problema pra empresa, porque a gente tinha colhido os dados com a própria empresa, mas a empresa muitas vezes nem sabia que eles tinham aqueles problemas. Nós tínhamos que mostrar pra eles que eles tinham aquele problema, depois vem a segunda parte, que foi mostrar pra eles que a gente tinha uma solução pro problema deles, e a terceira parte era mostrar pra eles qual que era a solução efetiva. Então a gente estruturou o trabalho dessa forma, então a gente escreveu mesmo num papelzinho, rascunhou, então a primeira vai ser teórica, explicando qual é o problema deles, depois a segunda parte vai ser prática, explicando ainda quais são os problemas deles. Terceira, a quarta parte vai ser prática, explicando pra eles o que existe no mercado. E por fim, uma última parte teórica sobre a solução de mercado que existe, e por fim de tudo, a sexta parte, seria uma parte prática já com a solução que a gente está fornecendo pra eles. Então, foi a primeira coisa. E depois, que que a gente fez? Cada pessoa ficava mais ou menos responsável por uma coisa, ou cada grupo de duas pessoas se eu não me engano. Então duas pessoas ficaram responsáveis por fazer a parte teórica a prática sobre quais eram as necessidades da empresa. Então na hora que a gente formatou o trabalho, a gente chegou pra essas duas pessoas, que eram responsáveis por essas parte e falou: cadê todo o material que vocês colheram? Aí eles falaram: todos os textos estão aqui, certo? Então, o que que a gente fez? A gente relia aqueles textos deles, jogava lá pro trabalho, tudo formatado, enfim. Tudo bem, daí encerrou essa parte, essa parte de explicar pra empresa quais que eram os problemas que eles tinham, a gente já forneceu. Então, vamos pegar agora quais eram as outras duas pessoas responsáveis por... ah... fazer toda a fundamentação teórica e prática, né, sobre... ah...o que que existia no mercado de solução. Ta, então eram lá uns dois colegas. Então, cadê os textos que vocês trouxeram? Ta, os textos, toda a pesquisa, está tudo aqui. Então a gente relia, todo mundo junto, fazia alguns acertos eventuais que precisava e depois ia lá e encaixava essa segunda parte na parte de baixo desse trabalho, depois da primeira parte. E por fim, ia nos outros dois colegas que ficaram responsáveis por fazer a parte final do trabalho, a parte teórica e prática final, que seria já a solução mesmo que a gente ia apresentar pra empresa e tal, tal, tal. Daí, chegava e bom, toda a parte tá aqui. Então, vamos lá. Então, vamos lá, ia lá pro

fim do trabalho, jogava essa segunda pesquisa lá pro fim e encaixava, encaixava todas as palavras, tudo o que precisava, tudo direitinho.

.Lado B

Jeane: ...e tanta riqueza de detalhe que eu falei.. que eu tava aqui pensando. Meu Deus, eu queria ter a metade da memória desse menino.

Sujeito G4: que eu também perdi, pedia não, a gente pegava. A gente ficava todo mundo lá junto que mais foram?... sábado. Bom...tá certo que foi irresponsabilidade nossa a gente deixava as coisas pra fazer em última hora. Mas o que. Mas pelo que eu me lembro foram dois sábados inteiros. Tipo inteiro mesmo. Tipo chegava lá as sete da manhã e saía as seis, seis e pouca da noite e o último que a gente viu que a coisa tava apertando, aí foi até de madrugada, e saiu da faculdade foi pra casa de colega e terminou por volta de duas horas da manhã, daí deitou cada um num canto. Risos .

Foi mais ou menos essa parte que a gente organizou, juntou tudo. E como tinha um pessoalzinho do meu grupo que era bem, bom, entre aspas perfeccionista.

Ai depois eles ainda voltaram, depois que o trabalho tava tudo remendado, tudo bonitinho ainda foram lá, leram tudo de novo do início ao fim e ainda começaram ainda a discutir, cada um falando tal coisa tá bom, tal coisa tá ruim, até enfim conseguir chegar num consenso final de como seria entregue.

Jeane: E vocês apresentaram o trabalho?

Sujeito G4: Sim, também.

A apresentação foi mais ou menos em duas formas. A gente entregou um trabalho todo escrito. Esse trabalho se eu não me engano deu 150 e poucas páginas. Mas é que também um monte de coisa. Então tinha figuras, então tinha páginas inteiras quase só figuras, tinha tabelas. As figuras era mais como, como a gente tirou fotos lá do local então a gente anexou isso no trabalho também, então vai a foto do local mesmo com tudo que a gente achou de ruim. Depois a gente colocou mais figuras de figuras que a gente achou de internet mesmo de como deveria ser, pra meio que dá certeza, foi dá o impacto mesmo . Tipo, olha do jeito que tá e olha do jeito que deveria ser!

Ah, e tinha toda uma parte de tabelas também, principalmente, tabelas de preço e equipamento. Então o trabalho acabou se estendendo por causa disso, né.

Então tinha toda essa parte de escrita. A gente forneceu isso pra faculdade também em meio eletrônico. Então lá uma mídia lá

Jeane: O seu irmão trabalha com pesquisas né?

Sujeito G4: Isso, também, com todo o texto. Daí com essa parte da acessibilidade eu já corri atrás.

E por fim, a gente montou em cima desse trabalho que a gente fez uma apresentação em Power Point, por exemplo, que foi uma bela apresentação, bela no sentido de grande também com quase setenta usuários uma coisa gigantesca, em cima do que a gente via. Isso do trabalho. E a gente foi lá na frente e apresentou. A apresentação também durou bastante tempo, deu quase umas duas horas de apresentação

Jeane: E teve apresentação, teve perguntas?

Sujeito G4: Foram mais perguntas dos professores. Então tava lá alguns professores né, e eles iam fazendo perguntas sobre o trabalho e a gente ia tendo que respondendo...ahhhh e no final ainda eles fizeram algumas reclamações ainda do que tinha ficado em aberto do que eles não tinham gostado enfim... só que essas reclamações acabaram ficando em aberto que a gente...como já era o último trabalho acabou não tendo chance de recuperar isso ... vamo pôr assim... então isso de necessidade ainda que eles achou que tinha que ficar ainda ficou por consertar sem consertar ... vamo por assim ... mas antes desse trabalho final a gente ia lá e mostrava pros professores todos como ia ficando o trabalho. Então teve um monte de acertos pelo meio do caminho. Inclusive até o acerto final que eu falei que daí não teve como recuperação, porque como já era o último dia de apresentação, tal, tal, tal acabou fechando o trabalho dessa forma mesmo. Mas pelo que eu me lembro foram poucas coisas, não ficaram nada muita coisa aberta.

Em que situação, você pode... Em algumas palavras eu queria que você descrevesse pensando assim desde o início né, quando o professor pediu a tarefa até a apresentação até concluir tudo. Que sensação que você sentiu, quê que você experimentou assim de ... quando acabou tudo?

Sujeito G4: É acho que a primeira coisa foi a alegria mesmo de ter conseguido concluir de ter conseguido entregar um trabalho que atendeu pelo menos em partes a expectativa né. Enfim eu acho que é mais essa sensação mesmo de alegria mesmo por ter conseguido concluir . E a sensação de tá cheio de informação na cabeça de tá... bom agora eu já sei um monte de coisa e aí? E agora eu que pensava depois que acabou a faculdade isso no meu caso né, era como aplicar isso de verdade depois. E eu digo minha sensação porque eu já tinha já colegas que já trabalhavam já, então eles já tinham uma noção de como aplicar isso na realidade mesmo depois. Eu ainda não, naquela época, eu ainda não trabalhava nessa área então eu não tinha essa tão essa noção. Então eu ficava pensando nisso e agora o que é que eu vou fazer com todo esse conhecimento, com tudo isso. Depois quando eu fui pro mercado acabei já descobrindo enfim, como encaixar isso.

Jeane: Você tá feliz com a sua atuação profissional. Era o que você esperava ?

Sujeito G4: Sim, sim. É o que eu esperava, tô feliz, tô conseguindo até hoje ainda aprender bastante coisa. Tô conseguindo atuar na área, enfim tá sendo legal e já vou estabelecendo outras coisas que eu quero continuando.né. Então meu projeto se tudo der certo eu vou começar entrar numa pós esse ano e pretendo no futuro, não sei se ainda pra ficar mas pretendo experimentar a carreira de docência... Mas essa como eu não tenho muito vivência. Eu quero primeiro vou entrar pra experimentar e se eu gostar...

Jeane: Ai que bom Sujeito G4 a gente chegou ao fim da nossa pesquisa eu queria mais uma vez agradecer muito a você a nossa intenção é tentar assim diminuir um pouco as dificuldades de... colaborar de alguma forma né com o estudante deficiente visual. Todo o estudante enfrenta muita dificuldade né e os deficientes visuais na nossa visão enfrentam um pouco mais. Então o que a gente pretende é tentar propor algumas ações que diminuam essas dificuldades que atenuem essas dificuldades. Só quem pode dizer quais são essas dificuldades são vocês. A gente não vai adivinhar. Então é com essa pesquisa é com esse bate-papo que a gente tá tendo, porque teoria a gente tem um monte, mas assim o importante é a prática como é essa vivência, então essa pesquisa não poderia acontecer sem essa nossa conversa sem a colaboração de você. Então eu agradeço muito a sua disposição de vir aqui de colaborar com isso e queria convidar você pra assistir a defesa que vai ser em junho. Tá. Então a gente monta um esquema de pegar todo mundo levar , trazer mas eu agradeço de coração.

Sujeito G4: Eu que agradeço pela a oportunidade de tá conseguindo contribuir um pouquinho.

Sujeito G5

JEANE: O objetivo da minha pesquisa é mapear quais são, que conjunto de habilidades o deficiente visual precisa desenvolver para enfrentar o mundo digital no seu processo de pesquisa acadêmica ou pesquisa para enfrentar o concurso, como você está fazendo, ou para enfrentar um trabalho de conclusão de curso, ou para enfrentar um trabalho de conclusão de uma disciplina. Então para você... Vamos supor desenvolver uma pesquisa você passa por várias etapas. Então hoje o estudante ou qualquer estudante seja ele deficiente visual ou não ela já tem uma dificuldade de entender o processo de etapas que ele tem que cumprir numa pesquisa e a internet é um grande portal de informações, a gente já tem uma dificuldade de encontrar nesse mundo da internet informações que realmente são...

SUJEITO G5: A internet no nosso caso é terrível por causa da falta de acessibilidade do site...

JEANE: Isso também é um grande problema...

SUJEITO G5: Você encontra material e isso me deixa muito triste, porque você encontra o material que eu quero consigo ler o conteúdo, mas eu não consigo concluir, por de uma figura. Isso é falta de acessibilidade que tem do próprio site.

JEANE: Isso é um problema, fora essa questão que é muito complicada da falta de acessibilidade do site, tem outra questão também que é os processos de busca da informação, que muitas vezes você não tem conhecimento de como fazer isso, qualquer estudante, seja ele deficiente visual ou não. Mas o deficiente visual ele tem uma dificuldade a mais causada justamente por uma das questões que você levantou... Que é a falta de acessibilidade. Meu trabalho pretende mapear essas dificuldades para gente propor o que tem que se rever neste processo, tanto em relação aos sites, quanto relação a preparação acadêmica. A faculdade preparar o estudante para que ele consiga autônomo em seu processo de busca. O que nós pensamos uma pesquisa precisa cumprir umas etapas. Então pensando assim como uma linha de produção... Quando um professor te pede uma tarefa a primeira etapa é justamente a etapa da iniciação é quando você realmente recebe aquela tarefa, é quando ele fala a primeira vez sobre aquela tarefa – Quero um trabalho que fale de tal tema, ou você que está estudando para um concurso e você tem a relação de todos os assuntos e todos os tópicos que podem cair naquele concurso. O primeiro contato que você tem com o universo que você vai encontrar é justamente esse. Esse primeiro contato é o que chamamos de iniciação que é quando você reconhece que você tem necessidade de informação, para você saber aquele assunto que vai cair no concurso você precisa de informação para tratar sobre ele. Pensando nesse sentimento que a sua experiência mais recente foi estudar para os concursos, esse curso jurídico e a pós-graduação. Você fez graduação em que?

SUJEITO G5: Eu fiz Direito.

JEANE: Você é advogada?

SUJEITO G5: Sim, sou advogada.

JEANE: E você começou fazer pós-graduação em Direito Penal?

SUJEITO G5: Comecei...

JEANE: Você fez Direito em qual Faculdade?

SUJEITO G5: Eu fiz em Mogi.

JEANE: Você sai de Santo André e ia para Mogi todos os dias?

SUJEITO G5: Sim, saía de Santo André ia para Mogi e fazia estágio em São Paulo.

JEANE: Você pegava trem?

SUJEITO G5: Não, eu ia de fretado ida e volta... Eu fiz isso quatros anos com visão e o ultimo sem visão.

JEANE: Você perdeu a visão por quê?

SUJEITO G5: Na verdade o meu foi glaucoma... Eu tive um glaucoma repentino e perdi a visão e o meu ultimo ano inteiro eu fiz sem visão.

JEANE: Como você fez para se adaptar?

SUJEITO G5: Na verdade nem tive período de adaptação, porque eu acabei o 3º bimestre do quarto ano.

JEANE: Foi assim você acordou e estava assim?

SUJEITO G5: Eu fiz uma cirurgia e dormi e acordei sem visão.

SUJEITO G5: Você não acredita que você está cega. Eu não acreditava que eu estava cega. Eu tinha dormido enxergando... eu voltei a enxergar neste dia, deu uma clareada. E ai fui para faculdade e voltei, só que eu não consegui, porque eu não tinha habilitação de mobilidade, não tinha nada. Meu médico pediu para trancar durante um ano, ai eu tranquei esse um ano e fiz alguns cursos de Braille, mobilidade.

JEANE: Você fez curso a onde de Braille?

SUJEITO G5: na verdade eu fiz com um professor particular aqui em Santo André mesmo e aí depois eu voltei para faculdade, mas eu não tinha concluído o curso de mobilidade e nem de Braille. Tanto que na faculdade eu não usei o Braille, o que fazia, pedia para minha mãe, meu pai ou meus irmãos gravar o material. Como os professores também não conheciam o Braille eu fazia as provas orais, todas as minhas provas foram feitas oralmente. E aí foi... E trabalhos quando tinha que entregar era digitalizado eu não conhecia, eu só conhecia o computador como vidente, como cega não e aí comecei a conhecer, mas não para usar na faculdade ainda, Então o que eu fazia eu grava as aulas e quando eu chegava em casa eu começava a transcrever no micro para eu ir me familiarizando com ele, mas acesso a internet nessa época eu quase não tinha.

JEANE: E hoje?

SUJEITO G5: Hoje sem internet eu não fico um dia sem ela, todos os dias. Meu trabalho é isso, com a internet, eu trabalho com pesquisas, não é somente estudar eu trabalho com pesquisas. Com a internet consigo buscar material, consigo ler um livro coisa que eu não conseguia, eu acho que a internet na vida de um deficiente visual para estudo é uns 80%, tudo que é de pesquisa você consegue ali (internet), o Braille é muito volumoso.

JEANE: Mesmo o processo da informação digitalizada, você pode pegar qualquer informação e torná-la acessível.

SUJEITO G5: Tem aquela de você poder pegar a informação e colocá-la no pendrive e levá-la para cada, no caso de quem não tem internet e o Braille às vezes tem disponível numa biblioteca, mas você não pode levá-lo para casa.

JEANE: Mesmo pelas questões dos volumes, às vezes um livro tem 2 e 3 volumes.

SUJEITO G5: você perde muito com o visual a informação, às vezes tem coisas na internet que tá lá e você vê que ele não lê para mim.

JEANE: Por que o site não é acessível então não faz descrição correta de tudo que tem naquela página.

SUJEITO G5: Se o site não for acessível, temos buscados sites acessíveis, na faculdade como eu fui à primeira aluna deficiente visual de toda a universidade, tinha uma enorme dificuldade, pois o professor escreve na lousa e não fala e vai correndo a aula e você fica sem a informação do que está na lousa, então as minhas amigas falavam e aí dava e o professor também não se preocupava, mas o do cursinho já se preocupava, eles falavam entram nesse site que ele é acessível, nesse você consegue.

JEANE: Nos cursos de especialização da sua área?

SUJEITO G5: Isso tem professor que já conhece e fala entra nesse, ou eles tem a preocupação. No ultimo curso que eu fiz era ótimo os professores, eles falavam assim me dá seu e-mail que eu vou passar digitalizado para seu e-mail, porque eu não sei se o meu site é acessível. Aí eles passavam direto pelo e-mail.

JEANE: Você fez o exame da OAB, se você teve dificuldade. Como foi esse processo?

SUJEITO G5: Na verdade hoje está tudo informatizado, antigamente quando eu comecei a prestar concursos era tudo oral, inibi um pouco porque eu me sentia muito incomodada, as vezes tinha dúvida em alguma questão aí eu fala eu vou pedir para essa moça repetir duas ou três vezes, eu acabava respondendo qualquer coisa.

JEANE: é porque quando você tem o meio digital a internet, você pode repetir quantas vezes você sentir necessidade, você passa aquela questão depois volta nela pensa mais um pouco.

Mas você superou, trabalha, tem autonomia na sua vida.

JEANE: O que a gente pretende é contribuir um pouco para tentar minimizar essas dificuldades, pois as coisas vão melhorar quando as pessoas se conscientizarem que pode acontecer com elas também, ninguém está livre de nada.

JEANE: Eu queria que você falasse um pouco de algum trabalho que você desenvolveu, ou alguma pesquisa que você precisou fazer. Quando você começou fazer essa pesquisa você entendeu o que você queria, o que você precisava? Sobre o que você gostaria de falar?

SUJEITO G5: O TCC na faculdade, foi a pior pesquisa que eu fiz na minha vida, pois não tinha acesso a internet, Porque ou eu tinha que pagar para alguém ficar lendo, ou alguém em casa ficava gravando. Tinha uma grande dificuldade com relação as gravações das pessoas, pois cada um tem seu tempo e é muito diferente do software de voz.

Recentemente eu consegui ter acesso a internet, consigo ler artigos....o processo é mais acelerado.

JEANE: Então, vamos pegar o seu TCC como plano de fundo para sua conversa, porque foi uma experiência muito marcante na sua vida. O trabalho foi individual ou em grupo?

SUJEITO G5: Individual.

JEANE: Qual foi o tema?

SUJEITO G5: Crimes sexuais.

JEANE: Quando você decidiu sobre o seu tema e passar por uma etapa de selecionar material, você já falou que tem dificuldade de identificar e selecionar, por conta da falta de acessibilidade.

SUJEITO G5: Procura o pessoal que já tinha feito o curso para eles indicarem obras sobre o tema. Tive que fazer uma pesquisa boca – a boca.

JEANE: Quem definiu o tema do seu trabalho?

SUJEITO G5: Eles indicaram alguns temas, e eu perguntei para o professor qual tema ele achava que eu me dava melhor. Como eu gostava de penal ele me indicou esse.

Tive outra dificuldade, pois relacionado ao crime sexual vem muita imagem e eu não tenho acesso a imagens (diferente do direito civil que não precisa da imagem). Hoje se o site é acessível, você passa o mouse em cima da imagem e ele descreve tudo para você, naquela época não tinha, aí eu pedia para um e outro descrever, mas cada um descrevia de um jeito, aí juntava todos aqueles detalhes, ficava confuso. Então o professor me ajudou.

JEANE: O seu trabalho foi prático ou teórico?

SUJEITO G5: Os dois.

JEANE: Como foi a prática?

SUJEITO G5: Tinha pesquisas e apresentação completa, mas eu não tinha dificuldade nessa parte, a minha dificuldade era leitura.

O professor que me auxiliou não era o meu orientador, ele me ajudou porque tínhamos uma amizade e porque ele já havia trabalhado com deficientes visuais em outra universidade.

JEANE: O seu orientador te auxiliou na etapa de seleção? Quem mais te ajudou.

SUJEITO G5: na verdade quem mais me ajudou foi esse professor. O meu orientador fazia um trabalho de orientador mesmo, não tinha diferença entre as pessoas.

JEANE: Você já passou dentro da nossa classificação, do caminho que a gente trilha, por duas etapas. Sujeito G5: a 1ª de iniciação e a 2ª de seleção, mas essa seleção não chega a ser uma seleção de materiais, são possibilidades de pesquisa, partindo por uma terceira etapa que é a etapa da investigação, eu queria te fazer algumas perguntas sobre essa questão, pois quando você começa a investigar você passa para a parte prática. Que estratégias você vai utilizar, procedimentos em relação ao

levantamento bibliográfico, fontes de informação. Como foi essa etapa para você?

SUJEITO G5: Eu pedi ajuda para um grupo de amigos para me ajudarem a levantar essas fontes, buscar material.

JEANE: Que fontes você utilizou?

SUJEITO G5: Sempre foram livros, peguei alguns TCCs.

JEANE: Devido a ser muitas informações, de que forma você organizou essas idéias?

SUJEITO G5: Como eu disse, esse trabalho foi o pior, porque eu não sabia onde ia estar o meu foco, eu procurava fazer uma resenha de todos os livros que tinha lido, era muito cansativo. Mas até achar o foco, foi muita leitura, muita conversa com o professor.

JEANE: Você fez um fichamento para recolher e organizar essas informações, você utilizou algum software ou foi só no Word mesmo?

SUJEITO G5: Na época eu usei o virtual vision e o dosvox. Hoje o que eu meia uso é o Jaws.

JEANE: É o melhor, mas o único problema é que ele é pago.No Senac nós colocamos em quase todos os computadores.

JEANE: Voltando.A próxima etapa é reunir as informações coletadas, como foi esse processo para você?Que dificuldade você sentiu do ponto de vista do acesso a fontes de informação, foram as mesmas iniciais?

SUJEITO G5: Foram as mesmas iniciais, eu não conseguia sair do próprio inicial.O que aconteceu: eu comecei a procurar bibliotecas de universidades, procurei fazer contato com outros professores.O pior é a falta de informação.Os outros professore indicaram mais bibliografias de voc~e vai lendo, lendo, parece que não vai acabar nunca.

JEANE: Que tipo de relação você manteve com a biblioteca, com os bibliotecários?Você teve alguma orientação, de como desenvolver a pesquisa, de te ajudar a encontrar os matérias?Você teve alguma ajuda?

SUJEITO G5: Poucos.Na verdade isso era serviço da minha mãe, que me ajudava bastante.

JEANE: Sua relação com as bibliotecas e os bibliotecários não forma de construção, mas de operação.

SUJEITO G5: Isso.

JEANE: Na época que você fez o trabalho como era a acessibilidade?

SUJEITO G5: Algumas bibliotecas dispunham material em braille, mas não era atualizado, algumas deixavam K7, outras você tinha que esperar alguns dias para a biblioteca gravar esse livro, ou fazer a verificação de se esse livro estava gravado correto até disponibilizar na biblioteca...

SUJEITO G5: Direito constitucional na PUC.

JEANE: Que bacana quero conhece – lo.

SUJEITO G5: Vou indicar: Maurício.

JEANE: Ta ótimo, todos que você indicar vou ficar muito grata. Você conhece o nosso espaço braille do Senac?

SUJEITO G5: Não.

JEANE: Então, queria até que você divulgasse que nós oferecemos curso de informática para deficientes visuais. Temos impressora em braille, fazemos impressão, digitalização, damos curso de mobilidade, curso de braille.

SUJEITO G5: Estou montando uma ONG e vamos começar a trabalhar na 2ª quinzena de fevereiro.

JEANE: Podemos fazer uma parceria, porque todos os nossos serviços para deficientes visuais são gratuitos. Nossos alunos nem bem terminam o curso e já conseguem trabalho.

A Walquiria e o Ricardo trabalham no espaço Braille, nós mantemos esse espaço desde 2003, nós temos convenio com a Dorina, com a Lara mara temos livros em braille, livro falado.

SUJEITO G5: Naquela época não tinha nada. Eu não tinha contato com outros deficientes visuais. Isso foi a maior dificuldade, eu fui descobrindo ao longo do tempo.

JEANE: Eu entrevistei o Wilson e o Ricardo.

SUJEITO G5: Eu conheço os dois.

JEANE: Depois dessa etapa de coleta, de toda informação reunida, você partiu para a etapa final que é a conclusão, toda montagem, toda parte escrita, toda parte de redação e posteriormente a apresentação.

SUJEITO G5: Nesse intervalo eu comecei a ir em palestras relacionadas com o tema, ia em bastante seminários, congressos, foi ai que eu me dei bem, mas sempre com aquela dificuldade visual, pois o expositor nem sempre está preparado para apresentar algo para o deficiente visual, ele colocava apresentações no powerpoint, texto, e que estava comigo anotava e passava.

JEANE: Isso é interessante, pois ninguém nunca tinha abordado isso como uma fonte de pesquisa, pois é uma fonte de pesquisa e de informação. Quando você juntou todas as informações para produzir o seu texto, qual foi a maior dificuldade nessa etapa?

SUJEITO G5: Como você não tem muito acesso a leitura você acaba se perdendo um pouco na escrita.

JEANE: No seu caso pode ter sido mais difícil por que você teve pouco tempo para aprender a abstrair ,pois quando a gente enxerga a memória visual, o fato de você enxergar metade das coisas você já capitou, e quando você não enxerga eu tenho a sensação de que você tem que ter um poder de abstração muito grande, e você só teve um ano para desenvolver.

SUJEITO G5: Um ano. E eu ainda estava em processo de cirurgia, era tudo muito corrido, e eu tinha que desenvolver tudo isso, e eu não queria deixar as coisas se prolongarem por mais um ano, eu queria terminar no mesmo ano.

JEANE: Você apresentou o trabalho do ponto de vista formal, ABN, regras, como foi esse processo para você?

SUJEITO G5: Esse processo na verdade foi aquele meu professor que me auxiliou, pois eles não tinham nem me falado o que eu deveria fazer, aí ele ia dando as orientações, eu não senti tanta dificuldade nesse ponto, acho que eu senti mais dificuldade na pesquisa inicial.

JEANE: Você teve em alguma etapa do seu curso alguma disciplina sobre orientação bibliográfica ou metodologia científica.

SUJEITO G5: Tive. Então como eu já tinha feito essa disciplina foi mais tranquilo.

JEANE: E Você fez apresentação oral? Como foi?

SUJEITO G5: Fiz. Eu fiz a apresentação no dia.^a apresentação para bancada, nesse dia quase voltei a enxergar de tanto medo que eu estava.

JEANE: Risos.

SUJEITO G5: Por que você sabe que você está sendo observada, na hora das perguntas eu chegava passar mal de medo, mas foi tranquilo. Na verdade eu dormia e acordava ouvindo o meu TCC.

JEANE: E a conclusão desse processo, desde o início até a conclusão que sentimento você pode dizer que teve desse trabalho, depois de tudo pronto?

SUJEITO G5: Para um deficiente visual, na verdade eu tinha acabado de perder a visão, eu não tinha noção das ferramentas disponíveis para um deficiente visual, eu mesma tive que procurar, ninguém sabia nada que estava a minha volta, nem a faculdade, que deveria estar preparada para orientar o aluno. Na verdade eles disseram que eu ia ter que fazer isso, igual a todos os alunos, mas não me indicaram nenhum lugar

onde poderiam me ajudar. Na verdade é um sentimento de vitória e de alívio, porque é um alívio quando você entrega e passa por isso. É um misto dessas sensações, hoje eu faria isso mais tranquila.

JEANE: Até a segurança que a gente adquire com as experiências que a gente tem vai deixando a gente mais seguro.

SUJEITO G5: Você falou que o Senac já tem essa possibilidade de ajuda, tem universidades que desenvolvem, orientadores preparados. Até os cursinhos que eu estou fazendo estão preparados. Inclusive eles pedem para eu indicar onde faz impressões em braille, para realizar a impressão das apostilas.

JEANE: A, indica o Senac.

SUJEITO G5: Vou indicar. O Meta mesmo está procurando, pois vamos fazer todo o material em braille. Acho que agora já está tendo essa visão do deficiente visual, não porque antes não tinha, os professores até tinham vontade, mas é falta de conhecimento.

JEANE: Simone, chegamos ao fim da pesquisa e tudo que a gente conversou eu vou fazer avaliação do ponto de vista de um programa que chamamos de information literacy, isto é tornar o estudante competente em informação, ou seja, que ele consiga desenvolver todas as etapas de uma pesquisa de forma autônoma e que também consiga usar a informação para qualquer coisa que ele precise resolver na vida dele, seja na vida acadêmica, seja no ambiente de trabalho, questões pessoais, muitas vezes você não consegue entender onde você vai encontrar determinadas informações, a informação está ali e você não sabe nem por onde vai começar essa busca, então a gente pretende desenvolver ou sugerir, apontar algumas questões que seriam imprescindíveis desenvolver essas habilidades no deficiente visual para que ele seja autônomo, para quem ele consiga usar a informação ao longo da vida.

SUJEITO G5: Porque a informação te dá acesso a tudo, a relação de consumo, saúde, benefícios que você tem. Eu acho que falta muito ainda.

JEANE: Não é só a questão do não enxergar físico, ao não enxergar por falta de informação também, imagina não enxergar físico mais a falta de informação, muita gente é vidente não consegue enxergar porque não tem conhecimento, não tem acesso, não sabe nem por onde começar, e

ai são vários direitos que você acaba perdendo, você como ser humano, como consumidor, como participante da sociedade, é muito complicado, pessoas que não sabem ler acabam perdendo muito.

SUJEITO G5: Porque você acaba se afastando, você não consegue se inserir, porque você fica fora, e quando você tem acesso a informação você nem entende às vezes.

JEANE: A informação está no centro.

SUJEITO G5: É legal essa iniciativa sua, muito boa.

JEANE: Obrigada. Eu gostaria de convidar – la. Provavelmente eu vou defender em junho a minha tese, então no dia da defesa vocês estão convidados.

SUJEITO G5: Nós iremos.

JEANE: Ai depois nós vamos comemorar.

SUJEITO G5: Vai ser lindo. Vou passar para Walquiria , indicar alguns deficientes visuais que estão fazendo o curso.

O Mauricio vai gostar, pois ele está fazendo algo do tipo no doutorado dele.

JEANE: É bom para trocar idéias.

JEANE: Vou te mandar um artigo que recebi que saiu no estado de São Paulo, eles chegaram a conclusão que os sites não são acessíveis, mesmo aqueles que uma grande maioria e os leitores de texto de tela, eles ainda precisavam ser atualizados.

Comentários extras após o término da entrevista.

SUJEITO G5: Trabalha em uma equipe de relação de consumo da pessoa com deficiência(PROCOM), eles não são um consumidor comum.

JEANE: Tem um rapaz do RJ da ANS que faz um trabalho sobre acessibilidade a informações relativas a plano de saúde para o deficiente visual.

SUJEITO G5: O Anão, por exemplo ou ele compra roupa de adulto, ou ele compra roupa infantil, ônibus – ele tem muita dificuldade, o mundo é feito para pessoas de tamanho normal.

Os obesos, as pessoas que sofrem de gigantismo também tem muita dificuldade.

JEANE: O que o consumidor consegue de retorno, que tipo de providencia, que tipo de resposta:

SUJEITO G5: Estamos pegando a legislação para o deficiente e dentro do código de defesa do consumidor eu vou lendo e tentando encaixar o que da, para tentar obrigar o fornecedor disponibilizar esse tipo de serviço, hoje estamos fazendo um trabalho de orientação para o fornecedor. EX: No mercado se o deficiente não tem que o acompanhe, eu acho um absurdo aqueles leitores ópticos, pois se eles podem falar o preço eles podem também falar o nome do produto e o peso.

JEANE: Claro.

SUJEITO G5: Então, isso é acesso a informação, eu estou desenvolvendo esse trabalho. Temos uma equipe que realiza a fiscalização.

Telefônica por exemplo: Você não tem acesso a uma conta em braille.

No PROCOM, quando eu comecei, o fornecedor (deficiente visual) ia lá e pegava o protocolo a tinta. Agora eles comprar uma impressora braille, ou mandar por e-mail.

SUJEITO G5: O que motivou vocês a criarem o espaço braille?

JEANE: Fiquei encantada com algumas bibliotecas que tinham espaços para braille. Depois de aprovado a criação do espaço braille, fui buscar informações na UNICAMP, e eles deram todo o apoio e desenvolvemos um projeto juntos.

Temos todos os softwares para deficientes visuais, em todos os computadores da biblioteca, para que o deficiente não fique confinado apenas no espaço braille.

SUJEITO G5: É isso que acontece, nós nos sentimos excluídos da sociedade.

Sujeito M1

Jeane – Pronto, eu acho que está gravando. Quando está REC é porque está gravando, tá? Tá, tá gravando. Maravilha. Sujeito M1, antes de nós começarmos eu gostaria muito de agradecer a sua presença aqui, a sua disposição em colaborar com essa pesquisa. Meu nome é Jeane e eu sou, atualmente eu ocupo o cargo de diretora do sistema de bibliotecas do Senac e eu estou concluindo o meu curso de doutorado na Universidade de São Paulo, na USP, e o tema da minha pesquisa é justamente a gente estar buscando desenvolver um método para que os estudantes de uma forma geral, e em especial o deficiente visual, consiga desenvolver a sua autonomia no processo de busca da informação, de apropriação da informação, porque hoje quando a gente vai fazer uma pesquisa, seja ela uma pesquisa científica, seja ela escrever um artigo, quando os estudantes vão fazer isso a gente sente uma dificuldade muito grande do estudante perceber qual é a sua necessidade de informação de buscar essa informação. As bibliotecas estão preparadas? As bibliotecas tem essas informações disponíveis e acessíveis ao estudante deficiente visual? A gente percebe, quer dizer, e veio a se comprovar em todas as entrevistas que nós fizemos até agora que existe uma dificuldade muito grande, barreiras, muitas barreiras de acessibilidade para o deficiente visual. Então, qual é a nossa proposta, em relação ao desenvolvimento do nosso trabalho? É que a gente consiga identificar quais são essas dificuldades pra que a gente possa propor algumas... como é que eu posso falar? Para que a gente possa propor algumas medidas, algumas ações que minimizem essa dificuldade, que minimizem essas barreiras. Então pra gente saber quais são essas dificuldades e essas barreiras, só vocês podem falar pra gente contando um pouco dessa... da história mesmo, desse processo de busca da informação, da necessidade da informação, quando vocês precisam desenvolver um trabalho científico quais as dificuldades que vocês encontram nesse processo. Nesse processo existem... assim, nós classificamos um trabalho científico, pra que a gente conclua um trabalho científico desde... assim, o início de tudo, que é quando o professor pergunta ou propõe o trabalho até o momento de entregar o trabalho, a gente classificou isso em algumas etapas da construção do trabalho científico. E aí a gente... dentro desse modelo, dentro dessas etapas sugeridas, a gente vai falar um pouquinho só de cada uma delas, até pra você entender mais ou menos o caminho da nossa conversa, pra gente poder identificar essas dificuldades. Então assim, a questão central da pesquisa é a seguinte: que conjunto integrado de habilidades são necessárias a serem desenvolvidas pelo deficiente visual pra que ele possa lidar com esse imenso e caótico volume de informações que se apresenta no mundo atual, principalmente em ambientes digitais? Eu fui muito complexa, deu pra você entender mais ou menos?

Sujeito M1 – Deu pra entender.

Jeane – Por favor, você pode me interromper, porque as vezes a gente dispara a falar e não para mais.

Sujeito M1 – (Risos) Entendi.

Jeane – Então assim, dentro desse contexto, nós dividimos o processo de criação de um trabalho científico em cinco ou seis fases. Uma delas é justamente a iniciação, o início de tudo, quando você identifica a necessidade de informação, quando o professor propõe uma tarefa, quando ele propõe um trabalho. Depois vem o processo de seleção, quando você inicia mesmo o processo de pensamento sobre o seu trabalho. Você ainda nesse processo talvez não esteja buscando fisicamente as informações, mas você ainda está refletindo sobre ele. Depois o processo de exploração, que é quando você investiga, começa o processo de investigação científica mesmo, com a busca de informações necessárias pra construir o seu trabalho. Depois o processo da formulação, da coleta dos dados em si, e por último a conclusão. Mas as perguntas que eu vou te fazer, elas vão seguir mais ou menos esse itinerário. Eu só passei esse panorama pra você pra você mais ou menos... ter uma visão do que nós vamos conversar. Bom, quando a gente fala em reconhecer o... eu queria saber assim, você estuda na PUC né?

Sujeito M1 – Não, na verdade eu já concluí o meu mestrado.

Jeane – Ah, que legal!

Sujeito M1 – Concluí, defendi, fui aprovado.

Jeane – Que maravilha!

Sujeito M1 – Então, fazem dois anos que eu terminei meu mestrado.

Jeane – Que bacana! E você vai partir pro doutorado?

Sujeito M1 – Pretendo partir pro doutorado agora no meio do ano.

Jeane – Ah, que legal! E na PUC mesmo?

Sujeito M1 – Então, eu estou um pouco em dúvida, NE? Na verdade... eu estou em dúvida entre a USP, a Faculdade Getúlio Vargas e a própria PUC, né? Mas acredito que, por conta do interesse mais imediato eu acredito que eu vou prestar na PUC.

Jeane – Na PUC. E você fez o curso, que curso você fez?

Sujeito M1 – Eu fiz o mestrado em Direito Coacional.

Jeane – Ah, que bacana!

Sujeito M1 – Isso, Direito do Estado.

Jeane – Você é advogado.

Sujeito M1 – Isso, sou advogado e sou professor também. Tenho especialização em Direito Coacional e também mestrado pela PUC em Direito Coacional.

Jeane – Vai ser muito legal a sua colaboração, viu Sujeito M1?

Sujeito M1 – Que bom, que assim seja. É a minha intenção, porque nós que escrevemos sabemos da importância do mestrado, do doutorado e da dissertação, né? Então, estamos falando a mesma língua.

Jeane – Com certeza, com certeza. Eu queria que você falasse um pouco do trabalho que você desenvolveu, desse processo, desse início, né? Você escreveu uma dissertação de mestrado e todo trabalho científico parte de uma inquietação pessoal, né?

Sujeito M1 – Sim.

Jeane - De algum desconforto em relação a um tema, um assunto que você queira, então eu queria que você falasse um pouco sobre a compreensão de todo o processo como professor, se você sabia que no final para defender seu mestrado você teria que defender uma dissertação, então eu queria que você falasse o que você pensou em defender, o que você pensou em fazer, o tema, como foi esse processo inicial?

Sujeito M1: Perfeito, é, inicialmente o trabalho tinha os seguintes títulos “Princípios constitucionais e o Direito a educação da pessoa com deficiência” esses foram os temas que deram início a minha dissertação, o tripé, princípios, direito, educação então esses foram os temas, inicialmente eu não tinha interesse de escrever sobre pessoas com deficiência porque tem muitas obras, muitas pessoas escrevem e meu foco principal mesmo seria direito por conta de outros trabalhos, de monografia e...eu sempre trabalhei com direito e com educação ao longo do curso com a minha orientadora e com educação ligada a psicologia.

...

Jeane: Então você estava falando da sua opção pelo tema.

Sujeito M1: Então foi por conta desse trabalho que eu achei que seria interessante esse tema, porque não teria como fugir da área do deficiente que é meu dia-a-dia assim como não teria como fugir do direito que também é meu dia-a-dia aí fiz essa junção e atrelei com a

educação e foi aí que nasceu o meu tema e a partir daí eu não sei se preciso ser mais específico como fiz para achar o tema e...

Jeane: Assim como você definiu seu tema se ele foi prático ou foi teórico, quem mais te ajudou nesse processo de decisão?

Sujeito M1: Na verdade assim, por conta dos trabalhos que eu falei inicialmente o tema surgiu mesmo do desejo de estar pesquisando mais e as vivências tudo isso foram demonstrando que seria interessante eu escrever mesmo sobre esse tema digamos que veio ao encontro mesmo da minha vida de modo que o material que eu já tinha que era um material interessante e as referências que eu estava passando me levaram nesse sentido e eu acho que foi a partir daí que surgiu, eu não vou dizer para você que o meu modo de escolher o tema foi diferente das outras pessoas a angústia foi a mesma, não escolhi no primeiro semestre, também não foi no segundo semestre, tanto é que no terceiro semestre eu esperei terminar meus créditos eu concluí os meus créditos para aí começar a pensar no tema, e como eu já tinha um grande material nas três áreas que o meu tema se divide o que eu precisei mesmo foi estar complementando com qualidades e uma pesquisa mais, com uma pesquisa localizada e aí talvez entre o que você talvez procure de mim do trabalho que eu fiz, basicamente o trabalho que eu fiz se direciona, meu dia-a-dia digamos assim com relação a leitura, se direciona a livros digitalizados, eu utilizo muitos livros digitalizados ou seja eu tenho uma pasta, dentro dessa pasta tem um pen drive com todos os códigos do direito ou seja em qualquer lugar que eu esteja e só conectar meu pen drive e eu vou acessar essas informações através do sistema de voz, Por quê? Por que o Braille é a ferramenta principal do deficiente visual atrelado a bengala e sempre será e a forma de fixação muito fácil mas entretanto o problema do Braille é a disposição e a locomoção do Braille um livro por exemplo um livro do código civil em Braille ficaria em ...

Jeane: Você falou sobre disposição e ?

Sujeito M1: comodidade, de levar e trazer, o arquivo no livro em Braille e muito difícil, por esse lado e por outro lado também, é assim quando eu pesquisava a confecção do livro Braille ela é demorada e o mestrado é tudo muito rápido eu precisei me socorrer desse material que já tinha, entretanto qual foi o meu diferencial Jeane?

Jeane: Quando você entrou... em educação ou direito?

Sujeito M1: Direito, direito do estado mesmo. A Fernanda falou de forma simplificada como é a biblioteca de vocês, mas já deu para perceber que vai de encontro com que agente precisa, mas na maioria das vezes nas instituições não é assim, não é o que podemos observar nas instituições de ensino.

Jeane: ... Muitas instituições talvez não tenham apoio na biblioteca que seria necessário.

Sujeito M1: Inclusive a PUC de modo que eu me socorri a uma universidade que eu coloco muito credito a ela em agradecimento e inclusive a coloco nos meus agradecimentos na minha dissertação que é a UNICID.

Jeane: Há, eu conheço...

Sujeito M1: Uma pessoa assim a frente da biblioteca, e a própria universidade que tem uma sensibilidade muito grande com os portadores de deficientes de como que...

Jeane: São percussores aqui em São Paulo, viu.

Sujeito M1: De modo que eu não sou aluno da UNICID e inicialmente eu teria uma barreira para acessar o livro, mas dirigi ate lá e conversando com o Américo e com outras pessoas e eles foram muito atenciosos e colaboraram de forma muito substancial e me cederam a biblioteca digitalizada que eles tinham respeitando a hierarquia de necessidade dos alunos da faculdade e me disseram que assim “Sujeito M1, o que você não tem nos podemos digitalizar para você respeitando as necessidades dos alunos e por consequência você” então a UNICID me deu muito mais apoio do que a PUC porque a PUC tinha um setor de digitalização lá e não quero denegrir, mas de qualquer forma é uma realidade que eu espero que tenha mudado, eles tinham um sistema de digitalização que não vinha ao encontro dos software de leitura que eu tenho então... (risos)

Jeane: Inacessível.

Sujeito M1: Então aquela coisa de poder público “vamos mudar, estamos mudando” e eu não sei se mudou .

Jeane: Qual o software que você usa?

Sujeito M1: Dwos, na época eu usava aquele virtual, com algumas limitações, não lê imagem essas coisas.

Jeane: E qual é o melhor?

Sujeito M1: O Dwos é o melhor com certeza.

Jeane: É uma pena que ele...

Sujeito M1: É uma pena, é uma pena. E aí assim, eu me reporteí à UNICID, e com isso...

Jeane: Eu sou baiana, e aí como se fala na Bahia, chegou a sua merenda (risos).

Sujeito M1: Oh, que bom.

.....

Sujeito M1: Então, uma vez estabelecido esse contato com a UNICID ficou muito mais fácil, ficou muito mais fácil. O resultado disso foi eu estar me debruçando mesmo, né? Assim, utilizei muita coisa que eu tive que gravar também pessoalmente, aquele trabalho mesmo de leitura “lê isso aqui pra mim”, porque as vezes eu precisava. Então, ocorria isso, sabe? Eu sempre tive muitos amigos muito atenciosos, né? Então, pessoas que me auxiliaram bastante, então algumas coisas eu gravava, muitas coisas eu utilizava dos livros em Braille, dos livros digitalizados que tinha, outras coisas eram fruto de anotação, basicamente foi isso assim, sabe? Eu tive muito... O trabalho de gravação é de todo mundo, sabe? Então, tinha muita coisa gravada que eu acabava utilizando e ouvindo pras minhas anotações, então basicamente foi isso.

Jeane: Tá ótimo. E assim, como que você... você pesquisou em vários lugares? Pelo que você falou, a sua fonte básica e a fonte mais ampla de informação que você utilizou foram os livros digitalizados, quer dizer, você ia buscar o livro impresso, digitalizava esse material, alguns você teve que pedir pras pessoas lerem trechos e tal, mas e a internet? Você usou a internet nesse processo?

Sujeito M1: Usei, usei. Na verdade é assim, eu utilizei... a minha professora nunca era muito... nunca foi e continua sendo muito afeta a...

Jeane: A internet.

Sujeito M1: Às informações da internet. Então, muito do que se trazia da internet, coisas da internet, ela já cortava.

Jeane: Tá.

Sujeito M1: Então assim, eu procurava... porque basicamente a minha fonte original era o Direito. E o Direito ele é posto, né? Então assim, o que você tem de atualização em Direito, são assim... aquilo que eu buscava na internet, era mais dados, né? Jurisprudência, de estatística. Basicamente era nesse sentido, mas eu digo pra você que a minha busca na internet ela foi bem pequena.

Jeane: Tá.

Sujeito M1: Pequena na ordem de dez por cento.

Jeane: Quer dizer, você usou a tecnologia da informação, mas não a internet, e sim a digitalização que é um processo tecnológico que favorece, né? E assim, você pesquisou em vários lugares, você buscou várias informações, colheu várias informações, como é que você fez pra organizar essas informações? Porque as vezes a gente se perde, né? A gente informação daqui, informação dali, e numa tese você tem que, numa dissertação você tem que tomar muito cuidado com a questão do direito autoral, pra você até não se perder no meio dessas informações. Como que você organizou isso? Você fez fichamento, como que foi?

Sujeito M1: Eu fiz fichamento. Na verdade assim, eu andava com o meu gravador, então como na época eu estava em curso, já tinha terminado as disciplinas, muito do que eu lia eu anotava, fazia um fichamento, e daquele fichamento eu trazia para o meu trabalho e aí eu ia criando mesmo toda aquela informação. Eu digo pra você que eu pesquisei os livros digitais na UNICID, mas eu também pesquisei muito livro à tinta. Eu usei muito da biblioteca da PUC, do acervo de livros à tinta que eles tem.

Jeane: Com alguém te auxiliando.

Sujeito M1: Sim, sim. Porque assim, basicamente o que que ocorre? Não sei se isso é oportuno, mas por exemplo, as pessoas me perguntam “como é que você verifica um processo”, no meu dia-a-dia da advocacia. Sempre que eu vou buscar alguma coisa, vou pesquisar, eu já sei, o deficiente precisa dizer, precisa saber o que ele vai procurar.

Jeane: Claro.

Sujeito M1: Então, se eu pego um processo eu vou folheando ele e peço pra pessoa ir olhando, a pessoa só é os meus olhos ali, você entendeu? Mas eu sei onde eu vou procurar. Lê o cabeçalho, lê no meio, quer dizer, eu já estou procurando. Então, esse trabalho de eu ir até a biblioteca foi “eu quero alguma coisa assim”. É como roupa, eu chego numa loja e dou o maior número de informações pra pessoa pra que a pessoa me traga aquilo que eu desejo. E aí a partir do momento que ela me traz eu vou pra conferência tátil, vou me trocar, vou experimentar e tal, é dessa forma que a coisa acontece.

Jeane: E hoje você está muito bonito.

Sujeito M1: Obrigado.

Jeane: Gostei dos tons da sua roupa.

Sujeito M1: Obrigado, obrigado. E aí assim, na pesquisa era dessa forma. Eu chegava e dizia “eu quero mais ou menos isso”, né? Aí a pessoa ia lá, naquele trabalho de garimpagem mesmo, e me trazia dez livros. Aí, “olha, tem dez mas você só pode sair com três”. Eu ia lá e

anotava aqueles outros, né? E toda uma contribuição também de amigos que sabiam do meu interesse, entendeu? Então, mais ou menos isso. O meu trabalho ele teve uma particularidade que assim, dizem que todo negro ele é meio autobiográfico, né? E a minha dissertação não deixou de ser. Então assim, eu consegui também trazer muita coisa do meu dia-a-dia. Mas isso sempre fazendo aquele link entre o Direito, entre a educação, então isso foi interessante porque na verdade eu desenvolvi cinco capítulos, o primeiro capítulo basicamente com os princípios coacionais, os princípios coacionais como vetor para a educação, então eu trazia todo um trabalho oriundo do Direito, e todo o Direito era basicamente o Direito posto, então eu lia a literatura brasileira, outras literaturas que não eram brasileiras, mas eu dou uma lapidação de pesquisa em livro.

Jeane: Tá.

Sujeito M1: Pesquisa em livro. Então nesse sentido esse capítulo foi fácil... fácil não, mas foi possível ser feito dessa forma. O primeiro e o último capítulo eles basicamente coisas de Direito, né? Quais são os remédios de proteção da pessoa com deficiência, então eram coisas nesse sentido, estatísticas, jurisprudências, decisões. Agora, o segundo, o terceiro e o quarto capítulos eram capítulos que já transitavam, por exemplo, o quarto capítulo transitava muito na área da educação, então assim eu me debrucei muito na literatura educacional, no Direito educacional e na literatura educacional, então tanto eu fui em livros digitalizados quanto em livros à tinta, mas que trabalhavam com autores...da...

Jeane: Da jurisprudência...

Sujeito M1: Não, não, não, eu estou tentando lembrar... Paulo Freire...

Jeane: Ah, Paulo Freire, os autores da área educacional.

Sujeito M1: Da área educacional.

Jeane: Vygotskyi, Paulo Freire...

Sujeito M1: Isso, isso, isso mesmo. Mas pra mim assim, independente se era tinta ou se era digitalizado, uma coisa em que eu fui muito feliz é que eu tive uma disciplina de Direito educacional, então eu li muita coisa de educação, entendeu? Então, tanto o que eu pesquisei quanto o que eu tive oportunidade de ir atrás, independente da fonte pra mim foi suficiente nesse sentido, entendeu?

Jeane: Tá. Sujeito M1, vamos voltar só um pouquinho. Assim, no começo da sua pesquisa você me falou que inicialmente você gostaria de trabalhar Direito constitucional, né? Mas a educação veio depois, né? Então assim, o foco do seu trabalho teve um viés educacional, né?

Então, pra você chegar no foco, porque a gente tem um assunto amplo, né? Direito constitucional é um assunto amplo. Pra você chegar nesse foco que você definiu pro seu trabalho, como que foi esse processo? Quem te ajudou nesse processo?

Sujeito M1: Boa pergunta. Eu já dou aula de direito constitucional, e assim, um ângulo do direito que em particular...

Jeane: Você dá aula aonde?

Sujeito M1: Eu atualmente, esse semestre eu não estou dando aula, porque na verdade eu dava aula em cursinho preparatório. O ano passado eu me desliguei desse cursinho e pretendo agora dar aula pra faculdade. Eu acho que o aluno de faculdade é um aluno... é mais gostoso de se trabalhar, você está pegando o aluno ali no nascedouro, sabe?

Jeane: Com certeza.

Sujeito M1: É uma outra experiência. Então eu tenho entrado em contato com algumas universidades, tenho contatos...

Jeane: Eu dei aula também até o semestre passado.

Sujeito M1: Sim.

Jeane: Na UNIFAI, não sei se você conhece, o Centro Universitário Assunção.

Sujeito M1: Conheço, conheço

Jeane: Tem no Ipiranga e na Vila Mariana.

Sujeito M1: Conheço sim.

Jeane: Eu também parei de dar aula por conta do doutorado, porque senão eu não ia dar conta, você já passou por essa situação então você sabe como é.

Sujeito M1: É verdade, é verdade...

Jeane: Vamos lá, agente estava falando dessa questão do seu foco.

Sujeito M1: A minha paixão é o Direito Constitucional, costumo dizer que é a menina dos meus olhos (risos), mas em particular dentro dos temas, tem algum tema que agente acaba gostando mais, entre os temas como princípios rígidos... Direito Constitucional...

Jeane: Desculpa te interromper.

Sujeito M1: Então você me fez uma pergunta muito interessante sobre como que eu fiz para focar no meu trabalho e é uma sensação muito agradável de lembrança né ?

Como eu te falei eu sempre gostei de princípios, o ramo do direito sobre tudo de princípios, por uma serie de motivos e todos os ramos do direito tem princípios inclusive o direito constitucional, que o direito constitucional estuda basicamente a constituição...estuda o direito basilares, direito rodade, segurança que são...

Sujeito M1: ...Então na verdade eu comecei a perceber que o direito coacional poderia servir devido a força que eles tem e a falta do uso, então eu quis trazer para o meu trabalho a apresentação dos princípios e a possibilidade de utilizá-los como uma ferramenta jurídica e importante para as pessoas com deficiência então eu tracei um trabalho...

Jeane: Eu gostaria de ler o seu trabalho porque acho que ele vai ser importante para o meu trabalho.

Sujeito M1: Eu posso disponibilizar o meu trabalho para você.

...

Jeane: Você pode! Eu acho que vai acrescentar muito ao meu trabalho eu vou poder citar seu nome no meu trabalho como autor e vai de encontro ao que eu estou pesquisando e vou pesquisar e eu acho que é uma base bem bacana para o meu trabalho.

Sujeito M1: Prefeito, perfeito eu posso disponibilizar sim.

Jeane: Inclusive uma coisa que eu critico no meu trabalho e não existe é uma política de Estado para educação brasileira, assim processos educacionais, que a busca a pesquisas, a biblioteca tudo isso são apoios educacionais para todos os estudantes, para todos os cidadãos brasileiros existe Políticas Publicas mas não existe uma Política de Estado que garantam a permanência desses programas...isso acaba nos prejudicando profundamente então eu acho que os pontos você desenvolveu vai poder me reforçar com mais propriedade do que aquilo que eu pesquisei, entendeu? Eu acho que vai ser muito bacana.

Sujeito M1: Perfeito. E porque assim eu penso o seguinte Jeane... Você esta falando do seu trabalho, o tema dele você tem?

Jeane: Tenho, e assim a Information... traduzindo seria a Competência Educacional e o Deficiente Visual: Um Caminho para a Autonomia e assim a gente acredita que quando vocês sabem buscar informação, quando você sabe utilizar informação na sua vida em qualquer situação que seja o caminho para a sua autonomia como cidadão ela se torna muito maior do que quando você não conhece a informação porque

muitas vezes a gente, você é um advogado você sabe, você convivi com isso no dia-a-dia que muitas vezes a gente não busca os nossos direitos como cidadão porque a gente não tem informação, porque a gente não sabe nem aonde buscar aquela informação.

Sujeito M1: Por isso eu trouxe a educação para o meu trabalho.

Jeane: Exatamente, então no meu trabalho o quê que eu quero desenvolver, eu quero propor ações, para que deficientes visuais aprendam a buscar informações de forma correta, se apropria dela, entendeu? A informação exige varias fontes, mas a gente nem muitas vezes não sabe nem por onde começar e no caso para qualquer pessoa, deficiente ou não deficiente, mas o deficiente ainda encontra as barreiras de acessibilidade que hoje a gente sabe que são muitas ainda aqui no Brasil, então o processo de competência da informação, o quê que seria? E você saber localizar, você saber pensar...

Jeane: Então tudo é quando você identifica a sua necessidade de informação muitas vezes a pessoa nem percebe que ela tem uma necessidade de informação, então reconhecer a necessidade de informação, você localizar a informação, você buscar a informação se apropriar dela, ou seja, você compreender aquele processo e se defender ou aprender, ou desenvolver o seu conhecimento e por ai vai...

Sujeito M1: A título de contribuição seria interessante verificar dois momentos, um momento é a busca da informação pelo deficiente e o outro momento é a existência de informação para o deficiente são coisas diferentes porque o quê que ocorreu comigo? Eu tinha a informação, sou uma pessoa muito rápido, uma pessoa muito dinâmica, eu dou um jeito aqui e ali, sou o primeiro deficiente visual da minha faculdade, de curso de Direito, lá não tinha livro em Braille, chegaram no ultimo semestre, então eu tinha que me virar e eu me virei, e na maioria da vezes todos os deficientes passam por isso, por exemplo a PUC é uma baita instituição e ela não tinha algo, não tinha uma estrutura para receber, então assim, acesso a informação é uma coisa ter acesso a oportunidade para ter essa informação é outra então me incomoda muito por exemplo é...eu fiquei muito feliz do que eu fiquei sabendo aqui, dessa instituição agora por outro lado me incomoda muito o fato de faculdades que não tem nada em Braille, nada digitalizado, existem muitas faculdades, felizmente nos trabalhamos numa uma sociedade que trabalha com a maioria então quando alguém lança um livro, lança digitalizado, lança para uma minoria que já não é mais minoria, então talvez um foco a se explorar no meu trabalho seja como que isso deve acontecer, hoje se eu for comprar um livro em algumas editoras, se eu for comprar um livro em algumas livrarias terá livros de algumas editoras que quando eu compro o livro, eu sendo deficiente visual eu ligo para a editora e a editora me manda a base digitalizada a partir do momento que eu adquiri, entendeu?

...

Sujeito M1: Então o que é importante é eu poder ingressar numa faculdade e lá ter acesso a biblioteca e naquela biblioteca ter acesso a livros em Braille, livros digitalizados, a informação pela internet são dois momentos que eles parecem ser o mesmo mas tem que ser vistos, pontualizados e diferenciados eu acho que isso é uma busca significativa no seu trabalho.

Jeane: Só uma coisa, duas questões para a gente finalizar, a questão da normalização técnica, normas da ABNT foi tranquilo para você, dissertação?

Sujeito M1: E que assim Jeane quando você fala tranquilo eu preciso...

Jeane: Em termos de orientação durante o curso a metodologia científica?

Sujeito M1: Sim, sim, eu tive sim, uma coisa e informação para o Sujeito M1 deficiente visual eu tive essa informação, eu tenho, eu sei porque de tanto você mexer na internet, você sabe que precisa de recuo, espaçamento essas coisa né? Eu tive isso, eu tive isso, como deve ser feito mas é claro que para nos deficientes visuais você precisa, como é que eu vou dizer? Tomar consciência disso porque você vai fazer coisas ta entendendo? Então é nesse sentido essa informação eu tive, se for nesse sentido essa informação eu tive.

Jeane: E assim, se você não quiser falar sobre isso não tem problema, mas assim a sua deficiência você nasceu ou você se tornou porque existe uma diferença, assim, porque se você nasceu eu entrevistei alguns colegas que eles enxergavam, nasceram foram e ficaram deficientes visuais por conta do diabetes ou de algum acidente ou glaucoma eles me relataram que tiveram mais dificuldades com o Braille aqueles que ficaram cegos depois de adolescente ou adulto do que os que nasceram cegos, desde criança aprenderam o Braille e esses que tiveram dificuldade no Braille porque ficaram deficientes mais adultos tiveram mais facilidade com a informática e não querem nem saber do Braille.

Sujeito M1: Eu me encaixo nesse grupo que você está descrevendo, eu fiquei aos 15 anos...fiquei cego aos 24 anos e então eu me alfabetizei pelo método Braille entretanto eu tenho uma dificuldade...eu pelo fato da necessidade de ser muito imediato eu muitas vezes abri mão do Braille por conta dessa agilidade e rapidez.

Jeane: Claro, claro.

Sujeito M1: Então esses foi um dos motivos que me levou e me leva com certeza a informática, e quando a gente fala em informática a gente fala

em computador, a leitura pelo computador, digitalizada, é a confecção de um trabalho então quer dizer a gente acaba sendo imediato e contornada pelo uso do computador, por ser muito mais fácil, muito mais rápido então quer dizer e não a demérito a algumas críticas em rodas de amigos, mas não há demérito porque assim...

Jeane: Eu concordo com você plenamente, plenamente, porque hoje em dia a informática tomou conta da nossa vida a gente de uma forma geral não é nada sem o computador as vezes agente se sente de mãos e pés atados...eu gostaria de agradecer profundamente a sua colaboração...

Sujeito M1: Eu que agradeço por poder contribuir...

Jeane: Então Sujeito M2 dentro deste processo de construção de trabalho acadêmico, existem umas etapas que a gente vai cumprindo. Eu gostaria de conversar com você sobre como você desenvolve este processo porque só entendendo quais as suas dificuldades quais as suas habilidades, que a gente vai poder nessa pesquisa propor que os sistemas de informação as unidades de informações, desenvolvam programas que realmente ajudem o deficiente visual a superar essas barreiras de uma forma melhor.

Sujeito M2: hã

Jeane: Então, você está fazendo curso de mestrado né?

Sujeito M2: Exatamente.

Jeane: Você faz mestrado aonde?

Sujeito M2: Eu faço mestrado na FFLECH no programa de Pós-graduação em Ciência Portuguesa.

Jeane: Já está perto de você concluir? Como que ta?

Sujeito M2: Muito perto! Eu devo depositar a dissertação no mês de Maio.

Jeane: I, eu também...

Sujeito M2: A é que engraçado.

Jeane: A minha data é 6 de maio.

Sujeito M2:É, eu não tenho uma data fixa. Meu limite pela USP seria Agosto, mas eu preciso depositar antes então por volta do dia 10 de Maio.

Jeane: Você é vitorioso e vai conseguir.

Sujeito M2: É, até gostaria de ter mais tempo mas dependo de bolsa, então sabe é complicado emprestar logo o doutorado.

Jeane: Então você conclui agora em 2010?

Sujeito M2: Sim!

Jeane: Então assim, você está naquela fase de construção da dissertação, então vai ser um evento muito bacana para a gente, apesar de você não ter concluído, mas você está muito próximo do fim.

Sujeito M2: A to to fazendo um relatório final agora, para entregar para a FAPESP então to...

Jeane: Você é bolsista da FATEP?

Jeane: Até como você desenvolveu a sua dissertação, então eu vou começar com uma primeira pergunta.

Sujeito M2: Hã, hã.

Jeane: Você tá fazendo mestrado, tem uma bagagem né mesmo anterior a graduação de pesquisa de estudo. Então assim desde o início você compreendeu esta tarefa de construir uma dissertação a dimensão é de construir

Sujeito M2: Acho que sim por varias razoes, Então eu tenho uma certa familiaridade mesmo que vaga com o trabalho acadêmico desde cedo isso influenciou na minha escolha. Mas na Graduação, é claro né por mais que eu fosse mais familiar que a media dos meus colegas com a rotina da vida acadêmica, mais noção mesmo fui ganhando principalmente quando fiz a iniciação científica. Mestrado na verdade é uma continuação de uma iniciação científica.

Sujeito M2:

(...) Sem dúvida você tendo uma experiência de ter que formular um tema de pesquisa, ir atrás de referências bibliográficas e escrever relatórios para a FAPESP. Eu também era bolsista da iniciação, esse tipo de coisa já te prepara...

Jeane: Então você tinha né a sua própria bagagem, e te ajudou né a compreender e quando você tava pensando no tema, no tópico geral em que você ia desenvolver a sua dissertação como foi este sentimento, o que você sentiu a respeito disso que sentimentos foram estes...

Sujeito M2: É um pouco.....

Sujeito M2: Já da iniciação científica, por outro lado a pesquisa teórica precisou se perder, na verdade né sempre fazem o que na teoria todo mundo já fez né no mestrado também em tese não se exige um trabalho original, mas as vezes tinha essas impressões de estar chovendo no molhado com frequência, agora que estou mais para a conclusão da minha dissertação eu vejo que não é bem assim.

(...) Até por que num trabalho teórico em ciências sociais o que acaba valendo mesmo são as minúcias, de fato tem temas que foram trabalhados, difícil achar alguma coisa que não foi nesse plano. Você sempre pega um caso novo, porque tem sempre coisas novas acontecendo... está acontecendo tal coisa e aí contrasta com a literatura

daquele assunto. Na área teórica não, talvez eu tinha esta impressão de estar repetindo o que os outros fizeram, então ...

Jeane: Então pra você ...

Sujeito M2:.. Foi mais delimitado desde o começo... foi solicitado e meu orientador eu não sabia mas quando eu fui procurá-lo a primeira vez, descobri que ele já tinha feito em parte ou já tinha surge rido está comparação num capítulo de mestrado dele, e isso me ajudou bastante mesmo, para delimitar meu tema.

Jeane: Que tema? Eu fiquei curiosa agora pra saber.

Sujeito M2: É uma historia das idéias, eu trabalho com o (máximo) em questão nacional na America Latina, eu comparo dois autores. Embora tenha sido mais (lido) no Brasil embora muito (lido) fora chamado Jose Carlos (Mariat). Então comparo o tema da questão nacional, o problema da formação da nação e o pensamento destes grandes.

Jeane:Você já tinha muito claro o tema da sua pesquisa,né?

Sujeito M2: Sim eu já tinha.

Jeane: Mais ai você teve que num determinado ponto investigar informações sobre este tópico até para chegar no foco.

Sujeito M2: Sim.

Jeane: E como você relatou anteriormente a gente quer abraçar o mundo com as mãos, então a medida que a gente vai tomando conhecimento...a gente consegue ir delimitando.

Sujeito M2: Sim.

Jeane: Que estratégias você utilizou para se informar sobre esse tópico geral?

Sujeito M2: A pesquisa né?

Jeane: Isso até encontrar possíveis focos.

Sujeito M2: A primeira coisa que eu fiz na iniciação científica foram as leituras, inclusive...Na Época para você saber como eu lia ainda era...eu tinha visão...igual uma telulupa.

Jeane: É a gente tem aqui também.

Sujeito M2: É um pouco mais forte que isso é o que chama de CFTV Circuito Fechado de Televisão, eu tinha dois um portátil e um não portátil inclusive se pergunta para os funcionários da biblioteca do CFTV eles ficavam num dilema carregando essa malhinha para cima e para baixo e outra coisa que eu usava muito na época era...o leitura em voz alta, viajava para Ribeirão Preto meus pais são de lá, minha vó lia bastante para mim as vezes alguns colegas que cursavam disciplinas em comum normalmente estudavam comigo então liam em voz alta então eu combinava esses dois recursos, quando eu perdi a visão por completo um bom tempo eu perdido eu dependi e de achar coisas na internet e ai tem coisas cabulosas e eu...particularmente acho que deveria usar mais por exemplo concreto obra do José Carlos Mariat que já é o sétimo site de interpretação na realidade...Mais eu achei na internet por exemplo uma edição integral, bem cuidada, digitalizada que quem pois no ar foi o governo da Venezuela que tem uma conexão lá de clássicos...que chama Biblioteca Yaku...que é um...literatos norte americanos do século XVI até o pensamento social no século XX mais eles colocaram todas é uma coleção dos anos 70 que saiu em Caracas a Biblioteca foi toda posta no ar então hoje em dia você tem esse tipo de recurso que eu acho que eu ainda uso pouco incluindo você vai lá no concluindo e digita o nome do autor alguma coisa assim aparece quinhentas mil referencias e você tem que ir peneirando porque tem desde da Wikipédia até umas coisas...que o pessoal fala mal eu acho que até se você tiver um certo controle de informação e souber filtrar a Wikipédia não é de todo ruim não, você encontra aquelas informações básicas sei lá...e se eu digito lá aparece na Wikipédia eu tenho mais ou menos a noção para ler ali a... do cara e aquela informação parece que bate então pelo menos já me dá uma ficha, uma ficha catalográfica.

Jeane: É uma coisa complementar.

Sujeito M2: É exatamente.

Jeane: Não é uma fonte expressiva.

Sujeito M2: Não, não é uma fonte expressiva, e ai eu entendi tudo a internet então tem que saber é filtrar.

Jeane: Porque não dá para desprezar fonte nenhuma.

Sujeito M2: Não nenhuma.

Jeane: A gente só tem que saber avaliar.

Sujeito M2: Claro saber o que citar não citar o Wikipédia numa dissertação de mestrado nunca né? Isso é outra coisa, mais é por exemplo por meio do Wikipédia teve um outro autor que eu consegui achar um site que tinha dois artigos desse autor que eu precisava porque assim a Wikipédia tinha lá a bibliografia do cara e ai tinha lá

obras e obras tinha um link a pessoa com site colaborativo qualquer um que faz teve não só só as obras que o cara tinha escrito como colocaram um link para minha pesquisa era o tipo de coisa que acho que tem...você vai e vem procurando você acha só que eu confesso que eu não tenho muita paciência, mais é uma ferramenta, também as vezes é um pouco complicado ainda mais quando é um tema muito específico que tem muita procura são livros antigos fora de catalogo.

Jeane: Publicam uma edição e depois não publicam nunca mais.

Sujeito M2: É ou porque, agora eu vou ser sincero...a editora Brasiliense, ah eu vou falar já que meu nome não vai ser citado eu vou falar mal a Brasiliense.

Jeane: Não, não pode ficar a vontade.

Sujeito M2: Todas as obras desde 1942 até o falecimento dele foi publicado pela Brasiliense que hoje ainda pelos herdeiros que hoje tem o...hã...que não é argumento ah porque a editora ainda existe porque até ai os filhos do Mariat herdaram um...da editora Malta que é uma editora que também publica obras dele...foi publicado em outros países em instituições enfim caiu em domínio público agora as coisas não caíram para mim a Brasiliense...não tem nada. É Karl Marx seu quiser tenho um arquivo Marx...maior parte da obra dele lá o capital vários livros devidamente de vários idiomas mais é que daí é um autor clássico é muito mais procurado não é um autor brasileiro...quer dizer aí complica, então o que eu fazia eu usava muito leitura em voz alta principalmente se achasse alguma coisa na internet muito melhor porque teve um curso no começo do mestrado que o professor trabalhava muitos artigos de periódicos internacionais e a monitora do curso fez o favor de entregar um arquivo para mim como todos eles fazem então isso me ajudou pra caramba nesse curso, agora logo em seguida no meio do mestrado no meio do primeiro ano de mestrado...tem um scanner certo só que...facilita a minha vida porque? Ele mesmo com o próprio scanner já lê e armazena a informação sem ter que acoplar no computador.

Jeane: Que fantástico.

Sujeito M2: Você pode acoplar o computador se você for um deficiente visual de baixa visão quiser ampliar, quiser ao mesmo tempo você ouve texto na tela ampliado mais como que não preciso disso eu basicamente scaneo e ouço e vou ouvindo né e armazeno no próprio scanner e ainda posso gravar em cd tem um drive você põe o cd ou para baixar algum texto que você queira que o leitor leia ou para qualquer formato ou para gravar os textos que ele já armazenou então você vai também desvaziando ele é fantástico e se chama...que ainda não é vendido no Brasil que por sorte tinha um amigo da minha mãe que ia para os Estados Unidos na época e pode trazer na bagagem o valor do...o outro

que eu vou fazer até um merchandising que é até uma amiga minha que é representante ...compact que é um software alemão estão vendendo...autônomo...deu uma independência que eu tinha perdido que eu tinha perdido...se os voluntários que não tivessem na área talvez no último ano de graduação no último semestre...mais eu fiquei quase na mão porque tinha prova de fim de ano tudo dos colegas...Isso me atrapalhava pra caramba porque eu não podia estudar no ritmo que eu queria, muita coisa que eu poderia ter lido na época da iniciação estou lendo agora, poderia ter me organizado melhor Eu só fui ter acesso ao ... Agora tenho um leitor autônomo desde 2008 desde então uso ele cotidianamente, esse leitor autônomo me deu uma...

Jeane: Tem no espaço Braille aqui.

Sujeito M2: Humm...

Jeane: Varias máquinas da biblioteca, lá no espaço detambém, para desenvolver um curso de informática...

Sujeito M2: Mas eles ainda não vendem o (sara) aqui...

Jeane: Nós temos uma coleção muito grande de livros falados.

Sujeito M2: Pra parte de literatura que é o que mais tem livros falados é eu gostava de usar a biblioteca de Dorina Nowil.

Jeane: Então a gente tem um convenio com a Dorina... definimos com a própria Dorina quais as regiões mais carentes, de um espaço adequado para o deficiente visual onde não... nisso né... A gente tem uma impressora Braille, a gente faz impressão em Braille.

Pra quem precisa né...

Sujeito M2: Que bom. (...)

Jeane:... Faz assim, se você chegar aqui de manhã as vezes com...a gente digitaliza também a gente põe (a OCR).

Sujeito M2: Uma coisa interessante, até que eu ia falar na biblioteca da USP, não é na (FEFEVESP)... Existe acervo mediante obviamente encomenda, encomenda o aluno chega lá e diz eu quero tal livro, da

biblioteca tal. Eu usei muito pouco este serviço até hoje mais ou menos três livros... Porque eu gosto de estudar no meu ritmo, e pesquisa você sabe a gente tem... e as coisas vão aparecendo, vão surgindo. E às vezes você tem que esperar para este tipo de coisa, porque tem fila e... o pobre do estagiário (digitaliza fazer na ACR)tal. E como eu tenho hoje o (Sara) eu mesmo já faço o meu escaneamento.

Jeane: (Ai entra) o nível de autonomia.

Sujeito M2: Exatamente, mas o que eu acho fantástico isso existir...

Jeane: E a gente faz este trabalho para a comunidade, não só para os alunos. Porque não temos nenhum aluno deficiente visual no SENAC.

Sujeito M2: A não.

Jeane: Temos deficientes auditivos... Todo este trabalho que fazemos desde 2003 é para... Toda a biblioteca...

Sujeito M2: Isso é ótimo.

Sujeito M2: Isso é um problema na USP para a biblioteca, embora ela melhorou bastante neste sentido, tenho que reconhecer E peço quero tal, tal livro, tais, tais e eles vão lá e buscam pra mim, e eu vou tiro Xerox dos capítulos que preciso, ou levo o livro pra casa e digitalizo mesmo, depois devolvo. Então o meu uso da biblioteca acaba sendo um pouco limitado, comparado com o tempo em que eu ia lá pedia o livro a pessoa me entregava e eu podia ler na própria biblioteca, eu tinha lá meu (CCDV).

Sujeito M2: Hoje eu uso a biblioteca, mas é assim para tirar os livros e levar para casa, acaba sendo um uso mais limitado digamos assim. Agora melhorou porque não só tem este terminal com o virtual... que eu posso encomendar o livro por lá, tem também elevador , tem também o piso tátil que estão começando agora colocar, mas por exemplo: - para localizar os armários não tem Braille, mas não tem não tem nenhum.... então eu dependo de alguém para me ajudar a colocar minha bolsa para achar o armário, em geral os estagiários Poe os armários de ... acesso nem sempre dá né porque sempre está lotado, então esta é uma coisa que eu até comentei com a bibliotecária... eles então estão providenciando uns armários pra poder localizar.

Sujeito M2: Bom como eu já te falei eu peso os livros porque não tem o código em Braille na lombada, mas isso é uma coisa mais difícil de operacionalizar, mas eu entendo pois o acervo lá é muito grande, e é complicado e é mais fácil o bibliotecário ir lá retirar o livro da estante do que ficar passando a mão nas lombadas dos livros nas estantes.

Jeane: Nem o vidente né você vai lá e no terminal e faz a consulta.

Sujeito M2: Isso...

Jeane: Mas tocando neste assunto

Sujeito M2, por exemplo, teu foco já estava muito claro você sabia já tinha definido o seu tema, depois do seu tema definido onde você foi e buscou mais informação e que dificuldade do ponto de vista do acesso as fontes você sentiu aos conteúdos a ...

Sujeito M2: Então, uma delas foi essa a falta de livros digitalizados, dificuldade de achar material digitalizado embora isso tenha melhorado a... Outra coisa também... este problema existiu... eu até usei... varias coisas que não estava digitalizadas. Então algumas coisas eu pedi para a biblioteca, quando eu descobri que existia este serviço, outras eu pedi até para amigos digitalizar, eram amigos que eram estagiários nas salas (pró uni) são salas de computadores da USP e que tinham... escâner, mas daí não podiam fazer a correção, porque não tinham tempo para isso, então não ficou um negocio bem profissional, quando eu pedia para a biblioteca os estagiários escaneava e vaziam a correção... Então fica assim bonitinho... eu reconheço sempre a disposição das pessoas, mas você não pode exigir que elas façam, um negocio do jeito que você quer, então um menino lá digitalizou dois livros lá por exemplo que ficaram uma porcaria.

Jeane: RSS...

Sujeito M2: Porque às vezes o livro é novo ou é muito velho e ta muito marcado ou livro é novo e não abre bem e ai o escâner pega mas não pega direito...

Jeane: Vira com a (característica) que ninguém entende...

Sujeito M2: Pois é eu tenho este problema, hoje em dia eu escaneando lá no meu...eu tenho que scanear as vezes quatro, vezes cinco a mesma

página.

Esse tipo de... de ordem prática técnica, ou de conseguir alguém para ler pra mim, ou de conseguir alguém para digitalizar ou conseguir material digitalizado, outra coisa bom aí... tem mais uma limitação no meu tipo de pesquisa é... a volta ao estrangeiro tem muita bibliografia sobre ele no Brasil, mas tem muita coisa na Argentina, no México, no Peru, na Europa, mais aí é mais complicado,,, hoje tem AMAZON, isso facilita a vida, mas não deixa de ser um livro digitalizado.

Jeane: Como você mesmo falou a internet é uma...

André: Digitalizado talvez você encontre referência, consegue achar em uma biblioteca.

Jeane: Mesmo depois que você consegue o material...

Sujeito M2: Uma coisa puxa outra né, quando você lê um livro um autor comenta um determinado tempo que você sabe que é relevante para sua pesquisa.. aí puxa uma coisa encima do autor, você sabe que ali tem algo importante, se vários autores citam o mesmo trabalho, esse pelo vista é referência nesse assunto.

As vezes você também vê a situação do trabalho parece interessante você vai procurar o que tem... isso não me interessa muito é outra coisa.

.. o tempo, mas tem esse tipo de critério que como estamos acostumados a fazer pesquisa, se um autor é citado por mais de uma vez por várias pessoas, se ele recebe determinado destaque, se percebe que é importante né !?

Jeane: Como que você organiza do ponto de vista de organização... no meu doutorado tem uma pasta de doutorado, então lá eu tenho vários subpastas e todos os assuntos guardando ali e tal, até para não me perder entendeu ?

André: Em crescimento organizado isso me prejudica então, é claro que tudo que eu tenho digitalizado... eu tenho ponto de internet e eu baixo para os meus documentos, eu tenho algumas pastas também, artigos dos meu mestrado a iniciação eu guardo algumas coisas, outras ficam ali jogadas nos meus documentos tenho que ficar ali procurando.

Jeane: Mas eu só sou organizada Sujeito M2 com o Doutorado...

Sujeito M2: Outra coisa agora que eu tenho o (sara) umas coisas ficavam armazenadas lá, eu também comprei um (keizer) e alguns CDS para ir tirando as coisas do (sara) e ir colocando nos CDS, mais daí de novo eu não coloquei os rótulos em Braille nesses CDS ainda que são poucos, porque me perco um pouco ainda mas não tanto. E tem ainda livros nas estantes esperando serem digitalizados.

Sujeito M2: Eu comprei quando estive nos EUA, Na verdade foi minha esposa quem comprou pra mim, quando fui pegar a (mole) que é a minha cadela, um rotulador e uma fita exclusivo para fazer rótulos em Braille, você Põe a fita nesse rotulador e vai apertando tem La as letras e vai corta e colocando nas lombadas dos livros, mas ai vem de novo o tempo e a paciência com todos os meus livros né ... isso demanda um certo tempo (mas tem alguns que eu e minha esposa já rotulamos) mas tem.

Jeane: Você usa a impressora em Braille?

Sujeito M2: Não.

Jeane: Mas como vocês fazem a impressão?

Sujeito M2: Não eu não faço a impressão em braille, porque eu só uso o Braille para coisas muito limitadas, por exemplo um rotulo você não precisa de impressora, eu tenho um...

Jeane: Aquela maquina de escrever em Braille ...

Sujeito M2: Não, não chega a ser uma maquina, é como se fosse um rotulador, é um produto pequeno assim que vai na mão ele tem uma base assim mais ou menos cumprida onde tem uma aberturinha assim onde você pode encaixar a fita, e ao redor desse circulo você já tem as letras em Braille ai você já tem as fitas e vai passando quando chega numa altura que você quer daí você aperta e (clik) pega a letra e corta. Como são... Conforme você vai escrevendo o que você quer ou a palavra que você quer você corta a fita, daí você já pode colar porque a fita é adesiva... Se você for no Lara Mara lá eles devem ter rotulador e a fita pra isso que eles chamam? Esqueci ... depois eu lembro. Eu as vezes rotulo o livro mas a maioria não está rotulado, mas as vezes eu memorizo como que é a capa e levo para alguém ou para minha esposa e falo que livro que é este? E eles falam e digo a ta bom...

Jeane: E nessa etapa que chamamos de coleta né das informações, quem te ajudou mais nessa etapa?

Sujeito M2: Em que sentido você me pergunta?

Jeane: Não só no sentido da busca do físico do material mas também na orientação mesmo de você buscar e avaliar a informação?...

Sujeito M2: Nisso o próprio orientador ajudou muito, inclusive ele trouxe muitos livros para mim, o meu orientador até que ele me deixa bastante livre bastante solto. Mas sempre que acho que encontrei uma coisa nova eu falo para ele , e ele me diz a legal ou acho que isso não sei se é bem por ai, mas no geral ele me deixa bem a vontade, mas ele me

ajuda com esse tipo de coisa...obviamente quando escrevo relatórios, alguma coisa assim, material para qualificação, mandei para ele pra poder fazer né... Bom a parte de revisão ortográfica e formatação é eu e minha esposa quem faz. Porque esta parte de ortografia os deficientes visuais costumam cometerem bastantes erros, então ela faz esta revisão comigo, e também porque eu não tenho muita noção mas eu vou lá do... e meu orientador também faz isso quando eu mando alguma coisa pra ele, enquanto ajuda isso acho que é só.

Jeane: Sujeito M2, depois que você fez toda esta busca essa reunião né informação, você teve que juntar tudo para produzir o texto em si. Me diz uma coisa se foi difícil se foi fácil pra você esse processo..

Sujeito M2: Começar a escrever porque você vai lendo, lendo, e eu não tenho o habito de anotar como um vidente que quando está lendo pega lá um bloco e vai anotando. Pra mim isso eu tenho que fazer ligando um computador eu tenho um laptop que fica do lado do meu leitor autônomo mas eu acho um saco ficar parando de ler, mas eu devia ganhar este habito porque iria me ajudar porque depois quando eu começo a escrever para achar a pagina perco bastante tempo até achar a bibliografia , o autor , onde isso está na obra, daí tenho que caçar, então isso é uma parte bem chata.

Sujeito M2: Mas a própria coisa de escrever, de por no papel tanto a informação como (nada),produzir um texto né, porque não é só acumular organizar a informação e por num papel, é você elaborar uma interpretação...é por aquilo num formato de um texto. Agora de fato o que me ajudou o fato de eu ser bolsista da (FAPESP), e eles me pedirem relatórios bem longos...isso é eles pedem relatórios longos detalhados isso me ajudou,porque eu tive que por muita coisa no papel e a minha qualificação é resultado desses relatórios parcial assim como estes relatórios que estou terminando agora, e que é uma grande parte da minha Dissertação já feita.

Sujeito M2: Outra coisa que me ajudou também meu orientador, as vezes ele organiza algumas leituras em conjunto comigo,(ou com outro orientando que trabalha com temas similares)...Tem que ler e expor, daí eu tive que fichar algumas coisas, e eu que não tinha este vicio daí...pra fazer uma prova eu lia os textos eu assimilava e então reproduzia, eu não tinha o hábito de fichar e fui ganhando aos poucos durante a pesquisa, porque eu vi que o fato de eu não fichar me atrapalhava, ta que você não vai fichar tudo o que você lê seria impossível, mas o poucos que fossem, já me ajudou bastante na hora de elaborar relatórios parcial material para qualificação..., que você vai sei lá pega um trecho daquele fechamento copia e cola, ...você incorpora a outros textos até ter (formatos de...).

Jeane: E do ponto de vista assim formal mesmo de apresentação das normas técnicas das dimensões e dos aspectos éticos e legais que envolve a utilização dada informação como que você trabalha essa questão das normas da ABNT?

Sujeito M2: Eu francamente assim eu sei por alto as normas da ABNT eu tento seguir, mas minhas notas ficam freqüentemente um pouco desconjuntadas, sinceramente eu não gosto dos padrões Americanos... Eu sigo o padrão europeu, eu acho que ocupa menos espaços com as notas de roda pé... porque eu bercebi que as pessoas fazem isso com uma ligeira diferença...(uns citam os capítulos no começo da pagina e outros no final),.. eu acho que deve ser honesto e citar a fonte, e não precisa se apropriar das idéia dos outros é o meu único que eu enfrento.

Jeane: Você está com sua Dissertação quase pronta, que sentimento você tem em relação a essa conquista, em palavras o que você poderia nos dizer em relação a esse sentimento?

Sujeito M2: Por enquanto eu to indo na carreira, escrevendo, nem parei muito para pensar nisso agora eu só penso em terminar eu gosto muito da minha pesquisa, mas nessa altura do campeonato você fica...de me organizar para que na ultima hora não passe noites e noites sem dormir para terminar...

Jeane: Dos outros trabalhos que você já concluiu que sensação você sentiu?

Sujeito M2: Há ,tem o alivio, tem a satisfação do trabalho bem feito...

Jeane: Sujeito M2 só mais uma ultima pergunta. Você nasceu sego ou não, ou a Siqueira foi...?

Sujeito M2: Não, eu tenho glaucoma congênito eu tinha baixa visão no olho esquerdo porque no direito eu perdi com 8 anos, então eu tinha (visão não ocular) baixa visão até 2006, ai eu perdi de vez, deficiente visual eu sou desde sempre e cego a 4 anos mais ou menos.

Jeane: Quantos anos você tem?

Sujeito M2: 25 para 26.

Jeane: Sujeito M2 eu gostaria muito de te agradecer...

Sujeito M2: Há, não a (porque) acho que falei muito...

Jeane: Não de jeito nenhum... (porque sem o sujeito não existe a pesquisa).